



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA

COLHENDO MEMÓRIAS, TECENDO HISTÓRIAS:
TRAJETÓRIA DE MULHERES E OS MUNDOS DO TRABALHO NO
BAIXO AMAZONAS (1930-1990)

MAYRA DE OLIVEIRA UCHÔA

MANAUS - AM
2021



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA

MAYRA DE OLIVEIRA UCHÔA

COLHENDO MEMÓRIAS, TECENDO HISTÓRIAS:
TRAJETÓRIA DE MULHERES E OS MUNDOS DO TRABALHO NO
BAIXO AMAZONAS (1930-1990)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal do Amazonas como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em História

ORIENTADOR: PROF. DR. DAVI AVELINO LEAL

MANAUS - AM
2021

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Uchôa, Mayra de Oliveira
U17c Colhendo memórias, tecendo histórias: trajetória de mulheres e os mundos do trabalho no baixo amazonas (1930-1990) / Mayra de Oliveira Uchôa . 2021
177 f.: il. color; 31 cm.

Orientador: Davi Avelino Leal
Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Mulheres e trajetórias de vida. 2. Memórias. 3. Mundos do trabalho. 4. Trabalhadoras da agricultura da juta. 5. Trabalhadoras das indústrias de juta. I. Leal, Davi Avelino. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

A todas as nossas trabalhadoras da Amazônia, mulheres de fibra!! Neste trabalho tive a responsabilidade de escutar, compreender e amplificar suas vozes para enriquecimento da Historiografia da Amazônia.

“Seja a mudança que você quer ver no mundo”
Mahatma Gandhi

Sou trabalhadora de juta na Amazônia!

A história aqui está guardada,
Esperando a hora certa de ser contada,
E será relatada pelo timbre de sua voz,
Pela timidez de suas palavras,
E pelas palavras pausadas que falou.
Escutei, observei, relatei,
Eu também trabalhei na juta!
Eu, Carmo, Francisca e Tereza,
Trabalhamos ombro a ombro com nossos maridos,
“Na várzea, na beira do rio, onde o Rio Amazonas passa! ”

Mulheres guerreiras, mulheres nativas,
Mulheres felizes, mulheres ...mulheres!
Na Vila Amazônia, nas várzeas, no Pará,
Do lado daqui ou do lado de lá!
No Baixo Amazonas,
A juticultura nasceu,
De sangue e de garra,
Plantaram, regaram, colheram, lavaram,
Estenderam, carregaram e separaram as fibras de juta,
Essas são nossas mulheres de fibra,
Da Amazônia que floresceu nas plantações de juta,
Que Nossa Senhora abençoou,
E as lavouras, campos, e trabalhadores,
O saldo chegou!
Do suor nas várzeas ficou,
Das lutas que se vingou,
E hoje se contou...

Cheias de esperança de dias melhores,
Das lutas pela sobrevivência,
Para o sustento de suas famílias,
Da batalha, da canção, da fé e da esperança,
Agradecemos mulheres trabalhadoras,
Ao legado cultural,
Ao legado regional,
E aqui... a esta História Oral!

Mayra Uchôa
Julho de 2019

AGRADECIMENTOS

Para este passo da minha trajetória acadêmica profissional eu fiz uma escolha ousada. Eu realmente não sabia das águas misteriosas em que estaria entrando e quanto conhecimento esse novo caminho podia me trazer, até que resolvi tentar fazer o mestrado em História, que por sua vez representa uma das matérias bases da minha área de formação, as Relações Internacionais.

Lembro que um dia antes de ter a minha decisão concreta de saber se realmente iria fazer o mestrado, uma pessoa chegou a mim e disse “às vezes o que você está procurando lá fora pode estar mais perto do que você imagina” o que me fez olhar a mundo a minha volta, e lembrar da maior lição das Relações Internacionais que é conheça-se, conheça seu Estado, conheça seu país para que você possa voar, ao olhar em volta, sabe o que tem? Uma imensa Amazônia pintada por Deuses e povoada por encantados, cheia de mistérios para serem contados e dissertados. Ao começar a montar meu projeto para a seleção do mestrado, começo agradecendo o apoio e “empurrãozinho” do Professor Msc. Breno Rodrigo De Messias Leite, que me motivou e me auxiliou no primeiro passo da inscrição do mestrado.

Confesso que não foi uma jornada fácil, mas também não impossível entre noites e madrugadas, bloqueios de escrita, momentos em que tive medo de não conseguir, muito café e muito energético, muita conversa com professores e professoras, amigos e amigas. Consegui chegar até o final, concluir mais um ciclo de vida, com muitos aprendizados tanto no nível acadêmico quanto pessoal. Assim, começo aqui meus sinceros agradecimentos.

Primeiro, agradeço a Universidade Federal do Amazonas por todo acolhimento e ao meu orientador que, por sua vez, foi aquele que me guiou, direcionou, e mostrou o caminho das pedras, o sábio, o mestre! Mestre não tenho palavras suficientes para agradecer seu apoio, paciência e principalmente por embarcar em cada ideia ousada. Muito obrigada Professor Dr. Davi Avelino Leal.

Aos professores e professoras da Universidade Federal do Amazonas que marcaram minha trajetória. Professora Dra. Patrícia Silva, Professora Dra. Maria Luiza Ugarte Pinheiro, Professora Dra. Patrícia Melo, Professor Dr. Luís Balkar, e Professor Dr. César Augusto, muito obrigada por toda paciência, ensinamentos, observações e apontamentos. Agradeço a professora Mônica Xavier Medeiros que fez parte da banca examinadora.

Agradeço a minha família, minha mãe Elizangela Soares de Oliveira, minha mãe de criação Elisabete Maria das Neves Novo e minha avó Leni Pereira de Souza, muito obrigada por sempre confiarem em mim, por todo apoio, por me fazerem acreditar que seria possível. Vocês são a razão e exemplo de garra e fê em acreditar em dias melhores.

Agradeço em especial a minha mãe de criação, minha eterna mãe que cuidou de mim desde o dia em que me pegou em seus braços, obrigada por todo seu apoio, motivação e suporte, você certamente acompanhou de perto essa caminhada, muito obrigada minha mãe Elisabete Maria das Neves Novo, obrigada por me ensinar a ter forças.

À todos os outros familiares, muito obrigada!

Agradeço à motivação da minha tia Paola Pereira de Souza, meu tio Márcio Paulo Pereira de Souza e sua esposa Eliane Silva de Souza.

In Memoriam, a minha madrinha Darianna Z. Corrêa Lopes, obrigada pelo seu apoio durante toda a minha caminhada de vida. Agradeço ao meu padrinho Lourenço Braga, a Lara Braga e a Sônia Maria.

Agradeço as minhas tias do coração, Maria do Carmo Novo, Corisande Novo e Selma Novo por todo apoio e motivação.

Alguns significados se tornam mais marcantes em nossas jornadas, assim como os laços de coração são tão fortes quanto os laços de sangue, agradeço imensamente a minha família Uchôa do coração: Maria José Uchôa, Luiz Lopes, Neide Maciel e também a outra parte que reside em Parintins, local aonde visitei diversas vezes durante a jornada do mestrado, me acolheu e me inspirou para escrever esta dissertação no encanto de uma toada e também é o local onde obtive oportunidade de fazer as entrevistas que dão vida a este trabalho. Deste modo destaco Jeane Jacaúna, Gabrielle Uchôa, Mario Júnior Uchôa e Maria Livia Uchôa. Não poderia deixar de agradecer também minhas amigas Karine dos Reis e Thaís Maia, deixo aqui meu muito obrigada. *In memoriam* duas pessoas que já se foram, porém me apoiaram Mario Jorge Farias Uchôa e Roberta Chicre.

In memoriam Mario Jorge Farias Uchôa, essa é pra você! Obrigada por todo apoio e incentivo, a todas conversas e motivação dizendo: “É *top esse teu trabalho, minha sobrinha!! Faz a toada, logo, logo estará na arena*” o que fazia meus olhos se encherem de lágrimas de alegria e esperança, nesse imenso céu onde você estiver, obrigada meu querido tio do coração!

Aos amigos agradeço a Itassara Nóbrega, Otonei Nobrega e minha irmã do coração Itanei Nobrega, obrigada por todo apoio e motivação.

Aos amigos Jóia Costa e Júlio César por todo apoio e motivação.

Agradeço a família do coração, Dona Garci pelas orações, Adriana Silva, Rejane Barros e Sheila Magalhães.

Agradeço a minha amiga Juliana Takayama.

Agradeço a minha amiga Julianny Costa.

Agradeço a minha amiga Camila Mendes Cavalcante.

Agradeço a minha amiga Jessica Ale Alencar.

Agradeço ao Vitor Cantanhede Barreto.

Agradeço ao Mestre Canela (Ivanir Pereira da Silva) e sua esposa Luciana Florêncio, por todo o apoio e palavras motivacionais!

In memoriam, a tia Chica, muito obrigada pelo seu apoio.

Voltar neste agradecimento foi algo que me doeu e confortou meu coração. No primeiro momento me dói, voltar e ter que adicionar “*In Memoriam*” a muitas pessoas que se foram, principalmente pelo surto da doença de coronavírus na cidade de Manaus. Em outro momento, me conforta ver os caminhos que pude passar e quantas pessoas fizeram parte deste capítulo da minha vida.

Aos amigos e amigas da Universidade Federal do Amazonas, agradeço a Alba Pessoa Barbosa, pelas contribuições. Aos amigos da Revista Discente Manduarisawa no mandato de 2018-2019, aos colegas de classe nas matérias do mestrado, sem o apoio de vocês essa caminhada seria mais difícil, entre eles e elas cito: Kívia Mirrana, Evelyn Ramos, Franco Lindermberg, Caio Henrique da Silva, Davi Abreu, Larissa Leite, Suená Santarém e Janaína Artiago.

Agradeço ao Sr. Zeferino Braga que me recebeu pela primeira vez na Vila Amazônia e também a Sra. Maria Brandão com quem não pude realizar a entrevista, mas me contou histórias sobre a região.

Agradeço ao Sr. Baraúna que me recebeu na antiga COOPJUTA em Parintins.

Agradeço aos líderes do projeto Consórcio Amazonas, Lidiane Silva, obrigada por todo apoio e por ter depositado tanta fé e credibilidade no meu trabalho. *In memoriam* Rubens Abitbol Neto.

Agradeço imensamente as minhas colaboradoras: Maria Daízes Jacaúna Carneiro, Maria Joana de Souza Santarém, Irenilda Evangelista Garcia, Dinelza Andrade Cabral, Marlene Gonçalves da Silva. *In memoriam* Maria Printes, que agora é uma estrela no céu. Muito obrigada, sem vocês este trabalho não seria possível.

Agradeço a parceria com o artista da tela “Ilustrando a História Oral das mulheres trabalhadoras de juta na Amazônia, o ressoar da voz”, criada especialmente para este trabalho

pelo artista Arildo Mendes, muito obrigada por pintar a tela com tanto amor e dedicação, é perceptível a cada detalhe.

Neste momento coloco em especial as pessoas que encontrei durante a minha caminhada trabalhando na Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas - FAPEAM, e que me proporcionaram toda credibilidade, Verena Makarem Soares, Ana Cláudia Maquiné, Liliane Valente e a nossa querida Diretora Márcia Irene Andrade Mavignier. Obrigada por toda integridade e pelas palavras motivadoras de apoio. Agradeço também aos colegas dos setores DEAP e DEAC do ano de 2021 que me apoiaram e sempre motivaram para a finalização dessa dissertação.

Por último, não menos importante, agradeço a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, que me proporcionou o auxílio financeiro à pesquisa por meio de bolsa de estudo, me possibilitando pela primeira vez focar somente nos meus estudos. Também possibilitou a aquisição de material, as viagens de campo, a compra de livros e até mesmo a confecção da tela.

Confesso que foi uma caminhada bem longa, onde encontrei muitas pessoas que me apoiaram, gente que se foi, gente que chegou, me motivaram e acreditaram em mim. Obrigada por cada abraço, cada palavra de motivação. Espero não ter esquecido nenhuma pessoa que fez parte dessa caminhada, se caso isso tenha acontecido, te agradeço de coração e se seu nome não foi citado saiba que estará vivo em minha memória.

RESUMO

Esta pesquisa teve como objeto o estudo da trajetória de vida das mulheres e as relações com o Mundos do Trabalho da fibra de juta no Baixo Amazonas. Para ouvir e refletir sobre suas histórias, foram realizadas discussões no campo da História Oral a partir de relatos de Histórias de vida. Foram colhidos os relatos de memórias e histórias de seis mulheres que tiveram contato com o trabalho de juta no campo e nas indústrias. O trabalho foi abordado, como uma força braçal e uma atividade que requer o esforço humano para conclusão de algo, pretende-se propor uma discussão sobre o universo do trabalho feminino no processo de produção da juta tanto dos campos quanto das indústrias nas regiões do Baixo Amazonas, que foram mencionadas pelas colaboradoras. A localidade geográfica foi delimitada a partir dos relatos das narradoras, regiões próximas do rio, ou territórios da várzea amazônica. Se do ponto de vista metodológico trabalhei com a História Oral, inspirada em Alessandro Portelli, minha perspectiva teórica foi recuperar uma história vista de baixo para cima, tornando a experiência e o protagonismo dessas mulheres como movimento teórico fundamental. Para isso, dialoguei com a História Social Inglesa, sobretudo com Edward Thompson e nos conceitos abordados de História das Mulheres com Michelle Perrot.

Palavras-chave: Mulheres e Trajetórias de vida, Memórias, Mundos do Trabalho, trabalhadoras da agricultura da juta, trabalhadoras da indústrias de juta.

ABSTRACT

This research had as object the study of the life trajectory of women and the relations with the Worlds of Work of the jute fiber in the Lower Amazon. In order to listen and reflect on their stories, discussions were held in the field of Oral History based on reports of Life Stories. Reports of memories and stories of six women who had contact with jute work in the field and in industries were collected. The meaning of the word work for this research was approached as a manual force and an activity that requires human effort to complete something, it is intended to propose a discussion about the universe of female work in the jute production process both in the fields and in the industries in the Lower Lowlands. Amazonas, which were mentioned by the women interviewed in the research. The geographic location was delimited from the narrators' reports, regions close to the river, or territories of the Amazon floodplain. If, in the methodological point of view, I worked with Oral History, inspired by Alessandro Portelli, my theoretical perspective was to recover a history seen from the Bottom Up, studying the experience and protagonism of these women a fundamental theoretical movement. For this, I dialogued with English Social History, especially with Edward Thompson and in the concepts discussed in Women's History with Michelle Perrot.

Keywords: Women and life trajectories, memories, Worlds of Work, women workers in the jute agriculture, workers in the jute industries.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Escultura do Memorial da Imigração Japonesa na Vila Amazônia.

Imagem 2 - Quadro encontrado na visita a COOPJUTA.

Imagem 3 - Quadro encontrado no Centro Cultural da Amazônia.

Imagem 4 – Parte 1 da tela da dissertação.

Imagem 5 – Parte 2 da tela da dissertação.

Imagem 6 – Parte 3 da tela da dissertação.

Imagem 7 – Parte 4 da tela da dissertação.

Imagem 8 – Parte 5 da tela da dissertação.

Imagem 9 – Parte 6 da tela da dissertação.

Imagem 10 – Parte 7 da tela da dissertação.

Imagem 11 – Parte 8 da tela da dissertação.

Imagem 12 – Parte 9 da tela da dissertação.

Imagem 13 - Parte 10 da tela da dissertação.

Imagem 14– Termo de Abertura da COOPJUTA.

Imagem 15 – A sede da COOPJUTA na cidade de Parintins.

Imagem 16 – A antiga empresa COOPJUTA nos dias de hoje.

Imagem 17 – Trabalhadoras de juta da COOPJUTA.

Imagem 18 – Trabalhadores e trabalhadoras da COOPJUTA.

Imagem 19 – Trabalhadores e trabalhadoras da COOPJUTA.

Imagem 20 – Trabalhadores e trabalhadoras da COOPJUTA.

Imagem 21 – Trabalhadoras da COOPJUTA.

Imagem 22 – Embarcação de juta.

Imagem 23 – Os fardos de juta.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	15
CAPÍTULO I: Mulheres de fibra: Colhendo Memórias.....	43
1- JUTA: um breve histórico da fibra na Amazônia.....	43
2- JUTA: um destino em comum.....	51
2.1 Maria Vasconcelos Ribeiro Printes.....	51
2.2 Maria da Daízes Jacaúna Carneiro.....	54
2.3 Maria Joana de Souza Santarém.....	56
2.4 Irenilda Evangelista Garcia.....	57
2.5 Dinelza Andrade Cabral.....	59
2.6 Marlene Gonçalves da Silva	60
3 Sotaques, Tempo, Memória, História Oral e História Oral das Mulheres	62
3.1 Sotaques.....	62
3.2 Tempo e Memória.....	63
3.3 História Oral e História Oral das Mulheres.....	65
CAPÍTULO II. Tecendo Memórias: o Mundo do trabalho feminino no universo da juta no campo.....	69
1-Pelas vozes das mulheres: Trabalho ou ajuda? Uma discussão.....	69
2 - A área da várzea.....	74
3 - A agricultura da juta contada pelas mulheres.....	77
3.1 Terreno e Roçado (preparo do terreno).....	78
3.2 Plantio.....	79
3.3 Capina, Espaçamento e Desfilhação.....	81
3.4 Corte e Colheita.....	82
3.5 Maceração, afogamento e desfilhar.....	85
3.6 Lavagem.....	87
3.7 Secagem.....	90
3.8 Enfardamento.....	92
4- Agricultura familiar e o trabalho infantil.....	93
5- Lutas e Resistências.....	104
6- A fronteira da Amazônia.....	117
7- A degradação do corpo com o trabalho da juta.....	120
8 - Mistérios do trabalho no campo: As crenças Amazônicas.....	129
CAPÍTULO III. O trabalho feminino nas fábricas de juta na Amazônia.....	138
1 - As fábricas e indústrias de juta na Amazônia.....	138
1.1. Caçapava (Companhia de Aniação Caçapava).....	141
1.2. Cooperativa Mista os Juticultores de Parintins Ltda. – COOPJUTA.....	142
1.3. A Companhia de Tecelagem de Juta Parintins – Fabril Juta.....	153
2 - Mundos do trabalho e o mundo do trabalho feminino na juta, uma discussão...	157
3. Outros assuntos.....	164
3.1 O Boi Bumbá de Parintins-AM e o assunto da juta na Amazônia.....	164
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	170
REFERÊNCIAS.....	173

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O trabalho intitulado “Colhendo memórias, tecendo histórias: Trajetória de Mulheres e os Mundos do Trabalho no Baixo Amazonas (1930-1990)”, surge a partir do meu amadurecimento com a área de História. No final da graduação em Relações Internacionais defendi o Trabalho de Conclusão de Curso com o tema “A imigração japonesa: Os impactos sociais da cultura no Amazonas”¹, com o método do trabalho realizado via pesquisa de campo a partir de entrevistas e documentos oficiais, visando compreender a imigração japonesa presente no Estado do Amazonas nos tempos atuais.

No final de 2017 comecei a fazer o processo seletivo na Universidade Federal do Amazonas para o Mestrado em História e no processo de inscrição apresentei um projeto que tratava da presença das mulheres japonesas na Vila Amazônia, um estudo de representação sobre o imaginário amazônico no período de 1930 – 1945, um trabalho que visava mostrar a mulher japonesa, a mulher imigrante no trabalho da juta somente na Vila Amazônia a partir da História Oral.

Após ingressar no mestrado em março de 2018 e as primeiras orientações com o Professor Dr. Davi Avelino Leal, especialista em História da Amazônia, foram colocadas observações do projeto e apreciado a oportunidade de ir até a Vila Amazônia², para entrar em contato com a temática proposta e verificar se ainda residiam mulheres japonesas, trabalhadoras de juta, que poderiam ainda morar lá, quantas?, ou até mesmo pessoas que trabalhavam com a juta que pudesse extrair tais informações, verificar se a Vila Amazônia ainda tinha funcionamento pois o primeiro período da juta teria sido há aproximadamente 80 anos.

Em abril de 2018 embarquei para Parintins³, logo ao chegar na cidade, fiz minha primeira viagem para a Vila Amazônia, onde lá conheci um senhor chamado Zeferino Braga, grande referência na vila sobre as histórias da juta, pois trabalhou quando era adolescente. Fiz questionamento sobre mulheres japonesas que haviam trabalhado na vila, ele relatou que

¹ O trabalho de conclusão de curso visava a imigração japonesa, pelo principal acontecimento em que o Brasil é considerado no século XIX como rota internacionais para várias imigrações, de certa forma, a imigração japonesa vem por motivos políticos em prol dessa tentativa plantação de juta, com a demanda de entrada de imigrantes, temos o impacto social, que por sua vez é ver na sociedade aonde está e permanece a cultura, festas culturais, feiras, datas comemorativas, escolas e associações.

² A Vila Amazônia fica localizada trinta minutos de barco próximo a Parintins-AM. Foi uma terra cedida pelo governo brasileiro para os japoneses imigrantes trabalharem com a plantação de juta.

³ Parintins é um município do estado do Amazonas, o acesso da cidade de Manaus até o município pode ser de Barco (18 horas a ida e 22 horas a volta) ou de avião (1 hora de viagem).

existiram, porém eram poucas e os japoneses logo após um tempo se movimentaram pela Amazônia rumo a outros Estados do Brasil, alguns deles até voltaram para o Japão. Ao explorar o espaço da Vila Amazônia, pude conhecer o Memorial da Imigração Japonesa e a Homenagem em forma de busto de Ryota Oyama, considerado o pai da juta, lugar fascinante e muito bonito, porém, ao observar a arte na parede, me deixou pensativa, pois a escultura na parede tinham apenas homens trabalhando na juta e me questionei, trabalharam mulheres na juta, no campo? Ainda, na Vila Amazônia, pude ir ao local aonde funcionava algumas lavouras e sentir o solo com as mãos, sentir e perceber que o solo molhado representa a aproximação de uma área de várzea, o solo fértil onde a juta na Amazônia conseguiu crescer.

Imagem 1- Escultura do Memorial da Imigração Japonesa na Vila Amazônia. ⁴



Fonte: Foto própria.

Durante o período que, ainda estava na cidade de Parintins aproveitei para recolher todos os artigos e pesquisas acadêmicas que dissertavam sobre a juta, visitei a Universidade do Estado do Amazonas – UEA-Parintins e pude coletar 4 artigos⁵, também visitei a antiga

⁴ Na visita a Universidade do Estado do Amazonas – UEA-Parintins coletei os seguintes artigos que foram utilizados nessa dissertação, entre eles: Na visita a Universidade do Estado do Amazonas – UEA-Parintins coletei os seguintes artigos que foram utilizados nessa dissertação, entre eles:

1- EVANGELISTA, Ronaldo Gama; FERREIRA, Arcângelo. Trabalho Feminino e relações de gênero na Fabril Juta de Parintins-Am (1970-1982). UEA- Parintins, 2016,

2-MARQUES, Andreza Barbosa; CARVALHO, Mary Tânia dos Santos “*Emancipação e valorização da mulher*” *Proposituras da Associação Cooperativa Feminina COOPJUTA ASCOOF/COOPJUTA 1985-1993*. Artigo UEA - Parintins, Universidade do Estado Do Amazonas;

3-PIMENTEL, Sávio das Silva; CARVALHO, Mary Tânia dos Santos. Fotos da cooperativa mista dos juticultores de Parintins: Educação histórica e ensino de história. UEA-Parintins;

4- SILVA, Jacira dos Santos; CARVALHO, Mary Tânia dos Santos. Homens, mulheres e crianças, na cooperativa mista de juticultores de Parintins: dos registros fotográficos nos anos de 1970 a 1980 aos depoimentos dessa relação. UEA-Parintins.

⁵ Parintins é um Município do Estado do Amazonas, o acesso da cidade de Manaus até o Município pode ser de Barco (18 horas a ida e 22 horas à volta) ou de avião (1 hora de viagem).

Cooperativa Mista dos Juticultores de Parintins – COOPJUTA, vi maquinário, conheci o espaço da antiga fábrica, no ano de visita em 2018, a fábrica encontrava-se fechada, pude ver e pegar com as mãos a fibra de juta em seu último processo, qual seja, quando pronta para tecelagem de sacaria. Nesta mesma fábrica, conheci o Sr. Baraúna⁶ que me transmitiu alegrias em seus olhos ao falar do tempo áureo da fábrica, me contou muitas histórias, ainda concedeu algumas fotos do trabalho com a fibra durante o tempo de funcionamento da fábrica e permitiu tirasse uma fotografia de uma lista de empregados registrados no livro de controle da empresa, para que pudesse contar quantas mulheres trabalharam na empresa, neste mesmo dia, ganhei uma foto em preto e branco de todas as mulheres que trabalharam na fábrica.

Ao sair da empresa, na entrada pude ver um quadro e/ou tela, de uma plantação de juta onde tinham alguns homens trabalhando, cortando juta e uma mulher na porta da casa, tela pintada por J. Ribeiro em 1981, mais uma vez, pensei sobre a possibilidade de pesquisar sobre as mulheres trabalhadoras de na juta/campo? Onde estão essas mulheres?

Imagem 2 - Quadro encontrado na visita a COOPJUTA ⁷



Fonte: COOPJUTA-Parintins.

⁶ Na cidade de Parintins no dia 19 de outubro de 2019 conheci o Sr. Baraúna. Não foi uma entrevista gravada, apenas uma conversa, na qual o mesmo me permitiu anotar as informações compartilhadas, a empresa estava localizada próximo ao centro da cidade, fui até essa empresa que não funcionava há alguns anos e por sorte o Sr. Baraúna estava lá, me concedeu uma visita na antiga fábrica e me contou sobre algumas funções dos trabalhadores e trabalhadoras: o caixeiro - quem trabalhava na máquina, enchia ou que carregava a juta; operário ou operária – enxugar a juta (trabalhavam juntos 3 mulheres e 1 caixeiro); o processo de seleção (mais clara, clara, escura, sobras e buchas) dos tipos de juta: 1 mais branca (o melhor tipo), tipo 2 clara, tipo 3 – a sobra do tipo 1 e 2; Apára – estopa; a Bucha era a sobra de juta que ficava, eram fardos de 200kg que a fabrica produzia e eram embarcados para irem para São Paulo. Todas essas informações que anotei em meu caderno de campo.

⁷ Ao olhar para o quadro, pedi autorização do proprietário para tirar foto. Este quadro foi pintado por J. Ribeiro em 1981, retratando o trabalho da juta na Amazônia. Registro fotográfico em outubro de 2018 na visita que fiz a COOPJUTA em Parintins-AM.

Logo depois, voltei para a cidade de Manaus e mostrei os resultados ao orientador e assim mudamos a temática do trabalho para Mulheres “nativas” trabalhadoras de juta. A ideia proposta foi coletar relatos a partir da História Oral, as histórias e memórias de mulheres trabalhadoras de juta na subida dos rios da Amazônia.

Durante a caminhada do mestrado o projeto foi se moldando até chegar ao objetivo de entender a presença feminina regional no trabalho da juta nas regiões Amazônicas, pois ao tratar dessa temática, ainda temos lacunas e, principalmente à seguinte proposta, abordar a dimensão da vida dessas mulheres.

Cursei matérias que compõem a linha de pesquisa “Migração, Trabalho e Movimentos Sociais na Amazônia”, entre elas Imigração e Trabalho” com a Professora Dra. Maria Luiza Ugarte Pinheiro, grande referência em gênero na Amazônia. Na disciplina apresentava as diversas imigrações no Brasil e na Amazônia; a disciplina “Movimentos Sociais na Amazônia”, com a Professora Dra. Patrícia Silva, referência em História Oral, obtive conhecimento referentes à História Social Inglesa e o campo da História Oral; Com a Professora Dr. Patrícia Melo, e ainda, a disciplina “As formas de trabalho não livre no tempo contemporâneo” mostrando as diversas modalidades de trabalho, assim o projeto foi modificando-se com o leque de leituras adquiridas.

Em Manaus, entre o intervalo das matérias acadêmicas, visitei a Biblioteca do Museu Amazônico e o Centro Cultural dos Povos da Amazônia, onde pude coletar livros, trabalhos, jornais e periódicos da época que falavam sobre a imigração japonesa na cidade de Manaus. Ao sair do Centro Cultural dos Povos da Amazônia, pude ver uma exposição sobre a cultura da juta, sobre o que era a fibra, períodos áureos e informações históricas, e também vi um quadro que mostrava Jesus Cristo abençoando a borracha e os fardos de juta, mas uma vez, me deixou pensativa e me questionei quanto à possibilidade de uma pintura na minha dissertação.

Ao analisar essa possibilidade, pensei na ideia de que produzir uma arte para dissertação estaria criando uma fonte própria, uma identidade visual para todo trabalho escrito, os detalhes dos relatos, a originalidade de fazer essas vozes ressoarem de uma maneira única e diferente.

Imagem 3 - Quadro encontrado no Centro Cultural da Amazônia.⁸



Fonte: Centro Cultural da Amazônia.

Destaco que no segundo semestre cursei a matéria chamada “Seminário de Pesquisa” com o Professor Dr. Luís Balkar, no qual todos os alunos da linha 2 “ Migração, Trabalho e Movimentos Sociais na Amazônia” tiveram a oportunidade de apresentar o andamento do projeto para o professor apontar, sugerir e alertar sobre alguns pontos e também a disciplina “História, Mundos do Trabalho e Dinâmicas Campo-Cidade na Amazônia” com o orientador da pesquisa Professor Dr. Davi Avelino Leal. Este último visava apresentar a Historiografia da Amazônia dos séculos XIX e XX, as transformações sociais e mostrar os sujeitos e agentes principais que compõem os mundos do trabalho na região, entre eles, índios, negros, migrantes, “caboclos” e ribeirinhos, o que me auxiliou no entendimento das dimensões da Amazônia. Com a caminhada, leituras, e amadurecimento, obtive uma nova ótica para tratar do objeto de pesquisa com mais clareza, as mulheres trabalhadoras de juta.

Após a disciplina cursada com o Professor Dr. Luís Balkar, fui aconselhada para uma nova dinâmica, de o tema chegar até a pesquisadora, e ir direto às fontes orais, ouvir as mulheres, coletar suas vozes e deixar que elas me guiassem no caminhar da pesquisa.

Depois da conversa com o orientador e aprovação da dinâmica, fizemos parte de uma entrevista que foi compartilhada com o colega de mestrado que trabalhou uma temática

⁸ Em visita ao Centro Cultural da Amazônia, pude ter a oportunidade de tirar foto da tela, visita março de 2019.

parecida Franco Lindemberg Paiva dos Santos⁹, e com a presença do nosso orientador Professor Dr. Davi Avelino Leal, foi realizada em duas partes dia 11/06/2018 e 21/07/2018, nestes dias fizemos entrevista com a Senhora Maria Printes¹⁰.

Em outubro de 2018, fiz minha segunda viagem como pesquisa de campo para a cidade de Parintins, realizei 4 entrevistas, e viajei para uma cidade próxima chamada Terra Santa já localizada na região do Pará, onde lá fiz uma entrevista, voltei para a cidade Manaus com cinco entrevistas com mulheres trabalhadoras de juta nas margens dos rios da Amazônia.

Deste modo, após a realização das entrevistas e após finalização das transcrições em dezembro de 2018, veio a grande inquietação porque não concretizar que a mulher e o homem trabalhavam igualmente na trajetória da fibra, homem trabalhador da juta, existem as mulheres que realizavam do mesmo trabalho? E, entender assim as modalidades de trabalho feminino na juta.

No final de junho de 2019 novamente em Parintins-AM, lugar que me deu inspiração durante essa jornada, estava na Praça da Catedral de Nossa Senhora do Carmo, um dos pontos turísticos da cidade e me chamou atenção uma exposição de telas e quadros sobre a Amazônia, peixeiros e peixeiras, “caboclos” e “caboclas”, ribeirinhos e ribeirinhas, mães, canoas, árvores e o rio, era o renomado pintor parintinense Arildo Mendes. Meus olhos brilharam e entrei naquela sala, olhei todos os quadros buscando algum que mostrasse as mulheres trabalhadoras de juta, mas infelizmente não encontrei. Logo pedi para falar com o artista, lhe disse “Parabéns! Lindo! Os seus quadros são magníficos! Não é só talento, é um dom”, o Arildo agradeceu, logo conversamos sobre a possibilidade de pinturas sobre as mulheres trabalhando na juta, o artista ficou extremamente animado pois tinha desejo de pintar sobre essa temática, mas ainda não tivera oportunidade, assim marcamos uma reunião alguns dias depois. E foi no dia 03 de julho de 2019 que desenhei todo meu imaginário sobre as mulheres trabalhadoras de juta, a partir da História Oral, de todas as histórias que tinha ouvido durante as entrevistas que realizei, “desenhei” (havia riscos, setas e palavras no esboço que fiz), de certa forma escrevi o que gostaria de que tivesse em minha tela numa folha de papel e entreguei a ele, assim, Arildo Mendes deu vida em forma de desenhos e pinturas do meu imaginário. A tela ficou pronta dia 27/11/2019 e recebi em Manaus no dia 30

⁹ O colega de mestrado defendeu a dissertação com o título POVO DE FIBRA: MUNDOS DO TRABALHO NO UNIVERSO DA JUTA (Baixo Amazonas: 1940...), utilizando de algumas entrevistas que realizei em Parintins-AM para enriquecimento de seu trabalho, entre elas: 1- Maria da Daízes Jacaúna Carneiro (entrevista realizada no dia 16/10/2018, PARINTINS-AM) 2- Marlene Gonçalves da Silva (entrevista realizada no dia 19/10/2018, PARINTINS-AM) e 3 – Irenilda Evangelista Garcia (entrevista realizada no dia 18/10/2018 PARINTINS-AM).

¹⁰ PRINTES. Manaus-AM, 2018.

de novembro de 2019, esta obra de arte será exclusivamente apresentada nesta dissertação no decorrer dos capítulos.

Importante destacar que na Historiografia da Amazônia autores que compõem este campo como: Arthur César Ferreira Reis (1989), João Oliveira Pacheco (2016), Barbara Weinstein (1993), dissertam com grande ênfase sobre a atividade extrativista da borracha, os trabalhadores seringueiros, o auge e o declínio deste período, as exportações internacionais e como essa economia e modo de vida acabou modificando todo o cenário do Amazonas, logo após, as pesquisas estão relacionadas a imprensa, a *belle époque* e logo a industrialização/ Zona Franca da Amazônia e as modificações desse novo contexto, de modo em que o período da juta que encontra-se depois da borracha acaba sendo deixada de lado no âmbito do campo da Historiografia da Amazônia.

Deste modo, o panorama da fibra de juta na Amazônia é introduzida no período específico para a região, denominado período pós borracha¹¹, caracterizado economicamente por uma conjuntura devido à desvalorização do produto, referente ao contrabando de sementes da *Hevea Brasiliensis*¹² para o Oriente, logo a mão de obra passou a ser mais barata o que causou uma depressão nas produções de borrachas na Amazônia¹³.

O cultivo agrícola da juta nos campos da região amazônica começa após o período do declínio das atividades extrativistas gomífera, borracha, que também caracterizavam modalidades de trabalhos agrícolas, envolvendo processos extremamente desafiadores aos trabalhadores¹⁴.

No contexto, de uma chamada Historiografia da juta temos autores que fortalecem tal corrente de pesquisa nos auxiliam ao questionamento que levaram a indignação e fortalecimento da temática, em primeiro momento destaco o pesquisador Alfredo Homma¹⁵, em suas obras: Os japoneses na Amazônia e sua contribuição ao desenvolvimento agrícola (2009); A imigração japonesa na Amazônia sua contribuição ao desenvolvimento agrícola

¹¹ O período da economia e produção gomífera brasileira surge e com o passar dos anos, principalmente nas regiões Amazônicas ocorre uma evolução econômica para venda e exportação do produto que perdura até o por um período. Informações retiradas do texto: FILHO, João Pacheco de Oliveira. VII- O Caboclo e o Brabo. Notas sobre duas modalidades de força-de-trabalho na Expansão da Fronteira Amazônica no século XIX. Encontros com a civilização brasileira 11. Rio de Janeiro, 1979, p.118.

¹² Nome científico da planta denominada no Brasil de seringueira.

¹³ BRASIL, Wanda Lima. A mulher e o trabalho na Tecejuta. Universidade Federal do Pará. Santarém, Janeiro/1995.

¹⁴ FERREIRA, Aldenor da Silva. A vida dos trabalhadores da juta da malva no baixo Solimões. Manaus, 2014;

¹⁵ Alfredo Homma é um pesquisador da Empresa Brasileira de Agropecuária - Embrapa, nascido em Parintins e descendente de imigrantes japoneses, formado em agronomia e Mestrado em Economia Rural e Doutorado em Economia Rural, o pesquisador em suas obras traz um panorama tanto sobre a História da imigração japonesa quanto a economia extrativista da juta, algumas de suas pesquisas que ganharam prêmios entre eles o Prêmio Prof. Samuel Benchimol. Fonte: <https://www.embrapa.br/memoria-embrapa/personagens/alfredo-kingo-oyama-homma>.

(2016). Nela, pudemos perceber que o autor traz um leque de informações sobre a imigração japonesa, incluindo motivos internos e internacionais para tal acontecimento, as regiões Amazônicas, números, tabelas, quantitativo de produção, etc.

Ernesto Renan Melo de Freitas Lima (1982) ¹⁶ em sua obra “Os trabalhadores da juta: estudo sobre a construção da produção mercantil no médio Amazonas” traz um debate sobre a juta e as inúmeras dinâmicas que a fibra pode levar o trabalhador Amazônico, o trabalho/produção familiar, o mercantilismo, a produção de outros produtos, ainda em suas linhas cita sobre as mulheres no seguinte trecho “Se a mulher deixa suas tarefas domésticas para ir executar tarefas na roça, essa participação não é vista como trabalho, mas como ajuda” ¹⁷.

No livro de Aldenor da Silva Ferreira (2014) “A vida dos trabalhadores da juta e da malva no baixo Solimões” traz um debate a partir de realização de entrevistas nas comunidades: Nossa Senhora das Graças, Bom Jesus e Santo Antônio. Coloca em análise a esfera de trabalho, os agentes da comercialização, a degradação do corpo, doenças adquiridas com o trabalho etc. De certa forma, ele traz a trajetória desses trabalhadores em panoramas necessários para compreender como funciona a jornada exaustiva desses trabalhadores.

Nesse contexto ora apresentado, coloca-se em ênfase o debate que não foi encontrado, um estudo sobre a mulher que trabalhou com a juta, o que é ser mulher dentro desse universo da juta, qual a trajetória da mulher até chegar a juta, a partir de suas histórias, da sua voz, memórias e suas trajetórias de vida, com o uso da História Oral, trazendo extrema importância para o andamento deste trabalho, no qual, as fontes obtidas foram a partir de entrevista com trabalhadoras de diversas comunidades ribeirinhas da Amazônia, mais preciosamente no Baixo-Amazonas.

O período escolhido de 1930-1990 é pela oportunidade de encontrar e entrar em contato com diversas mulheres que trabalharam com a fibra neste período, em várias localidades e diversificadas modalidades de trabalho no processo de produção da fibra. O delineado se caracteriza a partir da idade das entrevistadas e período em que tiveram contato com a fibra, este recorte histórico representa o primeiro período da fibra na Amazônia, as

¹⁶ PINTO, Ernesto Renan Melo de Freitas. *Os trabalhadores da juta: estudo sobre a constituição da produção mercantil simples no médio Amazonas*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre – RS, 1982 p.136.

¹⁷ Idem.

colaboradoras selecionadas possuem idade entre 48 a 100 anos, no qual será usado a História Oral, para os registros e memórias.

O período inicial é traçado pela entrevistada chamada Dona Maria Printes, de Óbidos - PA, a mesma tem 100 anos e começou a trabalhar com juta quando tinha 12 anos de idade, aproximadamente no período de 1931. Sendo assim, o período final é caracterizado pela entrevistada Dona Maria Daízes Jacaúna, que trabalhou na juta durante a adolescência com 16 anos de idade no período de 1950. Ainda nesse conceito, tivemos entrevistadas que trabalharam em empresas, isso nos remete entre os anos de 60 à 90.

É importante destacar que, em 2018 foi quando me desloquei da minha cidade natal, Manaus-AM, para realizar todas as cinco entrevistas, no município de Parintins-AM e para o Estado do Pará em Terra Santa, captei em um gravador, coletei vozes e os relatos das trabalhadoras, e friso aqui que as colaboradoras responderam todas as perguntas. Então, em 2018 trata-se do ano em que datamos os acontecimentos, buscando a memória de longos anos atrás.

Em termos de direção geográfica, este trabalho foi caracterizado a partir da localidade em que as entrevistadas tiveram contato com a fibra de juta, o Baixo Amazonas. As trabalhadoras citaram as seguintes comunidades de várzeas¹⁸ da Amazônia que foram obtidas nas análises a partir das entrevistas, entre elas são: Anabu¹⁹, localizada alguns quilômetros próximo de Nhamundá-AM fronteira com o Pará; Igarapé do boto²⁰, região que fica na localizada perto de Nhamundá e Fáro; Limão²¹, comunidade na Beira do Rio, próxima a cidade de Parintins-AM; Valente²², localidade na beira do rio, próxima a cidade de Parintins-AM; Paraná do cumprido²³, localidade que fica na localização “em frente” a Parintins-AM e Vila Amazônia²⁴, localizada próximo a Parintins-AM.

Ao falar da trajetória das Mulheres, trazemos os conceitos de História das Mulheres, com toda a complexidade desse campo historiográfico, que nos remete as seguintes colocações nos campos da juta, pouco trabalhada ainda, o que podemos explorar vários âmbitos sobre a vida dentro e fora das plantações de juta, como: as jornadas de trabalho, afazeres após o período dedicado a juta, trabalhos domésticos, doenças desencadeadas do trabalho da juta e as crenças amazônicas. Por realizar trabalho com a floresta e dentro do rio,

¹⁸ A área de terras várzea são regiões de solo fértil, úmidos e próximos a regiões de água. BRASIL, Wanda Lima. A mulher e o trabalho na Tecejuta. Universidade Federal do Pará. Santarém, Janeiro/1995.

¹⁹ SANTARÉM Terra Santa- PA, 2018.

²⁰ CARNEIRO. Parintins-AM, 2018.

²¹ SILVA. Parintins-AM, 2018.

²² GARCIA. Parintins – AM, 2018

²³ CABRAL. Parintins-AM, 2018.

²⁴ PRINTES. Manaus – AM, 2018.

principalmente sobre a jornada dupla, ou muitas vezes “tripla” de cuidar da casa, dos filhos e plantar juta.

O andamento do trabalho se dá também ao estudo do gênero o que diz respeito ao sentido de percepção da identidade das entrevistadas, a fala, o modo de expressar como era inserida no trabalho, os termos “ajuda”, “carregava o que podia”, entre outros traços que podemos obter nas entrevistas, faz com que a pesquisa tenha um olhar diferenciado nessa temática.

Deste modo, o tema que apresenta escassez nas fontes para busca, adquire característica de criar as próprias fontes que, a partir da História Oral, as entrevistadas/colaboradoras falaram sobre suas histórias e trajetórias de vida, e seu trabalho com a juta. Assim, tive a responsabilidade de seguir a seguinte citação de Portelli “a história oral, então, é primordialmente uma arte de escuta”²⁵.

A História Oral como uso da metodologia principal fortalece as linhas de conhecimento do tema relacionado a mulheres trabalhadoras de juta, no qual não é muito explorado nos trabalhos que estão disponíveis, por conseguinte, ao escutar e captar vozes sobre a história de vida de uma pessoa, ela remete o pesquisador ou pesquisadora a um mundo de imaginações, territorialidade, identidades, linguagens dentro das histórias e memórias dos entrevistados. Como nos lembra Portelli (2016), “A História oral, no entanto, não diz respeito só ao evento. Diz respeito ao lugar e ao significado do evento dentro da vida dos narradores”²⁶.

Ao se tratar do diálogo com as entrevistadas, visa o conhecimento do determinado assunto, o respeito e o tempo para chegar-se a colaboradora, pois a narradora precisa se sentir à vontade para dar continuidade às perguntas e ter segurança na pesquisadora. Dessa forma, existe uma troca de conhecimentos mútua, a pesquisadora não só tem a responsabilidade de estudá-las e sim aprender com a entrevistada. Como ensina Portelli (2016):

“A história oral, então, é a história dos eventos, história da memória da interpretação dos eventos através da memória. A memória, na verdade, não é um mero depósito de informações mas um processo contínuo de elaboração e reconstrução de significado”²⁷

A memória é um lugar aonde podemos entrar na mente do indivíduo, no prezado momento em que temos uma narrativa individual do mesmo. Com a memória podemos captar sentimentos, angustias, aflições e felicidade, o que nos ajudará a compreender a identidade da

²⁵ PORTELLI, Alessandro. História Oral como arte da escuta/ tradução Ricardo Sanhigo. São Paulo: Letra e voz, 2016.

²⁶ Idem.

²⁷ Idem.

entrevistada. Importante destacar que, as entrevistas que foram realizadas, foram preservadas todas as linguagens, as palavras, as expressões, como por exemplo, falas relacionadas a comunidades e as vivências na cidade. Não se trata de apenas um espaço físico, mas também, de um espaço de sentimento. Todas as perguntas realizadas foram respondidas, algumas com lágrimas nos olhos, outras com palavras mais baixas, porém as narradoras/colaboradas fizeram questão de participar por inteiro da pesquisa.

Michael Pollak (1989), discorre sobre memória, esquecimento e silêncio, ao falar sobre memória nas fontes orais, expõem de um mecanismo que pode ser revisitado e que está em constante mudança, um fato/acontecimento do passado possa ser revisitado e revivido nas memórias e lembranças do mesmo. O esquecimento é deixar para trás aquela memória que possa não ter um desfecho desejado, ou que remete a sentimentos de tristeza ou sentimento de indefeso. Silêncio, seria uma tentativa de esquecer aos acontecimentos que podem ser tomados rumos degradantes dentro da autodefinição do que é certo ou errado para a pessoa, ainda pode representar uma mistura de sentimento que causa o impedimento de falar sobre tal memória, o medo, a vergonha ou a raiva. Com as palavras de Pollak (1989):

“A fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separa em nossos exemplos, uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil denominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou Estado desejam passar e impor²⁸.”

Assim, torna-se um trabalho analítico ao perpassar diante das inúmeras questões que podem na memória das entrevistadas, o ponto que traz grande relevância é a tentativa de obter a memória individual da entrevistada o que, desmitifica qualquer memória coletiva criada pelo Estado. Ao traçar uma diferença entre lembranças e memórias, as lembranças retêm acontecimentos nos quais são guardados como recordações pessoais, os gatilhos para tais referências podem ser inúmeros como cheiros, sabores, cores, etc.²⁹. Por outro lado, as memórias são coletivas, de várias pessoas ou individuais.

Não será um trabalho de dar voz a quem não tem voz, será um trabalho para quem tem voz, pois precisamos das vozes das entrevistadas. Portelli (1989), discorre sobre tal expressão, pois o historiador “ganha”, escuta e capta a voz do entrevistado para, analisar e amplificar.

Deste modo, o objetivo do trabalho é analisar as memórias e Histórias das Mulheres trabalhadoras de juta, o que o trabalho com a fibra as lembram, as remetem, as colocam e as trazem ao se tratar de uma memória que passou há tantos anos atrás. Utilizamos o termo “as margens dos rios da Amazônia”, que se refere a região das plantações de jutas, pelo seu

²⁸ POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. Rio de Janeiro: Estudos históricos, 1989.

²⁹ Idem.

processo que necessitava de lavagem das mesmas, as comunidades e interiores sempre trabalhavam próximas dos rios ou em locais de *várzeas*.

Para realização do projeto de pesquisa, além das fontes orais também utilizei o método de levantamento literário, deste modo caracteriza-se através de pesquisas bibliográficas constituída a partir de fontes com o propósito de obtenção de dados pertinentes ao assunto em foco, em banco de dados de instituições de nível superior, revistas especializadas, monografias, dissertações, teses, artigos acadêmicos e na rede mundial de informação – internet-, em sites.

Autores especializados nos assuntos que darão base à pesquisa como por exemplo: Pensamento social sobre a juta; Aldenor da Silva Ferreira (2014); Alfredo Homma (2009); Ernesto Renan Melo de Freitas Pinto (1982); Wanda Brasil (1995); Samuel Benchimol (1923); João Pacheco de Oliveira (2016); referente a História Social Inglesa: Edward P. Thompson (2001); História das Mulheres: Michelle Perrot (2007) e História Oral: Alessandro Portelli (2016) e Michael Pollak (1989).

Poesias, toadas³⁰, jornais/periódicos, fontes escritas, documentos, fotos, imagens, ilustrações e pinturas foram usadas para análises e busca de conteúdos para embasamento da pesquisa. O uso das imagens e fotografias como fonte, representam linguagem, características, sentimentos, condição pode ser considerado um espelho sob a ótica de uma realidade.³¹

As mulheres selecionadas para as entrevistas foram trabalhadoras de juta em diversas comunidades as margens dos rios da Amazônia. Ressalta-se que, foi a partir de rede de comunicação que começou em Parintins e vizinhos (as), conhecidos (as) e foram indicando nomes para compor o quadro de entrevista do projeto, entre elas: Maria Daízes Jacaúna Carneiro, Maria Joana de Souza Santarém, Irenilda Evangelista Garcia, Dinelza Andrade Cabral, Marlene Gonçalves da Silva, Maria Brandão e Maria Printes.

No campo da História Oral, a entrevista é pensada como um documento como qualquer outro, a entrevista serve como uma brecha deixada na história e as palavras servem como qualquer documento. A entrevista pode representar uma forma de limite, confidencialização a um determinado assunto. O importante é compreender o tempo e espaço

³⁰ Toada é a palavra utilizada para representar a música folclórica de Parintins-AM, a musicalidade que dá vida ao Festival Folclórico de Parintins nos bois Garantido (vermelho e branco) e Caprichoso (azul e branco) que ao chegarem no Bumbodrómo(local aonde é realizado o espetáculo folclórico de músicas e danças) tornam-se rivais, toada é uma combinação sonora de ritmos tradicionais da Amazônia, flautas, violão, caixinha, repique, rocá, charango e tambores.

³¹ CAMPANHOLI. Julie Anne Macedo. O uso da fotografia na prática docente. Revista Pandora Brasil, Dezembro 2012, p. 40-41.

da entrevista³².

A entrevista é utilizada pela pesquisadora ao se interessar a explorar outras respostas para o desenvolvimento do projeto, que conforme afirma-se “Pode ser parcialmente estruturada, quando é guiada por relação de pontos de interesse que o entrevistador vai explorando ao longo de seu curso”³³. A entrevista foi realizada de forma semiestruturada, contendo perguntas abertas, possibilitando acesso amplo para o discurso livre entre os questionamentos, pois muitas vezes as mulheres são reservadas ao falar de suas trajetórias de vida, principalmente por muitas delas terem idades acima de 70 anos. Entre as perguntas realizadas foram divididas em quatro seções: **1- Dados pessoais** (nome, idade, profissão etc.); **2- História de vida** (1- Qual a sua história de vida? 2- Cidade de nascimento, onde os pais nasceram (deslocamentos na Amazônia)? 3- Onde nasceu? Como foi criada? Etc.); **3 – Trabalho na juta** (Quando você começou a trabalhar na Juta? etc.); **4 - Vida fora do trabalho da juta** (Você teve alguma doença após o trabalho da juta? Você tinha outro trabalho além da juta? Como foi a vida depois da juta?

Como as perguntas foram pensadas de forma semiestruturadas com informações que ajudaram na dissertação dos capítulos possibilitou a ampla abertura para resposta teve o objetivo de obtenção de dados de mulheres que trabalham e dominam conhecimentos referentes as questões relacionadas a juta na Amazônia.

Desta forma, foram entrevistadas seis mulheres, selecionadas para compor a pesquisa e o local onde cada entrevista foi realizada, entre elas: Maria Daízes Jacaúna Carneiro (Parintins-AM), Maria Joana de Souza Santarém (Terra Santa – PA), Irenilda Evangelista Garcia (Parintins – AM), Dinelza Andrade Cabral (Parintins – AM), Marlene Gonçalves da Silva (Parintins-AM), Maria Printes (Óbidos – PA). Todas as entrevistas coletadas em outubro de 2018.

Dessa maneira, iremos apresentar um pouco sobre a História da juta na Amazônia, seu surgimento, trajetos e negociações. O objetivo de entender como esse produto internacional chegou até o Brasil. Utilizamos de referências bibliografias e periódicos para embasamento do próximo texto.

³² Portelli, Alessandro. *Storie Orali. Racconto, immaginazione, dialogo*. Roma: Editore Donzelli, 2007,2017.

³³ GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo, 2002.

História Oral e a História de vida

A História Oral é a principal fonte para a realização do trabalho de campo, que objetivou na incorporação de novos conhecimentos, procedimentos e fontes para a fermentação e desenvolvimento do tema principal, as trabalhadoras de juta na região Amazônicas na década de 1930 a 1990, histórias e memórias que foram coletadas a partir da História Oral.

O campo da História Oral faz-se presente com grande relevância para a realização desta pesquisa, por expor a proposta de captar nas entrevistas que foram realizadas com as trabalhadoras de juta, suas vivências, experiências, mão de obra, detalhes que podem ser absorvidos a partir da perspectiva própria trabalhadora, relatos que foram a fonte principal para análise da pesquisa.

Podemos resgatar memórias e histórias das entrevistadas, fontes orais, que permitem novos conhecimentos e valorização de acervos familiares, além de não deixar morrer as recordações da História Social do trabalho no Estado do Amazonas repleto de lutas e conquistas. A História Oral não é um fim em e sim um meio de conhecimento. Seu emprego só se justifica no contexto de uma investigação científica, o que pressupõe sua articulação com o tema proposto.³⁴

A História Oral alcançou um espaço e com isso demonstra a possibilidade de publicações da História das Mulheres, geralmente quando escrevem o relato historiográfico referente sobre um determinado acontecimento, impressões ou sentimentos, as mulheres podem ser silenciadas por um discurso e escrita de predominância masculina. Desta forma, as mulheres ganham foco, e voz, transforma-se as vivências em experiências, conhecido e reconhecido, aquilo que foi vivido por elas, aquelas vozes que foram silenciadas, mas nunca ignoradas pela diferença do protagonismo histórico, além de aptidões política e sensível pela história pública. A visibilidade da narrativa das mulheres nos mostra outras realidades no meio do mesmo convívio social, agregando informações, testemunhos e acontecimentos provados aos problemas sociais.³⁵

Neste ponto, a relação direta entre gênero e mulher, as narrativas de mulheres, as mulheres que refletem sobre si mesma, mulheres de diferentes escalas sociais, culturais, origens, territorialidade, política e cultura. As entrevistas feitas com mulheres e escrita por mulheres revela que as relações de gênero tem sido a preocupação feminina, tanto em campo

³⁴ ALBERTI, Verena. Manual da História Oral. 2005, p. 29.

³⁵ ALMEIDA, Juniele Rebêlo de. História Oral e movimento social: Narrativas públicas, 2016.

político quanto no acadêmico.³⁶

Assim, acredito que seja de fundamental importância estudar questões como o tema desta pesquisa, por proporcionar conhecimentos inovadores, questionamentos e estudos sobre o gênero, de como a mulher se envolveu com o trabalho da juta, qual sua jornada de trabalho e o que a juta representa para ela.

Colaboradoras: 6 vozes e Histórias de vida.

Maria Vasconcelos Ribeiro Printes (2018)³⁷

A realização desta entrevista se deu por meio do colega de mestrado Franco Lindemberg, em junho de 2018. Fomos ao centro da cidade de Manaus onde residia Dona Maria Printes (1918-2019)³⁸, e no corredor da entrada de sua casa pudemos realizar a entrevista, essa em especial juntamente com o orientador da pesquisa, foi a minha primeira entrevista.

Dona Maria Printes tinha 100 anos de idade quando realizou seu relato, tinha a voz aveludada, calma, e contou com muita paciência sua história; pudemos perceber na sua fala muitas palavras e sotaque onde conseguimos identificar a construção de sua identidade e que em alguns momentos podia ter dificuldade de escutar se falássemos muito baixo e por conta do terreno vizinho está em construção. Havia momentos em que a entrevistada não se recordava de datas, porém com a sua fala e muitos detalhes, percebemos que a mesma se lembrava das cenas e acontecimentos que nos relatou, principalmente porque percebemos que ela tinha um senso de humor e alegria ao falar do trabalho da juta, inclusive após falar sobre os passos do processo de plantação nos questionou “*você vai plantar*”, o Professor Dr. Davi Avelino Leal respondeu “*não, a gente está fazendo a pesquisa para saber como que é!*”.

Nascida no ano de 1918 na cidade de Óbidos no Estado do Pará perdeu seu pai quando ainda era criança, um tempo depois mudou com a sua família quando era “*mocinha*” para morar na cidade de Parintins- AM, aproximadamente em 1930, cidade onde conheceu o seu esposo Sr. Raimundo Ribeiro Printes. Posteriormente, soube das notícias do trabalho com a juta, que precisava de trabalhadores, aproximadamente em 1944, assim, ela e seu marido foram trilhar essa nova jornada.

³⁶ ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. História Oral e a história das mulheres: rompendo silêncios. 2017.

³⁷ 2018 é o ano quando foi datada a entrevista na cidade de Manaus.

³⁸ A entrevista foi realizada em dois dias, no dia 11 de junho de 2018 com a presença do orientador da pesquisa Professor Dr. Davi Avelino Leal e o colega de mestrado Franco Lindemberg e no dia 21 de julho de 2018 somente com a presença de Franco Lindemberg. Para esta, a data em referência no título 1918-2019 data o seu nascimento e o ano de seu falecimento.

Nas viagens que fazia para trabalhar com a juta, chegou a conhecer a Vila Amazônia, o que caracterizou como Hospital, pois lá tinha um assessoramento médico feito pelo Dr. Toda para os japoneses, trabalhadores e trabalhadoras que estavam instalados na região para o cultivo de juta.

Sobre a vida de Dona Maria Printes, ela nos contou que não bebia cerveja apenas gostava do guaraná Baré³⁹, disse isso com sorriso nos olhos, era católica e devota de Nossa Senhora do Carmo, a padroeira da cidade de Parintins. Espontaneamente, ela falou sobre o amado boi Garantido⁴⁰, ela até cantou um trecho de uma toada⁴¹ antológica⁴² “*chega morena, vem, que ser Garantido é uma beleza!*” e “*chegar meu boi Garantido como mando te ensinar, mas a necessidade não te deixa envergonhar*”⁴³ e pode nos relatar que brincou de boi⁴⁴ na época de Lindolfo Monteverde (1902-1970), o criador do boi.

Por sua vez, o chamado Festival de Parintins acontece nas três últimas noites do mês de junho, e a festa de Nossa Senhora de Parintins acontece duas semanas depois do festival. Antigamente a festa da padroeira era mais agitada para a cidade do que o próprio festival folclórico que só ganhou força a partir dos anos 2000.

Dona Maria Printes nos relatou que, gostava muito de Parintins. Em suas falas se mostrou uma mulher trabalhadora, aceitou o desafio do trabalho com a juta, uma mulher alegre, de muita fé, ao falar sobre o trabalho com a juta a mesma relata “*Não vão esmorecer! Não vão esmorecer de trabalho! Mete a cara pra trabalhar! Com fé, e coragem e esperança! É isso que a gente faz! Sempre dá com coragem, com fé em Deus! Com esperança de um dia, chegar um dia melhor!*”⁴⁵.

A entrevistada relata que trabalhou com a juta desde de criança e depois, quando mais velha aproximadamente em 1944 soube de notícias sobre a expansão da atividade de juta na região que precisava de trabalhadores, ela e seu marido aceitaram o desafio, que por sua fala

³⁹ O guaraná baré citado pela entrevistada é um refrigerante regional da cidade de Manaus.

⁴⁰ O Boi Bumbá Garantido foi criado por uma promessa de Lindolfo Monteverde (1902-1970), o boi da baixa do São José é reconhecido por ser branco, coração na testa e representado pelas cores vermelho e branco. Anualmente a batalha (espetáculos musicais) no bumbódromo (Parintins) contra seu rival Boi Bumbá Caprichoso (cores azul e branca, estrela na testa), todos os anos é eleito um tema para que os bois de Parintins defendam num espetáculo através de músicas, danças, ritos e cênica.

⁴¹ Toada é a palavra utilizada para representar a música folclórica de Parintins, a musicalidade que dá vida ao Festival Folclórico de Parintins nos bois Garantido (vermelho e branco) e Caprichoso (azul e branco) que ao chegarem na arena tornam-se rivais, toada é uma combinação de ritmos tradicionais da Amazônia, flautas, violão, tambores, , charango, palminhas e rocar.

⁴² Toada antológica é o nome dado às músicas antigas dos bois de Parintins, Garantido e Caprichoso.

⁴³ PRINTES. Manaus – AM, 2018.

⁴⁴ Brincar de boi é uma expressão que usamos quando falamos que vamos ao festival, que acontece nas últimas três noites do mês de junho de cada ano. Brincar de boi traz o sentido de dançar, cantar e se divertir ao som das toadas.

⁴⁵ PRINTES. Manaus – AM, 2018.

foi marcado por momentos felizes e memoráveis. Afinal, a sua jornada com a fibra, relatou que ficou em Parintins por alguns anos e que seus filhos foram tomando vários rumos ao redor do Amazonas. Se mudou para a cidade de Manaus e relatou:

“Acho que vi crescer um bocado de Manaus, pois ela tava muito parada. A matinha, a matinha, que era um bairro parado que era só. A gente descia lá de cabeça pra baixo. Descia assim, perna pra cima e cabeça pra baixo. Só ladeira e pedra. Não tinha rua, não tinha nada. E depois foi andando, andando. Os governos, morria um, saía outro. Esta Constantino Nery era bunito. Fizeram uma avenida bunito. Ah tava bunito mesmo..⁴⁶”

Neste trecho, a entrevistada nos apresenta um pouco do cenário da capital do Estado do Amazonas que estava em fase de construção estrutural dos bairros, e mudanças de governo, esse bairro que ela cita o bairro da Matinha, que fica nas proximidades do centro da cidade e a Constantino Nery é uma das avenidas principais da cidade. Ainda, informou que conseguiu realizar atividade econômica a partir de vendas de comida nessa nova avenida da cidade que chamava atenção dos manauaras⁴⁷, para visita e afirma *“tudo que a gente fazia pra vender, vendia tudo”*.

A entrevistada permaneceu na cidade de Manaus até o final de sua vida. Em abril de 2019 tivemos a notícia que Dona Maria Printes havia falecido, e relato que por mais que seja do boi do coração na testa, ela também é uma estrela nesse imenso céu, deixando saudades, principalmente suas palavras de muita importância que pudemos captar e dissertar neste trabalho para contribuição para a História do nosso Estado.

Maria da Daízes Jacaúna Carneiro (2018)⁴⁸

Dona Ida, como gosta de ser chamada, foi a minha primeira entrevistada sozinha, quando fui para Parintins-AM em outubro de 2018, para começar a realizar as entrevistas da pesquisa. O relato foi realizado às 17:40 no dia 16/10/2018 no local aonde tipicamente Dona Ida vendia Tacacá⁴⁹ em frente à igreja de São Benedito. Dona Ida concedeu a entrevista neste local onde se dispôs a compartilhar informações necessárias da pesquisa e se sentia mais à vontade. Antes de a entrevista começar foi lido o termo de consentimento, explicando que as informações ali coletadas não seriam usadas para nenhum fim de publicação em jornais ou

⁴⁶ PRINTES. Maria Vasconcelos. Entrevista realizada por Franco Lindemberg, Davi Avelino Leal e Mayra de Oliveira Uchôa. Dia 21/07/2018 na cidade de Manaus.

⁴⁷ Manauaras são os naturalizados da cidade de Manaus.

⁴⁸ 2018 é o ano quando foi datado a entrevista na cidade de Parintins.

⁴⁹ Tacacá é um prato típico da região amazônica, feito com tucupí, um líquido amarelado extraído da mandioca que tem o sabor azedo, goma, e folhas de jambu, pode ser servido com pimenta, e toma-se com um palito para comer também as folhas de jambu, pois as mesmas fazem a língua ficar dormente, é servido em cuia.

algo semelhante, somente para o trabalho acadêmico do mestrado, e questionado novamente se a colaboradora aceitava conceder a entrevista e se ela não quisesse responder algumas das perguntas não teria problema, neste dia ela estava acompanhada de sua neta Karine Reis. Consegui o contato com essa entrevistada, pela família onde me hospedo quando vou a cidade, a família Uchôa, Mario Uchôa, Jeane Jacaúna e Gabrielle Uchôa. Dona Ida é avó de Jeane Jacaúna, e após falar sobre a temática da dissertação e objetivo específico da viagem, Jeane falou com sua avó e a mesma aceitou me conceder a entrevista e foi por intermédio de Karine dos Reis, sua neta, que me levou até o local.

Nascida em 1934 na região do Duaca, em específico no Igarapé do Boto, uma localidade que fica “*pra banda de Faro*” como disse a entrevistada com sorriso nos olhos, esta região fica na fronteira do Amazonas com o Pará, no ano de 2018 a entrevistada tinha 84 anos, quando coletei seu relato.

A entrevistada morou por um tempo no Igarapé do Boto, depois se casou com um rapaz da mesma região e assim se envolveu com o trabalho da juta com a idade de 16 anos, a colaboradora chegou a trabalhar em todos os setores da juta no campo. Dona Ida e seu marido moraram aproximadamente de 10 a 15 anos no Igarapé do Boto e trabalhavam com a fibra durante todo esse período.

Depois de um período no qual a entrevistada não soube relatar a data em específico, ela se mudou para Parintins, onde sua atividade econômica foi com venda de verduras, logo depois ela conseguiu um trabalho na fábrica de juta na época chamada Fabril Juta, porém um ano depois que a empresa fechou, Dona Ida começou atividade de venda de tacacá que permanece realizando até os dias de hoje.

Ao questionar sobre as festas típicas se participava, e me respondeu “*Na época do boi era assim mesmo. Eu vinha pra cá pra minha banquinha. Eu tinha uma filha que gostava, brincada do boi, eu ia e levava ela. eu ia levar ela que ela brincava..*”.⁵⁰ Até mesmo em momentos de diversão Dona Ida relata que estava trabalhando.

Então, quando perguntei sobre momentos de divertimento a mesma relatou que sempre estava atarefada em suas palavras “*Aí manazinha*”⁵¹, *meu divertimento era tratar dos filhos.. Fazer comida... cuidar dos filhos, não tinha divertimento nenhum.. era muito curumim!*⁵².

⁵⁰ CARNEIRO. Parintins-AM, 2018.

⁵¹ “Manazinha” é uma expressão utilizada no estado do Amazonas, tanto no interior quanto na capital, trata-se de ser um termo carinhoso e significa colega, amiga ou querida.

⁵² “Curumim” é um termo utilizado no interior do Amazonas para falar menino/garoto.

Sobre sua vida, relatou que teve 14 (quatorze) filhos, e que cada um foi tomando “seu rumo” com o passar dos anos. Interessante relatar, no começo da entrevista no horário de seis horas da noite, o sino da catedral de Nossa Senhora do Carmo, padroeira de Parintins tocou e Dona Ida abaixou sua cabeça, fechou os olhos e fez o sinal da cruz, se benzendo. Neste ato, ela mostra a sua religiosidade que logo minutos depois nos afirma “sou católica”.

Assim, Dona Ida tinha 84 anos quando foi realizada a entrevista, é a “cabocla de fibra, trabalhadora de fé”, firme e forte trabalhadora em todos os setores do desafiador trabalho da juta. Sua voz, seu olhar, sua paciência ao relatar fatos que aconteceram em sua vida me mostraram o quão forte Dona Ida foi durante sua trajetória de vida e com a fibra de juta.

1.3 Maria Joana de Souza Santarém (2018)⁵³

A entrevista foi realizada na cidade de Terra Santa no dia 17/10/18 às 20:59, na casa da colaboradora Dona Joana. Para essa entrevista, viajei de Parintins de lancha a jato⁵⁴, para o Município de Terra Santa – PA para ter a oportunidade de realizar pessoalmente a entrevista com a colaboradora que se dispôs a conceder as seguintes informações. O contato com essa colaboradora foi através da colega de mestrado Suená Santarém, que na matéria de Seminário de Pesquisa com o Professor Dr. Luís Balkar onde apresentamos nossos temas e andamento do projeto, informou que sua mãe tinha trabalhado com a fibra e que sua mãe sempre quis disponibilizar dos conhecimentos. Assim, Suená Santarém intermediou o contato para esta entrevista.

A entrevista foi realizada na casa da colaboradora, em seu quarto, onde ao entrar colocou uma cadeira para que pudesse sentar, ligou o ar condicionado e sentou na ponta esquerda de sua cama para que a mesma pudesse se sentir confortável e seu marido logo colocou uma cadeira próxima dela entusiasmado porque também já havia trabalhado com a juta na juventude. Ele ficou escutando a entrevista e em alguns momentos ele compartilhava algumas informações. Antes da entrevista começar foi explicando que as informações ali coletadas para a pesquisa sobre mulheres trabalhadoras de juta, e questionado novamente se a colaboradora aceitava conceder a tal entrevista, ela disse que sim.

⁵³ 2018 é o ano quando foi datada a entrevista na cidade de Parintins.

⁵⁴ No interior do Amazonas para cidades que são acessadas exclusivamente pelo rio, temos a chamada lancha ajato como uma alternativa de menos horas de viagem para chegar ao destino, uma espécie de lancha com velocidade mais acelerada.

Dona Joana Santarém tinha 48 anos quando fizemos a entrevista, casada, e possui 2 filhas Suena Santarém e Suiane Santarém. Nascida numa região chamada Anabu, localizada bem nas margens do rio Amazonas, próximo ao Município de Nhamundá e filha dos falecidos Sra. Maria de Souza Santarém e Sr. Edson da Cunha Santarém, trabalhadores da juta nos campos entre Amazonas e Pará, a colaboradora diz a seguinte frase que revela toda uma trajetória incluindo uma agricultura familiar:

“[..]Ai eles criaram a gente praticamente com juta, quando chegou nesse ano que que foi já... que eu fui trabalhar lá no interior... [...] praticamente a juta tinha sido pra criar a gente..”⁵⁵

Dona Joana cresceu nos campos de juta, chegou a trabalhar/ ajudar como dizia, durante aproximadamente 10 anos e foi com a juta que seus pais conseguiram manter as economias de sua família, sua mãe também fazia outros plantios como banana, melancia, macaxeira, jerimum, couve, cheiro verde.

Nesse momento, a entrevista em que começamos a abordar sobre o trabalho da juta, a colaboradora relembra de todo seu passado e começa a chorar, fica calada por alguns segundos, porém a gravação continua, com a voz baixa e chorando, continua *“Que o papai ele.... Eu achava assim que ele me tratava... parece trabalhador assim...uma pessoa que tivesse pagando assim..”*. A trajetória desafiadora em que seus pais colocavam seus filhos no campo os tratava como trabalhadores, por mais que fossem crianças eles tinham suas tarefas e metas diárias e a entrevistada continua *“vocês são mulheres assim... não tinha isso não... E não era ruim... não era assim...coisa de ruindade.. Não... tinha que ajudar... tem que ajudar.. Não era assim... mas gente via assim que .. A gente como mulher assim... não.. só meio [...]”⁵⁶*; Todos almoçavam juntos, trabalhavam juntos e descansavam juntos, naquele momento a luta era pra sobrevivência e era a jornada de grandes desafios.

Assim, ela e sua família moraram até seus 7 anos de idade em Anabu, depois seus pais retornaram a trabalhar com a fibra, mas a entrevistada continuou morando na cidade para realizar seus estudos e só ia para o interior durante as suas férias escolares; em seguida, mudaram-se para Nhamundá, e começou a estudar o ensino fundamental, ensino médio e depois fez o chamado magistério, que se tratava de uma especialização em alguma área específica, no qual a entrevistada fez em pedagogia.

Posteriormente que, se formou no magistério pela sua boa avaliação de seus professores ela foi selecionada para ministrar aula no interior, contudo, não especificou qual,

⁵⁵ SANTARÉM. Terra Santa- PA, 2018.

⁵⁶ Idem.

graças ao encorajamento de seus professores foi sua primeira experiência de trabalho na cidade, quando chegou no interior seus pais se mudaram de vez para a cidade de Nhamundá, quando tinha 18 anos conheceu seu atual marido o Sr. Mauro Augusto Loureiro, ela relata:

“É tipo assim... ele me enxergou não sei aonde.. Depois ele ficou mandando recado e a pessoa que andava comigo. Queria falar. Aquela coisa... (risos e gargalhadas) aí ficou... Foi... é... eu tava com 18 anos.. Aí eu ainda tava estudando... Aí foi que nos se conhecemos... Aí... Foi que eu fui pro interior.. Ele tocava pra cá... ele morava em Nhamundá. Aí a gente ficava se encontrando assim..”⁵⁷

No interior, sua primeira experiência de trabalho foi lecionar aula no chamado multisseriado, onde cada pessoa da sala poderia ser de uma série diferente, nessa localidade ela chegou quando tinha 20 anos de idade e já estava namorando o atual marido. Sr. Mauro Augusto natural de Nhamundá e trabalhava com música na época e tentavam conciliar o relacionamento com a distância.

Após um ano de namoro e com a dificuldade de conciliar o sistema multisseriado, a entrevistada confessa que se esforçou, fez sua parte, porém, não conseguiu continuar e resolveu se mudar para morar em Nhamundá. Ao se mudar do interior pensou em ir para Manaus, tentar emprego já que estava desempregada e não considerava opção voltar para o interior, havia uma tia que morava na cidade, todavia, foi uma amiga que indicou na prefeitura de Nhamundá para um novo emprego, no setor de pessoal que Dona Joana trabalhou lá por 2 anos, relatou um pouco de como era seu trabalho na época, como relata:

“[...]Nesse tempo não tinha computador e eu tinha um curso de datilografia que muito antes quando era naquelas maquinas ali... aí eu tinha .. e ainda era na máquina lá na prefeitura em Nhamundá.. Aí foi que por isso mais que eu conseguir o trabalho.. Aí a gente fazia assim o rascunho.. Tudininho era a folha de pagamento assim no papel mesmo. A mão... depois quando a gente terminava aí passa pro chefe aí o chefe vê se tava tudo ok.. Aí a gente datilografava como a gente falava né.. tudinho aquilo..”⁵⁸

Nesse período, a entrevistada já morava com o seu namorado, e depois de um tempo engravidou de sua primeira filha. Passaram alguns meses nos quais, a entrevistada falou com risos e sorrisos “aí é.. Ficou... junho, aí eu passei. Julho, agosto, setembro, outubro, novembro, dezembro, janeiro, fevereiro, março e em Abril ele decidiu ficar comigo mas enquanto isso eu trabalhando lá normal... trabalhava..”⁵⁹. Apesar disso, seu atual marido não dava certeza se realmente queria ficar com ela; Sempre informada sobre as eleições e prefeitos da cidade, ela já estava pensando na possibilidade de voltar a trabalhar na prefeitura

⁵⁷ SANTARÉM, Maria Joana de Souza, 48 anos, entrevista realizada no dia 17/10/2018. Terra Santa- PA.

⁵⁸ Idem.

⁵⁹ Idem;

e se questionava onde iria deixar sua filha, já havia conversado com a mãe que se precisasse teria que deixar a filha para tentar a vida na capital.

Passou por dificuldades, pensando em emprego, na filha, na sua mãe, foi quando sua filha completou 10 meses que, seu marido realmente assumiu ficar com a esposa e, o prefeito conhecido de Dona Joana ganhou, assim, ela conseguiu continuar trabalhando na prefeitura, porém um ano depois pediu licença para tentar a vida em Terra Santa no Pará.

Nessa nova localidade, ficou desempregada de abril de 1993 até janeiro de 1995, foi quando a prefeitura chamou para trabalhar e trabalhou nos anos de 1995 a 1998 como contratada, foi quando fizeram o concurso e Dona Joana passou no cargo de professora de nível médio. Nesse concurso que ela passou, teve a oportunidade de fazer um vestibular em que a prefeitura iria pagar graduação para 55 professores e professoras, ela passou escolheu cursar pedagogia novamente, começou a faculdade entre os anos de 2003 e 2004.

Os professores e professoras que passaram nesse vestibular se formaram em 2007, a prefeitura as vezes atrasava a faculdade, os professores eram de Belém e ela relata que muitas vezes ficavam sem aula e isso ocasionou na demora para se graduarem. Em 2007 teve outro concurso e Dona Joana passou no concurso para pedagogia.

Sr. Mauro Augusto, seu marido é músico, sempre trabalhou com a música, ele estava iniciando e tinha conseguido formar uma banda, é tecladista e tinha contato com outros artistas para completar a banda de instrumentos, porém, não era dono da banda, ele tinha um sócio no qual essa sociedade não deu certo e ele teve que vender a banda, os instrumentos e começar a seguir numa carreira solo, como ele é tecladista para realizar os shows, contratava cantores, mas sem vínculo empregatício.

Hoje, Dona Joana trabalha na prefeitura como pedagoga e seu marido continua trabalhando com música e, tem um clube de festas e eventos na cidade onde residem. Suas filhas Suena e Suiane moram e trabalham na cidade de Parintins.

Dona Joana foi carinhosamente denominada como menina no Anabú, sorridente, entusiasmada e sempre disposta a trilhar novos caminhos, pode relatar de sua trajetória com todos os sentimentos dos momentos em seus olhos, e pelo tom de sua voz, risonha, alegre e muito detalhista em sua história pôde nos proporcionar sua história de vida, e como a juta fez parte dela.

Irenilda Evangelista Garcia (2018)⁶⁰

A partir da rede de amigos e familiares de Parintins, essa entrevistada também era uma conhecida⁶¹. Minha amiga Thaís Maia me levou até a casa de Dona Irenilda. Cheguei na sua casa, típica casa numa boa região da cidade, sentamos na cozinha de sua casa, olhei ao redor os detalhes, quadros de fotos antigas, livros, organização, moveis de madeiras, linhas, agulhas, máquinas de costuras e bordados e enfeites. Assim, li o termo de consentimento explicando os motivos e uso da pesquisa, a mesma quis participar. Dona Irenilda Garcia tinha 80 anos quando foi entrevistada, já começou a entrevista dizendo “*Parintins, nascida e criada nesta casa*”. A casa aonde estávamos perpassa toda sua trajetória pois foi a casa onde ela nasceu e foi criada pelos seus pais.

Quando perguntei sobre sua história de vida, começou a falar sobre o trabalho da juta, um pouco nervosa, ela disse “*A minha história de vida, eu comecei assim, eu trabalhava assim... na juta né? Não... já menti nessa parte! (Risos – por ter esquecido) Eu... eu. eu trabalhei, eu me casei, primeiro não deu certo!*”⁶². Ela entrelaça sua história de vida com o trabalho da juta, e já nos revela que seu primeiro casamento não deu certo, com término rápido, ela ficou com filhos. Após esse rompimento a colaboradora afirma que começou suas atividades econômicas foi trabalhando com roupas, bordados e costuras, o que trabalha até os dias atuais, mas também relata que essa atividade não supria o seu sustento e de seus filhos, assim também tinha ajuda da mãe e do irmão para sua sobrevivência.

No interior chamado Valente, próximo da chamada “boca do limão”, uma região que fica próxima à cidade de Parintins, foi onde trabalhava no campo de juta junto com sua mãe e marido, e sua mãe ainda conseguia desenvolver outra atividade como criação de galinha, plantio de jerimum, melancia e feijão. Dona Irenilda também dava apoio nessas atividades. Ela nos contam que não morava na localidade aonde ficava os campos de juta, tinha que ir de canoa até essa região que demorava uns 30 minutos e, enquanto morou lá, fazia esse trajeto todos os dias.

Com o tempo abriram algumas empresas de juta na cidade de Parintins, na mesma época que Dona Irenilda voltou para a cidade e conseguiu emprego na chamada Martim Melo, que posteriormente cresceu e virou a chamada Cooperativa de Juta – COOPJUTA; A entrevistada declarou que trabalhava com portugueses e sua função era na parte de

⁶⁰ 2018 é o ano quando foi datada a entrevista na cidade de Parintins.

⁶¹ Conhecida é um termo utilizado no estado do Amazonas, geralmente nos interiores que é usado para falar de pessoas próximas, porém pessoas que não tem o contato diário.

⁶² GARCIA. Parintins – AM, 2018.

classificação na juta, e explicou que essa parte era de separação das qualidades da fibra: da mais escura a mais clara, que no final da equação iria diferenciar no preço da fibra. A colaboradora trabalhou nessa fábrica por 8 anos.

Nessa época a moeda era cruzeiros⁶³, ela nos relata que o valor que recebia para a semana e jornada de trabalho conseguia se manter de uma forma generosa e ainda relembra que os produtos de sustento eram mais baratos e conseguia fazer uma cesta básica para se manter durante a semana e também nos afirma “ *eu gostava de trabalhar como até hoje eu gosto de trabalhar.. eu não gosto de tá assim fiada⁶⁴ no dinheiro do meu marido não... ele não me reclama que eu pego meu dinheiro o que eu faço não, [...]ele não me reclama*”. Porém um tempo depois deixou o trabalho na Fábrica de juta a pedido de sua mãe e seu marido, pois já estava novamente casada e seu marido teria condição para manter os sustentos da casa e o trabalho na fábrica e os afazeres de casa a deixavam muito cansada.

Essa entrevistada me revelou a maior história sobre crença que será abordado, ela falou de muitos lagos que andou e como sabemos a juta precisa de regiões da várzea para florescer, assim ela revela o chamado “*lago do encantado*” que ficava a frente do lago onde eles trabalhavam com juta. Dona Irenilda me revelou sobre crenças Amazônicas que aconteceram no campo, os respeitos, limites e orientações que foram passadas a ela e a mesma obedeceu, pois, esse lago do encantado, ninguém morava lá tudo era mais verde, belo e repleto de animais, mas ninguém poderia pisar lá.

Apelidada de cabocla⁶⁵, conforme era chamada nos campos, Dona Irenilda mostra firmeza em sua voz, detalhes que fazem a diferença, informações, nomes e valiosas declarações, trabalhadora e gostava muito de trabalhar como revela em suas histórias, cabocla foi uma mulher de fibra. Pouco depois, da sua trajetória com a fibra tanto no campo quando na fábrica, Dona Irenilda e seu marido retornam a Parintins e nos dias atuais ela voltou a trabalhar com costura e bordado, em casa.

Dinelza Andrade Cabral (2018)⁶⁶

Para essa entrevista, lembro da minha amiga de Parintins Thaís Maia dizer “encontrei uma senhora que trabalha de juta, vamos!”, subimos na moto e fomos até uma parte de casas

⁶³ A moeda que estava em vigor entre os anos de 1942 a 1967.

⁶⁴ “Fiada” é uma expressão geralmente utilizada no interior do Amazonas que significa confiar, escorada ou agarrar a algo.

⁶⁵ “Cabocla” é um termo que possui inúmeros significados, para este, trata-se de uma mulher trabalhadora, ribeirinha e nativa das regiões amazônicas.

⁶⁶ 2018 é o ano quando foi datada a entrevista na cidade de Parintins.

bem próxima ao rio, onde conheci uma senhora chamada Dinelza Cabral. O relato foi realizado no 19/10/2018 às 15:30 no último dia da minha estadia na cidade, foi realizada na casa da colaboradora, foi conversado com a entrevistada e feito o pedido para conceder a entrevista, a colaboradora de primeira não aceitou o convite porque não sentia que iria ajudar em nada, mas depois mudou de ideia e concedeu a entrevista. Antes, de a entrevista iniciar foi lido o termo de consentimento explicando que as informações ali coletadas não seriam usadas para nenhum um fim de publicação em jornais ou algo do tipo, somente para o trabalho acadêmico do mestrado, e questionado novamente se a colaboradora aceitava conceder a tal entrevista e se ela não quisesse responder algumas das perguntas não teria problema.

Cheguei numa parte distante da cidade, atravessamos a cidade, em um local muito bonito, com uma vegetação ao redor e lá tinham casa de madeiras construídas em cima de um lago e um corredor bem no meio delas, lá era onde Dona Dinelza residia, ela puxou uma cadeira de madeira para que eu pudesse sentar e pegou um banquinho para se sentar bem no corredor da entrada de sua casa, ela disse que lá ventava mais.

Em seu rosto tinha um olhar sério e concentrado em cada palavra que eu dizia, muitas vezes nervosa contando as histórias olhava para fora da casa, para o lago/rio, Dona Dinelza de primeira me passou a identidade da típica mulher trabalhadora, seu rosto marcado pelo sol, sua fala marcada pelo sotaque, foi quando lhe perguntei “qual sua história de vida?” E ela bem direta, começou a relatar:

“Meu nome é Dinelza Andrade Cabral, a minha idade é.. sou de 70... 48 anos, e... eu sou... estado civil porque.. não sou casada, tenho 3 filhos, todos já são maior de idade e dois.. três netos.. estudei até o ensino médio né.. na Escola Estadual Irmã Sá, me formei só no ensino médio mermo.. porque eu tenho que trabalhar né, pra sustentar a casa, e sustentar meus filhos nas escola.. Graças a Deus hoje todos tudo tão .. já tão melhorando a situação de vida deles.. e minha vida no interior que foi mais difícil né.. [...]”⁶⁷

No interior do Paraná do Cumprido, próximo do rio Amazonas, “*aqui do outro lado do rio de Parintins*” conforme a narrado, é onde morou por muitos anos. Sua criação foi com o cultivo de juta, pois seu pai o Sr. Nelson Cabral Colares era agricultor e trabalhava com a fibra de juta, e cada vez que a várzea chegava sua família mudava de localidade. A cada nova localidade, teriam que começar todo o sistema de plantio; afirma que trabalhou com seu pai quando era criança na idade e 8 anos e toda sua família trabalhava no campo.

Em seguida desse período no interior, a entrevistada veio para a cidade de Parintins tentar a vida, estudar e trabalhar para seu sustento e começou a trabalhar em casa de famílias. Com 20 anos de idade, começou a estudar por conta própria e engravida do primeiro filho, o

⁶⁷CABRAL. Parintins-AM, 2018.

que foi um desafio para sustentar-se e a seu filho. Alguns anos depois, no qual ela não especificou o período, ela teve a segunda gestação e ficou casada com o pai do segundo filho. Um tempo depois, relembra um amigo já falecido que lhe ajudou a começar a trabalhar em uma escola pública ganhando um salário que ajudou a manter seus suprimentos no mês.

Hoje Dona Dinelza permanece casada e ainda mora na cidade de Parintins, é dona de casa, relatou que sua mãe já é falecida e seu pai mora com ela, é voluntária na igreja como professora de catecismo. No começo da entrevista não tinha certeza se iria ajudar seu relato, mas depois percebeu o quanto foi valioso as informações compartilhadas.

Marlene Gonçalves da Silva (2018)⁶⁸

A entrevista foi realizada na cidade de Parintins no dia 19/10/2018 às 19:29 no meu último dia de estadia na cidade, a colaboradora é vizinha e amiga de muitos anos dos familiares da casa onde estava hospedada, a família Uchôa, Mario Uchôa, Jeane Jacaúna, Gabrielle Uchôa, Maria Lívia Uchôa e Mario Uchoa Junior. Desta forma, informal Jeane Jacaúna foi perguntar se ela gostaria de participar. A entrevistada muito envergonhada, não quis de primeira por achar que não ajudaria ou que não teria trabalhado tanto, mas, depois concordou e fui realizar a entrevista em sua casa. No dia da entrevista, quando íamos iniciar, foi embora a luz da cidade, mas continuamos da mesma forma, pois ainda havia bateria no gravador e Dona Marlene quis continuar, estávamos sentadas no quintal de sua casa onde geralmente ela gosta de ficar, o céu estava iluminado e assim consegui prosseguir com as minhas anotações. A entrevista toda foi realizada no escuro. Antes de começar foi lido o termo de consentimento explicando que as informações ali coletadas não seriam usadas para nenhum um fim de publicação em jornais ou algo do tipo, somente para o trabalho acadêmico do mestrado, e questionado novamente se a colaboradora aceitava conceder a entrevista e se ela não quisesse responder algumas das perguntas não teria problemas.

Dona Marlene Gonçalves tinha 69 anos de idade quando fizemos a entrevista, nascida de Parintins, morou com a mãe até 12 anos de idade, foi trabalhar em casa de família⁶⁹ e depois retornou para morar com sua mãe. Em sua juventude, teve duas filhas Silmara e Ilda, e quando sua mãe foi para o interior a convite trabalhar com a fibra de juta, ela acompanhou aproximadamente com 18 anos de idade na região denominada Limão, e trabalhavam lavando e estendendo a juta, relata “ *Aí depois que eu vim do interior aí a gente morava aqui mesmo e*

⁶⁸ 2018 é o ano quando foi datada a entrevista na cidade de Parintins.

⁶⁹ Existe uma dinâmica dos interiores e da cidade grande, onde mandam as meninas crianças para uma tentativa de trabalhar em casa de famílias e terem a oportunidade de estudos e moradias.

*eu só ia lá dia de sábado a segunda-feira... quando era sexta-feira eu vinha embora, aí quando era na outra semana a gente ia de novo trabalhava de segunda a segunda, eu ficava de segunda até sábado...’’*⁷⁰; Relatou que as vezes trabalhava durante a semana e passava os finais de semana em Parintins, e ficava nesse trânsito de ir e vir até a localidade e também na periodicidade do período de plantação da juta.

Ao perguntar sobre momentos de diversão Dona Marlene conta sobre as serestas⁷¹, que acontecia a luz do luar com música, cantos e as pessoas que trabalham no campo, e diz “*Eu trabalhava a semana toda.. Aí dia de sexta-feira a gente ia pra festa*” ainda contou que nesse tempo o Boi de Parintins era muito bom; sobre crenças amazônicas revelou que todos tinham seu limites, horários e respeitos ao trabalharem na água e em certos horários.

Após fixar sua moradia na cidade de Parintins, Dona Marlene conta que chegou a trabalhar com juta em duas fábricas primeira na Caçapava e depois na Fabril Juta, porém não soube informar o período exato, pode contar um pouco do funcionamento da empresa, que haviam várias mulheres empregadas e por ser uma atividade que estava em alta na época haviam turnos de trabalho; não informou claramente o que fez depois do trabalho nas fábricas, porém afirmou que hoje Dona Marlene é dona de casa.

Dona Marlene estava um pouco tímida na entrevista, em sua trajetória de muito trabalho ainda teve momentos de diversão que contava com bastante alegria e risos; risonha e envergonhada, ela que no começo da entrevista não acreditava que seria de certa ajuda, porém no decorrer percebeu o quanto trabalhou e como as informações compartilhadas foram importantes para o trabalho.

Estrutura da dissertação

Diante desses contextos abordados, obtém-se material para os acadêmicos interessados em saber as movimentações econômicas e sociais na Amazônia e sua importância para historiografia. Desta forma esta pesquisa proporciona um novo olhar, especialmente as trabalhadoras e suas modalidades no processo de plantação da juta, da dimensão de ouvir, compreender e analisar as trajetórias de vida e sua relevância e relação para compor a historiografia da Amazônia.

No primeiro capítulo intitulado “Mulheres de Fibra: Colhendo Memórias”, inicialmente resgata um histórico sobre a fibra de juta, trazendo periódicos e trabalhos que discorrem sobre essa chegada e a importância desse produto para nossa região. Ainda, em

⁷⁰SILVA. Parintins-AM, 2018.

⁷¹ Festas a luz do luar, com músicas, danças e bebidas, geralmente acontecem no interior.

suas linhas discorre sobre como foi o contato de cada entrevistada com a fibra de juta, seus motivos e meios de terem acesso a fibra. O capítulo aborda sobre a importância da História Oral e História das Mulheres e suas peculiaridades ao trabalhar com esse campo. Busca criar uma diferenciação entre a memória e a lembrança, para entendimento dos relatos coletados. Usando-se dos conceitos de sotaques e vozes para compreendermos a particularidade das regiões Amazônicas e por fim, apresenta como cada uma teve seu primeiro contato com a fibra de juta. Ou seja, o objetivo principal deste primeiro capítulo é apresentar a colheita dessas memórias.

O capítulo II, intitulado “Tecendo Memórias: o Mundo do trabalho feminino no universo da juta no campo”, começa introduzindo sobre o universo de trabalho na juta, apresenta o tema principal e como é o trabalho com a fibra de juta contada pelas mulheres, objeto da pesquisa. Tem o objetivo de responder a pergunta “como se planta juta?”, quais modalidades, como são executados cada passo descrito pelas entrevistadas que tiveram essa experiência no campo. No segundo momento do capítulo, mostra o que acontece dentro do universo da juta, as lutas, as resistências, a degradação do corpo, as crenças, os medos, os cuidados e a religiosidade dentro desse universo. Traz uma ideia de que tipo de trabalho pode se enquadrar, trabalho forçado ou trabalho compulsório.

No capítulo III, intitulado “O trabalho feminino nas fábricas de juta na Amazônia” é o último capítulo dessa dissertação. Em suas linhas traz às mudanças econômicas, as empresas, a movimentação do campo para a cidade e o trabalho feminino nas empresas de juta. Também coloca em pauta uma discussão sobre os Mundos do Trabalho e o trabalho feminino no universo da juta a partir dos principais autores Edward Thompson (2001) e Michelle Perrot (2007). E também, apresenta-se outros assuntos pertinentes, como a cultura popular que até hoje ainda apresenta os trabalhadores de juta como personagens importantes para a região Amazônica.

Assim, na última seção da dissertação também encontram-se as considerações finais, com o objetivo de apresentar os resultados dessa pesquisa, as dificuldades e desafios que fizeram parte dessa jornada, trazendo um desfecho sobre o objeto da pesquisa e o resultado final da colheita e da tecelagem dessas memórias das mulheres trabalhadoras de juta.

Desejo a você uma boa leitura, seja bem-vindo ou bem-vinda ao mundo feminino do trabalho da juta na Amazônia. Conheça histórias que estiveram guardadas, esperando para serem contadas.

CAPÍTULO I

Mulheres de Fibra⁷²: Colhendo Memórias

Nesse momento, iremos compreender como a fibra de juta veio para o Estado do Amazonas e com isso iremos começar a tecer nosso caminho nas linhas de vida das nossas colaboradoras e conhecer como cada entrevistada teve seu contato com a fibra de juta. O objetivo principal é mostrar os sotaques e palavras das narradoras onde iremos abordar sobre suas trajetórias. Ainda neste capítulo, iremos compreender como a memória coletiva e uma identidade coletiva nos auxilia para a releitura de uma temática com uma nova ótica. As colaboradoras são apresentadas de acordo com a ordem de realização da entrevista.

1- JUTA: um breve histórico da fibra na Amazônia

A juta marcou sua expansão no Brasil para a fabricação de sacaria, exigência para exportação dos grãos de café. Os fios firmes de juta, tecidos, não trazem o uso contemporâneo, verificou-se que ao longo do tempo sempre foram utilizadas, suas propriedades têxteis independente do clima de qualquer região são exploradas em diversos países no mundo, dentre suas características são brancas, fortes, firmes, flexíveis e servem para diversas utilidades, entre elas sacarias, tapetes, redes, linhas e entre outros⁷³. Descreve Ferreira (2014):

“A juta é uma planta anual herbácea ou sublenhosa, de três a cinco metros de altura, caule simples cilíndrico raramente ramificado na parte inferior. Possui folhas alternas, agudas, acuminadas ou lanceoladas, lisas, verde-claras, de cinco a dez centímetros de comprimento. Sua composição química [...] representa papel de destaque na confecção de embalagens para o transporte dos produtos agrícolas, pois a maioria destes produtos pode ser acondicionada em sacos confeccionados a partir de suas fibras. O comprimento médio das fibras é de 3,20 cm, e o seu principal emprego é nas indústrias de aniagem. Esta planta também recebe diferentes nomes em diversos países, tais como, Gunny Fiber, Jute na Inglaterra; Jute na França; Yute, nos países de língua castelhana.”⁷⁴

A malva foi a substituta da juta na Amazônia, possui as mesmas características botânicas, a única diferença apontada em estudos é que a malva tem propriedade mais resistente, produz fibras mais longas e aguenta aos ataques de pragas e insetos.⁷⁵

⁷² O nome deste capítulo foi inspirado na toada “o povo de fibra” do boi bumbá Garantido. Em específico para este trabalho mudei de “o povo” para “mulheres”, pois elas são a fonte, objeto e vozes dessa pesquisa.

⁷³ FERREIRA, Aldenor da Silva. A vida dos trabalhadores da juta da malva no baixo Solimões. Manaus, p. 124, 2014.

⁷⁴ FERREIRA, Aldenor da Silva. A vida dos trabalhadores da juta da malva no baixo Solimões. Manaus, p. 126, 2014.

⁷⁵ idem, p. 124.

Neste contexto teceremos a trajetórias da juta na Amazônia, que começa a partir de laços diplomáticos estabelecidos entre o Brasil e o Japão, que marcaram o século XX, pelo posicionamento de ambos, o país japonês que passava por regime político delicado com leis rígidas e fechadas principalmente nas questões imigratórias causando insatisfação popular⁷⁶ e o Brasil que estava presente nas rotações comerciais com as lavouras de café, com objetivo de alcançar plenitude no mercado internacional. Diante deste cenário, o Japão adota medidas diplomáticas de negociações para abertura de imigração para outros países⁷⁷. Logo, foi consolidado o Tratado de Amizade, Comércio e Navegação⁷⁸.

A partir dessas negociações, o andamento da aproximação entre os governos, em 1929 migraram para várias localidades brasileiras, entre elas nordeste e sudeste, com objetivo principal dos aprimoramentos com técnicas de agricultura e plantações. Os imigrantes se preparavam para trabalhar no Brasil com agricultura, estudando vários aspectos como o solo e o clima⁷⁹. Nesse diapasão, os colonos japoneses eram chamados de *koutakosei*⁸⁰.

Em 1930, aportam nas regiões Amazônicas sendo o município de Maués o primeiro lugar a trabalharem, após um período passageiro migraram para outra localidade⁸¹. No município Parintins na chamada de Vila Amazônia⁸² iniciaram-se as tentativas de aclimação da fibra, destaca-se nesse evento o japonês chamado Ryota Oyama (1882-1972), diante de suas tentativas fez germinar, progredir, crescer com inúmeras experiências as primeiras sementes de juta trazidas da Índia⁸³. Importante frisar que, os municípios de Parintins, Itacoatiara, Maués e Manacapuru, o chamado Baixo Amazonas, se destacaram nessa atividade

⁷⁶ FÖGER, Andreia; DADALTO, Maria Cristina. Imigrantes japoneses no Espírito Santo e mídia capixaba. Espírito Santo, 2010.

⁷⁷ SASAKI, Elisa Massae; ASSIS, Gláucia de Oliveira. Teoria das Migrações internacionais, 2000.

⁷⁸ O tratado assinado 5 de novembro de 1895, representou a iniciativa de selar amizade, o tratado visava aproximação, logo depois negociações e incentivos sobre imigração, o que possibilitou futuramente grande acordos entre os mesmos.

⁷⁹ HOMMA, Alfredo. Os japoneses na Amazônia e sua contribuição ao desenvolvimento agrícola. Bélem: Somanlu, 2009. A imigração japonesa na Amazônia sua contribuição ao desenvolvimento; O Engenheiro-agrônomo com Doutorado em Economia Rural, Alfredo Kingo Oyama Homma possui grande relevância nos estudos de imigração japonesa para o Amazonas, pela contextualização nos trabalhos referente agronomia, práticas, políticas, desenvolvimento agrícola da região e mão-de-obra;

⁸⁰ Os imigrantes japoneses antes de migrarem para o Brasil passavam por uma escola estudando as características e técnicas a serem aplicadas no solo brasileiro, pertenciam a chamada Escola Superior de Colonização de Kokushikan.

⁸¹ Em Maués trabalharam com o cultivo de guaraná mas logo se retiraram-se e migraram para outro destino por questões de problemas locais, e epidemia da malária. HOMMA, Alfredo. Os japoneses na Amazônia e sua contribuição ao desenvolvimento agrícola. Bélem: Somanlu, 2009. A imigração japonesa na Amazônia sua contribuição ao desenvolvimento.

⁸² Em 1930 foi fundada a Vila Amazônia, numa área de 10.000 hectares, no município de Parintins, onde ficou sediado o Instituto Amazônia que iniciou experiências de diversas culturas tropicais. BECHIMOL, Samuel. Amazônia Formação Social e Cultural. Página 420. Manaus, 1923.

⁸³ Homma, Alfredo Oyama. A imigração japonesa na Amazônia sua contribuição ao desenvolvimento agrícola. Brasília –DF, p. 45, 2016.

agrícola desde o início da saga na região, primeiro com os cultivos de juta logo depois com a malva.⁸⁴

Com avanços nas plantações e aclimações da juta, representou uma expansão significativa, o período caracterizado pós borracha, a fibra alcança grande êxito. Após o período da Segunda Guerra Mundial diante de diversas situações que envolviam os japoneses⁸⁵, as produções de juta migraram com maior ênfase para várias comunidades, campos e interiores que desenvolveram com mais ênfase o trabalho com a fibra⁸⁶.

A partir do período de 1950, identificam-se as fábricas relevantes para a história da fibra na Amazônia, com destaque na Tecejuta com sua construção começando em 1951 estendendo-se a 1965, diante de inúmeras questões referentes a construção da empresa física demorou um determinado tempo para finalizar, a fábrica de fiação ficava localizada na cidade de Santarém e foi administrada por um imigrante japonês chamado Kotaro Tuji⁸⁷.

A presença japonesa em Santarém é exclusivamente estimulada aos cultivos da fibra de juta. Nesse acontecimento empregou vários nativos, nesse município eles não possuíam um espaço delimitado ou cedido, como foi no caso da Vila Amazônia em Parintins. Os japoneses investiram nas tentativas de aclimação da juta, logo quando funcionou, as fibras foram processadas pela empresa Tecejuta, que tinham objetivo de venda direta para o sul do país em prol do café⁸⁸. Relata Ferreira (p.140, 2014):

“[...] o final da década de 1950 e a primeira metade da década de 1970 representaram um marco histórico para a produção de fibras na Amazônia. No ano 1965 o Amazonas chegou a produzir 47.683 toneladas de fibras. Em 1967, amplia-se no Brasil o setor industrial têxtil e de aniagem, chegando nesse ano com uma capacidade instalada em torno de 80,3 mil toneladas, 50% da qual localizada na área Amazônica (IFIBRAM,1976). As fibras vegetais nesse período eram o principal produtos de economia amazonense⁸⁹.”

⁸⁴ FERREIRA, Aldenor da Silva. A vida dos trabalhadores da juta da malva no baixo Solimões. Manaus, p. 136, 2014.

⁸⁵ A Segunda Guerra Mundial e as decisões diplomáticas mundiais, o Brasil toma lado contra o Japão com isso, os japoneses que tinham imigrado para o Brasil começaram a ser vistos como inimigos, espões e alguns começaram a ser caçados pelo governo. KOUTAKUKAI, Amazon. A saga dos Koutakuseis no Amazonas. Manaus: Associação Koutaku do Amazonas, p. 70, 2011.

⁸⁶ EVANGELISTA, Ronaldo Gama. Trabalho feminino e relação de gênero na Fabril Juta de Parintins-AM(1970-1982), Universidade do Estado do Amazonas, p. 6, 2016.

⁸⁷ TRISTAN, Daniela Rebelo Monte. Trabalhadores da Tecejuta: Experiência Operária e construção de memória numa fábrica têxtil do oeste do Pará (Santarém,1951-1990). Universidade Federal do Amazonas, p 39-40, 2016.

⁸⁸ Tradução da autora da dissertação (tradução própria) Seção do capítulo I, chamado o complexo japonês. NUGGET, Stephen. *Amazonian Society an essay on Invisiblity and Peasant Economy*. London. Berg Publishers, p. 194, 1993.

⁸⁹ APUD. IFIBRAM,1976. No texto FERREIRA, Aldenor da Silva. A vida dos trabalhadores da juta da malva no baixo Solimões. Manaus, p. 140, 2014.

Em Parintins⁹⁰, instalou-se uma fábrica de juta chamada de Fabril Juta em 1960 que, teve funcionamento ativo durante 15 anos, empregando homens e mulheres em atividades fabris, representou grande avanço econômico para a história da cidade⁹¹. Considera-se que a juta em toda a Amazônia no período de 1960 tem seus maiores picos e auge econômico, por mais que a fibra seja considerada umas atividades que estava em constante oscilação entre altos e baixos⁹².

No ano de 1974, outra empresa que se destacou em Parintins para o crescimento econômico da cidade, inaugurada a Cooperativa Mista de Juticultores de Parintins – COOPJUTA, a empresa trabalhava também com a malva, a fibra posterior a juta, com as mesmas qualidades que a juta oferecia⁹³.

Com a entrada da década de 1980, as indústrias e fábricas de sacarias continuam surgindo em grandes quantidades, o que modificou o cenário da economia da Amazônia⁹⁴. No Amazonas, Rio Negro/ Solimões, Médio Amazonas e Baixo Amazonas é fortemente caracterizados e palco das comunidades e Municípios que estavam presentes no período da juta, as áreas de produção de juta e malva no Amazonas no período de 1980 entre elas temos 24 municípios⁹⁵.

Muitos autores contextualizam sobre a fibra numa perspectiva mais econômica, pois isso movimentou com o cenário do Estado do Amazonas. Essa saga dos japoneses é datada a partir de 1939, e envolve o principal assunto a agricultura da juta que logo começou a entrar nos olhos da mídia, tanto pelo fato de trazer os imigrantes japoneses para o Estado com objetivo de implantação de métodos de plantação da fibra, as terras que foram conhecidas aos imigrantes e também pelo projetado balanço na economia.

⁹⁰ A cidade de Parintins, caracteriza o começo da fibra na região do Amazonas, a fibra da Juta por longos anos representou o carro chefe da economia do auge ao declínio da fibra, desse modo, as empresas que instalaram-se lá tornam-se relevante para o entendimento das dinâmicas que envolvem as movimentações da fibra na Amazônia, principalmente as dinâmicas de Juta no campo e Juta nas fábricas.

⁹¹ EVANGELISTA, Ronaldo Gama. Trabalho feminino e relação de gênero na Fabril Juta de Parintins- AM (1970-1982), Universidade do Estado do Amazonas, p.7, 2016.

⁹² FERREIRA, Aldenor da Silva. A vida dos trabalhadores da juta da malva no baixo Solimões. Manaus, p. 137, 2014.

⁹³ Documento de pesquisas internas da história da Cooperativa Mista de Juticultores de Parintins – COOPJUTA, recebido em 21 de agosto de 2018 após a visita ao galpão hoje desativa, localizado na cidade de Parintins.

⁹⁴ FERREIRA, Aldenor da Silva. A vida dos trabalhadores da juta da malva no baixo Solimões. Manaus, p. 145, 2014.

⁹⁵ Entre elas estão: Tapauá, Borba, Humaitá, Manicoré, Novo Aripuanã, Anori, Coari, Codajás, Maraã, Tefê, Autazes, Barreirinha, Careiro, Itacoatiara, Itapiranga, Manacapuru, Nhamundá, Nova Olinda do Norte, Parintins, Silves, Urucará e Urucurituba. Informação retiradas do Quadro 9: áreas de produção de juta e malva no Amazonas em 1980. FERREIRA, Aldenor da Silva. A vida dos trabalhadores da juta da malva no baixo Solimões. Manaus, p. 141, 2014.

O periódico Vitória Régia Nº 4 – Edição Especial de 32 páginas, traz na página 10 “Os Japonezes no Amazonas”⁹⁶ texto de Agnello Bittercourt, presidente do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas⁹⁷, de 31 de março de 1932. O autor do texto apresentado no período um panorama do processo de migração⁹⁸ como uma forma positiva ao Estado. Em primeiro lugar, ele sugere um comparativo de tratar da imigração em terras do Amazonas em Parintins e Maués, chama de estabelecimentos nipônicos⁹⁹. E também, utiliza da crônica o perigo amarelo¹⁰⁰ abordado pelo filósofo João Ribeiro, no “O Estado de S. Paulo” de 1º de dezembro de 1931 trazendo um contraponto a este pensamento.

Ainda, em suas linhas de pensamento, o autor fala sobre uma Amazônia vasta e vazia, utiliza o termo latifúndio para falar de um grande, verde e imenso lugar que precisava de população, ainda pontua inteirando que o Amazonas é uma das regiões mais despovoadas do mundo.

“Deserto verde, raramente interrompido por pequenos núcleos demográficos engastados em nossas expressas florestas, constituindo essas pobres cidades, villas, povoações do quase infindo, hinterland, amazonense.”¹⁰¹

Nessa citação ele usa uma palavra *hinterland*, que surge do alemão, em português seria hinterlândia. O conceito desta está ligado a um local com menos desenvolvimento dentro de um país, menos infraestrutura, menos população e recursos. Logo depois, ele vem falando sobre isso com o seguinte questionamento “Do que nos serve habitar uma zona riquíssima onde se encontra a maior e mais variada reserva florestal do mundo, si somos insuficientes para explorar, industrialmente, as essências, as valiosas especiarias que ela contém?”¹⁰² (Ribeiro, p. 10).

Assim, ele pontua, tem tudo nesse lugar, mas não é explorado, então precisaria de pessoas altamente qualificadas para explorarem de maneira correta e assim movimentar a economia do Estado:

“Como, porém, collinar esse objectivo sem pessoal numeroso, inteligente, organizado, isemto da visão rotineira de, somente, contar com a natureza, com a eventualidade dos preços muitos elevados? Como empreender esse rumo no caminho da salvação, si os poucos homens de trabalho, os extractores, nem ferramenta

⁹⁶ Texto na íntegra com a escrita portuguesa original da época. Durante as buscas de outras fontes para fazer um trabalho diversificado e rico em informações que pudesse proporcionar um olhar tanto na posição do estado quando da população, optei em colocar os períodos que encontrei que estavam falando sobre a chegada da juta no Estado.

⁹⁷ Texto na íntegra com a escrita portuguesa original da época.

⁹⁸ O sentido utilizado para esta palavra nesse texto é de entrada e saída de estrangeiros no Estado.

⁹⁹ Termo utilizado para falar dos japoneses.

¹⁰⁰ O termo perigo amarelo traz debates relacionado a um racismo considerado por muitos autores como uma forma de perseguição aos japoneses, aos nativos de outras região com outros costumes, cultura e práticas.

¹⁰¹ Vitória Régia Nº 4 – Edição Especial de 32 páginas. Página 10.

¹⁰² Idem.

possuem, nem contam os meios de transporte para collocar as suas jangadas no porto das serrarias? ¹⁰³

Nesse momento, existe um destaque no perfil desses imigrantes que vão aportar no Estado, e também um paralelo com a realidade do local, que era relacionado ao transporte, o que depois ele dá gancho ao debate sobre a economia, precisa-se de braços dispostos, ou seja, “a imigração é o recurso das terras como a nossa, se desejamos que ela se torne valorizada pela atividade humana” ¹⁰⁴. Sustentando o discurso de uma vasta Amazônia que precisa de exploração e mão de obra.

Na sequência, o autor faz menção ao período da borracha, que despertou interesse para imigrantes portugueses, turcos, espanhóis, porém, com a desvalorização mudaram de rotas, e felizmente é positivo os olhares dos japoneses para aportarem pra esta região.

Sobre o encontro cultural pontua que os japoneses se preparam, alguns deles, 60 rapazes estudaram agronomia, e concordaram com a mudança de vida, deixando para traz de seu país e embarcando para um país com uma cultura totalmente diferente, e adotando esse novo lugar como se fosse seu:

“Quando todos nos filhos do País do Sol Nascente assentam arraiares em nossas plagas, sem pedir o mínimo favor, senão na garantia de terras incultas, em que vêm trabalhar e prosperar, em seu e em benefício da região que os hospeda. E ‘um facto providencial, para contrabalançar o êxodo e quantos, aqui, se deixaram vencer pelo desanimo.

Está provando que a imigração japoneza é boa. Não vem pra dormir, nem incomodar a nossa polícia. Tão pouco traz a ideia do imperialismo. ¹⁰⁵” (Vitória Regia – edição especial, p.10).

Nessa parte o autor destaca, não existiram outras exigências além do acordo de concessão de terra para que eles pudessem ter um local para moradia. Também, faz um paralelo ao período posterior que foi protagonizado pela borracha e foi muito desafiador para os trabalhadores e trabalhadoras. Aqui, o autor assume o posicionamento de uma imigração positiva para o Estado, aonde os imigrantes vieram com objetivos e metas, e reitera que, na maioria das vezes os japoneses são instruídos, e que o coeficiente de analfabetos no país é nulo.

Ao falar de Maués, ele pontua que não foi uma jornada que parecia ir bem por conta do recurso enviado do país natal. Esse roteiro dos nipônicos é um assunto peculiar, pois, foi a primeira região que os imigrantes aportaram, tendo seu primeiro contato com clima tropical

¹⁰³ Vitória Regia Nº 4 – Edição Especial de 32 paginas. Página 10.

¹⁰⁴ Vitória Regia Nº 4 – Edição Especial de 32 paginas. Página 10.

¹⁰⁵ Idem.

da região e foram fortemente abalados por uma praga, muitos deles adoeceram.

Assim, ele conclui que nesse processo não haverá o chamado Perigo Amarelo, como João Ribeiro teria suposto em seu artigo. O autor de São Paulo assume um discurso relacionado a uma invasão japonesa, que é diferente de imigração sendo articulada entre o Brasil e o Japão. Para finalizar, Agnaldo Bittencourt diz “Amparemos os japonezes, na tentativa que estão realizando no Instituto Amazônia”. Eles não querem terras para dominar, mas terra para trabalhar, suprimindo a nossa insuficiência, no velho País do Sol Nascente.

Essa matéria que foi trazida pela referida revista, se torna importante para entendermos a dinâmica desta notícia para o Estado, em primeiro lugar temos um autor relevante para tratar desse assunto, pois, a chegada de imigrante muitas vezes assusta a população regional. Dessa forma, o autor mostra pontos positivos para o acontecimento desse processo de imigração e ainda pontua sobre quem são essas pessoas que estariam aportando no Estado, e principalmente ao fato de que não exigiram nada além do espaço para moradia. Esses atos fizeram com que a notícia fosse de espalhando no Estado, e a população tivesse acesso aos acontecimentos, pois esse fato gerou empregos a muitas pessoas nesse período.

As notícias sobre os japoneses na região também foram notificadas na revista Cabocla¹⁰⁶, Revista da actualidades,¹⁰⁷ edição de Junho-936 em Manaus, aborda sobre as terras que foram doadas para moradia dos japoneses e a psicologia da imigração como uma forma de tornar mais público esses acontecimentos.

No primeiro momento, a revista mostra a volta do deputado Antovilla Vieira e seu pronunciamento aos hectares que foram cedidos aos japoneses, debate que teria passado pela Câmara e pela consideração e julgamento do Senado. Neste caso, depois de 9 dias que, foi ao conhecimento do público, o deputado que estava fora da cidade, teria retornado ao Estado se pronunciou sobre o acontecimento:

*[...] discordando da extensão territorial da mercê e apresentando um projecto de revisão do contracto. O seu discurso, que conjuga límpido rhythmo de apelo aos seus pares a excelente analyse objetiva da consesão lufando-lhe os ângulos econômicos, raciais e sociaes de fortes jactos de luz, impressionou profundamente a casa e a opinião pública, ao mesmo tempo que levou muito enthisiasmo nutriende a oratória da Assembléia, reanimando-a para os debates traçado lhe os movimentos.*¹⁰⁸

Assim, o deputado na tentativa de abertura do debate e da decisão, traz a opinião pública como pauta, causando alerta a este assunto. Preocupando-se com o futuro da Pátria e

¹⁰⁶ Também pude encontrar esta revista que tratava sobre esse momento inicial que fazia parte das negociações internacionais e as movimentações políticas que estavam ocorrendo no estado.

¹⁰⁷ Nome na íntegra, como está na capa da revista.

¹⁰⁸ Revista Cabocla, Revista da actualidades. Edição de Junho-936, Não tem paginação.

assim, solicitando a revisão dessa Concessão para verificar se atende aos âmbitos econômicos, sociais e raciais.

Em uma seção destacada no canto da página com o seguinte título “Psychologia da imigração” a revista aborda sobre o assunto. Para esse, o texto enfatiza sobre o mundo da fronteira psicológica do povo, coloca em ênfase o conceito de pertencimento a um local e fala sobre a Pátria como um domínio de registro histórico e traz um debate que ultrapassa longos anos entre o sentimento individual e a Pátria. Coloca em questão sobre ser um estrangeiro e precisar ir a uma terra estranha, e o desconfortável, questionamento daqueles que ficaram “Não foste enriquecer na América?”¹⁰⁹

É um estrangeiro, ele passa também a ser estrangeiro para sua própria pátria, assim o autor compara esse processo a um renascimento, pois quem passa por essa movimentação, procura e se adapta a uma nova realidade, sociabilidade e cultura. Na sequência, o texto assume o posicionamento a favor dessa imigração custeada pelo Estado e reforça que “o imigrante depende da economia, e moralmente do país em que habita”¹¹⁰, no qual vai passar por intensos sentimentos de angústia do pertencimento de Pátria e por estar longe da sua origem, todavia, torna-se uma transição construtiva ao seu processo por mais que quem esteja passando por isso procure se livrar desse sentimento. Assim, conclui, “somos pela imigração dolorosa, que desperta no imigrante o desejo de vingança pelo trabalho, a vontade vingativa de triunfar no meio. E’isso que replanta o homem.”¹¹¹

Desse modo, a Amazônia está protagonizando situações simultâneos, o Estado com a presença internacional japonesa a partir da imigração, um produto que vai surgindo, a população que começa a se inteirar do que esse produto pode oferecer. Então, podemos entender o conceito de fronteira da Amazônia, que vai muito além de uma localidade geográfica de um território ou demarcação, trata-se de vários aspectos que a região pode apresentar tanto econômicas e sociais. Bem como, os seringais na Amazônia, que constituíram parte da História, temos a fibra da juta, que podemos encaixar na fala de João Pacheco, ao tratar dos seringais quando o considera na situação como fronteira, “um mecanismo de ocupação de novas terras e de sua incorporação, em condição subordinada, dentro de uma economia de mercado”¹¹².

¹⁰⁹ Revista Cabocla, Revista da atualidades. Edição de Junho-936, Não tem paginação.

¹¹⁰ Idem.

¹¹¹ Idem.

¹¹² OLIVEIRA, Joao Pacheco. O nascimento do Brasil e outros ensaios: “pacificação”, regime tutelar e formação de alteridades. Contra Capa: Rio de Janeiro, 2016, p 118.

Ao buscar interpretar a História da região, o conceito de fronteira torna-se necessário, principalmente na região Amazônica com a dinâmica de terra, água e floresta onde existe a possibilidade de várias formas de sobrevivência e produção para movimentação econômica ou de trocas. A noção de ciclo, busca um modelo de organização quadrado que por longos anos está infiltrado na História do Brasil como uma região que sobrevive apenas de um único produto, uma visão que só a econômica possa suprir tal local. Este trabalho não trata-se de um ciclo, com começo, meio e fim, com uma ideia produto único que move uma economia.¹¹³

[...] Dividir ou subdividir a história da Amazônia em ciclos ou produtos, impede esclarecimentos o principal, ou seja, quais foram as formas de utilização de força de trabalho; que de maneira era incorporada a mão-de-obra aos processos de trabalho utilizados nesses diferentes momentos de incorporação da Região, ao processo de acumulação de capital; e como as formas de produção anteriores resistiram aos processos de subordinação ao capital comercial.¹¹⁴(Pinto, 1982,p.3).

Destarte, a fibra de juta/malva teve seus períodos de auge e declínio, contudo, as outras atividades agrícolas que já existiam, permanecem em desenvolvimento, a juta é um produto sazonal e nesse período onde a fibra ainda não estava finalizada como produto para venda, eram realizadas outras atividades como: pescas, outros plantios e colheitas, semeadura, produção de farinha, etc. A juta, entra no cenário do Estado, e, a população regional começa a fazer parte desse processo, num período onde muitas pessoas que nasceram ou que viveram, tiveram contato com a fibra por diversos motivos.

2-JUTA: um destino em comum

2.1 Maria Vasconcelos Ribeiro Printes

Para essa colaboradora, foram realizados dois relatos com Dona Maria Printes, na primeira entrevista estava presente somente o colega de mestrado Franco Lindemberg e na segunda estive presente junto ao orientador da pesquisa, professor Dr. Davi Avelino Leal, e nas duas entrevistas a colaboradora se lembrava com alegria do período que trabalhou principal do Sr. Ryoto Oyama, podendo compartilhar o carácter de companheirismo que ele tinha.

Dona Maria Printes, não se recordava de datas exatas que teria começado neste trabalho, então a partir de seu relato, de sua idade, podemos compreender a aproximação da data em que

¹¹³ Idem, p. 118-119.

¹¹⁴ PINTO, Ernesto Renan Melo de Freitas. Os trabalhadores da juta: estudo sobre a constituição da produção mercantil simples no médio Amazonas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre – RS, 1982, p. 3.

ela teve seu primeiro contato com a fibra ela relata “há! Não me fale do meu ano que eu não sei lhe dizer quantos anos tinha”.¹¹⁵

Quando ainda criança, Dona Maria Printes com 12 anos de idade teve seu contato com o trabalho da juta, ela disse “Era nova, era mulher bem nova, mas muito trabalhadora, eu trabalhei o japonês gostava muito da gente!”.¹¹⁶ Relata que trabalhou com os japoneses na Vila Amazônia e que nesta localidade trabalhavam muitas pessoas, entre homens e mulheres:

*É o Ryoto Oyama, eu conheci trabalhei muito com ele, com ele com os filhos dele, o kazuma que é o filho dele, o Tamom que era o filho dele, esses dois que eram filho dele, tem uma filha Sonya a filha mais criança, a Sonya essa não trabalhava não, ele tava estudando depois ela se ligou, casou e ela não sei se ainda ta viva por aqui por Manaus, e a outra foi embora pra Recife a outra filha que ele tinha, era quatro, mas quem trabalhou mesmo era ele o velho e os dois filho, o kazuma e o Tamom.*¹¹⁷

Conforme abordado anteriormente, os japoneses aportaram para o Brasil entre 1928-1929, estudaram técnicas de plantio para o cultivo da fibra de juta, após chegarem a região não tiveram sucesso de primeira e o japonês Ryoto Oyama pelas suas inúmeras tentativas conseguiu um método de fertilização da fibra, ficou conhecido como o “Pai da juta”, pois conseguiu fazer germinar a fibra nos solos amazônicos. Dona Maria Printes que teve a oportunidade de trabalhar com ele, nos contou um pouco sobre seu perfil dessa mão de obra estrangeira, trazendo informações interessantes para o aporte de conhecimento sobre a Vila Amazônia:

*É eles trabalhavam, mas trabalhavam muito bem, é gente de paciência, a juta é paciência e eu pelo menos que mais gostava de trabalhar lá, todo mundo gostava deles, eles eram muito bacana com a gente, muito bacana, e assim a gente fomo trabalhando a juta foi aumentando, a gente trabalhando, capinando os caroço da juta, quando a arvore cresce e ela cresce grande ela floria aí a gente não corta mais a gente deixa maturá pra tirar o caroço pra tirar. Aí ele manda uns sacos, bastante saco de estupilha aí a pessoa vai apanhando pra apruveitar, pra apruveitar a semente, não pode perder um carocinho. É, não pode perder, a gente ajunta todinho.*¹¹⁸

O cultivo da juta, como será apresentado no próximo capítulo é um tipo de agricultura diferenciada, pois necessita de vários meses e de processos distintos que acontecem somente em certas épocas dos meses. Ainda no período inicial para obter uma semente de juta era um procedimento burocrático, porém Dona Maria Printes nos revela uma outra alternativa que foi encontrada dentro dos próprios campos, o reaproveitamento das sementes após o período de final da fibra:

¹¹⁵ PRINTES. Manaus – AM, 2018.

¹¹⁶ Idem.

¹¹⁷ Idem.

¹¹⁸ Idem.

*Sim, ela nasce! Ela nasce e cresce rápido. De repente você tá, ela tá crescendo, num demora ela tá folhando. Ela já vai dá fruto aí você tem que tirar a frutinha dela pra ir pulhindo, você não pode perder um carocinho, não pode perder nenhuma semente da juta. Toda plantação tem que ser assim. Planta tudinho, é rápido.*¹¹⁹

Essa narradora no ano de 2018 quando foi realizada a entrevista tinha 100 anos de idade, e algumas informações a entrevistada não se lembrava de datas, mas conseguia descrever situações, lembrar de nomes, experiências, fatos, e histórias ao acessar suas memórias com as perguntas no decorrer do seu relato. Para esta linha de pensamento podemos utilizar Michael Pollak (1989) que, aborda sobre a memória que de certa forma é uma particularidade que diferencia dos outros, os sentimentos de pertencimento e nos submete a um acesso a memória e para este o enriquecimento de uma história coletiva, onde muitas das vezes a pessoa pode não lembrar o ano, desta forma, como aquele acontecimento teve alguma relevância em sua vida, isso ocasiona em lembrar de detalhes importantes que sustentam suas lembranças.¹²⁰

Em um segundo momento, onde foi realizado a última parte da entrevista com Dona Maria Printes tem uma memória importante e nos relata “*eu morava em Parintins. Quando eu vim de Óbidos, eu morava em Parintins. De Parintins fui atravessar o Amazonas pra ir trabalhar com o japonês do outro lado do rio. Defronte de Parintins, de frente, em um rio chamado Cumprido!*”. A partir desse relato podemos entender a dinâmica que a colaboradora trabalhou tanto na Vila Amazônia quanto numa região de várzea em um rio chamado Cumprido, localizado nas proximidades de Parintins, ambos eram locais movimentados com os campos de juta, pois ficavam próximo do rio e a fibra necessita de locais cercados pela várzea:

*E assim nó fumo lá trabalhando, fumo trabalhando, muita gente fui trabalhando. Mas, depois ela fui acabando, a juta, a fábrica, fui acabando, fui acabando. Quando ela acabou, ela acabou tudo. Aí ele dispensou tudinho, o pessoal foi indo embora, cada um pegou seu rumo e nós, nós fomos, eu ainda fiquei lá, eu ainda fiquei lá. Ele num enxutou ninguém não, ele dispensou só, porque não tinha mais trabalho lá, acabou. Acabou tudo o trabalho aí ele dispensou, quem pudesse sair para procurar trabalho nutro lugar que podia sair. Muita gente saiu, mas eu ainda fiquei lá, ainda fiquei, passei mais um tempo. [...] Mas fui muito bom!*¹²¹

Em momentos da sua fala foi relatado que mesmo depois de muitos anos realizando o trabalho da juta no campo, muitas pessoas do campo foram dispensadas com o primeiro período de queda na agricultura da juta, o que logo depois, na retomada dessa econômica com o surgimento de indústrias, a colaboradora revela que teve a oportunidade de trabalhar com a fibra na cidade de Parintins, mas, depois de um tempo as indústrias fecharam.

¹¹⁹ PRINTES, Manaus – AM, 2018.

¹²⁰ POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. Rio de Janeiro: Estudos históricos, p.3, 1989.

¹²¹ PRINTES, 2018. Manaus – AM.

2.2. Maria da Daízes Jacaúna Carneiro

Dona Maria Daízes, iniciou sua fala nos revelando como entrou no universo da juta, foi depois que se casou com um rapaz “da Costa do Boto” região onde nasceu no chamado Igarapé do Boto, e assim permaneceram no local por alguns anos e iniciaram o trabalho com a fibra. O período em específico Dona Daízes não recordou, mas compartilhou de uma lembrança “...olha.. de 60.. 70... *ih! Lá vai..*”¹²², com uma fala que nos remete a entender que a colaboradora trabalhou por muitos anos na juta.

Ainda, em trechos de sua fala, relatou: “*quer saber minha idade que eu comecei a trabalhar com juta?.. com 16 anos.. com 16 anos.. aí eu me casei com 16 anos.. aí eu fui trabalhar.. aí eu fazia tudo isso desde nova..*”¹²³. Ainda, complementa sua frase dizendo que trabalhava junto ao seu marido e aguentava o peso que pudesse. De certa forma, em sua narrativa nos mostra que constituiu sua família nos campos de juta, e que durante a trajetória ela fazia o papel duplo, tanto trabalhava na juta quanto, tratava seus afazeres de casa.

Ao perguntar se ela e seu marido estavam ligados a algum tipo de sistema terceirizado ou se era um trabalho independente ela relata que trabalhavam por conta própria, e os fardos que saíam dos campos era diretamente para venda e o dinheiro era utilizado para seu sustento e pagar os seus funcionários. Em sua frase “*Não.. lá.. uma poção de gente que eu meu marido pagava gente também..*”, eles pagam trabalhadores para as atividades com a fibra e também contratavam pessoas que morassem próximos da região, ainda completa a frase dizendo “*É! É!...Tinha essas pessoas.. a gente trabalhava muito com pessoal mais também eu ia trabalhar..*”, no sentido de perdurar diariamente ao lado seu marido fazendo parte do trabalho.

Os campos de juta nos remetem a ideia de espaços grandes que a fibra necessita para crescer, florescer e designar de seus processos, dentro desse contexto a colaboradora em sua fala concretiza esse pensamento, “*Era! Era muita gente.. era 5 mil pessoas que trabalhavam nesse dia.. trabalhava rapazinho.. não tavam roubando como agora, que tão roubando.. rapazinho trabalhava.. de menor.. tava tudo trabalhando*”¹²⁴ um trabalho que por mais que fosse desafiador, muitos jovens encaravam a jornada para fazerem parte deste trabalho, o sentido em que a entrevistada diz “*.. não tavam roubando como agora*” é devido a essa modalidade de trabalho em que a pessoa precisaria se deslocar para outras regiões e a quem trabalhasse com a

¹²² CARNEIRO. Parintins-AM, 2018.

¹²³ Idem.

¹²⁴ CARNEIRO. Parintins-AM, 2018.

fibra iria fazer somente aquela atividade, sendo nos interiores ou em regiões mais afastadas e perto do rio.

Com essa jornada, muitos trabalhadores nos campos, uma fibra que demora meses para se desenvolver então eu perguntei “*nesse tempo dava dinheiro o trabalho com a juta?*” e a entrevistada respondeu “*É... dava dinheiro, a gente tinha as coisas.. dava dinheiro.. o pobre tinha dinheiro (sorriso no rosto) não é como agora.. que vive em crise.. a comida tá horrível tudo caro.. caro*”. Nesse momento ela falou da economia de anos atrás e fez um paralelo a economia de hoje.

Após, um período de aproximadamente entre 10 e 15 anos que viveu no interior e trabalhava com a juta, ela se mudou para a cidade de Parintins, e volta a trabalhar com a fibra, de uma maneira diferente, uma forma setorizada, ela começou a trabalhar empresa chamada Fabril Juta, e nesse momento estávamos no bairro de São Benedito, começo da baixa do São José se descesse a principal iríamos encontrar a Cidade Garantido¹²⁵, ela aponta na direção da Cidade Garantido me informando que era ali que tinha trabalhado, e ainda informou, que antes de ser a Cidade Garantido, funcionava a empresa Fabril Juta, pois nos fundos do terreno é de frente para o rio, e no processo da juta, precisa ficar de molho, e também as saídas e entradas de vendas faziam-se diretamente da empresa, os barcos atracavam e era realizado as transações comerciais.

Salienta-se que, Dona Maria Daízes só parou de trabalhar na Fabril Juta quando a empresa fechou as portas, foi quando ela começou com a venda de tacacá na frente da igreja São Benedito:

*Fiquei aqui.. Quando terminou.. quando acabou a Fabril.. eu inventei de botar essa banquinha era bem ali! (Apontando para a rua da frente) Dali [...] compraram isso aqui fizeram esse prédio, esse coisa.. aí eu vim pra cá! Que até hoje.. eu tô com quarenta e um ano aqui, jaz fez...vendendo tacacá.*¹²⁶

Dona Daízes, iniciou seu trabalho com a fibra no campo, atividade que requer esforço, tempo, entender a sazonalidade de Amazônia, deslocamento de sua casa até o local de trabalho, e depois de muitos anos ela chegou a trabalhar na indústria de juta, onde separava a qualidade das fibras, podemos concluir, que ela teve a experiência de ver nascer a fibra e depois trabalhar com a parte final, a fibra no seu último estágio é setorizada e industrializada.

¹²⁵ Cidade Garantido é o nome dado ao prédio do Boi Garantido, nele fica os troféus, títulos, instrumentos da batucada e parte musical e administração do boi.

¹²⁶ CARNEIRO. Parintins-AM, 2018.

2.3 Maria Joana de Souza Santarém

Dona Maria Joana, relatou que teve seu contato com a juta ainda criança, seus pais a Sra. Maria de Souza Santarém e o Sr. Edson Cunha Santarém eram agricultores, trabalhavam com pesca e plantações de outras hortaliças, por sua vez, no período de expansão da fibra na Amazônia, começaram suas atividades nos campos de juta, trabalhavam na região de Anabu e contratavam trabalhadores e trabalhadoras para desenvolverem o trabalho da juta e seus filhos faziam parte no processo também.

Em sua fala diz “ *Eles trabalhavam com juta, quando eles estavam criando a gente era com juta*”¹²⁷, Dona Maria Joana tem sua história marcada pelo crescimento com a juta, fica nítido quando ela remete eles criaram a gente com juta”, em sequência ela aborda sobre a luta pela sobrevivência, onde seus pais no ano de 1977 aproximadamente, estavam trabalhando exclusivamente com juta no interior.

Em sua fala ela confirma que a primeira parte do seu contato direto com a fibra foi até seus 7 anos, quando disse “*e nós vivemos lá até, diretamente, até uns 7... ano., uns 7 anos de idade, até os 7 anos de idade eu fiquei por lá, assim, aí depois disso que nós mudamos pra.. Nhamundá.*”¹²⁸. E relata que foi para Nhamundá realizar seus estudos e trabalhava nas férias da escola que tinha durante o ano, ela viajava para o interior ver os pais e realizava o trabalho da juta:

*Aí a gente vinha nas férias, Julho, nas férias... aí vinha dezembro, a gente ficava Dezembro.. Janeiro... Fevereiro. e Março... a aula sempre iniciava entre o dia 10 de Março 12 de Março, aí a gente ficava Dezembro, Janeiro, Fevereiro e início de Março, era o tempo mais prolongado que a gente ficava..*¹²⁹

Ao falar “a gente” a narradora se refere a outros irmãos e irmãs, no qual, não especificou, mas no decorrer do seu relato confirma no seguinte trecho “*era assim que era nosso trabalho. Era nas férias*”. A juta, a cada período do ano é realizada uma tarefa diferente que vai do seu plantio até a colheita, e com isso Dona Maria Joana nesse relato pode nos mostrar que teve o contato com todas as fases que a fibra possui.

Sobre os anos que a entrevistada trabalhou com a juta, ela não soube falar exatamente o ano, porém ela nos conta “*foi, a partir dos sete anos, aí ficou, sete, oito, nove, dez, onze e assim...*”, contando sobre a história de sua vida, ainda nos informa sobre o término dos seus estudos e do seu primeiro emprego que foi com a idade de 19 anos, logo a colaboradora teve aproximadamente 12 anos de contato com a fibra de juta.

¹²⁷ SANTARÉM. Terra Santa- PA, 2018.

¹²⁸ Idem.

¹²⁹ Idem.

Assim, Dona Maria Joana teve seu primeiro contato com seus pais com o trabalho na juta, e permaneceu por alguns anos, mas depois deixou a juta, assim como, seus pais também finalizaram suas atividades e a colaborada dedicou-se aos seus estudos e ao seu novo emprego.

2.4 Irenilda Evangelista Garcia

Dona Irenilda Garcia, entrou no universo da juta quando morava no interior chamado Valente, “*Aqui entra na boca no limão e tem um braço que entra pra cá assim, quem sobe ali o limão...*” que por sua vez, essa localização fica próximo da cidade de Parintins, ela também relatou que acompanhava sua mãe nas atividades que o processo da juta demandava:

*Eu morei no interior única coisa que eu fazia com ele no interior era estender a juta e recolher.. mas pro roçado, capinar essas coisas, e a minha mãe me acompanhava ela.. minha mãe era viúva ela gostava de plantar melancia, jerimum, milho, feijão.. eu ajudava ela a colher... pra casa criava muita galinha, lá no interior.. se ele não tinha tempo de pescar matava 3 frango até 4 fazia aquelas panelas pra nós pro roçado pros meninos e pra nós ficar em casa..*¹³⁰

Ou seja, seu contato com este trabalho foi a partir de laços familiares, e os campos de jutas além de serem grande, trabalharem muitas pessoas, e ter bastante plantações conforme ela afirma, muita das vezes precisava se deslocar para chegar no local de trabalho “*Daqui de casa aonde a gente mora, gente gastava uma hora e meia de canoa pra lá! Não era muito longe não.. Andava só de canoa*”¹³¹. Ao se referir daqui de casa, ela estava falando como se ao contar a sua história estivesse novamente no interior de Valente.¹³²

Ao perguntar se este local era uma comunidade, respondeu que não, era apenas um local aonde o empresário JG Araújo administrava “*Não .. não era comunidade.. era um local de um senhor que arrendava as terras pras pessoas trabalharem.. [...] Era arrendado*¹³³.. *era da companhia JG....*”¹³⁴. Eles trabalhavam nesse local, e prestavam conta com esse empresário para entrega do material e receber seus salários.

Importante destacar, que a companhia JG Araújo, este foi um empresário que marcou presença nos interiores e principalmente na Vila Amazônia durante o período da juta. Ainda, no interior de Valente, ela nos afirma que conheceu seu atual esposo que também trabalhava com a fibra de juta, contudo, obtinha de outras formas para ganho:

¹³⁰ GARCIA. Parintins – AM, 2018.

¹³¹ Idem.

¹³² Esse interior que a entrevistada nos relatou, ela não deu detalhes de localização de onde fica porém sabe-se que é na região do Baixo Amazonas.

¹³³ Arrendado é um termo que significa aluguel, ou cedido para alguém que vá prestar contas depois.

¹³⁴ GARCIA. Parintins – AM, 2018.

*Antes d'eu me casar eu já trabalhava lá. No expresso aqui de.. aí ele me tirou nos casamos e fomos pro interior.. depois eu votei pra cidade, aí eu gostava de trabalhar.. e ele reclamava mas ele ia.. eu gostava de trabalhar. Economia isso.. depois.. depois que ele aprendeu a vida de construtor.. aí pronto, ele não deixou mais eu sair, ele trabalhava ganhava bem lá.. nessas obras, essas obras essas casas tudo foi ele que fez.. [...] vendia. Tinha os patrões.. e aí quando nos moramos aqui no Valente, nós moramos 2.. 3 anos aí eu criava muita galinha, ovos, eu juntava galinha, 2/3 frango, eu mandava pra minha irmã vender.. ela comprava farinha, mandava ovos, ela comprava o ranchinho que quase no patrão ele só ia tirar dinheiro assim pra pagar os pessoal.. que trabalhava, ele passava mês pra lá trabalhando.. ia prestar conta e ele ia tirar o dinheiro mas nós nunca ficamos devendo..*¹³⁵

Após um tempo, não determinado pela entrevistada, seu marido começa a trabalhar com construção na cidade de Parintins e deixa o trabalho da juta, ambos se mudam para a cidade e Dona Irenilda começou a trabalhar na Fábrica de juta que antigamente era chamada de Martins Melo e depois virou a COOPJUTA. Sobre seu modo de trabalho nos campos, ela relata que estava sempre atrelada ao seu patrão, que no caso, ele fazia somente o pagamento pelo trabalho da juta, o restante de formas de sobrevivências ficava sobre a responsabilidade do próprio trabalhador ou trabalhadora.

Portanto, Dona Irenilda tinha 18 anos de idade em seu primeiro contato com a fibra, que data pela sua idade o ano de 1956 ao chegar em Parintins e começar sua segunda saga com a fibra de juta, a entrevista relatou que trabalhou 8 anos em fábrica, e afirma que trabalhou com a fibra até seus 27 anos de idade:

*.. aí tinha dias que a gente ia estender a juta na rua pra secar que as vezes vinha muito fardo molhado e a juta tinha que ser bem sequinha.. aí a gente saía estendendo das 7 da manhã até as onze hora tratando assim mana na no chão né.. pra secar bem a juta pra depois.. aí fazia o rolo e os rapazes carregavam pra dentro da da prensagem ... da fábrica .. aí a gente fazia tudo esse produção né.. trabalhava de segunda a sábado até meio dia aí a gente almoçava e duas horas a gente voltava pra receber o dinheiro da semana.. aí tinha semana que a gente ganhava até 5 mil..*¹³⁶

Sua rotina na fábrica foi diferente da rotina dos campos, ela trabalhava por escala de trabalho, o qual, ela se refere por turmas, e em horários alternados, muitas das vezes, quando tinha possibilidade era oferecido horários extras para que pudesse ganhar um dinheiro a mais do salário que era pago semanal.

Eu trabalhava com os portugueses.. era classificação, aí tinha a juta tipo 1 era a juta que não tinha nenhuma pelezinha tinha que ser bem branquinha brilhonzinha, quem fizesse dois fardos de de juta da da tipo 1 a 40kg a gente ganhava dois dias.. dois dias de trabalho. Aí tinha outra classificação, a gente trabalhava numa empeleita de 110 pacote, entre a tipo 3, o 5, o 7, o 9.. o 9 era a juta que era mais

¹³⁵ GARCIA. Parintins – AM, 2018.

¹³⁶ Idem.

*feia, dura.. A gente cortava aquelas cabeça dura e ia pra aproveitar a parte macia da juta... era essa nossa classificação...*¹³⁷

Escalas, folgas, dinheiro extra, em que Dona Irenilda começou a adentrar nesse novo universo. Depois dos 8 anos com todo o trabalho na juta, ela parou com as atividades por conta da empresa fechar na cidade, se dedicou a trabalho de costura depois, de um tempo parou suas atividades se dedicando somente as atividades de casa.

2.5 Dinelza Andrade Cabral

O primeiro contato com a juta de Dona Dinelza Cabral teve foi a partir de sua família, seu pai sempre trabalhou com agricultura e ela cresceu no interior durante um período de sua infância, e suas movimentações nas regiões Amazônicas se dava diante da sazonalidade da juta e seu pai que realizava várias atividades econômicas, ela relata no seguinte trecho:

*o meu pai é.. sempre foi agricultor, aí a gente se criou lá.. a gente se criou lá no cultivo da juta né? aí quando a enchente baixava assim por exemplo, a enchente vinha a gente se mudava pra outro interior que é pra comunidade da zona.. é...da terra firme... aí quando a agua baixava a gente ia pra zona rural.. onde o meu pai fazia a plantação da juta.. Aí a gente tinha que fazer um roçado grande né... depois queimava.. Depois ia fazer alimpar tudinho pra poder fazer o plantio da juta.. aí depois do plantio, ia crescer a juta aí a rente ia alimpar fazer a limpeza da juta pra ela crescer pra depois cortar ela quando a enchente vem, cortava ela pra ela ficar de molho pra poder botava uns mato por cima pra ela amolecer, porque ela é uma fibra, entendeu?*¹³⁸

O temo utilizado “terra firme”, representa suas viagens que fez para a cidade ou para locais onde se tinham plantações, pois, em muitos momentos ela relata que estava sempre nas proximidades do rio, isso acontecia porque a juta necessita de lugares da várzea para florescer.

Ela se recordou da idade exata que começou a trabalhar com a fibra repetindo essa informação em alguns momentos que tinha 8 anos de idade e trabalhou até seus 12 anos de idade com a fibra de juta. Então perguntei se haviam outras famílias que também trabalhavam com eles, e ela afirma “[...] nessa área era só a nossa família, mas tinha outras famílias que era o mesmo processo.. Entendeu? Cada um fazia o seu plantio, mas eram várias famílias assim.. Extensão de família que trabalhavam nesse, nesse ramo de vida.. Nesse tempo era isso que dava dinheiro pras pessoas sobreviver! Entendeu?”¹³⁹.

¹³⁷ GARCIA. Parintins – AM, 2018.

¹³⁸ CABRAL. Parintins-AM, 2018.

¹³⁹ GARCIA. Parintins – AM, 2018.

Por isso, podemos perceber que os campos de juta não se limitavam a trabalhadores e trabalhadoras mas, sim as famílias que embarcaram nessa trajetória juntos. Ao falar que essa saga começou a partir de laços familiares é porque ela, seus pais e irmãos todos estavam envolvidos com esse trabalho que representava uma forma de sobrevivência para toda sua família, ela relata *“Eu fazia tudo com a minha mãe, mais era eu, minha mãe meus irmãos que faziam né, era eu meus dois irmãos mais velhos..”*¹⁴⁰

Em outro momento de sua fala é voltada ao motivo de se envolverem com o trabalho da juta *“era pra sobreviver mesmo.. sobreviver.. nesse tempo a gente não estudava não era só trabalhar mesmo.. tinha.. nesse tempo não existia como agora, facilita tudo né pro estudo.. a vida lá só era trabalhar pra sobreviver mesmo..”*¹⁴¹. De certa forma um trabalho que tinha uma longa jornada ao longo do ano e estava em alta econômica neste período que proporcionava empregos, vendas, trocas por mercadorias e alimentos para consumo pois os olhos economia que estavam voltados a juta.

No decorrer da entrevista, foi questionado se a colaboradora teve alguma doença por conta de designar o trabalho da juta, ela pondera que não. Comenta que doenças só teve a catapora e sarampo que aconteceram enquanto estavam nos campos, porém não seria algo atrelado ao trabalho com a fibra.

Importante destacar que o Sr. Luiz Andrade Colares, agricultor e pai da entrevistada era responsável e encarregado desse campo de juta, vendia o material que produziam para uma empresa chamada Caçapava da cidade de Parintins. *“É depois.. depois que o papai deixou o lado de lá da juta né.. Que ele viu que não ia dar certo.. Aí a gente fomo pra . pra.. pra terra firma, lá o meu pai cultivava já era roça, não era mais juta..”*¹⁴². Depois que sua família terminou o trabalho no campo com a juta, Dona Dinelza foi morar na cidade de Parintins, e não optou por trabalhar nas fábricas de juta na cidade, ela começou a trabalhar com serviços domésticos em casa de família e em seguida começou a trabalhar em escola pública.

2.6 Marlene Gonçalves da Silva

Dona Marlene teve contato com a juta tanto no campo quanto na fábrica, nasceu na cidade de Parintins e morou com sua mãe até seus 12 anos de idade, morou um tempo sozinha e trabalhava em casa de família, depois retorna a casa de sua mãe, teve suas duas filhas e se

¹⁴⁰ Idem.

¹⁴¹ Idem.

¹⁴² Idem.

mudou para o interior chamado Limão com a sua mãe. Em suas palavras diz *“Ela trabalhava com negócio de juta também [...] ela ia lá.. que o marido dela trabalhava com juta, ele era empregado, do homem que trabalhava na juta, ele ia lá ajudar, com o pessoal..”*¹⁴³. Por conta disso, sua trajetória com a fibra se deu a partir dos laços familiares.

No interior ela trabalhou ao lado de sua mãe na função de lavação de juta, quando tinha 18 anos de idade, conforme relatou. *“A minha função era trabalhada, juta na lavação de juta, Na lavação de juta, lava, que é pra trabalhar, lavar a juta..”*¹⁴⁴. Nesta função é realizada no meio do processo que a fibra exige, depois da lavagem estendem para secar e empilhar nos fardos. Relata que dependendo da demanda às vezes lavava 80 feixes de juta, bastante trabalho e que tinham muitas mulheres e homens nesse processo.

Neste campo, onde ela trabalhava nas jutas que saíam de lá eram vendidas na cidade de Parintins e além da fibra realizavam outras atividades de agricultura, como por exemplo a mandioca. Depois desse período no interior ela retorna a Parintins e chegou a trabalhar em duas empresas de juta, relata *“Aí eu vim pra cá.. a gente veio de lá, quando terminou lá a gente veio embora.. eu trabalhei na Fabril aí.. primeiro eu trabalhei na Caçapava, Caçapava também era com juta..”*¹⁴⁵.

Nas duas empresas ela realizou tarefas diferentes, na primeira fábrica que trabalhou foi a Caçapava, ela estendia juta, processo que acontece depois da lavagem, e na Fabril Juta ela trabalhava na tecelagem, que, já é um processo final quando a juta já está classificada em suas qualidade e cores. Por mais que ela trabalhasse na Fábrica após sua mudança para a cidade, ainda continuou o trabalho no interior, em sua fala:

*Aí depois que eu vim do interior aí a gente morava aqui mesmo e eu só ia lá dia de sábado/ segunda-feira.. quando era sexta-feira eu vinha embora, aí quando era na outra semana a gente ia de novo trabalhava de segunda a segunda, eu ficava de segunda até sábado...*¹⁴⁶

Ao perguntar se Dona Marlene ficou com alguma doença depois do trabalho com a juta, ela relata que não. Depois de sua trajetória e pelo fato de não ter um trabalho fixo na fábrica a entrevistada parou de trabalhar com a juta e fixou sua moradia na cidade de Parintins.

¹⁴³ SILVA. Parintins-AM, 2018.

¹⁴⁴ Idem.

¹⁴⁵ Idem.

¹⁴⁶ SILVA. Parintins-AM, 2018.

3- Sotaques, Tempo, Memória, História Oral e História Oral das Mulheres

A ideia principal dessa seção é o debate que surge a partir dos relatos que foram coletados, com objetivo de analisar sobre o sotaque e as palavras que dão peculiaridade para cada entrevistada. O Tempo e Memória como o lugar onde as colaboradoras puderam retornar para compartilhar suas inúmeras experiências que aconteceram em diversos momentos em suas vidas e a História Oral, que nas linhas de pensamento de Alessandro Portelli (2016), nos revela a importância dessa fonte para a historiografia.

3.1 Sotaques

Nesse sentido, as trabalhadoras de juta não tinham nenhuma nomenclatura nos campos de juta para sua caracterização do trabalho, ou nenhum tipo de forma de diferença entre outros trabalhadores, o que pudemos perceber que cada uma pode transparecer seu sotaque e origem a partir de sua fala.

Portanto, sotaques, termos e palavras são identidades que vamos enxergar ao longo da narrativa de cada narradora, muitas das vezes podem variar de região ou em alguns casos podem ter o mesmo significado, por exemplo: *aproveitar*, este termo foi utilizado pela Dona Maria Printes em seu sotaque de Óbidos-PA para dizer aproveitar em determinada parte da entrevista, ela também utiliza *pudia*, *musso*, *depuis*, *butar*, *acabu*, *enxutou*, *sube e grussura*, por sua vez este sotaque emprega a pronúncia da letra “o” a letra “u”. Por outro lado, Dona Maria Daizes em sua fala utilizou *dipois*, *disfilhar*, *butar*.

Já Dona Irenilda Garcia em sua fala pausada não obteve termos que possamos notificar aqui e Dona Dinelza Cabral ambas em certos momentos repetiam algumas palavras para dar ênfase a histórias que estavam contando. Por sua vez, Dona Maria Joana Santarém utiliza *tudinho* e *tarra*; Dona Marlene Gonçalves, por sua vez utilizava bastante o termo “*a gente*” em sua fala para falar dela de sua mãe e suas filhas. Importante destacar que cada cidade, região ou interior desta dissertação tem seu sotaque das palavras e a maioria das pronúncias com a letra o é empregado o u no lugar durante a fala, o que não muda o significado somente a forma de falar.

Todas as colaboradoras utilizaram termos em comum que os trabalhadores e trabalhadoras da juta obtêm, como por exemplo “*Puxírum feixes*, *cuiváras*, *lera*” entre outras palavras que serão abordadas no decorrer próximo capítulo.

A entrevista foi pensada de uma forma aberta para que as colaboradoras pudessem nos contar sobre suas histórias e experiências, os temas ali elaborados para serem questionados,

posteriormente, o processo de transcrição dos áudios gravados, os assuntos passaram a tomar espaço em tópicos na dissertação, desta forma além de perguntas sobre história de vida, o trabalho na juta, também foi questionado sobre a religiosidade nessas regiões que são rodeadas pelas águas e florestas.

Algumas entrevistadas neste ponto mostraram de primeira sobre esse assunto, essa identidade religiosa, como por exemplo Dona Maria Daízes que ao relógio marcar 6 horas da tarde e o sino da padroeira de Parintins Nossa Senhora do Carmo ressoar, ela abaixou sua cabeça e fez o sinal da cruz, se benzendo, e rapidamente fazendo uma oração em voz baixa. Também cito Dona Maria Printes que tinha muitas imagens católicas na sala de sua casa, onde pude ver mesmo estando na varanda do lado realizando a entrevista e Dona Marlene, por sua vez, tem um quintal grande e em sua parede tem uma pintura nas cores douradas e branco Nossa Senhora de Parintins, terços e imagens em sua casa. Não entrei na casa de Dona Dinelza Garcia, e na sala de Dona Irenilda pude ver somente quadros de pinturas de foto e itens de costura.

Esses traços que podemos ver em cada colaboradora nos auxilia para a realização de uma nova análise, fundamentada na voz, palavras, olhares e timbres que foram apresentados por cada uma. Na integra, procuramos deixar todo o relato que foi feito na entrevista e ao citar nas partes da dissertação permaneceu de forma original, enfatizando como cada colaboradora pronunciou as palavras e repetição de frases ou termos.

3.2 Tempo, Lembrança e Memória

Como apresentado anteriormente, todas as entrevistas foram coletadas em um gravador no ano de 2018, isso nos remete a um tema necessário de ser abordada a relação entre o Tempo, Lembrança e Memória. Pois, lembrança e memória remetem a vivências, sentimentos, pertencimentos e interpretações.

Vamos analisar quanto tempo cada entrevistada teve que voltar para ter acesso àquela memória em específico que lhe foi questionada, qual seja, o contato com o trabalho na juta. Começando com Dona Maria Printes que tinha 100 anos quando foi entrevistada e teve seu contato com 12 anos de idade, no ano de 1931, no momento da entrevista ela acendeu uma lembrança de aproximadamente 80 anos atrás.

Dona Maria Daízes, entrevistada com 84 anos, teve seu primeiro contato com a fibra quando tinha 16 anos de idade, no ano de 1950, no ano da entrevista ela alcançou a lembrança de aproximadamente 68 anos atrás. Dona Maria Joana Santarém tinha 48 anos de idade no ato

do seu relato e teve seu contato com a juta quando tinha 7 anos de idade, contabilizando um obteve uma memória de 41 anos. Dona Irenilda Garcia que tinha 80 anos em sua entrevista teve seu contato com o universo da juta quando tinha 18 anos, ela relembrou os acontecimentos que viveu há uns 60 anos atrás. Dona Dinelza Cabral, ao ter seu primeiro contato com a fibra tinha 8 anos de idade, e no curso de sua entrevista tinha 48 anos de idade, ela relembrou os acontecimentos de 40 anos atrás. Já Dona Marlene Gonçalves tinha 69 anos no ano de sua entrevista, e tinha 7 anos de idade quando começou seu contato com o trabalho de juta e acessou aproximadamente 60 anos. Essa tentativa de quantificar esses fatos representam o seguinte entendimento, as reorganizações de lembranças com o sentimento de compartilhar alguma informação sobre o passado compõem a memórias.¹⁴⁷

Podemos dizer que a memória são capítulos e lembranças são fatos que aconteceram nesses capítulos, uma depende da outra para que possa ser transmitido numa temporalidade larga como foi o caso das colaboradoras:

*A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimentos e fronteiras sociais entre coletividade de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações, etc.*¹⁴⁸

A partir dessas memórias podemos entender os sentimentos de pertencimento de cada narradora, relacionada ao trabalho com a juta de forma participativa, efetiva ou ainda de ajuda, termo utilizado por elas, em alguns trechos. Também, podemos compreender suas relações sociais, as comunidades, e os modos de vida que aconteciam durante o período pesquisado, bem como, a região e a localidade. A religiosidade, que dá um âmbito mais pessoal de cada uma delas.

E assim poderíamos até encaixar esses relatos, em uma memória nacional¹⁴⁹, como ato de enriquecimento a partir dos compartilhamentos das entrevistadas para compor ainda mais o campo da História Social sobre esse assunto.

Importante destacar que essas análises e datas apresentadas, foram calculadas e analisadas a partir de informações compartilhadas nas entrevistas, ressalta-se que algumas vezes as colaboradoras não se lembravam de datas, ou estavam nervosas e acabavam esquecendo anos exatos, porém lembravam da idade que estavam em algum lugar, cidade, ou

¹⁴⁷SILVA, Tomaz Tadeu da. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais/ Tomaz Tadeu da Silva (org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward. 15 edição – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p.8-9.

¹⁴⁸ Idem.

¹⁴⁹SILVA, Tomaz Tadeu da. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais/ Tomaz Tadeu da Silva (org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward. 15 edição – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p.8-9.

trabalhando com a juta ou algumas delas lembravam somente o ano e não lembravam das idades.

3.3 História Oral e História Oral das Mulheres¹⁵⁰

A História Oral é a principal fonte desse trabalho, toda obtenção dos dados e conteúdos foram a partir dos relatos coletados. Por sua vez, o principal historiador desse campo é Alessandro Portelli, e a partir da metodologia que ele aborda em seus estudos foi utilizada como orientações. O autor nos relata que nos corredores da Universidade surgia um novo modo de pensar, era a chegada da “*Storie Orali*”¹⁵¹ a História Oral para o enriquecimento da historiografia, que representa uma grande contribuição para a chamada História Social.

Uma pesquisa, para que tenha valor acadêmico, necessariamente ele precisa ser um papel, escrito, essa exigência começou a acontecer com o andamento dos mecanismos das Universidades. Por outro lado, relatos, são conteúdos de forma oral, palavras que ganham vida e emitem sons ao sair da boca de um entrevistado, neste campo da História Oral, a entrevista é pensada como um documento, como qualquer outro e serve para cobrir espaços que são deixados entre a cronologia contada de um acontecimento histórico. A entrevista é transcrita porque o sistema exige isso, mas em algum lugar está guardado esse áudio que foi coletado.¹⁵²

O termo adotado para falar dessas narrativas que foram transcritas e utilizadas para esta dissertação foi **relato**, o sentido empregado na escolha dessa palavra é a arte de expor, narrar oralmente algo ou acontecimento. O dicionário Aurélio Ferreira (2021) o significado da palavra é “[...] 2. Descrição, notícia, informação, relação, relatório (de um fato, dum estado de espírito, etc.)”¹⁵³, mas ainda em alguns momentos utilizamos a palavra **entrevista**, pois a priori é uma entrevista, por conter perguntar, em seguida transforma-se em um relato por deixar livre o tempo e espaço, para a entrevistada expor aquilo se sente.

O termo para cada entrevistada foi adotado **entrevistada, narradora ou colaboradora**, no sentido de ser uma pessoa que disponibilizou seu tempo e memória para

¹⁵⁰ Esse termo História Oral das Mulheres é utilizado por Marta Gouveia de Oliveira Rovai (2017) em seu livro intitulado “História Oral E História Das Mulheres: Rompendo Silenciamentos - Marta Gouveia De Oliveira Rovai (Org.)”, no qual ela aborda sobre rompimentos e silenciamentos referente a oralidade feminina, de certa forma tentaremos utilizar esse termo para dar visão a outros significados que surgiram durante as entrevistas realizadas e os desafios que foram impostos ao tratar da relação entre mulheres e História Oral.

¹⁵¹ Palavra em seu idioma de origem, o italiano.

¹⁵² Palavra em seu idioma de origem, o italiano.

¹⁵³ Portelli, Alessandro. *Storie Orali. Racconto, immaginazione, dialogo*. Roma: Editore Donzelli, 2007, 2017 p. IX - XVII. Texto original livro em italiano.

conceder sua narração para servir de base para esta dissertação, e antes do nome de cada uma foi concedido o título de Dona, usado em respeito e também por conta da faixa de etária. A juta também possui o nome de malva, em específico na Amazônia, o que pode ser utilizado ambos nomes para referir-se a ela, porém todas as colaboradoras, só utilizavam o nome de juta, portanto, este será o termo mais utilizado.

Imagem 4. Parte 1 da Tela: Ilustrando a História Oral das juticultoras da Amazônia, o ressoar da voz¹⁵⁴. Pintura de Arildo Mendes, Parintins-AM, 27/11/2019



Fonte própria.

A imagem acima representa a arte de escuta da História Oral, podemos observar uma pintura da pesquisadora desta dissertação lendo o livro de Aldenor da Silva Ferreira “A vida dos trabalhadores da juta e da malva no Baixo Solimões”, sentada e se transportando nas palavras do livro. Do outro lado, temos uma criação própria do imaginário de Arildo Mendes, o pintor, que criou uma imagem de uma típica senhora do interior narrando suas histórias com semblante sério. Desta forma, o objetivo dessa dissertação não é somente bibliográfico, mas também de vozes.

Uma História Oral das Mulheres pode nos remeter a rompimentos e silenciamentos, história vividas esperando a hora para serem contadas, e o ato de se manifestarem sobre determinado assunto em uma forma pública, pensamentos e capítulos que saem do âmbito

¹⁵⁴ Esta tela será apresentada por partes no decorrer do segundo capítulo desta dissertação, onde irá abordar sobre o trabalho realizado pelas mulheres com a fibra de juta na Amazônia. Ilustrado na tela, a pesquisadora lendo um livro sobre a juta, e uma trabalhadora da Amazônia, uma idosa, trabalhadora da Amazônia relatando sua história de vida e sua experiência com o trabalho da juta. O significado dessa pintura é sobre a História Oral, como a pesquisadora teceu o mundo do trabalho da juta a partir dos relatos coletados.

interno para o externo. Não se trata de “dar voz as mulheres” pois, elas possuem vozes e precisamos disso.¹⁵⁵

*[...] é um compromisso político com a escuta atenta, ética e respeitosa por vozes que insistem em se fazer ouvir, abrindo brechas e produzindo questionamentos sobre sentimentos e condutas socialmente construídos e sobre a produção de uma história única.[...]*¹⁵⁶

Nessa pesquisa existiram situações peculiares, a primeira delas foi a participação, foi difícil encontrar mulheres que haviam trabalho com a fibra na cidade de Manaus, onde resido, houveram muitos homens que gostariam de fazer parte, porém a minha temática sempre esteve atrelada a mulheres. A partir da comunicação sobre o tema, e a rede de família e amigos, foram surgindo as mulheres que trabalharam com a fibra, em outras cidades. O segundo momento foi a participação de cada uma, pois algumas delas não achavam que iriam contribuir, outras achavam que não era importante o seu trabalho, outras já iam diretas ao ponto, umas mais calma em suas falas, como irei apresentar nos próximos capítulos.

As duas entrevistas com Dona Maria Printes foram pensadas de uma forma mais livre e solta, o que permitia a colaboradora abordar sobre diversos assuntos, foram realizadas poucas perguntas e muitas delas eram afirmativas aos fatos que ela já teria contado. Conforme já mencionado, essa entrevista foi compartilhada pelo colega de mestrado Franco Lindemberg¹⁵⁷. Dona Maria Printes que tinha 100 anos de idade na entrevista teve bastante paciência para voltar ao tempo em suas memórias e o que ela podia nos caracterizar e lembrar detalhes, ela se esforçava.

Dona Maria Daízes Jacaúna de primeira antes de começar a gravar quando estava explicando sobre o trabalho, ela já foi falando da juta em si, quando terminei a fala, ela foi paciente e esperou que as perguntas fossem feitas para abordar os assuntos, uma fala calma, pausada, muitas das vezes quando não lembrava datas exatas lembrava sua idade e o local onde aconteceram os fatos relatados, sorrisos e risadas também foram expostas por ela, sua entrevista durou 22 minutos.

Dona Maria Joana Santarém fez um relato mais longo, talvez pela idade, por ser mais nova, 48 anos de idade, ela relatava com muita paciência, e principalmente com detalhes de

¹⁵⁵ ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. *História Oral e a história das mulheres: rompendo silêncios*. 2017 p. 7-10.

¹⁵⁶ ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. *História Oral e a história das mulheres: rompendo silêncios*. 2017 p.12.

¹⁵⁷ Franco Lindemberg foi colega na turma de mestrado de 2018 do PPGH/UFAM, teve uma temática parecida com a minha e defendeu a dissertação de mestrado intitulada “Povo de fibra (mundos do trabalho no universo da juta (Baixo Amazonas: 1940...)”.

suas lembranças e memórias de quando era criança e trabalhou com a fibra, em um certo ponto ela se emociona bastante e chora, mesmo assim, a entrevista continuou e durou 1 hora e 17 minutos.

Já Dona Irenilda Garcia foi destrinchando sua história a partir das perguntas que lhe foram feitas, às vezes suas falas eram bem rápidas, compartilhando detalhes e explicando algumas classificações da fibra, a entrevista durou 23 minutos.

Por sua vez, Dona Dinelza Cabral foi uma das entrevistas mais rápidas, ela foi bem direta e tinha um olhar bem focado em cada palavra que eu dizia, cada pergunta que lhe era feita, ela fazia questão de pontuar da melhor forma, a entrevista durou 13 minutos.

Por fim, Dona Marlene Gonçalves, estava envergonhada ao fazer a entrevista e decidiu em cima da hora realizar, a luz foi embora na cidade, mas, continuamos a entrevista, muitas das vezes ela deixava passar algumas informações, não se lembrava de datas, outras vezes se lembrava da idade, a entrevista durou 10 minutos.

Assim, nenhuma disse algo negativo sobre o trabalho da juta, somente que era cansativo e também nenhuma delas deixou de responder nenhuma pergunta que lhe foi feita. As que tinham receita no início, se iria contribuir ou não, no final todas ficaram felizes no final por contribuir com a pesquisa.

CAPÍTULO II

Tecendo Memórias: O Mundo do Trabalho feminino no universo da juta no campo

Neste capítulo, o objetivo principal é o ressoar das vozes femininas dessa dissertação, numa perspectiva de apresentar o trabalho realizado pelas mulheres com a agricultura da fibra de juta. Esse olhar vai ser especificamente voltado ao trabalho da agricultura da juta no campo até sua última etapa onde geralmente é transportada para venda na cidade. Também, iremos abordar sobre as dificuldades que o campo possui, tanto da força de trabalho quanto das questões climáticas, a agricultura familiar, o trabalho infantil, os modos de vida dessas trabalhadoras, as dinâmicas de comercialização e as crenças Amazônicas. Discursando sobre os assuntos que foram direcionados nas falas das narradoras, objetivando contextualizar os conceitos presentes nos relatos que esteja relacionado a esse universo do campo dos plantios de juta na Amazônia.

1 - Pelas vozes das mulheres: Trabalho ou ajuda? Uma discussão.

Trabalho ou ajuda? Esse primeiro questionamento tornou-se necessário para abrir palco dessa discussão. Diante das seis entrevistas realizadas, três colaboradoras utilizaram a palavra ajuda para tratar da parte do trabalho que designava na juta. Deste modo, para este primeiro momento: o que é trabalho?

*O trabalho é característica humana desde os primórdios das civilizações. É por meio dele que os seres humanos ou as sociedades humanas produzem aquilo de que necessitam como também modificam a natureza, atuando sobre ela de forma racional e extraindo da mesma os recursos que demanda sua sobrevivência.*¹⁵⁸

O trabalho nessa perspectiva é uma atividade que possui a propriedade de transformar recursos naturais em objetos/instrumentos artificiais, por exemplo, podemos pensar, ao retirar a madeira, a partir do trabalho, ir até a floresta e cortar, este material pode ser transformado em mesas, cadeiras e utensílios que possam servir a necessidade humana. O trabalho é algo que precisasse aprender, não é uma ação que alguém já nasce sabendo, mas uma atividade que se torna necessário na trajetória do ser humano em prol de sua sobrevivência.

De certa forma, essa modalidade pode ser remunerada ou não, pode ser trabalho forçado, trabalho escravo, trabalho compulsivo ou trabalho livre, e entre outras categorias que

¹⁵⁸ FERREIRA, Aldenor da Silva. A vida dos trabalhadores da juta da malva no baixo Solimões. Manaus, p. 111, 2014.

almeja este termo. Nisso, entramos no universo de pensamentos sobre as modalidades do trabalho, que será abordado no decorrer do capítulo para conhecermos o processo da fibra de juta e cada passo que é realizado do início até chegar seu estágio final.

A fibra de juta é um tema que tem passado por muitos debates em várias áreas do conhecimento, entre elas: Ciências Sociais, História, Geografia e Serviço Social, cada universo faz contribuições seletivas, porém nessas discussões sempre é colocado o conceito de trabalho exaustivo e a jornada de desafios que a fibra traz.

De certa forma, em todas as entrevistas realizadas, nenhuma colaboradora entrou nesse conceito sobre a juta, sobre a forma de trabalho, degradação do corpo, doenças após o trabalho com a fibra, a jornada exaustiva de grande parte do dia dentro da água ou qualquer assunto referente a isso. Não houveram reclamações sobre estas questões. A fala sempre estava voltada a fazer parte desse trabalho e expor como funciona esse processo e principalmente como a juta teria sido a forma de sobrevivência.

Assim, não caberia aqui fazermos uma análise mais aprofundada sobre a condição humana de trabalho, colocando em ênfase os argumentos sobre a diferença entre o homem e o animal, racional ou irracional no conceito de trabalho, pois o nosso objetivo é o conhecimento do termo, e entendermos o que é trabalho.

O trabalho é a objetivação privilegiada que garante a condição humana, é a condição eterna do homem. Uma vez suprimido o intercâmbio com a natureza, ou suprimindo o trabalho, não há humanidade. O trabalho é a realização dos homens a essência humana, no sentido de um conjunto de atributos, de qualidade, é um conjunto de possibilidades que os homens, vem desenvolvendo no decurso da história. O homem é um ser que se constitui pelo trabalho e se realiza no trabalho.

159

De acordo com o pensamento do autor, os homens e mulheres necessitam da realização do trabalho. E isto é algo que se aprimora, com o passar dos anos, e o próprio ser humano encontra-se em meio a esse mundo de adaptações. Os crescimentos econômicos, sociais, afetam diretamente a vida desses trabalhadores.

Por outro lado, o conceito de ajuda está voltado a auxílio ou assistência, quando buscamos a palavra no dicionário. Não necessariamente traz o mesmo peso da palavra trabalho. Em algumas entrevistas encontramos colaboradoras que se referiam ao seu trabalho como uma simples ajuda. A diferença entre os dois termos trabalho e ajuda, pode ser um

¹⁵⁹ FERREIRA, Aldenor da Silva. A vida dos trabalhadores da juta da malva no baixo Solimões. Manaus, p. 115, 2014.

conceito que vai além do que a própria trabalhadora considera como ajuda para determinada atividade que realizava.

Deste modo, ao tratar sobre os dois conceitos abordados para a temática da pesquisa, as mulheres trabalhadoras de juta, podemos verificar que em algumas narrativas elas referiam-se ao trabalho como ajuda. Por exemplo, ao perguntar a Dona Maria Daízes sobre o seu trabalho na juta ela nos relata “*[...]eu aguentava peso que eu pudesse.. carregava.. eu ajudava o marido né, naquele a gente trabalhava junto com o marido... é..*”¹⁶⁰. A colaboradora expõe seu trabalho como ajuda por não conseguir carregar os mesmos pesos que os homens.

Dona Maria Joana ao perguntar sobre qual trabalho realizado na juta, ela relata “*[...] .. dos quatorze pros quinze anos aí.. nós começamos a trabalhar assim.. a ajudar mesmo de ir já cortar a juta.. que a gente já garantia..*”¹⁶¹ Ela começou a trabalhar com a fibra quando era criança, lhe era designadas algumas atividades que autocaracteriza como ajuda por não conseguir carregar peso em grande quantidade.

Por sua vez, Dona Dinelza, de primeira não queria participar da entrevista pois não via seu trabalho realizado como necessário, mas depois mudou de ideia. Ao ser questionada sobre seu trabalho com a fibra, relatou “*esse plantio ainda é da zona lá da juta ainda, que além da juta o Papai plantava isso também e a gente ajudava a plantar.. pra ter mais um ganho de vida..*”¹⁶²

O envolvimento começou com a mãe que trabalhava ao lado do marido e Dona Marlene em seu relato diz “*[...] o marido dela trabalhava com juta, ele era empregado, do homem que trabalhava na juta, ele ia lá ajudar, com o pessoal..*”¹⁶³. Nesse primeiro relato ela cita sua mãe, colocando como ajuda o trabalho realizado. Porém, no momento em que foi questionada sobre seu trabalho na juta ela responde “*A minha função era trabalhada, juta na lavação de juta*”¹⁶⁴. Nesse segundo momento, o trabalho em que ela designou foi setorial, somente com a lavagem da juta, no qual ela considera um trabalho em sua fala.

Por outro lado, temos Dona Maria Printes, que falava com encanto dos tempos que trabalhou com a juta e seus relatos eram cheios de detalhe e informações sobre a fibra, ela não usa o termo ajuda, inclusive em sua fala ela nos relata “*É muito trabalho, nós fizemos muito*

¹⁶⁰ CARNEIRO. Parintins-AM, 2018.

¹⁶¹ SANTARÉM. Terra Santa- PA, 2018.

¹⁶² CABRAL. Parintins-AM, 2018.

¹⁶³ SILVA. Parintins-AM, 2018.

¹⁶⁴ Idem.

trabalho lá! Muito! Nós plantava! Nós plantava os filho”.¹⁶⁵ Em sua fala podemos verificar que ela assume que desempenhou um trabalho na juta.

Dona Irenilda Garcia teve seu contato com a juta quando trabalhou na fábrica de Parintins, ela relatou sobre o trabalho setorizado e que na função em que trabalhava tinham muitas mulheres, ela ao falar do seu contato com este trabalho, ela diz “*Eu trabalhava com os portugueses.. era classificação*”¹⁶⁶.

Nesse sentido, os conceitos de trabalho e ajuda, ora apresentados, poderia nos fazer pensar então numa divisão sexual do trabalho? Para isto, Ernesto Renan (1982) em sua obra diz “Se a mulher deixa suas tarefas domésticas para ir executar tarefas na roça, essa participação não é vista como trabalho, mas como ajuda”¹⁶⁷. Nesta seção de sua obra, é abordado sobre os processos de organização da produção da fibra, e obteve vários relatos de trabalhadores homens, abordando uma série de debates como a agricultura familiar e o trabalho das mulheres. Ainda a luz de seu trabalho disserta:

No caso das famílias recentemente constituídas, sua participação é igual a de um trabalhador masculino. Quando, por exemplo, trabalha com o marido na juta, se o marido faz oitenta feixes de fibra, ela pode fazer um pouco mesmo, mas seu trabalho:

*A mulher sempre ajuda. Tem a capina. Fazer a limpeza. Tem delas que cortam, tem delas que lava. Tem delas que ajuda a carregar, afinal de contas, todo o serviço. Tem outras não que só faz estender.*¹⁶⁸

Assim, podemos entender que, a mulher realiza o mesmo trabalho, da mesma forma que o homem, independente de peso, contudo, nas falas de um trabalhador ele trata como ajuda. Para muitas delas, escapa essa dimensão das jornadas duplas ou triplas de trabalho. O que podemos pensar é caracterizar um trabalho como ajuda desvaloriza o trabalho¹⁶⁹, que por outro lado representa a divisão sexual do trabalho. As mulheres vão além de serem consideradas juticultoras, como trabalhadoras exclusivas de juta, mas como agricultoras, que fazem parte do trabalho com a fibra, mas em outros momentos conseguem ter outros plantios, para consumo e também para uma venda, em busca de uma renda extra, donas de casa.

¹⁶⁵ PRINTES. Manaus – AM, 2018.

¹⁶⁶ GARCIA. Parintins – AM, 2018.

¹⁶⁷ PINTO, Ernesto Renan Melo de Freitas. *Os trabalhadores da juta: estudo sobre a constituição da produção mercantil simples no médio Amazonas*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre – RS, p. 126, 1982.

¹⁶⁸ Idem.

¹⁶⁹ SCHMITZ, Aline Motter; SANTOS, Roseli Alves. A divisão sexual do trabalho na agricultura familiar. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos), Florianópolis. p. 5, 2013.

O conhecimento das mulheres foi auferido durante as entrevistas, pode-se perceber a ideia de experiência de saber todo o trabalho executado, muitas vezes com detalhes específicos como Dona Maria Printes que tinha 100 anos idade e pôde compartilhar. E assim, podemos observar que tem o mesmo peso que o trabalho realizado por um homem, sem o trabalho feminino nos campos, teriam a necessidade de contratar mais trabalhadores,¹⁷⁰

Na produção rural, a divisão do trabalho entre homens e mulheres é realizada em cima da oposição entre trabalho 'leve' para as mulheres e 'pesado' para os homens. Todavia, existe certa flexibilidade nesta divisão, uma vez que, de acordo com as necessidades dos sujeitos, ambos fazem tudo sem distinção de sexo, isto é, se for preciso as mulheres pegam no 'pesado' e o homem no 'leve'. Isso demonstra e reforça a ideia de que as diferenciações entre os sexos é uma construção sociocultural, já que as habilidades para desempenho de determinadas tarefas não são determinadas biologicamente e sim atribuídas a homens e a mulheres por influências ideológicas e culturais, em cada espaço social e contexto histórico.[.]
171

O termo produção rural, neste caso se encaixa para a atividade de agricultura de juta realizado em campos rurais, distante da cidade e próximo do rio, por requisitar tais recursos de acordo com as etapas da fibra. Essa questão, de divisão sexual do trabalho de uma forma setorializada torna-se, algo delicado quando se fala da juta, pois em alguns momentos veremos que a mulher pode, e faz todas as atividades da juta, dependendo de diversos fatores como a necessidade ou o número de demanda que precisam ser entregues.

Um outro olhar, seria “leves” e “pesados” atividades que podem ser divididas por esse quesito, o que muitas vezes não é só o peso e sim as horas de trabalho, trabalhos repetitivos, e outras questões que envolvem algumas atividades da juta, em que as mulheres fazem parte também. “As mulheres trabalham nas águas assim como os homens, diariamente, tendo a rotina dos trabalhos domésticos divididos com as filhas menores”¹⁷². Importante destacar que algumas atividades que apresentam riscos à saúde da mulher, e na maioria das vezes aquelas que trabalham por muitos anos em determinadas atividades.

O objetivo principal dessa seção é ter a sensibilidade de um olhar diferenciado para essas trabalhadoras que possuíam jornadas duplas, triplas, jornadas exaustivas. E entender, o que é ajuda e trabalho, como que esse termo ajuda, pode se sustentar pois muitas as vezes, as mulheres têm que se dividir em várias atividades durante o dia, como, cuidar da casa, cuidar dos filhos, plantar hortaliças para sobreviventes, etc, e ainda assim, conseguiam fazer parte desse trabalho da juta, que em qualquer parte do mundo é o mesmo trabalho.

¹⁷⁰ LIMA, Mayara Viana; SILVA, Sandra Helena. Gênero, trabalho e saúde da mulher: percepção das mavicultoras da Ilha da Valha-me Deus-Juriti/Pa. O social em questão – ano XX nº 38- Mai a Ago /2017. p. 110.

¹⁷¹ Idem.

¹⁷² SILVA, Sandra Helena. Mulheres cultivadoras de juta na região do baixo Amazonas. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos), Florianópolis. p. 4. 2013.

2 - A área da várzea

A água na vida do trabalhador e da trabalhadora da Amazônia se faz presente em diferentes aspectos, na pesca, no transporte, na criação de animais e/ou nos cultivos de agricultura. A área da várzea que é uma região banhada pela água, que se movimentam de acordo com a frequência dos níveis da água e cheias durante o ano. Para este trabalho, foi identificado que as trabalhadoras da juta realizaram suas atividades na região do Baixo Amazonas. Os locais registrados nos relatos coletados, foram: Vila Amazônia, Limão, Valente, Igarapé do Boto e Anabu.

Imagem 5: Parte 2 da Tela: Ilustrando a História Oral das Juticultoras da Amazônia, o ressoar da voz¹⁷³. Pintura de Arildo Mendes, Parintins-AM, 27/11/2019.



Fonte própria.

Conforme apresentado na parte 1 da tela ilustrada para esta dissertação, esta é a área da várzea, necessária para os campos de juta na Amazônia. Nesta imagem podemos verificar campos de juta na parte de trás, e na parte da frente à área da várzea, banhada pelo rio, e os feixes de juta, que permanecem por aproximadamente 15 dias mergulhados na água, e também ilustrados uma canoa, que representa o transporte desses trabalhadores. Nessa imagem, pode-se dizer que é uma paisagem típica dos campos de juta.

¹⁷³ Esta tela será apresentada por partes no decorrer do segundo capítulo desta dissertação e irá abordar sobre o trabalho realizado pelas mulheres com a fibra de juta na Amazônia.

Para o caso da juta, na maioria das vezes a água dos rios se faz presente nas regiões da várzea, mas em outras ocasiões são utilizadas áreas que possuem regiões próximas a igarapés. Pudemos verificar com o relato de Dona Maria Daízes, que trabalhou com juta no chamado Igarapé do Boto, e também ao consultar a cartilha da Associação de Crédito e Assistência rural do Amazonas – ACAR Amazonas, podemos constatar tais informações, pois a mesma está sendo utilizada como fonte para algumas informações complementares.

Para esse momento, não caberia uma análise de uma geodiversidade e nem tão pouco uma análise de física e química sobre de onde vem a várzea, ou a densidade das águas do rio. O objetivo é conhecermos a várzea como parte do território onde essas trabalhadoras designaram suas atividades com a fibra, pois independente da parte do Baixo Amazonas que cada entrevistada trabalhou, a área era sempre contada com as mesmas características. Assim, este momento é para o conhecimento de uma das partes do local onde iremos dissertar sobre o processo da juta.

De acordo com WITKOSKI (2007), os trabalhadores da Amazônia possuem uma relação com as águas denominadas águas de trabalho, que entre seus inúmeros conceitos destaca o esforço do trabalhador Amazônico em adaptação ao meio ambiente. Para este trabalho, assumimos a posição de entender a relação que as trabalhadoras tiveram com o uso desse recurso para instrumentos de trabalho,

Na verdade, o ecossistema da várzea encontra-se circunscrito pela dinâmica dos ciclos das águas: o período do plantio pode ser favorecido ou prejudicado; [...] A dinâmica imposta pelo ciclo das águas, que num momento mata e no outro ressuscita, faz crer, para esses homens, mulheres e crianças, que o que prevalece, no final das contas é a vida- por isso lá permanecem.¹⁷⁴

Dentro do conceito de águas, rios, cheias e vazantes, temos um conceito abordado pelo autor chamado de Ciclo da Águas¹⁷⁵, que por sua vez é uma tentativa de enquadrar os quatro estágios que os períodos de chuvas passam anualmente na Amazônia. 1) Enchente (dezembro-abril); 2) cheia (maio-julho); 3) Vazante (agosto-setembro) e 4) Seca (outubro-novembro). Assim, pode-se afirmar que o calendário não se ajusta conforme a necessidade tanto do ecossistema quanto da vontade do homem, e o trabalhador por sua vez, aqueles que vivem no campo e dependem das águas e das chuvas, entendem a dinâmica anual das chuvas, e em determinados períodos podem executar outras atividades.

¹⁷⁴ WITKOSKI, Antônio Carlos. Terras, florestas e águas de trabalho. Os camponeses amazônicos e as formas de uso de seus recursos naturais. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas. 2007. p.119 e 120.

¹⁷⁵ Este termo foi analisado e escolhido para fazer parte da dissertação porque a juta necessita das águas, em específico do momento em que os trabalhadores e trabalhadoras podem entrar na água para fazer a lavagem, se caso no ano tiver uma cheia fora do comum isso atrapalha o planejamento dos próprios trabalhadores e trabalhadoras que em determinadas épocas do ano já esperam que comecem as chuvas.

Por mais que, as áreas da várzea sejam da mesma forma em diversas regiões, é importante destacar que não são iguais no quesito de fertilidade. Na Amazônia Brasileira, essa diferença se dá pela nascente dos rios e por onde os rios percorrem. As qualidades de cada rio trazem essa particularidade para as várzeas¹⁷⁶, em outras palavras ter uma área de várzea não significa que seja 100% de fertilidade.

A água vai além de um meio de trabalho ou um meio de transporte. Também representam permissões, crença, respeito a todo um universo do imaginário Amazônico, que é passado de geração a geração, principalmente para as mulheres. Os rios da Amazônia possuem particularidades, são categorizadas por cores, águas negras, águas brancas, águas claras e também águas mistas. Depende da região onde o rio ou lago encontra-se, de certa forma, afirma o Portal do Amazonas “A Bacia Amazônica é a maior do mundo, e tem, ao todo, 6 milhões de km². Essa área abrange, além do Brasil, a Colômbia, a Bolívia, o Equador, a Guiana, o Peru e a Venezuela, que são os países que compõem a maior fonte de água doce do mundo”.¹⁷⁷ Ao falar do Baixo Amazonas, estamos falando de águas doces.

Assim, não necessariamente que a água possa guiar todos os passos dos trabalhadores da Amazônia, mas a discussão que é assumida aqui é, que as águas, as suas subidas, decidas, seus movimentos durante o ano vão implicar na capacidade de adaptação que o trabalhador e a trabalhadora precisam ter, seja na pesca, na criação de animais ou em plantios. Na obra de Francisco Vasconcelos (2014), o Regime das Águas, nos revela sobre as inúmeras histórias dos ribeirinhos e ribeirinhas que tem suas vidas afetadas pelas águas. Há momentos em que, a água possa trazer grande ajuda, como a fertilidade dos solos para o cultivo da juta.

Dona Dinelza Cabral em momentos que declarou sobre a movimentação de sua família, colocou em ênfase na sua narração, sobre a dinâmica das enchentes e como a vida dela e de sua família era afetada por este fator, ela relatou “*o meu pai é.. Sempre foi agricultor, aí a gente se criou lá.. a gente se criou lá no cultivo da juta né? aí quando a enchente baixava assim por exemplo, a enchente vinha a gente se mudava pra outro interior que é pra comunidade da zona.. é...da terra firme... aí quando a água baixava a gente ia pra zona rural.. onde o meu pai fazia a plantação da juta[.]*”¹⁷⁸

¹⁷⁶ WITKOSKI, Antônio Carlos. Terras, florestas e águas de trabalho. Os camponeses amazônicos e as formas de uso de seus recursos naturais. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas. 2007. p.115.

¹⁷⁷ Esta informação foi retirada do site do Portal Amazonas com a manchete “Conheça as diferentes cores de águas em rios da Amazônia e entenda suas mudanças” disponível em <https://portalamazonia.com/amazonia/conheca-as-diferentes-cores-de-aguas-em-rios-da-amazonia-e-entenda-suas-mudancas>. Acesso em outubro de 2020.

¹⁷⁸ CABRAL. Parintins-AM, 2018.

Em outro momento ao ser questionado sobre o trabalho com a fibra, a colaboradora ressalta “[..]... aí depois do plantio, ia crescer a juta aí a rente ia alimpar fazer a limpeza da juta pra ela crescer pra depois cortar ela quando a enchente vem, cortava ela pra ela ficar de molho pra poder botava uns mato por cima pra ela amolecer, porque ela é uma fibra, entendeu?”¹⁷⁹.

Durante a entrevista com Dona Maria Printes, aborda sobre a dinâmica das águas, ela relata “a gente plantava quando ia saindo a terra, por exemplo, saindo da água, fica aquela temembeca; meio em terra, meio em água, assim, meia água, mais água do que terra”.¹⁸⁰ Este estágio da agricultura da juta que a narradora se refere é sobre a plantação da cultura em solos da várzea, que apresentam solo molhado e com fertilidade.

Desse modo, pode-se entender que a água se torna um problema na vida desses trabalhadores e trabalhadoras, pois é uma incerteza. Nos trechos iniciais da história contada no livro relatam um pouco da dinâmica que acontece nas comunidades que ficam à beira do rio. A história que é contada, refere-se a um período em que houve uma grande subida das águas que ultrapassaria as marcas deixadas de anos anteriores, de certa forma, os trabalhadores da juta que precisam da água em momentos específicos foram afetados. “Os jutais, com as esperanças, seriam afogadas antes do tempo, os ribeirinhos, cuja a vida e tudo mais que tinham era que consequência direta do regime das águas[.]”.¹⁸¹

Dessa forma, o livro perpassa por vários outros setores da vida dos trabalhadores, a borracha, a pesca, os transportes, as vendas, a mão de obra e o preço final do produto, como a água faz parte de todos esses setores, e o foco inicial é a juta, onde os trabalhadores e trabalhadoras precisam se locomover a regiões próximas do rio, estando totalmente longe da cidade, e dependendo desses recursos naturais para as atividades da juta.

3 - A agricultura da juta contada pelas mulheres

Para esta seção, iremos dissertar sobre o trabalho realizado pelas mulheres nos campos de juta, daremos foco as suas vozes, mas também iremos utilizar de fontes, outros trabalhos para enriquecimento de informações e um aporte maior para a discussão da realização do trabalho da mulher com a fibra de juta.

¹⁷⁹ Idem.

¹⁸⁰ PRINTES. Manaus – AM, 2018.

¹⁸¹ VASCONCELOS, Francisco. Regime das Águas. Manaus. Editora Valer, p.9, 2014.

Esses tópicos que foram divididos para inserção das falas são referentes a duas fontes: a História Oral por meio da narrativa das entrevistas e também a fonte impressa, a cartilha do Serviço de Expansão Rural: JUTA. Instruções e informações técnicas sobre a cultura no Amazonas, a utilização da fonte impressa também se faz necessária para a compreensão de alguns termos rurais que as entrevistadas abordaram.

3.1 Terreno e Roçado (preparo do terreno)

O primeiro passo para realização da agricultura da juta é a escolha do terreno, no que este item implica favoravelmente no sucesso da cultura da juta. Geralmente, os bons agricultores, ou pessoas com experiências conseguem determinar uma área boa tendo em vista as várias fases do processo da juta. Essa escolha precisa ser em áreas próximas dos rios, geralmente áreas de várzeas para que em certo momento do processo da fibra possa acontecer, os passos de descanso e lavagem da juta.

A escolha do terreno deve ser levada em consideração o tempo em que os trabalhadores e trabalhadoras irão permanecer nesse local, sendo assim uma área disponível para tal plantio. Outro cuidado que se deve ter é verificar o local para que não contenha águas paradas, solo molhado ou pastoso, pois a juta não consegue vegetar nesses estágios, logo, a juta não pode ser plantada em igapós.¹⁸²

O preparo do terreno também pode ser denominado de roçado, Dona Maria Daízes no informa “*é..... Como é que a gente fazia o roçado... desde do começo é? .. A gente fazia o roçado... tacava o fogo... contar a história certa, como começo, aí a gente ainda ia cuivára*¹⁸³, *que é cuivára, jogar os paus tudo assim pra fazer o fogo, pra acabar com aqueles paus, aí a rente ia plantar a juta [...]*”¹⁸⁴ Que é a dinâmica de chegarem ao local onde vão trabalhar com a fibra e preparem aquele local com a limpeza e as cinzas que ajudam no processo de adubar aquele determinado espaço e no final a colaboradora em sua fala, ainda reitera sobre a preparação do terreno afirmando “*é.. Todo aquele quadro limpo*”.

Dona Maria Joana, que começou o trabalho com a fibra quando era pequena pois seus pais iniciaram essas atividades agrícolas nos relatou que “*o Papa fazia o roçado lá.. Ele*

¹⁸² Serviço de extensão rural: JUTA. Instruções e informações técnicas sobre a cultura no Amazonas. Associação de Crédito e Assistência rural do Amazonas – ACAR Amazonas. p.7, 1971.

¹⁸³ *Cuivára*, está escrito na íntegra da forma que a colaboradora falou. Coivara é uma atividade rural, geralmente antecede aos plantios que será realizado em determinados locais, são as queimadas que são realizadas com objetivo de aumentar o espaço do terreno, as cinzas também tem destino de adubar esses territórios.

¹⁸⁴ CARNEIRO. Parintins-AM, 2018.

plantava os... tudo era por conta dele.. o roçado era por conta dele..”.¹⁸⁵ Nessa fala podemos perceber que seu pai obtinha o conhecimento do terreno e por conta própria iniciava todo o processo para plantação da fibra, não nos revela que seu pai tinha posse de sementes para fazer tal atividade.

Ainda falando sobre esse processo de encoivramento, Dona Maria Printes que trabalhou na Vila Amazônia com a fibra, nos informa que “[...] *Fazia roçado pro outro lado de terra, fazia roçado, queimava. Coivarava, a gente tinha que coivará, e plantar*”¹⁸⁶. Informando que depois do processo de encoivramento a terra está apta para começar os plantios. Por sua vez, dona Dinelza Cabral fala sobre a importância de limpeza que o processo do roçado faz nos campos “[...] *ai a gente tinha que fazer um roçado grande né... depois queimava... depois ia fazer alimpar tudinho pra poder fazer o plantio da juta*”.¹⁸⁷

Na cartilha do serviço de extensão rural em seu primeiro quesito do campo que denominou como escolha e preparo do terreno, informa que depende do tipo de terreno para o preparo do mesmo, desta forma retiramos somente as que auxiliam para entendimento desse trabalho :

3- **Queima** – deve ser procedida depois de 20 a 30 dias da derrubada, quando o material desbravado estiver suficiente seco.

4- **Encoivramento** – consiste no apontamento dos restos de queimada (“coivara”) ao qual é novamente ateado fogo a fim de aumentar a área útil do terreno e, consequentemente quanto mais esmeradas forem as operações anteriores.¹⁸⁸

Observamos que as trabalhadoras fazem o processo de queima e encoivramento nas diferentes regiões que designaram seu trabalho com a fibra. Em suas falas, assumem como atividade inicial para o processo de agricultura da juta.

3.2 Plantio

Quando foi questionado as colaboradoras sobre o trabalho na juta, a primeira fala está relacionada ao plantio e capina. Nesse sentido, o plantio envolve em primeiro lugar a época escolhida pelos trabalhadores e trabalhadoras, denominada de plantio de lama, pois é um período onde a terra está molhada e apresenta certa fertilidade para vegetação da fibra. Na cartilha de serviço rural, esse período é entre agosto e setembro, e denominado de período de

¹⁸⁵ SANTARÉM. Terra Santa- PA, 2018.

¹⁸⁶ PRINTES. Manaus – AM, 2018.

¹⁸⁷ CABRAL. Parintins-AM, 2018.

¹⁸⁸ Serviço de extensão rural: JUTA. Instruções e informações técnicas sobre a cultura no Amazonas. Associação de Crédito e Assistência rural do Amazonas – ACAR Amazonas. p.7. 1971.

plantio de lama, porém, os plantios podem ser feitos de outubro a dezembro também. Pois, com a redução do período de enchentes reduz os riscos, e oferece boas condições climáticas.

189

Não tivemos informações de como as trabalhadoras teriam acesso as sementes, visto que, algumas delas trabalhavam por conta própria ao lado de seus maridos e outras teriam padrões.

Dona Maria Printes em sua fala aborda exatamente o processo do plantio e relata “*a gente ia plantar, pegava um pau, fazia assim, ia furando e aí plantando, ia furando e ia plantando, ia furando e ia plantando assim. Era os cá musso! Na escola de dois, ia banhar, tava tudo im pé! De repente se cria. É muito bunito, muito boa eu trabalhei seu*”¹⁹⁰. Explicando a forma inicial de como os trabalhadores faziam o processo de plantio quando começaram a trabalhar com o cultivo da fibra.

O plantio é a etapa em que começa a espalhar as sementes no campo para começar o processo de agricultura da fibra. Nesse ponto Dona Maria Daízes sobre o plantio, relata:

*Aí a rente ia plantar a juta... a as sementes né.. botava na máquina..[.] Ai a gente comprava uma máquina botava semente na máquina e fazia assim ôh, trac trac trac, ia plantando.. [.] é simentinha que jogava na máquina aí a gente ia plantar, ele plantava e eu também plantava... pá. pá.. pá.. até...*¹⁹¹

Dona Maria Joana relata: “[..] esse plantio o Papa mesmo fazia.. Ele ia com a máquina assim.. Uma máquina manual assim.. Ai eles iam plantando..”¹⁹² Ambos os relatos, podemos verificar que era utilizado essa máquina manual para esse processo de plantio da fibra.

Conhecida como máquina de “tico-tico” criada pelo Senhor Ryoto Oyama, essa máquina foi uma adaptação de uma semeadeira de arroz que era utilizada em São Paulo, com objetivo de facilitar as empreitadas desses agricultores e agricultoras, mas também numa mudança nas atividades, antes desta maquina eram feitos buracos no chão e lançadas no chão, o que ocasionava grande perda das sementes.¹⁹³

Em outro momento do relato de Dona Maria Printes ela diz “*Nós plantava! Nós plantava os filho. A juta quando ela tava grande assim, tinha muito filho, a gente arrancava e ia plantar noutro lugar.*”¹⁹⁴ Ela se recordava do processo em que os agricultores e

¹⁸⁹ Serviço de extensão rural: JUTA. Instruções e informações técnicas sobre a cultura no Amazonas. Associação de Crédito e Assistência rural do Amazonas – ACAR Amazonas. p. 8. 1971.

¹⁹⁰ PRINTES. Manaus – AM, 2018.

¹⁹¹ CARNEIRO. Parintins-AM, 2018.

¹⁹² SANTARÉM. Terra Santa- PA, 2018.

¹⁹³ HOMMA, Alfredo Kingo Oyama. A imigração japonesa na Amazônia: sua contribuição ao desenvolvimento agrícola. 2 ed. – Brasília-DF. Embrapa, p.52. 2016.

¹⁹⁴ PRINTES. Manaus – AM, 2018.

agricultoras conseguiam aproveitar as fibras “filhotes” de juta para plantarem em outro terreno numa tentativa de multiplicar a safra; Ainda em sua fala referente ao processo de plantio, ela nos relata:

*[...] Isso que está limpo aí, é terra do governo. Pra eles plantar juta aí com máquina, você limpa a terra assim. Agora por exemplo, você já tem o caroço aí, é só plantar. Pega a máquina, chama o rapaz, por exemplo e o senhor manda logo plantar, pega as máquinas e o caroço e aproveita a terra e vai plantar. É, tá no jeito de plantar. É, está preparada. Mas a gente planta no meio do cerrado. Tá cerrado, tá matinho, é só ir metendo a máquina e ela vai. Ela nasce, a juta é danada pra nascer, ela nasce. Com ela não tem conversa não.*¹⁹⁵

Sobre a área da várzea e o crescimento da juta, dona Maria Printes ressalta:

*sim, ela nasce! Ela nasce e cresce rápido. De repente você tá, ela tá crescendo, num demora ela tá folhando. Ela já vai dá fruto aí você tem que tirar a frutinha dela pra ir pulhindo, você não pode perder um carocinho, não pode perder nenhuma semente da juta. Toda plantação tem que ser assim. Planta tudinho, é rápido.*¹⁹⁶

Desta forma, Dona Maria Printes discorreu sobre a propriedade das terras em que trabalhava na Vila Amazônia, que eram do governo, pois essas terras foram cedidas para que os japoneses pudessem trabalhar com a fibra juntamente com os trabalhadores e trabalhadoras locais. Em sua fala, ela dá ênfase ao campo vasto que precisa existir para fazer o plantio, e principalmente sobre a máquina que facilitava o trabalho desses agricultores na hora de espalharem as semente no local, que foi citado também por Dona Maria Daízes e Dona Maria Joana.

3.3 Capina, espaçamento e desfilhação

A capina é o processo de limpeza dos campos, com objetivo de espaçamento entre as jutas que estão crescendo, Dona Maria Joana relatou:

*Quando chegava, chegava na parte da capina que a juta já tava.. vamos dizer.. nessa altura assim.. assim é.. nessa altura.. aí a gente já começava .. Já começava a capinar... porque a gente tinha que capinar, e como era tudo certinho.. Que eles... eles chamavam de lera né não..? (Questiona seu esposo olhando para o mesmo).. É leira. Lera!...[.] Era assim... Eles plantavam certinho assim ... essa cerâmica ... aí ficava esse espaço .. A juta aqui e aqui esse espaço que era pra onde a gente capinava no meio delas assim... era assim que era.. aí ele fazia esse plantio o Papa mesmo fazia..[.] .. aí quando já tava nessa altura assim que dava pra gente capinar..[.] a partir de doze anos que eu comecei a trabalhar..[.] Na capina..*¹⁹⁷

¹⁹⁵ Idem.

¹⁹⁶ Idem.

¹⁹⁷ SANTARÉM. Terra Santa- PA, 2018.

O processo de capina e espaçamento implica no sucesso do crescimento da juta, na citação acima a entrevistada dá um exemplo sobre a medida das cerâmicas, que seria aproximadamente 30 cm entre as fibras plantas. A cartilha de serviço de extensão rural juta, nos informa no tópico denominado “tratos culturais”. Nesse ponto, coloca com o principal objetivo duas atividades, as capinas e o processo de desbaste, que por sua vez é a desfilhação:

1- **Capinas** – tornam-se mais necessárias principalmente no início da cultura, quando a concorrência com as ervas daninhas é mais sentida. Nesta ocasião o mato leva vantagem sobre a juta, tornando as plantas cloróticas, raquíticas, prejudicando o seu bom desenvolvimento. Isto é mais agravante em solos menos férteis.
[.] 2 - **Desbastes** – (ou “desfilhação”) operação que consiste em retirar o excesso de plantas (as menos desenvolvidas) para favorecer o desenvolvimento das demais, uniformizando a cultura.¹⁹⁸

Reitera, Dona Maria Daízes sobre a capina e posteriormente a desfilhação da juta “*aí a gente ia capinar.. botar no limpo tudo.. disfilhar que tinha que disfilhar, ficar só duas alvas, três alvas, tinha que ficar duas alvas e três alvas..*”¹⁹⁹ Ainda explicou em sua fala, alvas são chamadas de filhos da planta, que são pequenas mudas que ficam na superfície da planta, ainda em sua fala completa seu argumento dizendo “*é porque criava mais filho e a gente tirava, ia disfilhar.. pra ficar só aquelas três ou duas..*”.

Dona Dinelza Cabral em sua fala nos constou sobre o processo de desfilhação como uma limpeza da fibra “*aí depois do plantio, ia crescer a juta aí a rente ia alimpar fazer a alimpação da juta pra ela crescer pra depois cortar ela quando a enchente vem*”²⁰⁰

3.4 Corte e Colheita

O corte da fibra acontece aproximadamente, entre 4 e 6 meses do trabalho de agricultura da juta, consiste na atividade braçal, na fibra que está amadurecida para passar por tal atividade. Nesse momento, as fibras de juta são denominadas de hastes, que seriam os seus galhos. Nesta etapa, é importante destacar que a água em que a juta consta nesse momento precisa ser água corrente.

¹⁹⁸ Serviço de extensão rural: JUTA. Instruções e informações técnicas sobre a cultura no Amazonas. Associação de Crédito e Assistência rural do Amazonas – ACAR Amazonas. p.11. 1971.

¹⁹⁹ CARNEIRO. Parintins-AM, 2018.

²⁰⁰ CABRAL. Parintins-AM, 2018.

Imagem 6: Parte 3 da Tela: Ilustrando a História Oral das juticultoras da Amazônia, o ressoar da voz²⁰¹. Pintura de Arildo Mendes, Parintins-AM, 27/11/2019.



Fonte própria.

A imagem acima, ilustra o corte e colheita, essa atividade acontece com as fibras que estão na água, mulheres e homens realizam essa atividade com foice e terçados.²⁰² Ao lado esquerdo da imagem, podemos ver um homem caminhando com algumas hastes da fibra que ilustra a colheita que posteriormente será levada para seu próximo destino que será a maceração e lavagem. As palhas em pé amarradas são ilustrativas.

Essa etapa de corte e colheita, em outras palavras, o corte da juta, e atividade de carregar as hastes para a água, geralmente é descrita por ser realizada por homens em diversos trabalhos escritos na academia. Todas as entrevistadas que tiveram suas atividades nos campos de juta, nos relataram:

Maria Daízes:

Aí, quando amadurecia, dois... três meses que já tava madura a gente ia cortar.. Quando estava em terra cortava de... de tesado né.. quando estava n'água a gente caía n'água quando com foice, por aqui.. Por aqui ia com foice... [...]é.. Com foice... dobrava a juteira aqui e cortava pra poder.. Ela... [...] Depois a gente cortava aquela juta né... aí fazia os feixes né... ia arrumando.. Arrumando... fazer os feixes assim né (faz o tamanho na mão) amarrava aquele... fazia os feches né.. Amarrava aquela juta... entendeu como é? [...] É era grande. Aí a gente cortava e fazia os feixes né... aí amarrava [...] Depois daquilo tudo pronto, que a gente carregava,

²⁰¹ Esta tela será apresentada por partes no decorrer do segundo capítulo desta dissertação, onde irá abordar sobre o trabalho realizado pelas mulheres com a fibra de juta na Amazônia.

²⁰² Tesado é um tipo de facão geralmente utilizado para os trabalhadores e trabalhadoras cortarem plantas em atividades rurais;

botava no ombro e ia colocar lá aonde tava a água... sabe como é? Pois é! Botava no ombro, carregava e jogar lá na água... entendeu? ²⁰³

Maria Joana:

Aí nessa idade... quando foi é.. dos quatorze pros quinze anos aí.. nós começamos a trabalhar assim... a ajudar mesmo de ir já cortar a juta.. que a gente já garantia.. doze éh.. quatorze pra quinze anos a gente já garantia a cortar a juta.. Porque era simples assim... tipo assim.. Como era assim... como eu tô falando certinho... a gente ia pegando cortando e arrumando ela assim, certinho.. Vamos dizer... corta puxa aí colocava.. aí quando já tava uma quantia grande assim de de várias né.. Feixe grandes assim.. aí amarrava pronto deixava lá, a parte de carregar não era com a gente era com os homens que faziam mas a parte da da do corte dela isso daí a gente fazia muito porque era mais, mais.. Como é que se diz assim... não era muito pesado como o papai falava ne.. Pra nos mulheres não era muito pesado... que eu sempre dizia assim que o papai ele tratava a gente assim.. ²⁰⁴

Dinelza Cabral:

aí depois do plantio, ia crescer a juta aí a rente ia alimpar fazer a alimpação da juta pra ela crescer pra depois cortar ela quando a enchente vem, cortava ela pra ela ficar de molho pra poder botava uns mato por cima pra ela amolecer, porque ela é uma fibra, entendeu? ²⁰⁵

Maria Printes:

Quando era pra lavar a gente cortava, cortava a juta primeiro, fazia os feixes, amarrava todo ²⁰⁶

Essa sequência de narrativas relacionadas ao corte e colheita da juta, que é uma das etapas desafiadoras do cultivo da juta, pois requer muita força braçal e a total dependência do ecossistema favorável para quem designar das atividades.

Esses trabalhadores e trabalhadoras precisam se dedicar durante meses a essas atividades, assim como a decisão do corte, que se acontecer tardiamente, poderá ser atingida pela enchente tendo em vista os níveis de cheia daquele ano, se estiverem nessas condições, os trabalhadores terão que mergulhar nas águas para cortar, tendo assim dificuldade de cortá-las quando elas já se encontram submersas. ²⁰⁷

Os cortes realizados são feitos rente ao chão, para que possam aproveitar ao máximo o comprimento da fibra, as mesmas ficam no campo cerca de 3 dias para que as folhas murchem, pois, a fibra atinge entre 3 e 4 metros e depois do corte fazem-se os feixes, em

²⁰³ CARNEIRO. Parintins-AM, 2018.

²⁰⁴ SANTARÉM. Terra Santa- PA, 2018.

²⁰⁵ CABRAL. Parintins-AM, 2018

²⁰⁶ PRINTES. Manaus – AM, 2018.

²⁰⁷ FERREIRA, Aldenor da Silva. A vida dos trabalhadores da juta da malva no baixo Solimões. Manaus, p. 153-155, 2014;

média 20 a 30 cada juta, para serem carregadas para a lavagem, esse carregamento da fibra possui um peso.²⁰⁸

Assim, destaca-se a fala de Dona Maria Daízes *“Dipois daquilo tudo pronto, que a gente carregava, botava no ombro e ia colocar lá aonde tava a água.. Sabe como é? Pois é! Botava no ombro, carregava e jogar lá na água... entendeu?”*.²⁰⁹

Imagem 7: Parte 4 da Tela: Ilustrando a História Oral das juticultoras da Amazônia, o ressoar da voz²¹⁰. Pintura de Arildo Mendes, Parintins-AM, 27/11/2019.



Fonte própria.

A imagem ilustrada, apresenta uma trabalhadora fazendo a separação da fibra após a secagem, e mostra a juta pós corte e colheita, quando os feixes da fibra são colocados no chão para murcharem as folhas.

O objetivo aqui, não é assumir um discurso de expor somente dor e sofrimento dessas trabalhadoras, e sim apresentar as atividades realizadas das mulheres com a fibra de juta, expondo falas que possam transmitir o esforço para o continuo dessa atividade de agricultura e mostrar que a mulher, além de suas inúmeras atividades, também trabalha em todas as etapas da juta.

3.5 Maceração, afogamento e desfilhar

As hastes de juta são deixadas sobre a água entre 8 e 20 dias para começarem o processo de maceração, nesse primeiro momento acontece o fenômeno de maceração natural e biológica, quando são deixadas e acontecem por si só.

²⁰⁸ Idem;

²⁰⁹ CARNEIRO. Parintins-AM, 2018.

²¹⁰ Esta tela será apresentada por partes no decorrer do segundo capítulo desta dissertação, onde irá abordar sobre o trabalho realizado pelas mulheres com a fibra de juta na Amazônia.

Imagem 8: Parte 5 da Tela: Ilustrando a História Oral das juticultoras da Amazônia, o ressoar da voz²¹¹. Pintura de Arildo Mendes, Parintins-AM, 27/11/2019.



Fonte própria.

A imagem acima, ilustra as hastes de juta que permanecem sobre a água por dias, uma trabalhadora tipicamente com os trajes de campo, chapéu de palha para que não pegasse tanto sol no rosto e pele morena do sol.

Essa etapa consiste nas seguintes falas:

Dona Maria Daízes:

Dipois a gente cortava aquela juta né... aí fazia os feixes né... ia arrumando.. arrumando.. Fazer os feixes assim né (faz o tamanho na mão) amarrava aquele.. Fazia os feches né.. Amarrava aquela juta.. Entendeu como é? [...] É era grande.. Aí a gente cortava e fazia os feixes né... aí amarrava é.. amarrava.. Assim a gente fazia.. aí..[...] Dipois daquilo tudo pronto, que a gente carregava, botava no ombro e ia colocar lá aonde tava a água.. sabe como é? Pois é! Botava no ombro, carregava e jogar lá na água.. entendeu? [...] dipois.. 15.. 20 dias amolecia aqueles feixes de juta né.. Amolecia... bom.. dipois de mole, a gente chamava aquilo de jangada , pilha jangada assim.. que elas já tavam mole né.. aí a gente pegava botava em cima do pau.. fazia ponte de pau assim.. e .. e.. baixava na água sabe.. suspendia aquele feixe.. aí daí que a gente ia tirar as fibras.. sabe como é? Aí Tirar as fibras, rasgava assim, puxava assim pra rasgar aí.. ²¹²

Em sua fala, ela nos esclarece como funciona o sistema de organização dos feixes, que são amarrados e colocados em áreas da água de 15 a 20 dias para acontecer o processo de

²¹¹ Esta tela será apresentada por partes no decorrer do segundo capítulo desta dissertação, onde irá abordar sobre o trabalho realizado pelas mulheres com a fibra de juta na Amazônia.

²¹² CARNEIRO. Parintins-AM, 2018.

maceração natural e biológica, logo depois, quando as fibras ficam mole acontece o afogamento, e para este processo, na parte final, denominada pela entrevistada de “tirar as fibras” é quando as trabalhadoras rasgam a fibra para começar a tirar as fibras mortas.

*“É! É! É! Quando já tava assim sem as cabeças.. assim que a gente tirava... a rente batia... n’água pra tirar todas aquelas cascas... toda aquelas cascas..”*²¹³ Ainda em sua fala, relata sobre essa etapa de bater as fibras na água, em primeiro lugar, a força braçal pelo peso das fibras, em segundo lugar, a limpeza que esse processo faz com a retirada das cascas da juta.

Sobre o processo de afogamento, afirma Dona Dinelza Cabral: *“ia crescer a juta aí a rente ia alimpar fazer a limpeza da juta pra ela crescer pra depois cortar ela quando a enchente vem, cortava ela pra ela ficar de molho pra poder botava uns mato por cima pra ela amolecer, porque ela é uma fibra, entendeu?”*²¹⁴

Dona Maria Printes, por sua vez nos contou *“a gente colhe ela, tira a fibra, mas quando tá mole, ela tá grande tá, assim um jutal, tá bunito (inaudível) você manda cortar, fazer os feixos. Faz os feixos dela e carrega e bota n’água. Aí com dois três dias ela tá mole aí você vai e tira, aí manda lavar.”*²¹⁵ Esse é sobre o processo de afogamento das fibras.

3.6 – Lavagem

A lavagem é o processo que consiste em retirar as resinas e impurezas que ficam na fibra. É um dos processos mais insalubre, pois trabalhadoras e trabalhadores permanecessem muitas horas na água para realizar essa atividade que precisa acontecer no processo da juta.²¹⁶

Na maioria das vezes esse processo acontece a luz do dia, com isso, os trabalhadores e trabalhadoras sempre procuram usar chapéus para se protegerem do sol, o que causa uma coloração mais escura na pele, podendo causar insolação. Para esse processo, ficar em pé na água entre 6 a 8 horas numa altura acima do joelho pode causar diversas complicações de saúde.

²¹³ Idem;

²¹⁴ CABRAL, Dinelza Andrade, 48 anos, entrevista realizada no dia 19/10/2018. Parintins-AM;

²¹⁵ PRINTES, Maria Vasconcelos Ribeiro, 100 anos, entrevista realizada no dia 11/06/2018. Manaus – AM;

²¹⁶ Serviço de extensão rural: JUTA. Instruções e informações técnicas sobre a cultura no Amazonas. Associação de Crédito e Assistência rural do Amazonas – ACAR Amazonas. p 14. 1971;

Imagem 9: Parte 6 da Tela: Ilustrando a História Oral das juticultoras da Amazônia, o ressoar da voz²¹⁷. Pintura de Arildo Mendes, Parintins-AM, 27/11/2019.



Fonte própria.

A imagem ilustrada²¹⁸ acima consiste no que é esse processo, na maioria das vezes é realizado pelas mulheres que trabalham com a fibra. A imagem mostra uma trabalhadora dentro da água que está próxima do joelho, sentada num tronco de árvore, e fazendo o movimento de lavar a fibra, de certa forma a cor da fibra não é essa, a fibra ainda está verde nesse processo, porém ficou a critério do artista essa coloração. Chapéu de palha para se proteger, pele morena do sol e roupas folgadas para tentar se proteger do sol, também são características marcantes dessa pintura.

²¹⁷ Esta tela será apresentada por partes no decorrer do segundo capítulo desta dissertação, onde irá abordar sobre o trabalho realizado pelas mulheres com a fibra de juta na Amazônia.

²¹⁸ Importante lembrar que estamos analisando uma visão de ótica feminina, este trabalho se concentra propriamente nas vozes femininas, se interessar ao leitor saber mais sobre o trabalho masculino nos campos de juta, alguns autores que abordam sobre isso: Aldenor da Silva Ferreira, Denison Silvan Menezes da Silva, Antônio Carlos Witkoski, Franco Lindemberg Paiva dos Santos, entre outros.

Dona Maria Daízes relatou:

*A rente ia lavar a juta.. que cama né (inaudível).. nós ia lavar a juta no roçado.. no roçado.. quando fosse de tarde, tinha vezes que a gente levava comida pra comer lá em cima d'água.. lá em cima da ponte.. aí quando batia.. quando era de tarde a gente botava a juta na canoa.. ia botando a juta tudo na canoa e vinha embora pra casa... quando chegava no porto de casa.. a ente pegava aquelas.. aquelas.. aquelas jutas que já tarra tarra lavada.. carregava e botava embaixo do varal.. Varal é os paus que a gente põe assim pra ir jogando as.. jogando as jutas cabeças da juta.. que a gente diz né..*²¹⁹

Nesse relato, podemos perceber muitas informações importantes para entendermos esse processo, primeiramente o horário de lavagem da juta, à tarde, quando o sol está mais baixo, e o fato das trabalhadoras e trabalhadores terem que fazer as refeições na água, logo depois da lavagem que é feita num dia, a juta logo vai para outro processo que é a secagem.

Dona Marlene, bem no começo de sua fala ao começarmos a entrevista disse “*A minha função era trabalhada, juta na lavação de juta ...[..] Na lavação de juta, lava, que é pra trabalhar, lavar a juta..*”²²⁰ Pois foi a atividade da fibra que a entrevistada realizava com mais ênfase e nos detalha mais sobre esse processo na seguinte fala:

*Aí.. ia pra beira do rio, lá aonde tem, aonde colocava a juta, empilhava a juta, os homens empilhava a juta, quando tarra mole a juta a gente ia lavar, fazia uma ponte, a gente ficava naquela ponte lá, os outros puxam a juta os feixes da juta, ficava lá, em cima da ponte desmanchava aquele feixe e descascava ela tudinho, assim.. vara por vara sabe?*²²¹ [...] *Aí tirava tudo aquilo, as vezes a gente lavava até... oitenta feixe quando era duas pessoas que lavava numa pia, aí a gente ia lavando..*²²²

Por sua vez, Dona Maria Printes, conforme já foi abordado, teve duas entrevistas, e em ambas ela recordou dessa atividade nos compartilhando informações que compõem a sustentação desse processo de lavagem:

*Lavar eu lavava muito. Quando era pra lavar a gente cortava, cortava a juta primeiro, fazia os feixos, amarrava todo, afogava n'água. Botava dentro d'água pra afogar ela. Com dois, três, quatro dia ela tava mole. Aí a gente ia tirar pra lavar. Aí pra lavá tirava o pau todo, partia na ponte, que a gente fazia uma ponte de pau, uma coisa, quando nem, n'água mesmo, batia, batia lá, lavava, sacudia tudo. Amarrava a cabeça, fazia assim. Vinha amarrando as cabecinhas, pra depois medir. Eles mediam quantos metros a gente lavava por dia, da juta..[..]*²²³

É importante destacar que na primeira entrevista, ela nos relata do processo de afogamento, e depois o processo de lavagem, em que consistia numa forma de meta diária, quando ela fala sobre a quantidade lavada durante o dia e nos relatou que um processo vai

²¹⁹ CARNEIRO. Parintins-AM, 2018.

²²⁰ SILVA. Parintins-AM, 2018.

²²¹ Idem.

²²² Idem.

²²³ PRINTES. Manaus – AM, 2018.

levando ao outro. Em sua segunda entrevista, ela recorda:

A gente colhe ela, tira a fibra, mas quando tá mole, ela tá grande tá, assim um jutal, tá bunito (inaudível) você manda cortar, fazer os feixos. Faz os feixos dela e carrega e bota n'água. Aí com dois três dias ela tá mole aí você vai e tira, aí manda lavar. Manda lavar aí você vai tirando a fibra, tira toda aquela fibra, batendo com um pau na ponte. A gente faz ponte dentro d'água e vai batendo ela, tirando aquela fibra, bunito, lavando a cabeça (inaudível)²²⁴

Assim essas colaboradoras puderam nos contar separadamente sobre esse processo de lavagem que na maioria das vezes é enquadrado junto com a maceração, porém com a realização dessas entrevistas pudemos perceber que o processo de lavagem é um processo separado e que na maioria das vezes é uma atividade das mulheres a lavagem a fibra.

3.7 Secagem

Depois que a fibra passa por todos os processos chega à penúltima etapa que é a secagem, as fibras após serem lavadas são colocadas no varal entre 2 a 4 dias, período que depende exclusivamente da intensidade do sol para que as jutas possam ficar totalmente secas “A fibra tende a se clarear pela ação do sol. Uma boa secagem contribui para melhorar a qualidade do produto”.²²⁵

Imagem 10: Parte 7 da Tela: Ilustrando a História Oral das juticultoras da Amazônia, o ressoar da voz²²⁶. Pintura de Arildo Mendes, Parintins-AM, 27/11/2019.



Fonte própria.

²²⁴ PRINTES. Manaus – AM, 2018.

²²⁵ Serviço de extensão rural: JUTA. Instruções e informações técnicas sobre a cultura no Amazonas. Associação de Crédito e Assistência rural do Amazonas – ACAR Amazonas. p 19. 1971.

²²⁶ Esta tela será apresentada por partes no decorrer do segundo capítulo desta dissertação, onde irá abordar sobre o trabalho realizado pelas mulheres com a fibra de juta na Amazônia.

Na imagem ilustrada acima, podemos identificar 3 mulheres nesse processo que será descrito: a primeira que está separando as fibras por qualidades/ cores para selecionar as melhores, logo após de estarem secas; A segunda está estendendo a juta no varal para que possa permanecer no sol e secar; E a terceira está no chão também fazendo o processo de separação das melhores fibras. Ainda, podemos verificar um feixe de juta seco de cor mais clara e ao lado um feixe de juta recém cortado de cor verde. Nota-se que, todas estão de chapéu de palha e possuem a pele morena do sol.

Para essa etapa Dona Maria Daízes relata com muitos detalhes como funciona:

*[..] ia botando a juta tudo na canoa e vinha embora pra casa... quando chegava no porto de casa.. a ente pegava aquelas.. aquelas.. aquelas jutas que já tarra tarra lavada.. carregava e botava embaixo do varal.. Varal é os paus que a gente põe assim pra ir jogando as.. jogando as jutas cabeças da Juta.. que a gente diz né..[..] Ai ia espalhando.. ia espalhando.. até secar né..? até secar.. quando secava a gente tornava a encabeçar elas de novo... amarrava.. e a recolhia.. de lá.. de enxuta a juta.. aí a gente botava no armazém, sempre tinha barracão assim pra gente botar separado.. lá! lá tava a juta lavada.. aí a gente ia fazer o fardo da juta.. ia enfardar aquela juta.. aí a gente botava.. nos paus assim.. pra ir jogando aí ia virando..*²²⁷

A colaboradora nos relata que não é só um processo de estender e deixar a fibra lá. Requer cuidado, tempo, e também atenção para verificar se realmente as fibras secaram por inteiro. Depois disso, as fibras são recolhidas para serem separadas e irem para a última etapa que é o enfardamento.

Pelas palavras de Dona Dinelza Cabral, temos o relato desse processo:

*A fibra tinha que ficar mole pra poder sacar do pauzinho que ela tem um pau cumprido assim.. (demonstrando o tamanho com as expressões da mão) aí.. a gente tirava tudo ela daquele pau.. botava pra secar no varal assim.. várias.. varal grande né.. que meu pai fazia.. extensão de varal pra ela secar, ficar bem sequinha pra poder embalar ela, tipo assim um fardo, uma prensa que falavam né..*²²⁸

Na fala de Dona Marlene Gonçalves “[..] no outro dia a gente ia estender a juta no varal pra enxugar”²²⁹ ela nos contou apenas essa frase sobre a secagem, porém ela em sua fala mais direta ainda coloca como parte de todo o processo da juta.

Por sua vez, Dona Maria Printes, relatou “Daí, você traz ela pra cá pra um varal, estende pra enxugar, ela enxuga aí você vai só amarrando a cabeça, fazer os fardos, fazer os fardos amarra as cabeças e vai fazendo os fardos.[..]”²³⁰ e em sua segunda entrevista “A gente media tudo aquela juta, estendia, depois ia estender, estende num varal assim, fica todo

²²⁷ CARNEIRO. Parintins-AM, 2018.

²²⁸ CABRAL. Parintins-AM, 2018.

²²⁹ SILVA. Parintins-AM, 2018.

²³⁰ PRINTES. Manaus – AM, 2018.

estendido pra secar, pra secar, pra depois ajuntar ela pra fazer os fardos. Os fardos já seco.[..]”²³¹

Esse processo apresentado também é bastante caracterizado pela presença feminina nos campos, é um trabalho que requer bastante disponibilidade e cuidados, pois se a juta estiver molhada para o enfardamento, aquele fardo pode ser comprometido em sua qualidade no estado final da fibra.

3.8 - Enfardamento

No processo de juta no campo o enfardamento é a última etapa das atividades com a fibra. A fibra seca é enfardada pelos trabalhadores e trabalhadoras, os fardos podem variar de 50kg a 70 kg, este é o ponto final para a comercialização da fibra.²³²

Imagem 11: Parte 8 da Tela: Ilustrando a História Oral das juticultoras da Amazônia, o ressoar da voz²³³. Pintura de Arildo Mendes, Parintins-AM, 27/11/2019.



Fonte: própria.

Foi ilustrado na imagem esse processo final da fibra, o enfardamento, para esse, foi colocado em uma varanda de uma casa os fardos todos ajeitados, pois não pode pegar chuva

²³¹ PRINTES. Manaus – AM, 2018.

²³² Serviço de extensão rural: JUTA. Instruções e informações técnicas sobre a cultura no Amazonas. Associação de Crédito e Assistência rural do Amazonas – ACAR Amazonas. p. 19. 1971.

²³³ Esta tela será apresentada por partes no decorrer do segundo capítulo desta dissertação, onde irá abordar sobre o trabalho realizado pelas mulheres com a fibra de juta na Amazônia.

e nem molhar de alguma forma, a casa é de palha, e na parte da frente tem um fogão a lenha, próximo à escada. Essa casa também representa as moradias tradicionais de uma arquitetura em que não é fixada no chão, pois geralmente nessas regiões onde ocorrem a agricultura da fibra passa por cheias e enchentes durante o ano.

Para ilustrar melhor a pintura a partir de palavras, os relatos de Dona Maria Joana nos expõem sobre os fardos de juta “[...] .. a juta os fardos de juta depois de seco.. os fardos já aí eles ficavam tudo lá nessa varanda.. eles não ficavam onde a gente dormia no caso.. tipo assim.. não a nossa casa é aqui aí tem a varanda pra lá.... Aí que colocava a juta nessa varanda..”²³⁴

Assim, nos seguintes relatos veremos esse processo final:

Dona Maria Daízes:

*É é.. aí ia virando aquelas dobras quando já estavam assim numa boa altura aí a gente amarrava e mandava aí já era pra ir pra venda..[.] É.. É!! Já ia pra vender.. que já tava pronto os fardos..*²³⁵

Dona Dinelza Cabral:

*[...] ficar bem sequinha pa poder embalar ela, tipo assim um fardo, uma prensa que falavam né.. Uma prensa, aí depois dessa prensa meu pai pegava né e vinha comercializar aqui na.. aqui na Caçapava que o pessoal daí que comprava a juta...*²³⁶

Dona Marlene Gonçalves:

*aí os homens que empilhavam a juta, não era a gente que .. eles pegavam a juta, empilhavam lá, depois vinha pra cidade que era pra vender..*²³⁷

Dona Maria Printes:

[...] ela enxuga aí você vai só amarrando a cabeça, fazer os fardos, fazer os fardos amarra as cabeças e vai fazendo os fardos. Aí você bota na costa, vai vender e pega dinheiro (risos).

*[...] pra secar, pra depois ajuntar ela pra fazer os fardos. Os fardos já seco. É assim, muito trabalho, muito trabalho.*²³⁸

4- Agricultura familiar e o trabalho infantil

Nos campos de agricultura da Amazônia é costumeiro a movimentação dos agricultores e agricultoras para regiões onde serão designadas as atividades agrícolas. Nesta seção, iremos abordar sobre a agricultura familiar e como esse sistema leva ao trabalho

²³⁴SANTARÉM. Terra Santa- PA, 2018.

²³⁵CARNEIRO. Parintins-AM, 2018.

²³⁶CABRAL. Parintins-AM, 2018.

²³⁷SILVA. Parintins-AM, 2018

²³⁸PRINTES. Manaus – AM, 2018.

infantil. Esse é um dos assuntos que foi abordado no relato de algumas colaboradoras que realizaram suas atividades no campo, com o cultivo da juta, entre elas: Dona Dinelza Cabral, Dona Maria Joana, Marlene Garcia e Dona Maria Printes. O objetivo principal é de análise dos temas propostos com olhar focado a essas mulheres.

Imagem 12: Parte 9 da Tela: Ilustrando a História Oral das juticultoras da Amazônia, o ressoar da voz²³⁹. Pintura de Arildo Mendes, Parintins-AM, 27/11/2019.



Fonte própria

O trecho da pintura mostra uma criança na última etapa da fibra de juta nas atividades do campo, o enfardamento. Geralmente uma atividade em que contava com o auxílio de crianças. Ilustrado uma criança com a pele morena do sol, chapéu de palha para se proteger, a mesma encontra-se na casa onde os fardos precisam ficar para que não possam pegar chuva e comprometer a qualidade do produto. Dentro da casa, na parte da janela possui outra criança com chapéu na cabeça, olhando os campos de juta.

Ernesto Renan Pinto (1982), em sua contribuição sobre a agricultura da juta nos esclarece sobre o conceito de trabalho familiar na seção que nomeou de “a composição da força de trabalho”, em suas palavras “*A força de trabalho de uma unidade de produção familiar na microrregião é constituída pela soma do trabalho das pessoas ativas da família, adultos e crianças*”. Logo, podemos compreender que toda a família trabalha no campo.²⁴⁰

Ainda a luz de sua contribuição ele nos expõe o pensamento sobre a existência de duas formas de trabalho para a unidade de produção familiar, a produção agrícola, que seriam as atividades realizadas nos campos e o trabalho inteiramente ligado a casa. As duas unidades

²³⁹ Esta tela será apresentada por partes no decorrer do segundo capítulo desta dissertação, onde irá abordar sobre o trabalho realizado pelas mulheres com a fibra de juta na Amazônia.

²⁴⁰ PINTO, Ernesto Renan Melo de Freitas. *Os trabalhadores da juta: estudo sobre a constituição da produção mercantil simples no médio Amazonas*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre – RS, p. 124, 1982.

estão ligadas onde uma mantem a existência da outra. A primeira com objetivo de suprir a casa, e a outra como uma forma de auxílio ao que foi conquistado. Assim, os dois tipo estão ligados ao atendimento da casa.²⁴¹

Dona Marlene Gonçalves começou seu relato falando sobre sua trajetória de vida. Nisso ela nos introduz sobre a movimentação de sua família e a interação desse trabalho com a fibra de juta, no seguinte trecho:

Eu nasci aqui em Parintins.. morava sempre com minha mãe... depois . eu morei com a minha mãe até doze anos.. aí depois, fui trabalhar na casa de família.. depois.. aí.. voltei morar com a minha mãe, foi no tempo que meu pai deixou minha mãe, aí eu fiquei com ela, nós ficamos com ela...aí.. foi crescendo, a juventude, tive duas filhas, a Silmara e a Ilda, aí depois eu fui.. minha mãe começou a trabalhar no interior, aí eu acompanhei ela.. ²⁴²

Conforme a citação acima, sua família foi para a cidade de Parintins trabalhar com a fibra, e ela acompanhou, designando a atividade de lavagem de juta. Ainda em sua fala, relatou *“é.. ela ia lá.. que o marido dela trabalhava com juta, ele era empregado, do homem que trabalhava na juta, ele ia lá ajudar, com o pessoal”*²⁴³, nos revelando que toda sua família foi para a localidade para começar os trabalhos com a fibra.

Por outro lado, em outra região e em outros períodos, temos outras entrevistadas que puderam nos relatar sobre as famílias nos campos de juta. Dona Dinelza Cabral que nos relatou: *“o meu pai é.. sempre foi agricultor, aí a gente se criou lá.. a gente se criou lá no cultivo da juta né? aí quando a enchente baixava assim por exemplo, a enchente vinha a gente se mudava pra outro interior que é pra comunidade da zona.. é...da terra firme”*²⁴⁴.

Por sua vez, Dona Dinelza foi uma das entrevistadas que cresceu nos campos. Ela nos traz a história de seu pai que era agricultor, nos remete a dinâmica das enchentes e terra firme durante o período da agricultura. Em sua fala *“o meu pai fazia a plantação da juta.. aí a gente tinha que fazer um roçado grande né...”*²⁴⁵. Ao falar “a gente”, ela está falando de toda sua família presente na zona de plantio, no qual ela também ressalta *“Eu fazia tudo com a minha mãe, mais era eu, minha mãe meus irmãos que faziam né, era eu meus dois irmãos mais velhos”*²⁴⁶. Nesse momento, ela assume que fazia atividade no campo com sua família.

²⁴¹ Idem;

²⁴² SILVA. Parintins-AM, 2018.

²⁴³ Idem.

²⁴⁴ CABRAL. Parintins-AM, 2018.

²⁴⁵ CABRAL. Parintins-AM, 2018.

²⁴⁶ Idem.

Ainda em seu relato, ao perguntar “*Então era uma agricultura familiar?*”²⁴⁷ a entrevistada responde que sim e ao questionar “*Todos trabalhavam juntos?*”²⁴⁸ a entrevistada complementa “*Isso assim mesmo!.. É isso mesmo, nós ajudava ele nesse.. [...] Não.. nessa área era só a nossa família mas tinha outras famílias que era o mesmo processo.. entendeu? Cada um fazia o seu plantio mas eram várias famílias assim.. extensão de família que trabalhavam nesse.. nesse ramo de vida.. nesse tempo era isso que dava dinheiro pras pessoas sobreviver! Entendeu?*”²⁴⁹.

Ela nos revela que não só sua família, porém outras famílias também estavam presentes no campo mostrando que era algo comum de acontecer principalmente nas agriculturas.

Dona Maria Joana, filha de agricultores, também foi uma das entrevistadas que cresceu nos campos de juta, sua fala inicial da entrevista “*eles criaram a gente praticamente com juta*”. Na primeira fala do seu relato, sobre sua trajetória de vida, ela fala sobre a família no campo:

*Eu nasci no município de Nhamundá, numa comunidade do baixo Amazonas chamada Anabú, Beira do Amazonas, fala nessas comunidades do baixo Amazonas, é é geralmente é Beira do Amazonas que eles falam, fica na Beira do Amazonas, e nós vivemos lá até, diretamente, até uns 7... ano.., uns 7 anos de idade, até os 7 anos de idade eu fiquei por lá, assim, aí depois disso que nós mudamos pra.. Nhamundá, aí eu fui estudar não teve nada de “jardim” pra mim, eu já fui direto pra primeira série que lá em Nhamundá já tinha “jardim” né, aí chegou lá e não tinha essa oportunidade porque não tinha com quem a gente ficar em Nhamundá né, que nós éramos pequenos aí a mamãe ficou com a gente já que quando foi pra se mudar pra lá a gente já foi já pra primeira série, já formos diretamente para a primeira série.[..].*²⁵⁰

Nesse trecho acima, pode-se verificar a rotatividade que os trabalhadores da Amazônia possuem. A família de Dona Maria Joana começou sua trajetória em Anabú, e logo depois se mudou para Nhamundá – AM, sempre em prol do sustento de sua família, pois no município ela e seus irmãos obtinham da possibilidade de estudos.

A autora Sandra Helena da Silva (2013), em um artigo acadêmico aborda sobre as mulheres cultivadoras de juta e malva na região do Baixo Amazonas, colocou em ênfase o trabalho das mulheres da década de 30, cultivando juta com seus familiares no campo. A autora assume o discurso de “labuta diária para garantir uma melhor renda para a família”.

²⁴⁷ Pergunta feita pela pesquisadora de forma aberta para entender a visão da entrevistada sobre tal assunto, pois a mesma sempre falava sobre a família e a relação que isso tinha nos campos, onde toda sua família estava presente nas atividades.

²⁴⁸ Idem.

²⁴⁹ CABRAL. Parintins-AM, 2018.

²⁵⁰ SANTARÉM. Terra Santa- PA, 2018.

Nesse contexto ela traz o não reconhecimento dos homens trabalhadores sobre a importância do trabalho das mulheres no contexto de produção familiar.

*O trabalho neste tipo de agricultura se constitui de força de trabalho familiar, tendo o homem como chefe da família e organizador do processo produtivo, visto que este processo ainda nos dias de hoje depende exclusivamente da força de trabalho. É comum a participação de vizinhos, compadres na forma de ajuda mútua, ou até mesmo a troca de dia. No contexto amazônico é comum encontrar a forma de ajuda mútua, sem uma formalização ou regulamentação desse processo, esta forma de ajuda é denominada regionalmente como ajuri ou puxirum, tem o formato de um mutirão.*²⁵¹

Muitas famílias se deslocavam para realização dos trabalhos nos campos, seja na agricultura, pesca, criação de animais ou qualquer outra atividade que necessitasse sair da cidade. Esse conceito de puxirum também foi abordado pela colaboradora Maria Joanna, nos explicando como funciona essa dinâmica nos campos.

*O puxirum era assim.. vamos dizer chama duas pessoas di de cada casa assim vamos dizer.. dos vizinhos ou parente.. aí chamava duas pessoas aqui duas ali do outro vizinho vamos dizer... vamos reunir dez homens pra ajudar.. aí esses homens vinham pra ajudar pra pra fazer esse puxirum.. tipo assim pra lavar rápido a juta.. pra cortar tantos feches de juta né, né? Nesse dia.. era assim pra fazer um trabalho num dia.. fazia um grandioso trabalho..
Porque no caso ele não tinha condições de pagar né.. aí como ele fazia.. hoje era dia de trabalho dele.. Quando fosse no outro dia que fosse de outro vizinho aí ele já ia lá já ajudava.. já levava tipo ele e mais dois irmãos meu.. já iam pra lá já ah aquelas três pessoas já ia lá pra ajudar.. o outro lá vai fazer a vez dele ... ah.. então era assim que era dessa forma.*²⁵²

Assim, com o fenômeno das famílias no campo, temos o conceito de trabalho infantil que é a participação de crianças em atividades do processo da juta, que auxiliam dentro das suas possibilidades durante os inúmeros estágios da juta no campo. Dona Maria Joana começou o trabalho com a fibra ainda criança:

*[...]. quando eu me entendi, vamos dizer, eu fui pra Nhamundá, eles já trabalhavam com juta, aí.. foi quando, quando nós começamos, no caso comecei a estudar com sete anos, a gente vinha nós tivemos esse, esse.. contato de vim e saber como era o trabalho de juta porque a gente vinha e eles faziam..*²⁵³

Dona Maria Joana começou as atividades quando tinha 7 anos de idade, ao ser questionada sobre o envolvimento com o trabalho da juta, ela relatou “ Não.. não, nós tivemos o contato assim.. dá gente.. vê como era que fazia.. quando nós começamos trabalhar na verdade.. já.. era.. doze pra treze anos.. que eu tava.. eu lembro.. aí a gente já começou a

²⁵¹SILVA, Sandra Helena. Mulheres cultivadoras de juta e malva na região do Baixo Amazonas. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, p.3, 2013.

²⁵² SANTARÉM. Terra Santa- PA, 2018.

²⁵³ SANTARÉM. Terra Santa- PA, 2018.

trabalhar na juta”²⁵⁴. De certa forma, a entrevistada só considera trabalho quando se relacionava com quantidade e peso, pois na maior idade conseguia ter essa possibilidade.

O nosso trabalho.. vamos dizer.. o papai fazia o roçado lá.. ele plantava os.. tudo era por conta dele.. o roçado era por conta dele.. Quando chegava, chegava na parte da capina que a juta já tava.. vamos dizer.. nessa altura assim.. assim é.. nessa altura.. aí a gente já começava .. já começava a capinar.. porque a gente tinha que capinar, e como era tudo certinho.. que eles.. eles chamavam de lera né não..? (questiona seu esposo olhando para o mesmo).. É leira. Lera!...²⁵⁵

A entrevistada com 7 anos de idade já designava dos trabalho que poderia auxiliar, e ao perguntar sobre a continuidade de anos e idade com o trabalho com a fibra ela respondeu “*foi, a partir dos sete anos, aí ficou, sete, oito, nove, dez, onze e assim...*”²⁵⁶.

Dona Dinelza Cabral, também teve seu contato com a juta quando era criança e nos relatou sobre isso na seguinte fala: “*Era.. era pra sobreviver mesmo.. sobreviver.. nesse tempo a gente não estudava não era só trabalhar mesmo.. tinha.. nesse tempo não existia como agora, facilita tudo né pro estudo.. a vida lá só era trabalhar pra sobreviver mesmo..[.]*”²⁵⁷

No decorrer da entrevista ela expõe “*Eu acho que eu tinha.. eu me lembro que, acho que na idade até de uns 8 anos a gente começou a trabalhar*”²⁵⁸ e ao ser questionada se recordava a idade em que tinha finalizado as atividades com a fibra, ela respondeu “*até acho que uns 12 anos*”.

Tendo em vista o marco do trabalho da juta, que teria começado em 1930, pautado por diversos autores na historiografia do assunto, Dona Maria Printes, como já mencionado, tinha 100 anos no acontecimento de seu relato. Ela conseguia nos detalhar cores, lembranças, sentimentos, em alguns momentos não se recordava de datas, porém se recordava de períodos.

Ela nos afirma na sua seguinte fala “*Nós trabalhamos na juta dezessete anos, com os japoneses*”. Ela teve seu contato com a fibra na Vila Amazônia onde ficava a maior concentração de plantio administrada pelos japoneses a partir de 1930. Dona Maria Printes nasceu em 1918. Em 1930 (o começo do plantio de juta na Vila Amazônia) tinha a idade de 12 anos, e no decorrer da entrevista ao ser perguntada novamente “*a senhora trabalhou com ele (Ryota Oyama) dezessete anos?*”²⁵⁹ ao que ela nos afirma “*Dezessete anos. Nós trabalhava lá*”, porém em um outro momento da entrevista, ao ser questionada “*alguém da*

²⁵⁴ SANTARÉM. Terra Santa- PA, 2018.

²⁵⁵ Idem.

²⁵⁶ Idem.

²⁵⁷ CABRAL. Parintins-AM, 2018.

²⁵⁸ Idem.

²⁵⁹ O orientador da pesquisa, Professor Dr. Davi Avelino Leal, faz esse questionamento a entrevistada.

*sua família chegou a trabalhar com a borracha?”*²⁶⁰ a colaboradora respondeu “*Não, eu trabalho desde criança!*”, se recordando do trabalho infantil que realizou.

Nesse contexto, abrimos a porta para o debate do trabalho infantil realizado na agricultura familiar nos campos de juta. De acordo com Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), na Lei 8.069, do ano de 1990, caracteriza-se como criança a pessoa com idade até 12 anos. Para esse, designaram os trabalhos ainda crianças as seguintes colaboradoras: Maria Joana com 7 anos de idade, Dinelza Cabral com 8 anos de idade e Maria Printes com 12 anos de idade.

Assim, conseguimos identificar no relato de algumas entrevistadas sobre o trabalho infantil, de certa forma, era considerado o trabalho familiar que acontecia geralmente nos campos, o ato em que os pais colocavam seus filhos para auxiliarem em atividades que pudessem realizar.

O tema relacionado às crianças e o trabalho perdurou durante longos anos, sobretudo em razão de questionamento sobre a representatividade das crianças, até qual idade ainda é considerado nesse estágio, como eram vistas nas sociedades, o que faziam se trabalhavam, geralmente tinham os mesmo tratamentos que adultos incluídos nos mundo do trabalho, mesmo com menos capacidade ainda assim tinham atividades resignadas consideradas leves.²⁶¹

Este é um tema que perpassa durante muitas décadas, um dos principais autores da História Social Edward Thompson em sua contribuição “A formação da Classe Operária Inglesa II – A Maldição de Adão” em 1988, traz uns debates relacionados ao tema sobre a infância. Revela-nos como as crianças, essa força de trabalho estão presente em grande parte de história industrial e agrícola. O autor afirma sobre as forma de trabalho que estavam relacionadas as atividades domésticas, pois, isso ajudava a auxiliar na economia familiar.²⁶²

Ainda que, para esse trabalho, estamos falando sobre o trabalho nos campos com a fibra de juta, a agricultura, e para esse tema, o autor impõe “Na agricultura, as crianças – frequentemente mal agasalhadas – trabalhavam nos campos ou na fazenda, sob qualquer condição climática.”²⁶³. Nesse momento, podemos pensar no clima tropical da Amazônia, e inteiramente a imagem apresentada onde a criança possuía a pele morena do sol e com trajes

²⁶⁰ O colega de mestrado Franco Lindemberg, que também fez um trabalho relacionado ao trabalho da juta, realizou essa pergunta no ato da entrevista.

²⁶¹ PESSOA, Alba Barbosa. *Infância e Trabalho. Dimensões do trabalho infantil na Cidade de Manaus (1890-1920)*. Universidade Federal do Amazonas. Manaus, 2010.

²⁶² THOMPSON, E. P. *A formação da Classe Operária Inglesa II A maldição de Adão*. Editora: Paz e Terra: Oficinas da História p. 202-204.

²⁶³ Idem.

largos e chapéu de palha para se proteger do clima que muitas das vezes era exaustivo. O tema imposto pelo autor em análises da Europa, nos serve para compreendermos sobre essa força de trabalho que sempre foi utilizada pelo seio familiar, como forma de ser mais uma mão de obra.

Deste modo, entender o cenário que as crianças presenciaram para este capítulo torna-se importante principalmente dentro de um recorte histórico marcado a partir do começo da juta na Amazônia e como as entrevistadas tiveram seu contato com o trabalho muito novas, ainda crianças.

O ingresso da força de trabalho infantil da família começa cedo, de certa forma está ligada as questões relacionadas a superexploração que os trabalhadores do campo vivenciam. Assim, o trabalho infantil, ajuda significativamente na produção de juta, muitas das vezes evitam que mais trabalhadores precisem ser contratados com esta força de trabalho.²⁶⁴

Ernesto Renan Melo (1982) em sua análise, ressalta sobre atividade relacionadas as crianças a partir de seis/sete anos de idade, onde os homens acompanham os pais, em exercícios de campo, com terçados, e as meninas ajudam em atividades domésticas.²⁶⁵ Com a realização das entrevistas em que todas as entrevistadas são mulheres, e três delas tiveram a experiência de trabalho infantil, e designavam das atividades do campo.

Conforme apresentado, a colaboradora Maria Joana que obteve contato com a juta a partir dos 7 anos de idade, expõe sobre sua trajetória de vida, a mesma trabalhava com a fibra nas férias que tinha da escola, o que condizia com os períodos desenvolvidos da juta que precisava de mão de obra para realizar atividades também expostas sobre a cansativa jornada.

Era cansativo.. tinha que ajudar ne? Porque assim.. tipo assim.. também a gente reconhecia com ele.. a gente ficava estudando pra Nhamundá ne.. aí um.. eu tenho um irmão que ele é formado em matemática .. graduação dele é matemática lá em Nhamundá... ele é professor do estado lá aí.. sempre quando a gente tava assim né em casa.. em Nhamundá né.. assim.. eu.. uma única irmã minha que ela não terminou o magistério.. porque assim.. eles colocava a gente só pra estudar e ficava trabalhando pra mandar tudo pra gente né.. no momento em que a gente estava estudando aí só que aí...ela virou assim.. ela não queria estudar.. é.. ela saía... ela ficava assim. Ela não conseguiu terminar o magistério... aí ela foi embora pro interior... aí ele disse que ia levar ela pro interior esse ano.. ela não passou ela não conseguiu terminar.. se eu não lembro era a oitava série.. não lembro qual era a série que ela não conseguiu ne.. aí que.. quando chegava o final do ano eles iam buscar a gente.. se terminasse a aula...vamos dizer no início de dezembro. Assim.. aí eles.. a mamãe chegava uma semana antes.. vai terminar a aula dia primeiro de dezembro quando era final de novembro aí ela chegava lá na cidade.. e ia nas escolas.. tem condição de passar já? Passou? Que era só o final.. aí os professores

²⁶⁴ PINTO, Ernesto Renan Melo de Freitas. Os trabalhadores da juta: estudo sobre a constituição da produção mercantil simples no médio Amazonas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre – RS, p.128, 1982.

²⁶⁵ Idem.

*despachavam a gente e não tinha mais porque a gente ficar lá.. porque a gente já tinha passado.. assim.. aí ela levava a gente.. sempre era na semana as vezes antes de terminar a aula.. ela levava a gente já tinha terminado.*²⁶⁶

Essa trajetória nos ajuda a compreender a dinâmica sazonal que a juta apresenta e também a olhar para entender sobre as responsabilidades da entrevistada na idade criança ao estudar e passar as férias trabalhando, e ainda em sua fala caracterizar o cenário no qual a mesma estava, algo que acontecia sempre que perdurava até o período que seus genitores deixaram o trabalho da juta para migrarem para outra atividade rural.

*[..]era assim, no tempo que a gente estudava lá em Nhamundá.. vamos dizer eu fui com 7 anos .. quan.. era na na.. época que a gente estudava em Nhamundá a gente fazia o trabalho de roça lá com meu avô.. e.. quando a gente ia nas férias a gente trabalhava na na juta.. era assim que era.. aí como meu avô tinha um barco né.. facilitava vamos dizer.. a gente estudava de manhã.. a maioria vamos dizer.. já era intensão de quando ia matricular é.. estudar de manhã.. porque quando a gente saía da aula a gente pegava o barco como eu tô dizendo que é uns trinta minutos.. vamos dizer.. a gente chegava lá a gente ia ajudar fazer é.. comê... capim na roça quando era no tempo de tirar de cascar, a gente ajudava muito esses trabalho também nós fizemos muito mas era no no mesmo tempo da juta ainda.. porque quando nas férias a gente ia lá pro interior já era juta pra lá... era assim que era..*²⁶⁷

Em sua fala, ela trata o trabalho realizado como ajuda, porém em outros momentos de seu relato, ela nos expõe sobre a realização de alguns processos, que na maioria das vezes tornava-se desafiador para o trabalho infantil.

*Na capina.. Aí nessa idade.. quando foi é.. dos quatorze pros quinze anos aí.. nós começamos a trabalhar assim.. a ajudar mesmo de ir já cortar a juta.. que a gente já garantia.. doze éh.. quatorze pra quinze anos a gente já garantia a cortar a juta.. porque era simples assim.. tipo assim.. como era assim... como eu tô falando certinho.. a gente ia pegando cortando e arrumando ela assim, certinho.. vamos dizer.. corta puxa aí colocava.. aí quando já tava uma quantia grande assim de de várias né.. feixe grandes assim.. aí amarrava pronto deixava lá, a parte de carregar não era com a gente era com os homens que faziam mas a parte da da do corte dela isso daí a gente fazia muito porque era mais maaiss.. como é que se diz assim.. não era muito pesado como o papai falava ne.. pra nos mulheres não era muito pesado.. que eu sempre dizia assim que o papai ele tratava a gente assim.. por isso que eu sou uma pessoa assim que as vezes quando eu converso com ele assim.. eu não sou uma pessoa aa assim que eu quando eu velho uma pessoa muito fina assim sabe.. as vezes não sabe pegar uma coisa.. aquele jeito assim.. aí eu me agonio assim. De de serem assim que eu não fui tratada assim né... É logo na família assim né... tudo na marra assim.. tipo assim.. de fazer .. ir fazendo... tinha.. E trabalho de homem assim se meter essas coisas assim.. a gente foi tratado assim aí as vezes eu até converso com minhas filhas...*²⁶⁸

²⁶⁶ SANTARÉM. Terra Santa- PA, 2018.

²⁶⁷ Idem.

²⁶⁸ Essa fala é da entrevistada Maria Joana de Souza Santarém, 48 anos, entrevista realizada no dia 17/10/2018. Terra Santa- PA possui muitas reticências porque a entrevistada falava pausadamente, talvez pudesse ser medo ou receio de falar, porém as palavras em que tem os três pontos próximo eram palavras em que ela segurava sua fala. Conforme proposto no primeiro capítulo, este trabalho trouxe as falas exatas, com palavras repetidas, com a escrita igual a escuta de cada palavra e frase.

Por alguns minutos, durante seu relato a entrevistada ficou emocionada ao tratar sobre esse assunto, mas ainda assim quis continuar a entrevista. O relato começa com sua trajetória de trabalho com a juta, e logo depois ela fala sobre outras idades e outras responsabilidades em atividades relacionadas a esse trabalho no campo, e como, por mais que fosse da família, até mesmo com a idade mais nova, era tratada como qualquer trabalhador/trabalhadora:

Que o papai ele.... eu achava assim que ele me tratava... parece trabalhador assim....uma pessoa que tivesse pagando assim.. de.. a gente tinha hora pra entrar no trabalho.. tinha hora pra sair .. assim não era de .. eu tava nessa idade e ... ele tirava por menos assim.. dizer assim.. não meus filhos já.. vocês são mulheres assim.. não tinha isso não.. e não era ruim.. não era assim...coisa de ruindade.. não.. tinha que ajudar .. tem que ajudar.. não era assim.. mas gente via assim que .. a gente como mulher assim.. não.. só meio traba.. meio dia de trabalho como se fala ne.. só meio dia de trabalho.. vão embora pra casa.. não ..não tinha.. a gente ia era .. todo mundo saía junto...chegava pra almoçar .. todos juntos... descansava de tarde e ia e voltava... era assim que ele fazia com a gente..²⁶⁹

A entrevistada termina sua fala, de certa forma não conseguimos identificar as horas diárias que ela trabalhava, mas pelo tom de sua voz, baixa, e emocionada de certa forma triste, pudemos perceber que era uma labuta diária em momentos que toda sua família fazia parte desse trabalho e o significado de sobrevivência para todos, isso tornava-se obrigação de todos os filhos e filhas estarem presentes nas atividades, como uma forma de “ajudava no que pudesse”.

A colaboradora Dinelza Cabral começou a trabalhar com 8 anos de idade, filha de agricultor que possuía campos de juta e trabalhava há muitos anos com essa agricultura, e mudava de região conforme seu trabalho.

Aí de lá... o meu pai é.. sempre foi agricultor, aí a gente se criou lá.. a gente se criou lá no cultivo da juta né? aí quando a enchente baixava assim por exemplo, a enchente vinha a gente se mudava pra outro interior que é pra comunidade da zona.. é...da terra firme... aí quando a água baixava a gente ia pra zona rural.. Onde o meu pai fazia a plantação da juta.. aí a gente tinha que fazer um roçado grande né... depois queimava.. depois ia fazer alimpar tudinho pra poder fazer o plantio da juta.. aí depois do plantio, ia crescer a juta aí a rente ia alimpar fazer a alimpação da juta pra ela crescer pra depois cortar ela quando a enchente vem, cortava ela pra ela ficar de molho pra poder botava uns mato por cima pra ela amolecer, porque ela é uma fibra, entendeu?²⁷⁰

Os trabalhadores seguiam as dinâmicas impostas pela agricultura, a mudança de território para trabalhar com um produto, construindo casas e levando suas famílias, em outras palavras, estar perto do local de trabalho para designar as atividades. Muitos autores colocam em análise a questão das terras livres na Amazônia, marcadas por conflitos e situações burocráticas para posse dessas terras, muitos trabalhadores passam a utilizar os espaços para

²⁶⁹ SANTARÉM. Terra Santa- PA, 2018.

²⁷⁰ CABRAL. Parintins-AM, 2018.

as produções agrícolas, o que foi denominado por Ernesto Pinto, apropriação, posse e uso da terra, o que envolve a posse da terra, e o acesso aos solos férteis, o que permite uma produção familiar, que por sua vez na Amazônia é encarregada por toda movimentação agrícola e extrativista.²⁷¹

Ainda criança, Dona Maria Printes trabalhou com a fibra de juta quando tinha 12 anos de idade, conforme nossa análise, ela relatou que trabalhava com os japoneses na Vila Amazônia, e que nessa localidade trabalhavam muitas pessoas, entre homens e mulheres, em vários processos que a fibra requisita. Conforme segue a narrativa abaixo.

Hum! É muito trabalho, nós fizemos muito trabalho! Lá! Muito! Nós plantava! Nós os plantava.. A juta quando ela tava grande assim.. tinha muito.. a gente arrancava e ia plantar noutra lugar. É, outro lugar a gente ia plantar, pegava um pau, fazia assim.. ia furando e aí plantando, ia furando e ia plantando, ia furando e ia plantando e ia plantando assim.. Era os ca musso! Na escola de dois, ia banhar, tava tudo im pé! De repente se cria. É muito bunito, muito boa e eu trabalhei[.] Lavar, eu lavava muito. Quando era pra lavar a gente cortava a juta primeiro, fazia os feixes, amarrava todo, afogava n'água.²⁷²

Dessa forma, após apresentados as narrativas das trabalhadoras e suas idades, como um trabalho durante suas infâncias, podemos afirmar que o trabalho infantil é notificado a partir do ingresso de crianças no campo, a necessidade de filhos e filhas estarem auxiliando seus pais e mães nessas atividades agrícolas, esse fenômeno acontece em todas as regiões amazônicas e períodos como foram destacados, os trabalhos realizados pelas crianças eram considerados ajuda.

O ingresso da força de trabalho infantil nos campos pode ser analisado por uma exploração de demandas elevadas, por conta da juta em seus períodos de pico ser um produto exportado para diversos países no mundo, principalmente nas sacarias para exportação de produtos. Nesse sentido, o trabalho de crianças ajuda a contribuir e aumentar as produções dos setores. Importante destacar que não conseguimos identificar quantas horas diárias as colaboradoras trabalhavam quando eram crianças.²⁷³

²⁷¹ PINTO, Ernesto Renan Melo de Freitas. Os trabalhadores da juta: estudo sobre a constituição da produção mercantil simples no médio Amazonas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre – RS, p.5-8, 1982.

²⁷² PRINTES, Manaus – AM, 2018.

²⁷³ PINTO, Ernesto Renan Melo de Freitas. Os trabalhadores da juta: estudo sobre a constituição da produção mercantil simples no médio Amazonas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre – RS, p. 138, 1982.

5. Lutas e resistências

Dentro do cenário do campo, abre-se o debate para lutas e resistências que os trabalhadores e trabalhadoras expressam em suas falas, e consequentemente viveram durante o período de suas trajetórias. A primeira notificação é o motivo pelo qual impulsionaram esses trabalhadores e trabalhadoras o contato com o trabalho com a fibra, envolvidos entre necessidades e desafios. Entender a relação com a forma de trabalho estabelecida, de ajuda a outros sistemas ou sendo patrão de si mesmo, e proporcionando emprego a outras famílias, a forma final da juta é o objetivo dessa seção.

Nesse primeiro conceito iremos analisar a questão de terras, moradias e padrões. As terras na maioria das vezes são cedidas por tempo determinado a trabalhadores. Conforme pudemos perceber na fala das entrevistadas, para o plantio de juta precisam se locomover para regiões afastadas da cidade.

Relembramos aqui do acordo internacional firmado entre o estado do Amazonas e o Japão, chamado de Contrato de Concessão de Terras (1929), cedendo a localidade da Vila Amazônia para a cultura da juta, para alojamento dos trabalhadores e trabalhadoras nipônicos.

As terras escolhidas abrangiam áreas de várzea, terras que são encobertas pelas águas no período da enchente, o que permitia o desenvolvimento de culturas rápidas, como da juta, por exemplo, e terras firmes, para culturas permanentes, como da castanha. A Vila Batista, que depois Uetsuka mudou o nome para Vila Amazônia, foi escolhida como sede, por estar situada na confluência do paraná do Ramos com o rio Amazonas. ²⁷⁴

Por outro lado, temos os nativos, trabalhadores e trabalhadoras naturais da Amazônia, e a questão da posse da terra está presente no universo de trabalho da juta. Para LEAL (2007) essa temática foi dissertada como o processo de territorializa o e a questão da terra. Nessa obra, o autor fala da questão dos seringueiros, como funcionava a dinâmica da territorializa o da terra, que parte de um processo de constru o de instrumentos o que ocasiona um controle de recursos ambientais. ²⁷⁵ Em outras palavras, o seringueiro não obtinha de um espaço geograficamente determinado para retirar o látex das árvores, acontecia de uma forma dispersa, o trabalhador adentra na estrada caminhando por longos quil metros para extra o do látex, o que ocasionava na discussão da extensão desta terra de trabalho.

Logo, o uso dessa terra para os trabalhadores e trabalhadoras era caracterizada pelo sistema de posse²⁷⁶, que por sua vez   chegar a um local sem dono e habitar nele, tornando-se

²⁷⁴ KOUTAKUKAI, Amazon. *A saga dos Koutakuseis no Amazonas*. Manaus: Associa o Koutaku do Amazonas, p. 14, 2011.

²⁷⁵ LEAL, Davi Avelino. *Entre barracões, varadouros e tapiris: os seringueiros e as relações de poder nos seringais do rio madeira (1880-1930)*. Manaus- AM, p 69-70, 2009.

²⁷⁶ Idem.

dono. Para o trabalho mencionado, o autor trava um debate sobre as problemáticas desse sistema, porém para o trabalho da juta nos campos, não tivemos acesso a informações onde o sistema tivesse dado problema, principalmente ao governo.

Santos (2020), também traz esse tema, em sua contribuição acadêmica, afirmando que se torna complexo pelo ambiente da várzea, pois as terras de várzeas não podem receber títulos ou proprietários. Em outras palavras, essas terras de margens da marinha pertencem à União e ninguém pode se apropriar delas. Nesse sentido, ocasiona que esses trabalhadores criam estratégias que lhe permitam tornar-se (não que sejam proprietários, ou que as terras possam pertencer a eles) senhores/patrões de uma determinada propriedade.²⁷⁷

Ainda a luz de seu trabalho, Santos (2020) apresenta o argumento de dois trabalhadores que abordam sobre isso. Na primeira entrevista, o colaborador conta que chegou a uma região inabitável e denominada sem dono, e se apossou por utilizar aquela terra. No segundo relato, de outro trabalhador, ele conta que não obtinha de documentação da terra em que permaneceu por alguns anos para desenvolver o trabalho com a fibra.

Assim, o autor afirma *“Por não terem “donos” e, em muitas áreas da Amazônia, ninguém os utilizando, essa terras estão à disposição de quem as utilizar”*²⁷⁸, foi a dinâmica que também encontramos com os relatos das trabalhadoras caracterizando o movimento de uma resistência no campo, pois o primeiro passo para um trabalhador ou trabalhadora da Amazônia em campos rurais é a questão da terra, onde eles irão trabalhar.

Outra temática pertinente nessa agenda é o conceito de comunidade, o que alguns autores e suas contribuições acadêmicas trazem o conceito específico como Ferreira (2014), em seu livro sobre a vida dos trabalhadores da juta e da malva, ele coletou suas informações numa área delimitada, que foram as comunidades Nossa Senhora das Graças, Bom Jesus e Santo Antônio (região do Baixo Solimões). No item em que ele aborda sobre as comunidades, é colocado em ênfase uma constituição de sociedade rural nesses espaços,

*A formação histórica dos grupos sociais rurais da Amazônia é oriunda do encontro da cultura ameríndia, do colonialismo europeu e/ou da recente presença nordestina no período da economia gomífera. Os migrantes nordestinos, por exemplo, caracterizam veemente o modo de vida das populações que habitam a várzea, sobretudo, nos aspectos condizentes à atividades de trabalho, na implementação de técnicas de cultivo, pesca, nas crenças, no forte sentimento de religiosidade, nos costumes alimentares etc.*²⁷⁹

²⁷⁷ SANTOS, Franco Lindemberg Paiva dos. Povo de Fibra: mundos do trabalho no universo da juta (Baixo Amazonas: 1940...), p. 107, 2020.

²⁷⁸ Idem.

²⁷⁹ FERREIRA, Aldenor da Silva. *A vida dos trabalhadores da juta da malva no baixo Solimões*. Manaus, p. 29, 2014.

Dessa forma, a comunidade é um sistema de convivência, atividades, compartilhamento de conhecimentos, crenças e principalmente o sentimento de pertencer a algum lugar. Para esse trabalho é importante reafirmar que não tivemos a atividade da pesquisa de campo limitada em alguma comunidade que trabalharam com a fibra, e sim relatos de famílias com o objetivo principal de compreender a dinâmica de várias famílias em períodos distintos que partilhavam das mesmas dinâmicas. Ressaltamos que a única trabalhadora que viveu em uma comunidade, Vila Amazônia, para trabalhar com a fibra foi a colaboradora Maria Printes.

Outras questões colocadas em ênfase nesse universo é a relação de poder entre os trabalhadores e seus patrões.²⁸⁰ Essa é uma modalidade que pode ser apresentada de várias formas, podendo ser o comprador, empregador, o chefe, o dono das terras, ou aquele responsável pela produção e entre outros. Por sua vez, essa é a principal luta do trabalhador, pois muitas das vezes o patrão é aquele que cobra produção, independente da capacidade humana.

Leal (2009), disserta “*os patrões procuraram se organizar, já na primeira década do século XX, para estabelecerem regulamentos, visando o maior controle dos seus empregados.*”²⁸¹ Mesmo tratando dos trabalhadores seringueiros, ele traz com ênfase a figura de patrão, e ao controle dos trabalhadores e de suas atividades, o que torna-se um controle sobre a vida dos mesmos.

Nos relatos coletados, apresentados esses personagens como uma forma de empregador, e não foram identificadas formas de violência, mas certamente essa convivência de relação de poder apresenta uma relação cercada de conflitos e lutas. Desse modo, afirmamos que não tivemos nenhum episódio em particular sobre tais características. Porém a tensão, é um sentimento presente, embora também nesse trabalho não tenhamos relatos referente a qualquer violência ou forma de agressão desses personagens.

Sobre a questão relacionada aos patrões, chefe e donos das terras, pudemos identificar esse tema na fala das entrevistadas. A colaboradora Marlene Gonçalves relatou sobre essa

²⁸⁰ Termo utilizado e dissertado na obra de Davi Avelino Leal. Entre barracões, varadouros e tapiris: os seringueiros e as relações de poder nos seringais do rio madeira (1880-1930). Para esta dissertação ainda que não seja o tema do trabalho que envolva as atividades dos seringueiros, esta discussão torna-se importante nesse tópico, lutas e resistências, embora em seu trabalho o autor tenha abordado com mais ênfase sobre a característica do patrão envolvendo também é colocado em que os patrões são os maiores controladores de tudo nos campos, o trabalho, produtividade, lazer, violência a subordinação dos trabalhadores aos patrões, o que ocasionava numa luta entre essas duas esferas o quanto isso sobressaía era sobre a vida desses trabalhadores, é importante conhecermos como esse personagem esta presente nas diversas modalidades de trabalho na Amazônia.

²⁸¹ LEAL, Davi Avelino. Entre barracões, varadouros e tapiris: os seringueiros e as relações de poder nos seringais do rio madeira (1880-1930). Manaus- AM, p. 116, 2009.

relação de trabalho “ *éh.. ela ia lá.. que o marido dela trabalhava com juta, ele era empregado, do homem que trabalhava na juta, ele ia lá ajudar, com o pessoal*”²⁸². Sua mãe, que não foi revelado o nome, foi a primeira a ter contato com o trabalho da fibra, a partir do seu marido que trabalhava para um empregador.

A colaboradora Irenilda Garcia, fala sobre a existência de um patrão enquanto trabalhava com a fibra, em seu seguinte relato:

*É... vendia. Tinha os patrões... e aí quando nós moramos aqui no Valente, nós moramos 2... 3 anos aí eu criava muita galinha, ovos, eu juntava galinha, 2/3 frango, eu mandava pra minha irmã vender... ela comprava farinha, mandava ovos, ela comprava o ranchinho que quase no patrão ele só ia tirar dinheiro assim pra pagar os pessoal... que trabalhava, ele passava mês pra lá trabalhando... ia prestar conta e ele ia tirar o dinheiro mas nós nunca ficamos devendo..*²⁸³

Ainda que não fosse algo aprofundado no comentário da entrevistada, fala expressa, “*mas nós nunca ficamos devendo*”, nos remete a um sistema e pagamento ao patrão, envolvendo metas, deveres e até mesmo consequências se não chegasse a pagar ao que foi acordado. Logo, isso expressa uma luta, dos trabalhadores ao patrão, nesse caso, de não ficar devendo. Em outro momento da fala ela relata:

*Era tudo com o patrão.. Ele pescava muito, tinha era muito farto lá nesse lado que a gente morava.. ele fazia tudo isso.. ele deixava os meninos no trabalho do roçado e ele pescava.. tinha dias dele pegar 5/6 pirarucu ...os pirarucu até de 80 kg de dar 12 postos de pirarucu.. aí a primeira.. a primeira entrega de produto da comida nos entregamos 850 liquido de todo que tinha.. jacaré, a carne de jacaré, o coro, pirarucu, capivara, tudo seco né.. entregamos 850 kg liquido aí foi uma ponta beeemm entrada na despesa e nos tiramos um bom saldo.*²⁸⁴

Nesse relato podemos entender o sistema de entrega ao patrão que não envolvia somente o trabalho da juta, mas também outras formas de produção que poderiam realizar, por exemplo, a pesca, a caça sendo a carne de jacaré, o coro do animal, a capivara, e tudo numa forma seco, couro seco, já destinado para a venda.

Dona Marlene Silva, que trabalhou ao lado da mãe, não relatou sobre a relação entre os empregados e o patrão, ela expôs “ *ela ia lá.. que o marido dela trabalhava com juta, ele era empregado do homem que trabalha na juta, ele ia lá ajudar, com o pessoal*”.²⁸⁵ A entrevistada não se recordava de mais informações porém compartilhou a presença de empregador.

²⁸² SILVA. Parintins-AM, 2018.

²⁸³ GARCIA. Parintins – AM, 2018.

²⁸⁴ Idem;

²⁸⁵ SILVA. Parintins-AM, 2018.

Ao falar sobre patrão, Dona Maria Printes teve uma recordação de Ryoto Oyama “há! *Esse patrão era ótimo! Era velho, velho Ryoto. Me chamava pai pra ele. “papai”. Alô*”²⁸⁶. Mostrando uma forma positiva sobre o japonês que administrava o trabalho da juta na Vila Amazônia, em outro trecho a colaboradora expôs o cuidado que o patrão teve em aprender o idioma da região “[...] *Seu Ryoto, sabia português bem!*”, ao questionar se ela sabia falar japonês para se comunicar com o patrão.

Dona Dinelza Cabral, ao primeiro momento sobre o tema de terras, ela fala onde moravam “[...] *aqui do outro lado do rio.. daqui de Parintins.. tem esse lado de lá?...[...] Pois é.. é lá.. do outro lado de lá que a gente morava.*”²⁸⁷. Na continuação da entrevista ela não nos revela se seu pai teria algum patrão, apenas que ele era agricultor, e introduz a fala para o processo da juta, suas atividades, a dinâmica de ajuda que tinha no campo com outras famílias.

Em sua fala, Dona Maria Daízes abordou com muitos detalhes do processo da fibra de juta, deste modo não conseguimos identificar se ela e seu marido trabalhavam por conta própria, porém em um trecho “*Olha eu.. quer saber minha idade que eu comecei a trabalhar com juta?.. com 16 anos.. com 16 anos.. aí eu me casei com 16 anos.. aí eu fui trabalhar.. aí eu fazia tudo isso desde nova.*”²⁸⁸. Ainda em seu relato, pudemos concluir que ela se locomoveu para trabalhar com a fibra junto ao seu marido.

Outro relato de trabalhadora do campo que tivemos foi Dona Maria Joana, que abordou sobre o tema; A entrevistada não detalhou se seus pais eram os donos das terras onde trabalhavam, porém em trechos de suas falas pudemos perceber que eles foram agricultores e que eles usavam do sistema de ajuda no campo, chamado puxirum como foi abordado pela colaboradora, e faziam seu sistema de troca da fibra com outros insumos.

Dona Maria Printes, que trabalhou com os japoneses na Vila Amazônia, no trecho de sua fala:

*É! Eles pagavam a gente, não era assim com dinheiro puro não. O que na época, lá, eles tinham dinheiro, mas o dinheiro mesmo que eles pagavam nós, no trabalho, era umas fichas, umas fichas de madeira, toda carimbada aquelas fichas, toda carimbada. Então quando era dia de sábado o pessoal ia trocar aquelas fichas com eles. Aí que eles davam dinheiro, eles ficavam com as fichas e a gente com. Trazia dinheiro e eles ficavam com as fichas.*²⁸⁹

²⁸⁶ PRINTES. Manaus – AM, 2018.

²⁸⁷ CABRAL. Parintins-AM, 2018.

²⁸⁸ CARNEIRO. Parintins-AM, 2018

²⁸⁹ PRINTES. Manaus – AM, 2018.

Ao pensar sobre as relações patrões e trabalhadores, podemos perceber que algumas das entrevistadas trabalhavam com sistema de serem contratantes; não tivemos acesso a informação sobre como chegavam as terras para o trabalho, e se as terras pertenciam aos seus domínios como proprietários/proprietárias. Pudemos verificar que um dos motivos para ao trabalho familiar era para ajudar em algumas atividades.

Referente ao tema sobre comunidade entende-se que é uma formação de um grupo social, para esses trabalhadores e trabalhadoras que habitam em um determinado espaço e criam sociabilidade, compartilhamento de aprendizados (uma forma de adaptação ao local), sistemas de ajuda, vizinhança, festas típicas.²⁹⁰

Dona Marlene Gonçalves trabalhou na comunidade do Limão, em sua fala ela expõe: *“Limão é comunidade né? (conversa com a colega ao lado) isso, interior na beira do rio”*.²⁹¹ Logo depois, ela traz algumas características de divertimento que tinha próximo a comunidade na qual sua família trabalhava.

*Nesse tempo eu tarra era muito nas Serestas. [...] A gente ia pra festa, era dia de sexta-feira, aí uma Seresta que tinha era só assim...a seresta que eles faziam era assim tocando música, sabe o pessoal ia pra lá cantar.. ir pra lá brincar, dançar, beber. Tomar cerveja, era assim que era.. era lá no Mangueirão a seresta.*²⁹²

Mangueirão também é uma comunidade, na qual a entrevistada se referiu em que ela e sua família iam para diversão nos finais de semana. Serestas eram as formas de descontração que sua família e outros trabalhadores tinham.

As outras colaboradoras não abordaram sobre comunidade, apenas pudemos perceber que elas se movimentavam para áreas de várzeas, podemos identificar isso na fala de Dona Irenilda Garcia *“Não.. não era comunidade.. era um local de um senhor que arrendava as terras pras pessoas trabalharem [...] Era arrendado da companhia JG”*²⁹³.²⁹⁴ Conclui-se que as terras eram para passar a temporada de atividades que necessita de trabalho com a juta e depois retornavam a cidade.

A família de Dona Maria Joana não trabalhava em comunidade e sim numa localidade onde seus genitores designavam as atividades e moravam no mesmo lugar. Em seu relato ela

²⁹⁰ FERREIRA, Aldenor da Silva. *A vida dos trabalhadores da juta da malva no baixo Solimões*. Manaus, p. 29, 2014.

²⁹¹ SILVA. Parintins-AM, 2018

²⁹² SILVA, Parintins-AM, 2018

²⁹³ “A Cia. J. G. 105 Araújo se projetava, na época, como uma das mais poderosas companhias comerciais no estado do Amazonas. Foi ela que arrematou toda a estrutura de Vila Amazonas em 1946, que havia sido confiscado pelo governo brasileiro em 1942.”. SANTOS, Franco Lindemberg Paiva dos. *Povo de Fibra: mundos do trabalho no universo da juta (Baixo Amazonas: 1940...)* p. 496, 2020.

²⁹⁴ GARCIA. Parintins – AM, 2018.

aborda sobre a sociabilidade, de fazerem parte de festejos em uma comunidade vizinha da região,

[...] quando lá no interior quando a gente ia .. eu me entendia assim.. de.. a mamãe ela.. levava a gente.. todo mundo.. tem festa no Jacaré! Tipo assim.. Vai ter festa no Jacaré que era em Dezembro.. já tava nas férias. A gente vinha pra ir.. olhar.. era.. era.. festa de padroeira assim da comunidade.. aí tinha jogos.. tinha festa.. assim.. mas aquele cuidado eles tinham muito com a gente assim.. não era dizer que eles se metiam e deixava os filhos... não! Eles tinham muito esse cuidado.²⁹⁵

A entrevistada relatou sobre os cuidados que seus pais tinham ao levarem aos festejos, em outro trecho ela comenta sobre outras comunidades que tinham próximos e eles iam visitar durante o ano,

Aí tinha a festa... do Caldeirão.. Lá no Anabú agora já tem a padroeira de lá da comunidade.. que é Nossa Senhora de Aparecida.. depois de muitos anos como aumentou a comunidade é.. era tipo assim.. é um núcleo do Caldeirão.. a festa é lá no caldeirão a comunidade que a gente participava era no Caldeirão.. aí.. o Anabú era um núcleo assim não era...comunidade mesmo como é agora.. já é comunidade.. tem a padroeira de lá.. já tem escola.. nesse tempo.. era a.. aí a gente ia.. caldeirão .. “festa do Caldeirão”.. era em Dezembro também.. a gente ia pra lá.. mamãe gostava muito de ajudar.. ela fazia oferenda²⁹⁶ ... ela era assim.. envolvida tanto a igreja quanto no social.. ela era envolvida assim.. então quer dizer que a gente já ia com tudo... pra lá!.. pra ajudar pra ficar por lá.. aí...tinha a festa do Coró-coró.. que é uma outra comunidade próxima.. também a gente ia pra lá com eles porque eles gostavam né.. aí eles levavam a gente ... então era essa a nossa diversão!.. no interior.²⁹⁷

Durante o relato das entrevistadas conseguimos identificar traços que compõem o tema relacionado a motivos que levavam a este trabalho. O primeiro a ser elencado é o motivo por estarem envolvidos com a agricultura da fibra de juta. A colaboradora Dinelza Cabral expõe em seu relato:

Não.. nessa área era só a nossa família mas tinha outras famílias que era o mesmo processo.. entendeu? Cada um fazia o seu plantio mas eram várias famílias assim.. extensão de famílias que trabalhavam nesse.. nesse ramo de vida.. nesse tempo era isso que dava dinheiro pras pessoas sobreviver! Entendeu²⁹⁸

A juta na vida dessas trabalhadoras e trabalhadores representa esse produto que estava em alta nesse período e eles optavam por trabalhar com esse plantio como uma forma de sobreviver, a partir da renda que essa economia poderia proporcionar, podemos compreender isso a partir de outro trecho do relato “Era.. era pra sobreviver mesmo.. sobreviver.. nesse tempo a gente não estudava não era só trabalhar mesmo.. tinha.. nesse tempo não existia

²⁹⁵ SANTARÉM. Terra Santa- PA, 2018.

²⁹⁶ Oferenda significa ofertar algo, geralmente quando refere-se a religião, seja para ofertar dinheiro ou ajuda, ou até mesmo oferendas em formas de comida em religiões específicas, como as religiões de matrizes africanas.

²⁹⁷ PRINTES. Manaus – AM, 2018.

²⁹⁸ CABRAL. Parintins-AM, 2018.

como agora, facilita tudo né pro estudo.. a vida lá só era trabalhar pra sobreviver mesmo..”

299

No relato de Dona Maria Joana, também é abordado sobre esse assunto, o motivo que seria levado e guiado a esses trabalhadores, em trechos já abordados como “*a juta tinha sido praticamente para criar a gente*” podemos entrar nesse universo, no momento de seu relato onde ela se emocionou ao lembrar que a juta tinha sido pela sobrevivência de sua família.

Conseguimos ver o cenário diferente na fala de Dona Maria Daízes “*É... dava dinheiro, a gente tinha as coisas.. dava dinheiro.. o pobre tinha dinheiro (sorriso no rosto) não é como agora.. que vive em crise.. a comida tá horrível tudo caro.. caro..*”³⁰⁰. A colaboradora em sua fala faz um comparativo do seu presente e passado, ela afirma que mesmo com o processo exaustivo da plantação de juta, o dinheiro antigamente era mais valorizado na hora de comprar insumos e comida.

Ajudas mútuas, também foi um tema abordado pelas entrevistadas, como essa dinâmica poderia acontecer no campo, e com o mesmo objetivo, de ajuda entre si, os trabalhadores rurais. Dona Maria Joana traz o conceito de puxirum em sua fala, ora apresentado, como uma ajuda de outras famílias, no campo, ela ainda expõe:

*Porque no caso ele não tinha condições de pagar né.. aí como ele fazia.. hoje era dia de trabalho dele.. Quando fosse no outro dia que fosse de outro vizinho aí ele já ia lá já ajudava.. já levava tipo ele e mais dois irmãos meu.. já iam pra lá já ah aquelas três pessoas já ia lá pra ajudar.. o outro lá vai fazer a vez dele ... ah.. então era assim que era dessa forma..*³⁰¹

Outro assunto que se torna importante destacar é a questão das sementes, como que os trabalhadores têm acesso ao principal quesito para começar a trabalhar com a fibra. Podemos considerar que a luta nessa trajetória da fibra de juta começa a partir da conquista dessas sementes, para iniciar os plantios. Nos relatos, das colaboradoras que realizaram atividades no campo, entre elas Maria Joana, Dinelza Cabral e Marlene Gonçalves, não tivemos acesso a como os agricultores e agricultoras tiveram acesso as sementes.

A importância de mencionar esse assunto, que ora não foi abordado com tanta especificidade nos argumentos coletados vem em questão a essa luta que estava travada no começo para o plantio de juta. HOMMA (2016), é um autor renomado e conhecido por tratar sobre a imigração japonesa e a contribuição para o desenvolvimento agrícola da região

²⁹⁹ SANTARÉM. Terra Santa- PA, 2018.

³⁰⁰ CARNEIRO. Parintins-AM, 2018.

³⁰¹ SANTARÉM. Terra Santa- PA, 2018.

Amazônia. Por sua vez, ele coloca a discussão referente as sementes, como “a questão da distribuição de sementes”.³⁰²

O primeiro momento é colocado essa questão como uma dependência das sementes, e dessa produção para multiplicação e distribuição. Em 1940, nos municípios paraenses de Alenquer, Monte Alegre e Santarém houveram produções de sementes, o que com o decorrer da produção logo depois ficou exclusivamente em Alenquer. Por conta de sua dinâmica de terra menos molhada³⁰³ para fertilização das sementes, foi um dos motivos que levou aos japoneses determinarem somente uma área.³⁰⁴

*A crise da juta sempre esteve relacionada com o descompasso no setor de produção de sementes de juta em Alenquer. As restrições ao desmatamento de floresta densa e a expansão das pastagens, nas décadas de 1970 e 1980, para atender à pecuária, fizeram com que a produção de sementes fosse colocada em plano secundário, bem como a própria lucratividade na produção de semente. Outro aspecto foi a própria crise na produção de fibras, reduzindo a demanda por sementes.*³⁰⁵

Esse assunto relacionado a sementes foi bastante pertinente, principalmente para o Estado do Amazonas que possuía grande produção da fibra de juta, podemos afirmar que para a região, essa questão virou um tema presente nas agendas políticas.

*O cenário político da produção de sementes teve, portanto, ao longo da história, diversos desdobramentos. No Estado do Amazonas, a distribuição de sementes de juta sempre esteve a cargo da Delegacia Federal do Ministério da Agricultura, até o início da década de 1970, quando foi rompido no governo de João Valter, que foi entregue à Secretaria de Produção Rural, na gestão de José Sílvio de Souza, na qual foi promovida a distribuição gratuita de sementes de juta no período de 1971–1974, com grandes desperdícios.*³⁰⁶

Por sua vez, ao falar desse assunto FERREIRA (2014), discorre que as sementes mesmo no “período áureo” da fibra no Estado é uma questão problemática. O Amazonas é o maior produtor de sementes do Brasil, porém ainda assim existe uma dificuldade de os agricultores terem acesso. Aos trabalhadores que são empregados de empresários, tem acesso a partir de distribuição pelos patrões.³⁰⁷

³⁰² HOMMA, Alfredo Kingo Oyama. A imigração japonesa na Amazônia: sua contribuição ao desenvolvimento agrícola / Alfredo Kingo Oyama Homma. – 2. ed. – Brasília, DF : Embrapa, p 96, 2016.

³⁰³ As terras molhadas citadas são as áreas da várzea, são boas para a fertilização da fibra de juta, porém quando trata-se da fertilização da semente para distribuição para outras produções esse quesito pode não permitir o chamado ciclo vegetativo.

³⁰⁴ Idem.

³⁰⁵ Idem.

³⁰⁶ HOMMA, Alfredo Kingo Oyama. A imigração japonesa na Amazônia : sua contribuição ao desenvolvimento agrícola / Alfredo Kingo Oyama Homma. – 2. ed. – Brasília, DF : Embrapa, p. 100, 2016.

³⁰⁷ FERREIRA, Aldenor da Silva. *A vida dos trabalhadores da juta da malva no baixo Solimões*. Manaus, p. 148, 2014.

Esse problema não é algo novo, é pertinente durante toda a trajetória da fibra, de acordo com um relato, ele frisa sobre a questão do preço alto da juta e até mesmo a máquina³⁰⁸, e são instrumentos imprescindíveis para os agricultores e agricultoras da fibra de juta. Politicamente, esse tema era levado em consideração se os governantes obtinham de interesse em questões agrícolas do Estado, o que ocasionava investimentos e até mesmo distribuição de sementes no estado.³⁰⁹

A entrevistada Maria Printes, por ter trabalhado na Vila Amazônia foi a única que colocou em ênfase a preocupação e o acesso as sementes, podemos analisar isso no seguinte relato:

*Pois tem a máquina de plantar. Enche ela, manda fazer uma máquina. Enche ela da semente aí o senhor vai plantando. Vai plantando, vai plantando, vai plantando, aí de repente o senhor planta um quadro. Mas também não ponha muita semente pra não estragar!*³¹⁰

Ainda na fala da entrevistada, ela pontua sobre a expansão da fibra de juta no Amazonas, com os agricultores e agricultoras que passaram a trabalhar nessa atividade.

Hum! Tudo por aí tinha juta. Paraná da Eva, Paraná de Parintins, tudo por aí tinha juta. Foi se espalhando, espalhando. Eles iam lá com ele, comprar semente; aqueles que não plantavam aí lá com ele, comprar juta, comprar semente! Comprava a casca, comprava a semente pura mesmo e levavam pra ir trabalhar. É!” [...] *É assim, ali com ele não se perde nada, nem uma casquinha da semente da juta não perdia! Tudo ele aproveitava num sacão, uns sacos tudo feio. Aqueles sacos como diz, conforme aquela água vai saindo, vai ficando aquele capinzinho meio água, meio terra meio água, eles vão lá joga aquela casca lá tudinho. Quando é uns três quatro dia tá tudo nascido. Uns pedaços de juta meio assim. Aquilo é danado pra plantar, pra nascer.*³¹¹

Em sua fala, é expressado a importância das sementes, principalmente ao acesso a partir de compras e ao cuidado com o desperdício, ou até em outro momento da fala, quando ela nos traz o movimento de retirada das sementes a partir de plantações que já existiam.

Assim que ele fez. A primeira vez foi assim. Ele plantou, ele plantou os pés de juta lá pelo interior, noutro interior e quando começou a dar fruta tudinho, ele num tirou, apanhou tudinho, deixou secar tudo e apanhou tudinho pra não perder nenhum caroço. Ele juntou todo o caroço daquele semente, daquela juta que ele plantou, ele juntou tudinho. Aí foi justamente quando ele comprou esta terra aí de frente de Parintins, pra ele já vim fazer aí ele já fez muito melhor, muito maior. É! Ele sabia trabalhar mesmo. Ele começou do nada e plantava lá o jutá e de lá ele vendeu pra muita gente. Vende pra muita gente. O caroço, a casca, tudo ele

³⁰⁸ Já abordamos sobre essa máquina que foi criada por Ryoto Oyama, chamada de maquina de ticó ticó, para distribuição de semente sem desperdícios nos campos.

³⁰⁹ FERREIRA, Aldenor da Silva. *A vida dos trabalhadores da juta da malva no baixo Solimões*. Manaus, p.148, 2014.

³¹⁰ PRINTES. Manaus – AM, 2018.

³¹¹ PRINTES. Manaus – AM, 2018.

*vendia. Porque na casca também, nem que tu bata com garrava, a gente bate com garrafa pra ela saí mas não saí tudo, ainda fica. Pega a garrafa e vai bater (batendo com as mãos), não sei com quê. Bate. Bate, bate aquele monte pra ela caí, caí muito. Ajunta a casca e tudo e vai enchendo nos baldes. Tira a semente. Lá, aquela casca, enchendo o saco, ainda vai jogar e vai nascer muita juta.*³¹²

Conforme já afirmado pela entrevistada, ela trabalhou com Ryoto Oyama na Vila Amazônia, de certa forma, suas lembranças das atividades são referente ao funcionamento da Vila. Importante destacar aqui, a dinâmica de como funcionava a distribuição de sementes e que era um assunto peculiar para o Estado.

Ainda nessa seção de lutas e resistência um tema presente nessa agenda é o sistema de vendas e trocas dos fardos de juta. WITKOSKI (2007), aborda sobre o sistema de troca da fibra como um dilema, pois é a venda do trabalho, de toda produção por meses e esse debate é travado entre os seguintes conceitos:

*Dois tipos de comportamentos econômicos, via de regra, são encontrados na esfera da comercialização: 1) os camponeses trocam seus valores de uso por valores de uso de outros atores sociais (mercadorias), sem a mediação do dinheiro e; 2) vendem seus produtos e, com o dinheiro obtido, adquirem outros valores de uso (mercadoria).*³¹³

A partir desses dois comportamentos econômicos que foi elencado para os trabalhadores da Amazônia, o autor introduz os agentes da comercialização que são marreteiro, regatão, patrão, marreteiro da feira e outros.³¹⁴ Os trabalhadores comercializam sua atividade de trabalho com fibra para um desses agentes citados. Num dos relatos tivemos o acesso de informação sobre a presença de regatão como agente da comercialização de troca.

Por sua vez, FERREIRA (2014) aborda sobre esse assunto em comercialização e seus agentes: esfera de ação, como uma atividade realizada a partir de uma ação que dá sentido a venda da força de trabalho a partir de um produto, envolvendo toda a questão de colocar um preço a esta ação realizada. São os produtos que vão entrar em uma esfera pública a partir da comercialização dos mesmos.³¹⁵

O autor afirma que é uma forma de degradação, além das inúmeras atividades por meses nesse processo, envolvendo todas as modalidades de trabalhos exaustivas, afirma “A esfera pública da comercialização das fibras de juta e malva revela a dimensão subjetiva do

³¹² PRINTES. Manaus- AM, 2018.

³¹³ WITKOSKI, Antônio Carlos. Terras, florestas e águas de trabalho. Os camponeses amazônicos e as formas de uso de seus recursos naturais. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, p. 357, 2007.

³¹⁴ Idem.

³¹⁵ FERREIRA, Aldenor da Silva. *A vida dos trabalhadores da juta da malva no baixo Solimões*. Manaus, p. 179, 2014.

trabalho degradante. A degradação agora não é mais física e sim moral”³¹⁶

Em outro momento também traz o panorama de pensar sobre troca e o dinheiro. Não só da necessidade de trocas por mercadorias, mas também faz-se presente a necessidade de dinheiro para possíveis idas a cidade e para outros fins.

Sobre o sistema de troca, a narradora Maria Joana relatou:

*[..]Tinham os regatões as pessoas que que faziam as vendas, entregavam mercadorias essas coisas.. aai.. ele, o papai, ele não trabalhou com banco, ele trabalhava com esse regatões, esses regatões levavam assim.. o mantimento pra ele a mercadoria, assim.. entregavam pra ele, vamos dizer, nesse tempo era era era.. comê? Saco de açúcar, de café, era tudo fartura.. porque dava bem a juta ne? [..] aí então.. ele pegava tudo assim.. o papai, pegava uhh uhh esses esses.. mantimentos assim.. aí.. além disso dinheiro também, eles tinham..*³¹⁷

Maria Joana era filha de agricultores, e seus pais viajavam para uma localidade nessa empreitada do trabalho rural, com toda sua família, e contratavam pessoas para trabalhar. Seu pai, não tinha contato com banco ou alguma instituição que pudesse financiar, assim no estágio final que a fibra já vai para venda, sua família optava pelo sistema de troca por mercadorias, e insumos para casa.

Se seus pais precisarem de dinheiro em espécie, a entrevistada relatou “*aí o dinheiro quando precisava de dinheiro.. vai lá.. aí.. quando eles faziam o trabalho da juta pra fazer entrega.. aí iam entregar “ quantos quilos” aí que vinham ver se tinham comê.. o.. comê que diz assim.. o saldo que eles falavam..*”³¹⁸. Pois, a juta era vendida por quilo e seu preço era medido por este fator.

Ainda em sua fala relacionada à venda e dinheiro ela nos contou “*é.. vamos ver se tem saldo..[..] Quando acabava a safra.. aí eles iam justar pra ver se tinham algum dinheiro..*”. O saldo era o dinheiro, antigamente era a palavra utilizada pelos trabalhadores, e o ajuste disso é a contagem da produção por peso e o valor que isso valia. Em sua fala, ela deixa bem explícito sobre a valorização da juta naquele período proporcionava uma boa troca.

Sobre vendas, Dona Dinelza foi bem específica sobre o destino da juta produzida nos campos pela sua família era vendida, em sua fala “*[..] aí depois dessa prensa meu pai pegava né e vinha comercializar aqui na.. aqui na Caçapava que o pessoal daí que comprava a juta*”³¹⁹. Caçapava foi uma empresa que ficava em Parintins e comprava a juta dos agricultores que produziam ao redor da região.

³¹⁶ Idem.

³¹⁷ SANTARÉM. Terra Santa- PA, 2018.

³¹⁸ Idem.

³¹⁹ CABRAL. Parintins-AM, 2018.

Na fala de dona Maria Daízes tivemos a seguinte informação “*É.. É!! já ia pra vender.. que já tava pronto os fardos.*”³²⁰. Após o estágio final, a opção escolhida pela sua família era a venda dos fardos. Outra entrevistada que não entregou em detalhes esse assunto foi dona Marlene Gonçalves “*É, eles vendiam aqui..*”³²¹, a entrevista foi realizada em Parintins, ao falar “aqui” era onde a entrevistada estava se referindo sobre a ação da venda de juta.

Dona Maria Printes, por sua vez, trabalhava com os japoneses na Vila Amazônia, porém ela obtinha do conhecimento não só do trabalho mas também da venda, ela nos relatou “*fazer os fardos, fazer os fardos amarra as cabeças e vai fazendo os fardos. Ai você bota na costa, vai vender e pega dinheiro (risos)*”³²².

Dona Irenilda Garcia em seu relato não especificou se havia sistema de venda, ela usa a palavra entrega, relatou “*Não.. a gente só fazia entrega.. ele pescava.. ele fazia entrega de carne de jacaré, de pirarucu, de capivara, coro de jacaré ele entregava pra esse patrão...*”.

³²³ Logo, eles não trabalhavam por conta própria e toda produção era entregue para o patrão.

O relato de Dona Maria Joana, traz uma luta entre os próprios trabalhadores:

*É nessa idade aí.. Ai nós fizemo todo o trabalho porque a gente não queria também que alguém fizesse depois ia cobrar da gente pra gente.. quando a gente fosse vender... tipo assim quando tivesse no fardo aí a pessoa ia dizer.. olha eu te ajudei.. tu vai ter que vê quanto que tu vai dar.. aí quer dizer.. nisso a gente queria tirar lucro com aquilo pra gente vê o dinheiro pra poder comprar tipo a necessidade da gente que era roupa.. comprar uma roupa.. que os pais da gente comprava a necessidade e acabou-se ..podia a gente tá querendo olhar.. numa loja uma roupa... Eu querendo mas se eles achassem que não era necessário eles não compravam.. ficava só na vontade aí.. dessas vez nos trabalhamos direto mesmo.*³²⁴

Existiam as ajudas mútuas conforme afirmado pela entrevista, porém a cada ano em que ela e seus irmãos cresciam, assumiam atividades para que seus pais não tivessem a preocupação de contratar alguém e ter um gasto a mais, principalmente na venda ou troca dos fardos de juta, que dependia muito da temporada de venda. Assim, podemos entender uma luta entre os trabalhadores como ajuda entre si e ao mesmo tempo uma resistência entre eles mesmos, no momento em que optam em colocar os filhos no campo para trabalhar.

Assim pudemos analisar como cada família escolheu o comportamentos econômicos e dos agentes da comercialização dessa ação, e como essa informação muda o sentindo e a própria valorização do trabalhador ao colocar o produto em venda.

³²⁰ CARNEIRO. Parintins-AM, 2018.

³²¹ SILVA. Parintins-AM, 2018.

³²² PRINTES. Manaus – AM, 2018.

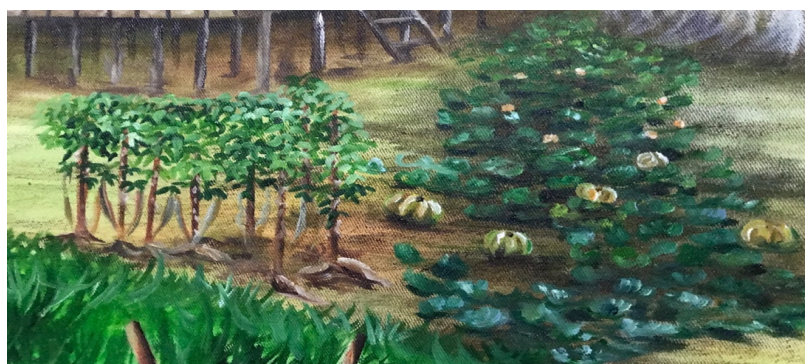
³²³ GARCIA. Parintins – AM, 2018.

³²⁴ SANTARÉM. Terra Santa- PA, 2018.

6 - A fronteira da Amazônia

A fronteira da Amazônia vai muito além de uma localidade geográfica de um território ou demarcação, o que se poderia pensar ao trazer esse tema para as Relações Internacionais. Para o conceito da Historiografia da Amazônia trata-se de vários aspectos que a região pode apresentar tanto econômicas e sociais. Assim como os seringais na Amazônia, que constituíram parte da História, temos a fibra da juta, que podemos encaixar na fala de João Pacheco (2016), ao tratar dos seringais quando o considera na situação como fronteira “um mecanismo de ocupação de novas terras e de sua incorporação, em condição subordinada, dentro de uma economia de mercado”.³²⁵

Imagem 13: Parte 10 da Tela: Ilustrando a História Oral das jiticultras da Amazônia, o ressoar da voz. Pintura de Arildo Mendes, Parintins-AM, 27/11/2019.³²⁶



Fonte própria.

Ao buscar interpretar a História da Região o conceito de fronteira torna-se necessário, principalmente na região amazônica com a dinâmica de terra, água e floresta onde existe a possibilidade de várias formas de sobrevivência e produção para movimentação econômica ou de trocas. A noção de ciclo busca um modelo de organização quadrado que por longos anos está infiltrado na História do Brasil como uma região que sobrevive apenas de um único produto, uma visão que só a econômica possa suprir tal local. Esse trabalho não trata de um ciclo, (começo, meio e fim) com uma ideia produto único que move uma economia.³²⁷

³²⁵ OLIVEIRA, Joao Pacheco. O nascimento do Brasil e outros ensaios: “pacificação”, regime tutelar e formação de alteridades. Contra Capa: Rio de Janeiro, p. 118, 2016.

³²⁶ Este é um detalhe particular que a pintura traz, ilustrado próximo da casa, as plantações de hortaliças que as trabalhadoras da Amazônia faziam durante suas trajetórias no campo. Desenhados abóboras e cheiro verde.

³²⁷ OLIVEIRA, Joao Pacheco. O nascimento do Brasil e outros ensaios: “pacificação”, regime tutelar e formação de alteridades. Contra Capa: Rio de Janeiro, p.118-119, 2016.

*[...] Dividir ou subdividir a história da Amazônia em ciclos ou produtos, impede esclarecimentos o principal, ou seja, quais foram as formas de utilização de força de trabalho; que de maneira era incorporada a mão-de-obra aos processos de trabalho utilizados nesses diferentes momentos de incorporação da Região, ao processo de acumulação de capital; e como as formas de produção anteriores resistiram aos processos de subordinação ao capital comercial.*³²⁸

No ato da entrevista, foi questionado sobre outros plantios além da juta, por conta de o produto ser sazonal e não ter outra propriedade a não venda ou troca. O cotidiano dos trabalhadores e trabalhadoras é exaustivo, marcado pelas diversas etapas que o produto requer, ainda assim, a finalização da produção não oferece um produto comestível ou que se caracterize como alimento. Os trabalhadores se sentem na responsabilidade de desenvolver atividades extremamente desafiadoras para que o produto possa supri-los dentre duas necessidades, com isso, passam a utilizar das diversas propriedades que o ecossistema pode oferecer: pescam, extraem, plantam, colhem, criam animais, para que possam sobreviver e sustentar a família ou até mesmo vender; os trabalhadores Amazônico adapta-se as temporadas que o ano oferece.³²⁹

Dessa forma, segue abaixo as narrativas que contextualizam esse acontecimento nos campos amazônicos, respondendo a seguinte pergunta: Além do trabalho da juta, vocês trabalhavam com outros plantios?

Dona Dinelza Cabral relatou “[..] ele plantava melancia, ele plantava jerimum, feijão, milho.. [...] Pois é.. esse ..esse plantio ainda é da zona lá da juta ainda, que além da juta o papai plantava isso também e a gente ajudava a plantar.. pra ter mais um ganho de vida.”³³⁰. Nesse relato ela pode nos compartilhar sobre outras atividades além da produção da fibra de juta.

Dona Maria Joana expos em sua fala:

*[...] além da juta.. eles plantavam banana, melancia, macaxeira, macaxeira, jerimum, couve..ééh.. maxixe, cheiro verde, cheiro verde a mamãe plantava muito também, quando ela ia pra cidade.. assim que ela visitar a gente né.. que eles iam pra lá...como de Nhamundá pra lá era longe nesse tempo.. a gente não tinha transporte. Meu avô que tinha um barco.. mas dependia da viagem dele pra eles irem pra lá.. não era uma viagem.. a minha viagem.. a viagem com meu pai e minha mãe .. não tinha.. tinha que se juntar porque era caro nesse tempo pra chegar pra lá ne.. aí tinha que esperar o dia que o meu avô vai pra cidade.. aí... ela levava isso daí e aí a gente ajudava ela vender em Nhamundá..*³³¹

³²⁸ PINTO, Ernesto Renan Melo de Freitas. Os trabalhadores da juta: estudo sobre a constituição da produção mercantil simples no médio Amazonas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre – RS, p. 3, 1982.

³²⁹ FERREIRA, Aldenor da Silva. A vida dos trabalhadores da juta da malva no baixo Solimões. Manaus, p. 54, 2014.

³³⁰ CABRAL. Parintins-AM, 2018.

³³¹ SANTARÉM. Terra Santa- PA, 2018.

A narradora trabalhou quando era criança, e se recordou em seu relato sobre essa atividade que era realizada pela sua mãe a plantação de hortaliças, e principalmente sobre a dinâmica de venda na cidade de Nhamundá como uma forma de renda extra, nas idas necessárias para a localidade.

Dona Marlene Gonçalves, que trabalhava com sua mãe na comunidade do Limão, em sua fala expôs “*Plantava sim, minha mãe plantava macaxeira..*”³³². Um plantio que é continuo na economia das regiões amazônicas, de certa forma também caracterizado por ser um produto que requer muita força braçal e sua mãe priorizava para desenvolver este produto.

A narradora Maria Daízes explicou “*A gente trabalhava, plantava milho, plantava feijão, plantava melancia.. Tudo isso a gente plantava a gente tinha.. Canavial*”³³³ *a gente plantava..*”³³⁴, em suas falas ela relata sobre seu marido pagar vários trabalhadores para agirem com todos os plantios que tinham no campo que era responsável, de certa forma não trabalhavam somente com a fibra de juta.

A entrevistada Maria Printes expôs comentários sobre outros tipos de plantações para movimentação econômica a região em que trabalhava, seguinte fala:

[..] Então tem que gostar do trabalho (inaudível). Eu sempre vi assim, eu sempre vi assim. Eu sempre gostava dos meus trabalhos, eu trabalhava muito. Na juta, antes da juta eu ia trabalhar com essa roça, arrancar mandioca, fazer farinha, torrar, fazer bejú de mandioca, fazer farinha de tapioca. Ih! Eu trabalhava era muito (inaudível) o senhor sabe que é muito grande (inaudível) é o trabalho. E eu gostava, sempre gostei. Nasci pra gostar do trabalho. Você sabe, eu tô aqui, com esta idade já e tem vez que eu quero fazer aí pra traz.”³³⁵

A narradora em alguns relatos expõe que na região do Cumprido e em outros momentos trabalhou na Vila Amazônia, um território que foi cedido para os japoneses durante os tramites burocráticos da imigração japonesa para os colonos trabalharem com as plantações de juta.³³⁶ O território que ficava localizado há trinta minutos de barco próximo ao município de Parintins, era caracterizado de solo fértil e próximo do rio, a região foi utilizada exclusivamente para as plantações de juta.

³³² SILVA. Parintins-AM, 2018.

³³³ Dona Maria Daízes Jacaúna explicou que: “Canavial é aquela planta cana... planta cana que dá o açúcar.. dá a garapa.. da essas coisas..”.

³³⁴ CARNEIRO. Parintins-AM, 2018.

³³⁵ PRINTES, Maria Vasconcelos Ribeiro, 100 anos, entrevista realizada no dia 11/06/2018. Manaus – AM;

³³⁶ KOUTAKUKAI, Amazon. A saga dos Koutakuseis no Amazonas. Manaus: Associação Koutaku do Amazonas, 2011.

Dona Irenilda Garcia relatou:

*É.. vendia. Tinha os patrões.. e aí quando nós moramos aqui no Valente, nós moramos 2.. 3 anos aí eu criava muita galinha, ovos, eu juntava galinha, 2/3 frango, eu mandava pra minha irmã vender.. ela comprava farinha, mandava ovos, ela comprava o ranchinho que quase no patrão ele só ia tirar dinheiro assim pra pagar os pessoal.. que trabalhava, ele passava mês pra lá trabalhando.. ia prestar conta e ele ia tirar o dinheiro mas nós nunca ficamos devendo..*³³⁷

Em sua fala, as atividades paralelas a produção de juta servia para ajudar nos ganhos extras para compra de insumos, ainda que tivessem que cumprir metas aos patrões, conseguiam realizar essas atividades extras.

Nos relatos citados, podemos ver outras plantações para auxiliar nas finanças, ou até mesmo para consumo próprio. Com a dinâmica campo-cidade para exportarem os pequenos produtos agrícolas da pequena região para uma localidade mais movimentada, o mesmo é visto como estratégia adquirida para lidar com a sazonalidade que a juta oferece, até mesmo para suprir as necessidades da família como alguns plantios entre eles o maxixe, cheiro verde o jerimum.

Ainda é nesse item que pudemos entender uma dinâmica que não pode ser imposta a estas trabalhadoras, não podemos chamá-las somente de juticultoras, ou agricultoras de juta, caracterizando unicamente por trabalhar com a fibra, pois, nesse meio tempo, elas têm diversas atividades além do cultivo de juta, como foi abordado pelas próprias trabalhadoras.

7 - A degradação do corpo com o trabalho da juta

Conforme abordado a juta/malva é um trabalho em que as agricultoras necessitam sair da cidade para ir até a localidade com solo favorável para tal atividade. Foram elencadas as seguintes modalidades dentro desse universo e trabalho (no Baixo Amazonas), de acordo com a fala das narradoras, 8 etapas desse tipo de agricultura, entre elas: 1- O Terreno e Roçado (preparo do terreno); 2- Plantio; 3- Capina, espaçamento e desfilhação; 4- Corte e Colheita; 5- Maceração, afogamento e desfilhar; 6- Lavagem; 7- Secagem e 8-Enfardamento.

Por sua vez, esse é um tema que se torna necessário mencionar devido a trajetória de quase 8 meses no campo para executar todas as atividades de agriculturas que a juta demanda. Algumas atividades necessitam estar durante várias horas na água, carregar peso, estar no sol quente para colocar as fibras para secar entre outras modalidades que conduzem esse trabalho

³³⁷ GARCIA. Parintins – AM, 2018.

rural. Nessa seção iremos analisar as atividades que possam ser degradantes para o corpo, e principalmente para as mulheres que envolve a saúde das mulheres.

De certa forma, serão apresentada (novamente) algumas falas das entrevistadas e imagens abordadas, pois o objetivo aqui não é de apresentação da execução do trabalho, o debate é em torno de compreensão de uma atividade de colocar em risco a vida das trabalhadoras. Nesse ponto iremos trazer outro olhar a essas falas.

Certificamos que de 8 etapas da agricultura da juta 4 apresentam risco a saúde das trabalhadoras, entre elas: 1- Corte e Colheita; 2- Maceração, afogamento e desfilhar; 3 Lavagem e 4 Secagem, estas serão apresentadas e os motivos para o embasamento dos escolhidos.

No primeiro momento durante o ato da entrevista as colaboradoras que trabalharam no campo, entre elas: Dona Maria Joana, Dona Marlene Gonçalves, Dona Maria Daízes, Dona Dinelza, Dona Maria Printes e Dona Irenilda Garcia, ao serem questionadas “Com o trabalho da juta, a senhora desenvolveu alguma doença? ”, nenhuma entrevistada relatou sobre o assunto, as respostas que temos sobre o assunto foram bem escassas.

Na fala de Dona Maria Daízes não enfatizou sobre alguma doença ou sobre as horas que passava na água, sabemos que ela designou de todas as atividades, mas não ficou com nenhuma doença após o trabalho com a fibra.

A colaboradora Dinelza Cabral disse “*Doença que a gente tive.. que eu me lembro foi só mesmo.. sarampo que dizem né.. que tem nesse período e a catapora*”.³³⁸ Não especificou se foi alguma doença que possa ter se contagiado por conta do trabalho da fibra, ela citou tais doenças que chegou a adquirir quando era criança e sua família trabalhava com juta.

Dona Irenilda Garcia em sua fala sobre o assunto disse “*Não.. graças a Deus*”³³⁹ no qual não desenvolveu nenhuma doença com o trabalho. Já dona Marlene Gonçalves que trabalhou especificamente com a lavagem da juta, também disse que não ficou com doença após o trabalho. Dona Maria Printes em sua fala não relatou nada sobre doenças.

Dona Maria Joana em sua fala diz não, ao ser questionada sobre o assunto, porém a mesma relatou sobre a trajetória de seus pais que designavam de todas atividades de juta:

[.]Meu pai não ficou com nenhuma doença.. só que a mamãe a gente desconfiava que ela tinha asma, ela tinha asma e a gente desconfiava que era da juta que ela tinha essa alergia, que era da juta.. porque lá em casa aí tinha um barracão.. tinha a casa normal que era toda de de palha mesmo.. lá no interior ne.. aí no lado que tinha.. tipo assim.. uma puxada que eles falam assim.. tipo uma varanda.. aí lá que ficava.. ela não ficava.. a juta os fardos de juta depois de seco.. os fardos já aí eles ficavam tudo lá nessa varanda.. eles não ficavam onde a gente dormia no caso.. tipo

³³⁸ CABRAL. Parintins-AM, 2018.

³³⁹ GARCIA. Parintins – AM, 2018.

assim.. não a nossa casa é aqui aí tem a varanda pra lá.... Aí que colocava a juta nessa varanda.. só que tinha contato direito porque tinha que estender .. tinha que ver se ta seca que a gente ficava batendo assim ne.. quando a gente ia ficava batendo e garrando e aquilo solta aqui da da.... a gente desconfiava que a asma da mamãe era desse trabalho de juta.. ela sofreu muito anos.. eu lembro o remédio que ela tomava era Franol o nome do remédio.. ela ia pra cidade ela já trazia esse remédio era um comprimido Franol o nome do remédio.. quando ela ficava atacada de asma aí ela tinha que ter esse medicamento.. que como morava longe ne .. aí não tinha como...³⁴⁰

Ao falar sobre seus pais, a entrevistada traz um panorama de todo cenário no qual trabalhavam e moravam, e a doença da asma que sua mãe poderia ter pego com o trabalho da fibra. Ela enfatiza o contato direto com a fibra na hora de estender e ao ter que bater a fibra soltava um pó, no qual sua mãe respirou por anos e isso possa ter ocasionado no desenvolvimento da doença citada. Sua mãe nas idas a cidade já se medicava para tentar amenizar a doença.

Mas nesse momento abrimos uma discussão sobre doenças após o trabalho da juta. A primeira atividade que se destaca nesse item é o Corte e Colheita, que acontecem no quarto passo descrito pelas entrevistadas (**etapa 4**).³⁴¹

Essa atividade foi designada pelas seguintes colaboradoras, da seguinte forma:

Maria Daízes:

Aí, quando amadurecia, dois.. três meses que já tava madura a gente ia cortar.. quando estava em terra cortava de.. de tesado né.. quando estava n'água a gente caía n'água quando com foice, por aqui.. por aqui ia com foice.. [..]é.. com foice.. dobrava a juteira aqui e cortava pra poder.. ela.. [..] Dipois a gente cortava aquela juta né.. aí fazia os feixes né... ia arrumando.. arrumando.. fazer os feixes assim né (faz o tamanho na mão) amarrava aquele.. fazia os feches né.. amarrava aquela juta.. entendeu como é? [..] É era grande.. aí a gente cortava e fazia os feixes né... aí amarrava [..] Dipois daquilo tudo pronto, que a gente carregava, botava no ombro e ia colocar lá aonde tava a água.. sabe como é? Pois é! Botava no ombro, carregava e jogar lá na água.. entendeu?..³⁴²

Maria Joana:

Aí nessa idade.. quando foi é.. dos quatorze pros quinze anos aí.. nós começamos a trabalhar assim.. a ajudar mesmo de ir já cortar a juta.. que a gente já garantia.. doze éh.. quatorze pra quinze anos a gente já garantia a cortar a juta.. porque era simples assim.. tipo assim.. como era assim... como eu tô falando certinho.. a gente ia pegando cortando e arrumando ela assim, certinho.. vamos dizer.. corta puxa aí colocava.. aí quando já tava uma quantia grande assim de de varias né.. feixe grandes assim.. aí amarrava pronto deixava lá, a parte de carregar não era com a gente era com os homens que faziam mas a parte da da do corte dela isso daí a gente fazia muito porque era mais, mais.. como é que se diz assim.. não era muito

³⁴⁰ SANTARÉM. Terra Santa- PA, 2018.

³⁴¹ Essa etapa foi apresentada no começo desse capítulo na pagina 82.

³⁴² CARNEIRO. Parintins-AM, 2018.

*pesado como o papai falava ne.. pra nos mulheres não era muito pesado.. que eu sempre dizia assim que o papai ele tratava a gente assim..*³⁴³

Dinelza Cabral:

*aí depois do plantio, ia crescer a juta aí a rente ia alimpar fazer a limpeza da juta pra ela crescer pra depois cortar ela quando a enchente vem, cortava ela pra ela ficar de molho pra poder botava uns mato por cima pra ela amolecer, porque ela é uma fibra, entendeu?*³⁴⁴

Maria Printes:

*Quando era pra lavar a gente cortava, cortava a juta primeiro, fazia os feixes, amarrava todo.*³⁴⁵

Nessa etapa da agricultura, as fibras de juta são denominadas de hastes, que seriam os seus galhos, conforme já mencionado. Destaca-se que, a água em que a juta consta nesse momento precisa ser água corrente, dependendo do período da jornada de trabalho, manhã ou tarde, a água pode está quente ou gelada, numa altura acima dos joelhos das trabalhadoras, quando está em períodos de cheia, a altura fica maior. Os trabalhadores e trabalhadoras permanecem entre 5 a 8 horas em pé fazendo o corte da fibra.

A agricultura da juta é uma modalidade de trabalho manual que não mudou durante os anos desde sua implementação no Estado, é inalterado. É um trabalho que em quase todas as etapas oferece risco a saúde dos trabalhadores e trabalhadoras. A peculiaridade do corte da juta se dá pela dinâmica de chuvas e enchentes da região.³⁴⁶

*Outra questão fundamental é que a juta e/ou a malva plantada tardiamente será colhida com a enchente já atingindo cotas elevadas e, dependendo de sua velocidade, corre-se o risco de se perder toda a produção ou parte dela, tanto pelo fato do não amadurecimento completo das plantas, como também pela dificuldade de cortá-las estando elas já submersas.*³⁴⁷

Quando o nível da água está muito grande, e os trabalhadores e trabalhadoras precisam cortá-las, eles precisam mergulhar para cortar a fibra rente ao solo e não desperdiçarem. Isso requer força com o movimento das foices/terçados e muitas horas diárias na água. Dependendo da produção e da quantidade da cheia, isso causa um cronograma apertado para

³⁴³ SANTARÉM. Terra Santa- PA, 2018.

³⁴⁴ CABRAL. Parintins-AM, 2018.

³⁴⁵ PRINTES. Manaus – AM, 2018.

³⁴⁶ FERREIRA, Aldenor da Silva. A vida dos trabalhadores da juta da malva no baixo Solimões. Manaus, p. 154-155, 2014.

³⁴⁷ Idem.

os trabalhadores, e precisam trabalhar sem folgas, ou descansos ou até mesmo terem que pagar mão de obra extra, para não comprometerem a meta de plantio.³⁴⁸

Outro ponto sobre o trabalho nas águas é a necessidade do desfolhamento, para a retirada de excessos nos galhos da fibra; Funciona como uma segurança aos trabalhadores, pois esse trabalho traz a questão de estarem expostos a bichos, como cobras escondidas.³⁴⁹

Uma forma que os trabalhadores tinham de afastar os bichos, entre eles cobras, e o poraquê³⁵⁰ era batendo na água os feixes da fibra, dona Maria Daízes retrata sobre isso “Quando já tava assim sem as cabeças.. Assim que a gente tirava... a rente batia... n’água pra tirar todas aquelas cascas... toda aquelas cascas.. dipois de tirar aquelas cascas.. a gente ..aí a gente enrolava e ia separando né.. que elas já estavam lavadas.”³⁵¹ A ação de colheita, servia tanto para a limpeza da fibra quando para afastar tais bichos.

Assim, destaca-se a fala de Dona Maria Daízes “Dipois daquilo tudo pronto, que a gente carregava, botava no ombro e ia colocar lá aonde tava a água.. sabe como é? Pois é! Botava no ombro, carregava e jogar lá na água.. entendeu?”³⁵² A entrevistada carregava grande quantidade de peso dos feixes da fibra de juta, para transportar pro próximo passo que era a maceração, afogamento e desfilhagem.

Outra etapa para tratarmos da degradação corpo é a Maceração, afogamento e desfilhar **(etapa 5)**³⁵³. Para este, as hastes de juta são deixadas sobre a água entre 8 e 20 dias para começar o processo de maceração, nesse primeiro momento acontece o fenômeno de maceração natural e biológica, este fenômeno acontece naturalmente quando as fibras são deixadas na água durante este período.

Essa etapa consiste nas seguintes falas:

Dona Maria Daízes:

Dipois a gente cortava aquela juta né.. aí fazia os feixes né... ia arrumando.. arrumando.. fazer os feixes assim né (faz o tamanho na mão) amarrava aquele.. fazia os feches né.. amarrava aquela juta.. entendeu como é? [...] É era grande.. aí a gente cortava e fazia os feixes né... aí amarrava é.. amarrava.. assim a gente fazia.. aí..[...] Dipois daquilo tudo pronto, que a gente carregava, botava no ombro e ia colocar lá aonde tava a água.. sabe como é? Pois é! Botava no ombro, carregava e jogar lá na água.. entendeu? [...] dipois.. 15.. 20 dias amolecia aqueles feixes de juta né.. Amolecia... bom.. dipois de mole, a gente chamava aquilo de jangada , pilha jangada assim.. que elas já tavam mole né.. aí a gente pegava botava em cima do pau.. fazia ponte de pau assim.. e .. e.. baixava na água sabe.. suspendia aquele

³⁴⁸ Idem.

³⁴⁹ Idem.

³⁵⁰ Poraquê é o chamado peixe elétrico pelas colaboradoras, por sua vez é um dos desafios em que os trabalhadores e trabalhadoras precisam manter técnicas e resistências para afastá-los para que não possam ferrar os trabalhadores.

³⁵¹ CARNEIRO. Parintins-AM, 2018.

³⁵² CARNEIRO. Parintins-AM, 2018.

³⁵³ Essa etapa foi apresentada no começo desse capítulo na pagina 85.

*feixe.. aí daí que a gente ia tirar as fibras.. sabe como é? Aí Tirar as fibras, rasgava assim, puxava assim pra rasgar aí..*³⁵⁴

Depois desse processo, as fibras ficam preparadas para maceração natural e biológica, logo depois, quando as fibras ficam mole acontece o afogamento, e para este processo, na parte final, denominada pela entrevistada de “tirar as fibras” é quando as trabalhadoras rasgam a fibra para começar a tirar as fibras mortas.

Sobre a questão do afogamento e de mandar ao próximo passo da lavagem, algumas entrevistadas explicaram sobre este passo, que ainda faz parte da colheita: Dona Dinelza Cabral afirma que o processo de afogamento *“ia crescer a juta aí a rente ia alimpar fazer a limpeza da juta pra ela crescer pra depois cortar ela quando a enchente vem, cortava ela pra ela ficar de molho pra poder botava uns mato por cima pra ela amolecer, porque ela é uma fibra, entendeu?”*³⁵⁵

Dona Maria Printes, também abordou sobre a colheita *“a gente colhe ela, tira a fibra, mas quando tá mole, ela tá grande tá, assim um jutal, tá bunito (inaudível) você manda cortar, fazer os feixos. Faz os feixos dela e carrega e bota n’água. Aí com dois três dias ela tá mole aí você vai e tira, aí manda lavar,”*³⁵⁶

*O momento do desfibramento é o mais perigoso do trabalho com a juta e malva. O desgaste físico é uma constante e a contração de algumas doenças que eles definem como reumatismo, gripe, problemas dermatológicos devido à insolação, fungos nas unhas dos pés e das mãos, problemas oftalmológicos e outros.[..] Nessa etapa, há, também, o risco iminentes de ataque de cobras, poraquês, arraias, jacarés, formigas e sanguessugas.*³⁵⁷

Esse processo torna-se o mais desafiador, o contato com a água, é uma das etapas das que mais degradam o corpo dos trabalhadores, colocando-os em risco de, posteriormente, desenvolver doenças. Os trabalhadores desenvolvem suas táticas para tentar amenizar situações perigosas ou acidentes. Tivemos entrevistadas que realizaram as atividades e em suas falas não expressaram o alto risco deste trabalho.

A lavagem é a etapa 6 da agricultura da fibra, por sua vez é o processo que consiste em retirar as resinas e impurezas que ficam na fibra. Este é um dos processos que tem a

³⁵⁴ CARNEIRO. Parintins-AM, 2018.

³⁵⁵ CABRAL. Parintins-AM, 2018.

³⁵⁶ PRINTES. Manaus – AM, 2018.

³⁵⁷ FERREIRA, Aldenor da Silva. A vida dos trabalhadores da juta da malva no baixo Solimões. Manaus, p. 154-155, 2014;

realização mais insalubre, pois trabalhadoras e trabalhadores permanecessem durante muitas horas na água para realizar essa atividade que precisa acontecer no processo da juta.³⁵⁸

Dona Maria Daízes:

A rente ia lavar a juta.. que cama né (inaudível).. nós ia lavar a juta no roçado.. no roçado.. quando fosse de tarde, tinha vezes que a gente levava comida pra comer lá em cima d'água.. lá em cima da ponte.. aí quando batia.. quando era de tarde a gente botava a juta na canoa.. ia botando a juta tudo na canoa e vinha embora pra casa... quando chegava no porto de casa.. a ente pegava aquelas.. aquelas.. aquelas jutas que já tarra, tarra lavada.. carregava e botava embaixo do varal.. Varal é os paus que a gente põem assim pra ir jogando as.. jogando as jutas cabeças da juta.. que a gente diz né..³⁵⁹

O primeiro ponto é o horário de lavagem da juta, à tarde, quando o sol está mais baixo, e o fato das trabalhadoras e trabalhadores terem que fazer as refeições na água, logo depois da lavagem que é feita num dia, a juta logo vai para outro processo que é a secagem.

Dona Marlene, bem no começo de sua fala na entrevista disse “*A minha função era trabalhada, juta na lavação de juta ...[.] Na lavação de juta, lava, que é pra trabalhar, lavar a juta..*”³⁶⁰ Pois foi a atividade da fibra que a entrevistada realizava com mais ênfase e nos detalha mais sobre esse processo na seguinte fala:

Aí.. ia pra beira do rio, lá aonde tem, aonde colocava a juta, empilhava a juta, os homens empilhava a juta, quando tarra mole a juta a gente ia lavar, fazia uma ponte, a gente ficava naquela ponte lá, os outros puxam a juta os feixes da juta, ficava lá, em cima da ponte desmanchava aquele feixe e descascava ela tudinho, assim.. vara por vara sabe?³⁶¹ [..] Aí tirava tudo aquilo, as vezes a gente lavava até... oitenta feixe quando era duas pessoas que lavava numa pia, aí a gente ia lavando..³⁶²

Dona Maria Printes, recordou dessa atividade nos compartilhando informações que compõem a sustentação desse processo de lavagem:

Lavar eu lavava muito. Quando era pra lavar a gente cortava, cortava a juta primeiro, fazia os feixos, amarrava todo, afogava n'água. Botava dentro d'água pra afogar ela. Com dois, três, quatro dia ela tava mole. Aí a gente ia tirar pra lavar. Aí pra lavá tirava o pau todo, partia na ponte, que a gente fazia uma ponte de pau, uma coisa, quando nem, n'água mesmo, batia, batia lá, lavava, sacudia tudo. Amarrava a cabeça, fazia assim. Vinha amarrando as cabecinhas, pra depois medir. Eles mediam quantos metros a gente lavava por dia, da juta..[.]³⁶³

³⁵⁸ Serviço de extensão rural: JUTA. Instruções e informações técnicas sobre a cultura no Amazonas. Associação de Crédito e Assistência rural do Amazonas – ACAR Amazonas. p. 14. 1971.

³⁵⁹ CARNEIRO. Parintins-AM, 2018.

³⁶⁰ SILVA. Parintins-AM, 2018.

³⁶¹ Idem.

³⁶² Idem.

³⁶³ PRINTES. Manaus – AM, 2018.

É importante destacar que na primeira entrevista, ela nos relata do processo de afogamento ora apresentado, logo depois o processo de lavagem, que consistia numa forma de meta diária, quando ela fala sobre a quantidade lavada durante o dia. Nos relata que um processo vai levando ao outro. Logo em seu segundo momento, ela recorda:

A gente colhe ela, tira a fibra, mas quando tá mole, ela tá grande tá, assim um jutal, tá bunito (inaudível) você manda cortar, fazer os feixos. Faz os feixos dela e carrega e bota n'água. Aí com dois três dias ela tá mole aí você vai e tira, aí manda lavar. Manda lavar aí você vai tirando a fibra, tira toda aquela fibra, batendo com um pau na ponte. A gente faz ponte dentro d'água e vai batendo ela, tirando aquela fibra, bunito, lavando a cabeça (inaudível).³⁶⁴

Assim essas colaboradoras, puderam nos contar separadamente sobre esse processo de lavagem que na maioria das vezes é enquadrado junto com a maceração, porém com a realização dessas entrevistas pudemos perceber que o processo de lavagem é um processo separado que acontece, e que trabalhavam na maioria das vezes as mulheres para lavarem a fibra.

Essa etapa da juta é uma das que mais apresentam riscos à saúde dos trabalhadores, durante 6 dias da semana eles podem ficar de 8 a 10 horas em pé na água, com o risco de bichos peçonhentos, as vezes na altura acima da cintura, e quando a água está num nível alto, os trabalhadores necessitam mergulhar para tirar as fibras.³⁶⁵

Outra etapa é a secagem (**etapa 7**)³⁶⁶. Acontece depois que a fibra passa por todos os processos mencionados, o produto chega a penúltima que é a secagem. As fibras após serem lavadas são colocadas no varal entre 2 a 4 dias, e dependem inteiramente da ação biológica, do sol, a secagem da fibra conta muito na qualidade em que ela estará ressaltando que, quanto mais branca, melhor é a qualidade.

Dona Maria Daízes relata:

[...] ia botando a juta tudo na canoa e vinha embora pra casa... quando chegava no porto de casa.. a ente pegava aquelas.. aquelas.. aquelas jutas que já tarra tarra lavada.. carregava e botava embaixo do varal.. Varal é os paus que a gente põem assim pra ir jogando as.. jogando as jutas cabeças da Juta.. que a gente diz né..[...] Aí ia espalhando.. ia espalhando.. até secar né..? até secar. Quando secava a gente tornava a encabeçar elas de novo... amarrava.. e a reculhia.. de lá.. de enxuta a juta.. aí a gente botava no armazém, sempre tinha barracão assim pra gente botar separado.. lá! lá tava a juta lavada.. aí a gente ia fazer o fardo da juta.. ia enfardar aquela juta.. aí a gente botava.. nos paus assim.. pra ir jogando aí ia virando..³⁶⁷

³⁶⁴ PRINTES. Manaus – AM, 2018.

³⁶⁵ FERREIRA, Aldenor da Silva. A vida dos trabalhadores da juta da malva no baixo Solimões. Manaus, p. 154-155, 2014.

³⁶⁶ Essa etapa foi apresentada no começo desse capítulo na pagina 90.

³⁶⁷ CARNEIRO. Parintins-AM, 2018.

A colaboradora nos explica que não é só um processo de estender e deixar a fibra lá, requer cuidado, tempo, e verificar se realmente as mesmas secaram por inteiro. Depois disso, as fibras são recolhidas para serem separadas e irem para o último processo que é o enfardamento.

Dona Dinelza Cabral, relatou:

A fibra tinha que ficar mole pra poder sacar do pauzinho que ela tem um pau cumprido assim..(demonstrando o tamanho com as expressões da mão) aí.. a gente tirava tudo ela daquele pau.. botava pra secar no varal assim.. várias.. varal grande né.. que meu pai fazia.. extensão de varal pra ela secar, ficar bem sequinha pa poder embalar ela, tipo assim um fardo, uma prensa que falavam né..³⁶⁸

Dona Marlene Gonçalves “[...] no outro dia a gente ia estender a juta no varal pra enxugar”³⁶⁹ em seu relato ela nos contou apenas essa frase sobre a secagem, porém ela numa fala mais direta ainda coloca como parte de todo o processo da juta.

Por sua vez, Dona Maria Printes, relatou “Daí, você traz ela pra cá pra um varal, estende pra enxugar, ela enxuga aí você vai só amarrando a cabeça, fazer os fardos, fazer os fardos amarra as cabeças e vai fazendo os fardos.[...]”³⁷⁰ e em sua segunda entrevista “A gente media tudo aquela juta, estendia, depois ia estender, estende num varal assim, fica todo estendido pra secar, pra secar, pra depois ajuntar ela pra fazer os fardos. Os fardos já seco.[...]”³⁷¹.

Esse processo apresentado também é bastante caracterizado e marcado pela presença feminina na agricultura, é um trabalho que requer bastante disponibilidade e cuidados, muitas das vezes quem está realizando tal atividade precisa estar atento ao clima local, pois a juta não pode estar molhada para o enfardamento.

Nessa etapa de secagem, que vem antes do enfardamento para venda, é importante destacar que ao colocar as fibras para secagem ela solta um pó, que pode desenvolver irritação nasal, alergias, asma, e desconforto na realização da modalidade de trabalho pelos trabalhadores.³⁷² Nesse ponto, relembra-se a fala de Dona Maria Joana ao relatar que a mãe desenvolveu asma por conta da atividade estender a juta.

Ao tratar de mulheres que realizaram essas atividades, temos o olhar na saúde da mulher. O trabalho com a fibra de juta é arriscado, longo por tratar-se de quase um ano e na

³⁶⁸ CABRAL. Parintins-AM, 2018.

³⁶⁹ SILVA. Parintins-AM, 2018.

³⁷⁰ PRINTES. Manaus – AM, 2018.

³⁷¹ Idem.

³⁷² FERREIRA, Aldenor da Silva. A vida dos trabalhadores da juta da malva no baixo Solimões. Manaus, p. 161, 2014.

maioria das vezes não é reconhecido como trabalho e ainda produz um baixo rendimento.³⁷³ LIMA e SILVA (2017) desenvolveram um trabalho de campo das trabalhadoras de juta/malva na região da Ilha do Valha-me Deus, e relatam sobre a questão da saúde da mulher:

*O processo de produção da fibra de malva na Ilha do Valha-me Deus, especificamente na Amazônia, ainda adota modelos e técnicas simples, havendo introdução precária ou nula de tecnologias e modificações. As características dessa produção também afetam a saúde dos trabalhadores e trabalhadoras de uma forma muito intensa, devido à permanência de oito a dez horas diárias dentro d'água, para realização de atividades de corte da planta da malva para retirar a fibra. Os trabalhadores e trabalhadoras ficam expostos ao sol, à chuva e aos ataques de animais aquáticos e peçonhentos.*³⁷⁴

Colocando em ênfase a mulher, pois “o trabalho por elas realizado equivale ao trabalho que um homem pode realizar”³⁷⁵. Logo, esses relatos podem atestar essa afirmação também para esse trabalho. As entrevistadas que trabalhavam no campo realizaram todas as atividades que a fibra demandava.

Assim, apresentado os riscos à saúde, pudemos compreender que com etapas que necessitam tanto da força de trabalho quanto de estar expondo o próprio corpo em ambientes não favoráveis, em pé durante horas e dentro da água, até mesmo na secagem onde podem respirar substâncias que a fibra solta. FERREIRA (2014) em sua fala afirma “Toda etapa tem algum tipo de risco à saúde”³⁷⁶. Importante destacar que o trabalho com a fibra de juta, na vida de todas as entrevistadas era para sobrevivência e ressaltar que não tivemos acessos a doenças pelas palavras das entrevistadas.

8 - Mistérios do trabalho no campo: As crenças Amazônicas

Para o trabalho da juta, conforme já mencionado requer que os trabalhadores e trabalhadoras possam ir à localidade onde tenha acesso a florestas e águas de trabalho. Estes, trabalhadores e trabalhadoras moram no local aonde vão realizar as atividades, para desenvolverem as várias etapas que a fibra demanda durante alguns meses.

Essas atividades, denominam-se como economia da região, depende exclusivamente da exploração de produtos naturais, como o corte de madeira, pesca, extração da borracha, e principalmente a agricultura., que é uma modalidade de trabalho para subsistência local. A

³⁷³ LIMA, M.V; SILVA, S.H. Gênero, trabalho e saúde da mulher: percepção das malvicultoras da Ilha do Valha-me Deus – Juruti/PA in: O Social em Questão – Ano XX – N.38 – Mai a Ago/2017. p. 96.

³⁷⁴ Idem.

³⁷⁵ Idem.

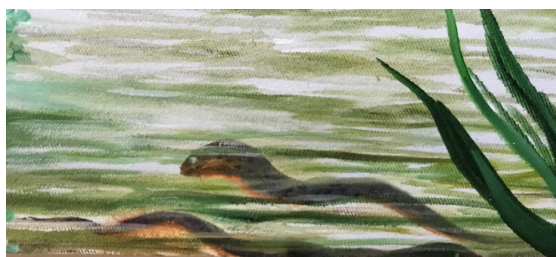
³⁷⁶ FERREIRA, Aldenor da Silva. A vida dos trabalhadores da juta da malva no baixo Solimões. Manaus, p. 160, 2014.

maioria da população vive rente a igarapés, rios, sítios, no quais podem exercer tais atividades.³⁷⁷

Após tratarmos de toda a complexidade que o campo traz, o local, a várzea, as águas, a degradação do corpo e riscos à saúde, as comunidades e formas de pertencimentos aos grupos de trabalhos etc.; faz-se necessário dissertar sobre um assunto que são os mistérios do trabalho no campo: as crenças amazônicas, a religiosidade que fazem parte da vida dos trabalhadores da Amazônia. Pois, mesmo que o trabalhador seja de religião católica respeita o que é imposto a outros que acreditam nessas crenças.

Imagem 14: Parte 11 da Tela: Ilustrando a História Oral das juticultoras da Amazônia, o ressoar da voz³⁷⁸.

Pintura de Arildo Mendes, Parintins-AM, 27/11/2019.



Fonte própria.

Essa ilustração de duas cobras que estão nadando tem um duplo sentido: no primeiro momento representa os bichos peçonhentos que as trabalhadoras e trabalhadores de juta tem que enfrentar durante a jornada de trabalho. Por outro lado, representa os seres encantados que são ligados às águas.

Na estrutura da entrevista, ao pensarmos em todos os temas abordados, colocamos uma pergunta aberta que pudesse falar sobre a religiosidade da trabalhadora e compreendermos se tinham festas de santos, crenças ou acreditavam em encantados para que pudessemos compreender como num todo o universo do trabalho no campo.

Ao falar da religiosidade no ato da entrevista, nesse tema algumas colaboradoras mostraram de primeira a aproximação a esse assunto religioso. Dona Maria Daízes no ato da entrevista, quando o relógio marcar 6 horas da tarde e o sino da padroeira de Parintins Nossa Senhora do Carmo ressoar, ela abaixou sua cabeça e fez o sinal da cruz, se benzendo, e rapidamente fazendo uma oração em voz baixa.

³⁷⁷ GALVÃO, Eduardo. Santos e Visagens, um estudo da vida religiosa de Itá; Amazonas. Companhia Editora Nacional: São Paulo, p 2, 1955.

³⁷⁸ Esta tela será apresentada por partes no decorrer do segundo capítulo desta dissertação, onde irá abordar sobre o trabalho realizado pelas mulheres com a fibra de juta na Amazônia.

Dona Maria Printes que tinha muitas imagens católicas na sala de sua casa, onde pude ver mesmo estando na varanda do lado de fora realizando a entrevista e Dona Marlene, por sua vez, tem um quintal grande e em sua parede tem uma pintura nas cores douradas e branco Nossa Senhora de Parintins, terços e imagens em sua casa. Não entrei na casa de Dona Dinelza Garcia, e na sala de Dona Irenilda pude ver somente quadros de pinturas de foto e itens de costura.

Logo, podemos refletir sobre a religiosidade amazônica, por sua vez é marcada pelas tradições vinculadas a Igreja Católica, dias de santos específicos, festas de santos em comunidades, até mesmo nome de comunidade com santos católicos. A Amazônia por sua vez, é um lugar de mitos e lendas indígenas, remédios caseiros originários da natureza que curam feridas que acontecem no campo e muitas das vezes não existem hospitais em tais localidades, ainda podemos dizer que tais acontecimentos dão origens ao folclore brasileiro, muitas das vezes esse segundo sentindo vem “ver para crê”,

*Estas duas manifestações de crenças religiosas, derivadas, sobretudo, do catolicismo ibérico e da cosmogonia indígena tupi-guarani, eram e ainda são partes integrantes e indissociáveis do sistema simbólico metafísico dos juteiros, compartilhadas com praticamente todos os demais trabalhadores rurais da Amazônia. Pontualmente, alguns desses trabalhadores acrescentam a esse sistema metafísico as crenças e tradições simbólicas derivadas da cosmogonia de origem africana, que também fazem parte da sociogênese e do processo civilizatório regional.*³⁷⁹

Nesse sentido, poderíamos pensar numa miscigenação religiosa? Um lugar que tem a presença de muitas religiões e crenças, lugar onde encontra-se dividido entre o respeito e o temor, onde histórias e tradições passam de geração a geração, principalmente a respeito das lendas amazônicas.

*[...] uma lista comparativamente pequena de seres encantados amazônicos, que aqui podemos nomear os principais: Curupira, Boto, Bota (boto fêmea), Cobra Grande (Boiaçu, Boiúna, Boitatá), Iara, Anhangá, Matinta Perêra, Mapinguari e o quase desconhecido Bicho-folharal. De acordo com Galvão (1955, p. 5): “[...] além desses, cuja caracterização é bastante definida, existem muitos outros sobrenaturais a que o caboclo denomina genericamente de ‘bichos visagentos’, em geral associados a um acidente natural, o rio, o igarapé, ou um trecho da mata”.*³⁸⁰

De certa forma todas essas lendas, crenças e remédios caseiros são mais presentes nos interiores da Amazônia. Encantaria, por sua vez é um conhecimento que muitas pessoas que moram no interior falam, principalmente aquelas que trabalham com qualquer modalidade da natureza, pesca, extrativismo, águas ou agricultura.

³⁷⁹ SILVAN, Denison. Trabalhadores da Juta na Amazônia: trajetórias de luta, suor e sofrimento. Manaus, p-205, 2018.

³⁸⁰ Idem.

No glossário de significado de palavras de GALVÃO (1955), “ENCANTADO- Tudo que se refere aos sobrenaturais. Os companheiros do fundo são “encantados”. O conceito não se aplica aos santos”.³⁸¹ Existem histórias que retratam que debaixo do rio Amazonas existe uma cidade encantada, onde lá tem a cobra grande, o boto, e outros mitos presentes na crença amazônicas, o autor ao delimitar no conceito “companheiros do fundo são” está se referindo a isso.

Então qual seria a diferença entre santos e aos bichos visagentos? A diferença é que os santos católicos são os cultos e festas, e aos bichos peçonhentos que não recebem tais adorações.³⁸² Podendo existir duas variantes entre eles, há espíritos que podem ser guardiões da floresta, há outros que podem “malinar³⁸³” de tais trabalhadores, ou pessoas que possam ultrapassar limites.

No ato da entrevista, ao perguntar sobre as questões religiosas tivemos as seguintes respostas das colaboradoras. Dona Maria Joana, era católica, ao questionar sobre as crenças ela responde que o animal que tinha era o poraquê “*O Poraquê.. é aquele animal que fica dentro d’água e dá aquele choque né..*”. Ela compartilha uma fala que mostra uma forma de resistência e um método entre os trabalhadores era terem várias pessoas na água para a atividade de lavagem, conforme o relato:

*é.. só que como fica várias pessoas lá.. parece que o medo da gente passa. Porque vamos dizer.. quando ele diz.. vão afogando a juta ne.. que falava.. assim.. vamos dizer.. pra lavar.. não é só uma pessoa que tá lá.. duas.. são várias assim.. lavando.. que dizer.. parece que aquele medo sai da gente.. quando.. mas acontecia dele.*³⁸⁴

Relacionado aos medos e receios dos trabalhadores e trabalhadoras que ficavam muitas horas na água, ainda em sua fala diz “*aí é isso que dava medo na gente.. mas não tinha outra coisa.. aqueles sapos né.. que dá muito.. arraia.. mas é difícil.. não era.. não tinha outra coisa assim.. não lembro..*”³⁸⁵ Por sua vez, a entrevistada relatou que não fazia atividades na água por conta da idade, pois começou a trabalhar quando era criança, e o pai não deixava ela ir para a água.

Dona Maria Daízes era católica, devota de Nossa Senhora de Parintins. Logo ao perguntar se ela acreditava nos encantados respondeu: “*Eu (gargalhada) não posso acreditar*

³⁸¹ GALVÃO, Eduardo. Santos e Visagens, um estudo da vida religiosa de Itá; Amazonas. Companhia Editora Nacional: São Paulo. 1955. Glossário.

³⁸² GALVÃO, Eduardo. Santos e Visagens, um estudo da vida religiosa de Itá; Amazonas. Companhia Editora Nacional: São Paulo, p.6, 1955.

³⁸³ Malinar é uma palavra geralmente utilizada nos interiores do estado do Amazonas, no sentido utilizado é uma palavra que está relacionada a religiosidade adotando o sentido de fazer o mal, implicância ou travessuras.

³⁸⁴ SANTARÉM. Terra Santa- PA, 2018.

³⁸⁵ SANTARÉM. Terra Santa- PA, 2018.

que eu nunca vi!”.³⁸⁶ Mas, ainda completa sua fala dizendo “ *Cobra grande dá nesses rios mais fundos assim como o Amazonas... esses igarapé grande fundo.. nesses rios.*”. Relembramos aqui que ela trabalhava numa área denominada igarapé do boto, pelo que pudemos compreender era uma região da várzea que não necessariamente era no rio Amazonas.

Dona Dinelza Cabral também era da religião católica, porém no decorrer de seu relato pudemos perceber sobre a crença e respeitos relacionado aos encantados, ela relatou “*Não, não.. a gente só tinha medo do boto.. do boto.. que ele .. se a gente pulasse assim muito n’água na frente de casa que é um rio né.. aí ele... eles tem aquela parte assim que ele leva a pessoa que se encanta.. que.... a gente não podia abusar muito na parte de 6 horas.. mamãe não deixava muito a gente tomar banho muito seis horas da tarde.. por causa do boto*”³⁸⁷

No primeiro momento, para definição de boto nesse aspecto de crenças Amazônicas, GALVÃO (1955), no glossário disserta “BOTO- Bicho visagento ou “encantado”. Identifica-se a uma das variedades do boto comum, o “vermelho” mais perigoso, ou o “tucuxi”, considerado menos maligno. Pode tomar a forma de homem e seduzir mulheres. Alguns acreditam sejam os botos os próprios companheiros do fundo”³⁸⁸.

A colaboradora ao falar “*eles tem aquela parte assim que ele leva a pessoa que se encanta.. que.... a gente não podia abusar muito na parte de 6 horas.*” Está ligado aos chamados portais de encantarias que podem ser nas águas e nas florestas, pois as pessoas que vão, ninguém mais ouve falar e não é encontrado corpo, como se fosse uma forma de sumiço, é considerado que aquela pessoa se encantou.

Dessa forma, diante dessa crença, que é passada de geração a geração, principalmente nos interiores que tem mais contatos com o rio e as florestas, às seis horas na Amazônia quando o sol começa a sumir e escurecer para a entrada da noite, é o horário que conta as lendas históricas que o boto sai e pega as meninas.

Outro relato que temos, sobre esse cuidado ao entrar na água as seis horas é de Dona Marlene Gonçalves, ela nos relata sobre esse cuidado, e em sua fala sobre outras crenças que tinham receio “*Não, o que a gente tinha medo era só de cobra e boto, o boto que, que.. mas assim.. o boto não mexia com a gente porque a gente não mexia com ele... é.. a gente tinha*

³⁸⁶ CARNEIRO. Parintins-AM, 2018.

³⁸⁷ CABRAL. Parintins-AM, 2018.

³⁸⁸ GALVÃO, Eduardo. Santos e Visagens, um estudo da vida religiosa de Itá; Amazonas. Companhia Editora Nacional: São Paulo. 1955. Glossário;

muito medo sim de bicho assim só.. mas nunca aconteceu nada comigo assim.. graças a Deus não..” ³⁸⁹

Dona Irenilda Garcia³⁹⁰, por sua vez, em seu relato, nos remete a muitos aspectos que a encantaria, e nos revelou um episódio que aconteceu, ela começa nos introduzindo a este assunto “*Lá nesse lago aonde a gente morava.. tinha um lago que chamava de encantado..*”

³⁹¹, em sua fala, ela continua:

Era pra lá, esse lago do boiador lá aonde a gente morava.. primeira.. foi aonde eu fui a primeira vez.. por exemplo, no horário de meio dia.. era cachorro latindo, gado uirrava ³⁹², onça uirrava., é carneiro berrava, é.. a gente ouvia conversa de pessoa assim.. parece que tava pertinho de casa.. aí a gente ficava com cabelo arrepiado, ficava sudos (inaudível) meu garoto mais velho.. aí o pessoal de lá contava que pra lá pra esse lago, ninguém pescava, porque era .. era as pessoas que tentavam ir pra lá não voltava mais.. e ele graças a Deus que ele ouvia as pessoas ele nunca foi.. cabreiro! (falando com voz aguda e rindo) ficava fechado assim.. ³⁹³

No primeiro momento de sua fala, podemos analisar a questão que foi imposta no começo dessa seção, a distinção entre temor e respeito. Essa história compartilhada da entrevistada não necessariamente é uma lenda, foi algo que aconteceu e a entrevistada compartilhou. Na segunda parte ela relata:

Ninguém !!.. tracajá, tartaruga, pirarucu.. Quando tu olhava assim meio dia.. assim na beira do campo .. embaixo daquelas plantas... tudo aqueles bichos descansando.. os bichos do fundo com tracajá, tartaruga, os peixe-boi, pirarucu boiando... mas era muito difícil a gente olhar.. as senhoras de lá dizia “ olha não vá muito pra lá, a senhora ainda é muito nova” elas diziam.. ³⁹⁴

Essa informação que não poderiam ir até o lago do encantando foi avisado a esses trabalhadores que chegavam nessa região para trabalhar, por sua vez, Dona Irenilda respeitava e alertava aqueles que trabalhavam com ela, por mais que lá fosse um local bonito, cheio de frutas e animais, não era para ninguém ir lá, mas, um dos trabalhadores por não acreditar e por curiosidade, ultrapassou a linha do respeito.

Olha a única coisa que aconteceu lá um dia.. nós fomos andar no campo assim.. eu e meu filho mais velho.. gostava de juntar taperebá aí tinha lá em cima, chegamos lá não tinha.. os macacos arriava cedo né?.. Quando nós vínhamos andando assim, na beira do outro lado do mato.. Eu encontrei um.. um estrume de cavalo assim, “novo” aquele estrume, eu fiquei com medo fiquei estranha, porque lá não tinha

³⁸⁹ SILVA. Parintins-AM, 2018.

³⁹⁰ A entrevistada nos contou que era chamada de cabocla nos campos de juta, era seu apelido, por sua vez, essa palavra traz dois significados quando entramos no mundo da encantaria, caboclas são nomes dados a entidades mulheres. Porém, para este, quando aparecer a palavra cabocla será para falar de dona Irenilda na história.

³⁹¹ GARCIA. Parintins – AM, 2018.

³⁹² Nesse momento a entrevistada fala sobre lobos que uivavam na região.

³⁹³ GARCIA. Parintins – AM, 2018.

³⁹⁴ GARCIA. Parintins – AM, 2018.

gado não tinha cavalo, não tinha nenhum animal que dissesse passou aqui.. lá eu peguei, quando eles chegaram 4 horas do roçado, eu disse “ ah eu nem conto uma história pra vocês” aí ele me chamava de cabocla .. “ Que foi cabocla que tu vistes?” (risos e sorriso) eu disse “ Olha nos fomos ali com o Paulo pro taperebazeiro, bem ali assim, tem um estrume de cavalo.. “mas aonde..?” .. “tem .. tu quer.. vocês querem vê, bora lá!”.. aí nós fomos, era 14 rapaz que tinha trabalhando com a gente, aí eu, ele o filho nós éramos 17 pessoas tudinho.. aí nós fomos pra lá vê.. chegar lá.. aí um senhor que era mais velho disse assim “ isso é bem um cavalo marinho que passou aqui” ele falou sabe.. aí.. quando foi de noite.. todo mundo já tava dentro.. ria.. conversando.. lá pro lado do barracão deles assim...que tinha um barracão pros homens .. aí ele fechou um quarto meu quarto.. aí.. no meu quarto e um pequeno (voz começa a ficar baixo como se tivesse sussurrando a história, áudio começa a ficar comprometido) aí ele disse “escuta só” ... o lago tava enchendo.. aí disse assim.. tu já... escuta ... ele tinha uma lanterna de 3 metros ele focou mana deu direito no bicho... chega brilhava aquilo parecia ouro.. o que ele fez.. ele tinha uma espingarda calibre 20.. é calibre 16..³⁹⁵

Como essa informação dos acontecimentos do campo era passado de boca em boca, ao acontecer qualquer coisa os trabalhadores entre si comentavam sobre o episódio. Ao falar “*ele tinha uma espingarda calibre 20.. é calibre 16..*”, ela está falando de seu marido. Na narrativa, ela continua:

..Ele apareceu desse lado na beira do campo onde ficava o rio do encantando.. aí foram procurar o rapaz, acharam ele era umas dez horas da noite todo molhado lá no roçado.. ele não falava era só gemendo.. gemendo.. aí trouxeram ele pra cá pra Parintins, aí levaram ele numa mulher.. tinha uma ignorância né.. curador essas coisas..³⁹⁶

Ao falar “*aí trouxeram ele pra cá pra Parintins, aí levaram ele numa mulher..*” ela se remete a uma curandeira que tinha na cidade de Parintins, ela não deu detalhes de nome, apenas indicou como uma personagem na história.

É.. aí a mulher disse pra.. pra abrir mão dele do rapaz.. Seu Dias que o.. o Luís Meideiro tinha matado o cavalo dela e ela levou o rapaz não fez nada pra ele pra dar um exemplo.. mas a vontade dela mesmo era pegar esse que matou o cavalo dela... mas ela ia curar o rapaz.. ela curou o rapaz só que era pra ele não voltar mais pra lá e ele não voltou mais..³⁹⁷

Ao questionar o porque ele não teria voltado, a entrevistada fala “*Ficou com medo, ela pediu pra ele não voltar mais pra lá!*” e logo após esse episódio teve consequências.

Aí quando foi em novembro.. eu disse que não ficava mais lá e viemos embora! Aí foi que esse ano a enchente foi muito grande e perdeu toda a juta dele.. foi ruim até a casa foi pro fundo.. aí ele perdeu.. mas nós não ficamos devendo pro Patrão porque.. a gente entregava muito produto.. negócio da alimentação.. aí foi que a minha irmã levou ele pra cá pra esse terreno aqui perto e nós trabalhamos 2.. 3 anos aí.. depois eu não quis mais..³⁹⁸

³⁹⁵ Idem.

³⁹⁶ Idem.

³⁹⁷ GARCIA. Parintins – AM, 2018.

³⁹⁸ GARCIA. Parintins – AM, 2018.

Desse modo, com esse relato, podemos identificar sobre o respeito que é imposto a novos trabalhadores que chegam a uma região e aqueles que estão na região passam, pois, ultrapassar uma linha de um terreno que não é permitido, pode trazer consequências, azar e perda, como foi o caso desse relato contado por Dona Irenilda Garcia.

Assim, para finalizar este capítulo, na próxima página será apresentado em folha única, a tela que foi criada para esta dissertação.

Imagem 15: Tela completa: Ilustrando a História Oral das mulheres trabalhadoras de juta na Amazônia, o ressoar da voz. Pintura de Arildo Mendes, Parintins - AM, 27/11/2019. (Fonte própria)



CAPÍTULO III

O trabalho feminino nas fábricas de juta na Amazônia

Esse capítulo tem o objetivo de mostrar um panorama econômico da região Amazônica com o avanço da juta. Esse crescimento pode ser analisado através das indústrias, empresas e associações, e o trabalho feminino nas indústrias e empresas de juta. Visamos também identificar como esse fenômeno movimentou a vida dessas mulheres, ao trabalhar com atividades setoriais, horários e novas modalidades de trabalho. Para esse capítulo serão utilizadas as falas de 3 colaboradoras que trabalharam em empresas: Dona Marlene Gonçalves trabalhou na Caçapava e na Fabril Juta, Dona Irenilda Garcia trabalhou na COOPJUTA e Dona Maria Daízes trabalhou na Fabril Juta. Todas essas citadas ficavam localizadas em Parintins (AM). Com isso, abriremos palco a um debate entre três autores, Thompson com o conceito de *experiência*, Joan Scott com conceito de gênero e Michelle Perrot por uma História das Mulheres trabalhadoras de juta. Esse capítulo não necessariamente irá focar em aspectos de acidentes de trabalho, jornadas, ou como funcionava a relação gênero dentro das empresas citadas, esse capítulo se desenvolve pela fala das entrevistadas que fizeram parte de tais empresas e iremos citar tanto economicamente para região quanto o aporte de novas possibilidades a estas trabalhadoras.

1 - As fábricas e indústrias de juta na Amazônia

Neste ponto, podemos abrir o debate para uma visão histórica, política, econômica, social e internacional para esse desenvolvimento industrial da juta na região Amazônia. A fibra de juta que foi introduzida em 1930, com as tentativas de aclimação e a imigração japonesa dos estudantes de agronomia para aprimorar as técnicas de agricultura da fibra.

O primeiro objetivo da introdução da fibra na região é pautado pelas relações diplomáticas entre o Brasil e o Japão. De um lado, o país japonês necessitava emigrar seus nativos e do outro o país brasileiro estava no auge da produção de café e vislumbrava o cenário internacional para exportação do produto. Para esse passo seriam necessários sacos de juta para que o café pudesse chegar em condições boas até o destino final.

*[...] história da indústria brasileira do café, espécie vegetal introduzida na Amazônia por volta de 1724, por Francisco Xavier Botero, oficial das comissões de demarcação portuguesas em Caiena, Guiana Francesa, chefiadas por Francisco de Melo Palheta (TOCANTINS, 1982, pp.52, 53). Um dos mais importantes itens da pauta de exportação do País no período de 1850 a 1930, o café foi responsável pelo surgimento de boa parte do parque fabril brasileiro a partir da segunda metade do século XIX. Ao lado do cacau e da borracha, por volta de 1880 o café se tornou um dos principais produtos da pauta de exportação do Brasil. Dependente de sacaria forte e barata para o transporte dos grãos, a indústria do café logo cedo teve no saco produzido com fios de juta um dos seus principais insumos.*³⁹⁹

Assim, a data de 1930, se encontra com o marco desse início da agricultura da fibra de juta na região. Com o objetivo principal da sacaria a partir da juta e diante de diversas tentativas realizada entre os japoneses na Amazônia, os ribeirinhos e ribeirinhas adquirem do conhecimento das práticas da fibra e começam a se movimentar para determinadas regiões em prol do cultivo da fibra. O trabalho da juta começa no campo, com as atividades elencadas pelas nossas colaboradoras, ora apresentado nos capítulos II e III. 1- O Terreno e Roçado (preparo do terreno); 2- Plantio; 3- Capina, espaçamento e desfilhação; 4- Corte e Colheita; 5- Maceração, afogamento e desfilhar; 6- Lavagem; 7- Secagem e 8-Enfardamento. Todo esse processo que acontece no campo é denominado de cadeia produtiva da juta por SILVAN (2018).⁴⁰⁰

Importante relembrarmos que nas atividades do campo nos anos das colaboradoras, aproximadamente nos anos de 1931 (Maria Printes); 1950 (Maria Daízes); 1956 (Irenilda Garcia); 1956 (Marlene Gonçalves); 1977 (Maria Joana) e 1978 (Dinelza Cabral); as nossas colaboradoras realizaram atividades no campo com idades diversificadas, porém somente algumas realizaram atividades nas indústrias, essas vozes iremos expor aqui neste capítulo.

Logo, depois de todo o trabalho começa no campo, as fibras estão em formato (bruto) inicial e podem ser transformadas em diversos outros produtos, elas vão para pequenas e médias fábricas de fiação e tecelagem, com objetivo principal de sacaria, mas também de moldar a fibra para tapetes, roupas e até mesmo artesanato. Nesse processo envolve além dos trabalhadores e trabalhadoras nos beiradões e áreas de várzea, os operários e operárias das fabricas de juta.

³⁹⁹ SILVAN, Denison. Trabalhadores da Juta na Amazônia: trajetórias de luta, suor e sofrimento. Manaus, p. 53, 2018.

⁴⁰⁰ Idem, p. 45.

A década de 1950 começa o surgimento das indústrias na região, esse fenômeno foi pautado por muitos autores entre eles Homma (1995), Ferreira (2009) e Silvan (2018) com grandes avanços econômicos e modificações na vida desses trabalhadores. Há debate que mostram uma ampla mudança como acesso a rádios e a prestarem mais atenção nas transformações da sociedade e principalmente a dinâmica de migração do campo para a cidade.

Por sua vez, a capital do Estado do Amazonas, a cidade de Manaus, tornou-se um atrativo para que várias indústrias comesçassem a se instalar na região, assim, a cidade mostra um grande índice de destaque de produção da fibra. E ao longo do auge e declínio da juta, instaram-se as empresas: IB. Sabbá & Cia. Ltda; Phillipe Daou S.A.; Empresa Industrial de Fibras e Óleos Ltda e Companhia Brasileira de Fiação e Tecelagem de juta.⁴⁰¹ A empresa chamada Brasiljuta também se instalou nas cidades de Manaus, Itacoatiara, Manacapuru e Codajás, essa empresa representou um grande marco para acesso e melhoramento das sementes e instalações de usinas de beneficiamento nos interiores que faziam o plantio da fibra. A fibra passou a ser investida na cidade, com aproximadamente (46,2%) de concentração da fibra/ produção manufatureira na cidade (em específico o ramo têxtil),⁴⁰²

*O final da década de 1950 e primeira metade da década de 1970 representaram um marco histórico para a produção de fibras na Amazônia de maneira geral, e no Amazonas de modo particular, chegando próximo de trazer a região a hegemonia mundial dessa atividade. No ano de 1965, ampliam-se no Brasil o setor industrial têxtil da aniagem, chegando nesse ano como uma capacidade instalada em torno de 80,3 mil toneladas, 50% da qual localizada na área Amazônia. (IFIBRAM, 1976). As fibras vegetais nesse período eram o principal produto da economia amazonense.*⁴⁰³

Nas produções de juta também destacam-se os Municípios de Parintins e Iranduba, numa tabela intitulada “Áreas de produção de juta e malva no Amazonas em 1980” foram elencados 4 microrregião e 24 municípios que trabalhavam com a fibra de juta, em escalas diferente.⁴⁰⁴ Desta forma, podemos ter uma visão de quanto a juta estava espalhada na Amazônia e o que proporcionou mudanças econômicas tanto para o estado quanto para a vida dos trabalhadores e trabalhadoras.

⁴⁰¹ Essas empresas foram transcritas de um quadro apresentado na página 139 do livro: A vida dos trabalhadores da juta e da malva no baixo Solimões, Aldenor da Silva Ferreira, fonte da informação deste quadro é Pinto (1996).

⁴⁰² FERREIA, Aldenor da Silva. TRABALHADORES DA MALVA: (Re)produção material e simbólica da vida no Baixo rio Solimões. Manaus: UFAM, p. 151, 2009.

⁴⁰³ Idem, p. 152.

⁴⁰⁴ Idem, p. 153, tabela 02.

A cidade de Parintins, onde foram colhidos os relatos para essa pesquisa, foi um município que se destacou pela grande produção do plantio de fibra, lembrando que a Vila Amazônia, local pioneiro na Amazônia para o plantio, fica a 30 minutos do município. Logo, com o avanço das indústrias foram identificadas algumas empresas de beneficiamento de juta na região.

Pinto (1996) pautou que em Parintins, existiram as seguintes empresas: Martins Melo S. A Indústria e Comércio; Sobral Santos S.A Comércio e Indústria; Exportadora de juta Parintins Ltda.; Companhia de Aniação Caçapava.⁴⁰⁵ Esses dados das empresas pautados por Pinto foram em 1966, importante destacar que em 1988 surgiu uma empresa na cidade que movimentou a economia, chamada Cooperativa Mista os Juticultores de Parintins Ltda. – COOPJUTA. Para este trabalho iremos apresentar 3 empresas da cidade de Parintins, Caçapava, COOPJUTA e Fabril Juta, relatadas de algumas entrevistadas que trabalharam nessas empresas.

1.1. Caçapava (Companhia de Aniação Caçapava)

Essa empresa carece de fontes, data de início, sede, endereço e até mesmo tempo de funcionamento, das informações que conseguimos ter, seria referente a sua existência, a partir do relato coletado e também do quadro das empresas de beneficiamento por Pinto (1966). Inclusive é importante destacar que também não foram encontrados trabalhos sobre esta empresa na universidade de Parintins, porém encontramos sobre as outras empresas que serão citadas.

Mas ainda assim, tornou-se importante quando essa empresa surgiu no relato de dona Marlene Gonçalves. Em seu relato ela nos contou sobre sua jornada no campo, onde trabalhava na lavagem da juta, e depois ao voltar para a cidade quando começou a trabalhar na empresa,

*Aí eu vim pra cá.. a gente veio de lá, quando terminou lá a gente veio embora.. eu trabalhei na Fabril aí.. primeiro eu trabalhei na Caçapava, Caçapava também era com juta..*⁴⁰⁶

Essa empresa Fabril, a que ela se refere são em dois sentidos, o primeiro sentido está atrelado ao trabalho fabril, de empresa, horários, entradas e saídas e pessoal, e o segundo a uma comparação da Fabril Juta, foi uma das maiores empresas e mais

⁴⁰⁵ Essas empresas foram transcritas de um quadro apresentado na página 139 do livro: A vida dos trabalhadores da juta e da malva no baixo Solimões, Aldenor da Silva Ferreira, fonte da informação deste quadro é Pinto (1996).

⁴⁰⁶ SILVA. Parintins-AM, 2018.

conhecidas de Parintins. Em outro momento do seu relato ela confirma no seguinte trecho “Era... era uma fábrica igual a Fabril, aí depois da Caçapava, a gente veio pra Fabril, eu trabalhei na Fabril até...”⁴⁰⁷.

Logo após essa informação foi questionado a entrevistada: “La na Caçapava qual era seu trabalho?” E ela nos respondeu “trabalhava com juta também, estendendo juta... [...]”⁴⁰⁸. Logo depois ela nos relata sobre a outra empresa que trabalhou, deixando escassez de informações sobre a Caçapava.

Deste modo, podemos compreender que a Caçapava foi uma das primeiras empresas, tendo em vista que a cidade de Parintins começou a se movimentar com essa industrialização a partir de 1950, a empresa não teve muitos anos de funcionamento e maioria dos trabalhadores que designavam atividades na empresa, migraram para outras empresas presente na cidade.

1.2. Cooperativa Mista os Juticultores de Parintins Ltda. – COOPJUTA

A Cooperativa Mista os Juticultores de Parintins Ltda. – COOPJUTA foi criada no dia 06 de outubro de 1988, na cidade de Parintins, no endereço rua rio branco, número 122, por regime de CLT. Por sua vez, a empresa tinha o objetivo de ser mista, conforme diz o nome, empregando homens e mulheres no trabalho fabril.

O período de surgimento dessa indústria é marcado pelas transformações econômicas, década em que houve um grande fluxo migratório de pessoas do campo (dos interiores que circundavam Parintins) para a cidade, vislumbrando mudanças em suas vidas e muitas dessas pessoas foram empregadas na COOPJUTA, com intuito de se encaixar ao mercado de trabalho.⁴⁰⁹ Para esta seção iremos utilizar de imagens fotográficas para abordagem da empresa, com objetivo de compreensão das atividades, os registros serão utilizados para resgate da memória da empresa, como uma memória coletiva para recontar essa história.⁴¹⁰ Tivemos acesso ao acervo fotográfico da COOPJUTA e selecionamos algumas imagens para compor este capítulo

⁴⁰⁷ SILVA. Parintins-AM, 2018.

⁴⁰⁸ SILVA. Parintins-AM, 2018.

⁴⁰⁹ SILVA, Jacira dos Santos; CARVALHO, Mary Tânia dos Santos. Homens, mulheres e crianças, na cooperativa mista de juticultores de Parintins: dos registros fotográficos nos anos de 1970 a 1980 aos depoimentos dessa relação. UEA-Parintins.

⁴¹⁰ Este trabalho coletado em Parintins aborda sobre essa ideia de resgate a partir de imagens fotográficas, ideias que foram introduzidas nessa dissertação para enriquecimento das informações obtidas. Por sua vez, o artigo de Silva e Carvalho (UEA/Parintins) trata sobre a COOPJUTA a partir dos registros fotográficos dos anos de 1970 a 1980. SILVA, Jacira dos Santos; CARVALHO, Mary Tânia dos Santos. Homens, mulheres

Imagem 16- Termo de Abertura da COOPJUTA

TERMO DE ABERTURA

Coop. Mista dos Juticultores de Parintins Lda
 estabelecido ou domiciliado à Rio Branco
 nº 122 nesta cidade, com negócio de
 inscrito no I. A. P. A. S. sob nº 686950
 registra o presente livro, nº 01 com 100 folhas numeradas
 tipograficamente de número 1 (hum) a 100 (cem) no

SERVIÇO DE EMPREGO DA D.R.T. LOCAL OU ÓRGÃO AUTORIZADO

em cumprimento do disposto nos artigos 41 e 42 da C. L. T., declarando
 outrossim, que foi apresentada, na oportunidade, como prova de numeração
 anterior, o livro de número Parintins - Am 06 de outubro de 1988

COOPERATIVA MISTA DOS JUTICULTORES DE PARINTINS LTDA

 Assinatura do Empregador
 Parintins, 06 de outubro de 1988

OBS.: Modelo de Acordo com a Portaria N.º 195 de 10/5/68 — D. O. 15/5/68

Fonte: Foto própria

Essa imagem, trata-se de ser do livro de abertura da empresa, em visita a sede da empresa na cidade de Parintins em 2018, o antigo dono ao falar da empresa, compartilhou do livro e autorizou tirar a seguinte fotografia para melhor embasamento sobre os dados da empresa. Ainda no mesmo dia, ele mostrou a listagem de todos os trabalhadores e trabalhadoras da empresa, na data desse documento, 1988, porém como não tivemos autorização escrita sobre em específico a divulgação desses nomes, contabilizamos. Datado em 1988, na COOPJUTA no total de 93 trabalhadores, 42 mulheres e 51 homens.

e crianças, na cooperativa mista de juticultores de Parintins: dos registros fotográficos nos anos de 1970 a 1980 aos depoimentos dessa relação. UEA-Parintins.

Imagem 17: A sede da empresa na cidade de Parintins.



Fonte: Acervo fotográfico da COOPJUTA/Parintins.

A sede da empresa, conforme citado fica no endereço rua Rio Branco, número 122, localizada próximo ao centro da cidade, que por sua vez fica próximo do porto, local aonde aconteciam as entradas e saídas da fibra de juta. No começo da empresa era somente o prédio sem nenhuma menção ao nome da empresa.

Imagem 18: A antiga empresa COOPJUTA nos dias de hoje



Fonte: Foto própria

Em uma visita na cidade de Parintins no ano de 2018, a empresa continua no mesmo endereço com a mesma sede, porém em algum momento colocaram as siglas da empresa, tornando mais famosa na cidade e reconhecida por todas as pessoas, a COOPJUTA marcou grande impacto econômico e fez parte da vida de muitos Parintinenses.

A leitura sobre a empresa nos artigos encontrados, também utilizou a História Oral para o resgate da história da empresa, nos revela outros dados, referente a sua criação e ao seu funcionamento. Na década nos anos 60 e com a forte migração de pessoas chegando na cidade de Parintins para melhor condições de trabalho foi quando a COOPJUTA surgiu, porém passou por seus altos e baixos, como mudança de sócios, investidores, gaúchos, canadenses, japoneses, que investiam dinheiro, até que depois de um tempo conseguiu se estabilizar, a partir da primeira década de 1970, a produção ganhou palco no município, e com isso, os produtores rurais vislumbram o interesse de se associar a cooperativa, para uma certeza de que iram produzir a fibra e teriam pra onde vender.⁴¹¹

Com essa informação podemos compreender que haveriam associados a COOPJUTA, em um trecho de uma entrevista cedida para Jacira dos Santos, por Sr. Enéas Albuquerque Farias, ele relatou “ *O beneficiamento que o associado tinha era o amparo a produção, você produz já com a certeza que você vai colocar seu produto, não tem de dizer, ah não vai receber e tal, já vem segurado* ”⁴¹².

Desta forma para seu funcionamento, a empresa contava com trabalhadores rurais, que produziam a juta e os trabalhadores e trabalhadoras fabris, que trabalhavam com o produto bruto para transformarem em outras matérias. A Cooperativa que obtinha dos seus sócios também obtinha do Estatuto Social da Cooperativa (1988)⁴¹³ e para se associar, era de importância que o trabalhador fosse agricultor, de acordo com o artigo 3 do estatuto, a saber:

Art.3 ° - Poderá se ingressar na Cooperativa, salvo se houver impossibilidade técnica de prestação de serviços, qualquer pessoa que se

⁴¹¹ SILVA, Jacira dos Santos; CARVALHO, Mary Tânia dos Santos. Homens, mulheres e crianças, na cooperativa mista de juteiros de Parintins: dos registros fotográficos nos anos de 1970 a 1980 aos depoimentos dessa relação. UEA-Parintins, p-11.

⁴¹² Idem.

⁴¹³ Foram feitas pesquisas para encontrar mais sobre esse Estatuto, porém sem sucesso, sabemos da existência a partir dessas informações foram obtidas no trabalho recolhido na cidade de Parintins, SILVA, Jacira dos Santos; CARVALHO, Mary Tânia dos Santos. Homens, mulheres e crianças, na cooperativa mista de juteiros de Parintins: dos registros fotográficos nos anos de 1970 a 1980 aos depoimentos dessa relação.

*dedique a atividade agrícola, pecuária ou extrativista por conta própria, em imóvel de sua Sociedade, que possa livremente dispor de si e de seus bens, que concorde com as disposições deste Estatuto e que não pratique outra atividade que possa prejudicar ou colidir com os interesses e objetivos da Cooperativa. (Estatuto Social da Cooperativa, 1988, p.11).*⁴¹⁴

Importante destacar que, a data da citação do Estatuto está em 1988 a mesma data de abertura do documento que tivemos acesso. A participação como associado na COOPJUTA era bastante organizado, eles tinham que pagar uma mensalidade, denominada “cota parte”, era aproximadamente a um salário mínimo na época e dependendo da situação do sócio, poderia ser pago em até 10 parcelas, ainda os sócios, teriam a obrigação de ajuda entre si, um sócio que estava com a safra boa ajudava aquele que não estava com a safra tão boa, e no ano seguinte, um ajudava ou paga de volta o outro. Após suas efetivações na associação, passariam a conhecer e exercer suas atividades, deveres e obrigações.⁴¹⁵ Importante destacar que a participação de mulheres na empresa também era existente, tanto no documento que contabilizamos, quanto nas imagens que serão apresentadas.

No artigo coletado em Parintins, ao falar da participação feminina na empresa, ficou por conta de uma ex-sócia e um depoimento do ex-presidente da cooperativa, no qual, em que existia a divisão de atividade a partir de conceitos de peso para realização do trabalho, “leves” e “pesados”. Ainda que essa participação representava um acréscimo a renda familiar, e as atividades, que eram setorizadas dentro da empresa, delimitava qual era a participação feminina.⁴¹⁶

A seguir, serão exibidas fotografias coletadas do acervo fotográfico da COOPJUTA, não tivemos acesso ao ano das imagens, porém podemos perceber a ampla participação das mulheres e a abundância de muita fibra de juta presente nas imagens.

⁴¹⁴ Essa citação foi retirada do trabalho de SILVA, Jacira dos Santos; CARVALHO, Mary Tânia dos Santos. Homens, mulheres e crianças, na cooperativa mista de jaticultores de Parintins: dos registros fotográficos nos anos de 1970 a 1980 aos depoimentos dessa relação.

⁴¹⁵ SILVA, Jacira dos Santos; CARVALHO, Mary Tânia dos Santos. Homens, mulheres e crianças, na cooperativa mista de jaticultores de Parintins: dos registros fotográficos nos anos de 1970 a 1980 aos depoimentos dessa relação. UEA-Parintins, p-12.

⁴¹⁶ Idem.

Imagem 19 – Trabalhadoras de juta da COOPJUTA



Fonte: Acervo fotográfico da COOPJUTA/Parintins

Imagem 20 – Trabalhadores e trabalhadoras da COOPJUTA



Fonte: Acervo fotográfico da COOPJUTA/Parintins

Imagem 21 – Trabalhadores da COOPJUTA



Fonte: Acervo fotográfico da COOPJUTA/Parintins

Imagem 22 – Trabalhadores e trabalhadoras da COOPJUTA



Fonte: Acervo fotográfico da COOPJUTA/Parintins

Para essa pesquisa tivemos a entrevistada Dona Irenilda Garcia, trabalhou nos campos de juta por um período de tempo, mas também trabalhou em empresa, na COOPJUTA, ela nos relatou: *“aí eu arranjei o trabalho na prensa.. eu trabalhava na*

prensa.. a classificação..” Ao questionar “E quanto tempo a senhora trabalhou na empresa? Ela respondeu “ Na fábrica eu trabalhei 8 anos..” e “A senhora lembra a idade que começou a trabalhar mais ou menos?” ela respondeu “É.. de 18 .. 18.. 18/26 (voz baixa para contar os anos) a 26.,”⁴¹⁷

Eu trabalhava com os portugueses.. era classificação, aí tinha a juta tipo 1 era a juta que não tinha nenhuma pelezinha tinha que ser bem branquinha brilhosa, quem fizesse dois fardos de de juta da da tipo 1 a 40kg a gente ganhava dois dias.. dois dias de trabalho. Aí tinha outra classificação, a gente trabalhava numa empeleita de 110 pacote, entre a tipo 3, o 5, o 7, o 9.. o 9 era a juta que era mais feia, dura.. a gente cortava aquelas cabeça dura e ia pra aproveitar a parte macia da juta.. era essa nossa classificação.⁴¹⁸

Ao falar da empresa, a entrevistada recordava bastante dos tipos de juta que era produzido e principalmente a importância que isso teria para a produção, de certa forma, a entrevistada teve um período de trabalho no campo, quer designava outras atividades, já na empresa, por ser sistema setorial, ela nos compartilha desses seguintes detalhes:

Aí era dividido em turmas, essa primeira turma aqui da tipo uma era duas pessoas que trabalhava, nessa classificação da 3, 5, 7, 9 a gente trabalhava cinco pessoas.. cinco é.. três classificando e duas nas caixas armando os pacotes de 40 kg pra ir pra prensagem.. por exemplo se nós fizéssemos 110 pacotes até duas horas da tarde a gente ganhava um dia e um serão... aí quando era final da semana a gente ganhava um valor de 3 mil .. 4 mil reais.. 4 mil cruzeiros né?⁴¹⁹

Além do trabalho setorial, também tinham horários de entrada e saída, descanso e ganhavam dinheiro extra se trabalhassem dobrado por solicitação dos patrões. Desta forma, no seguinte relato a entrevistada trouxe os valores da época, o quanto recebia e se naquele tempo poderia valer a pena trabalhar na empresa,

É cruzeiro.. 4 mil cruzeiro .. tinha semanas que a gente entrava 6 da manhã e saía meia noite quando tava aperreado pra fazer embarque da juta, aí vinha aqueles navios grandes de fora pra fazer o embarque da juta.. os pacotes fardos era de 400 kg por embarque.. as vezes embarcava três.. quatro.. cinco toneladas.⁴²⁰

Ao perguntar “eram muitas demandas de trabalho?” Ela respondeu “ É e era bastante pessoas trabalhando..” Ela complementa sua fala:

[..] Muitas mulheres.. muitas mulheres muitos homens.. por exemplo numa caixa de classificação era cinco mulheres e dois rapazes pra carregar os pacotes pra levar pra prensar... então ficava sete pessoas em cada quadro.. por exemplo vamos dizer que tinha dez quadros de classificação né.. aí eram cinquenta pessoas né?

⁴¹⁷ GARCIA. Parintins – AM, 2018.

⁴¹⁸ Idem.

⁴¹⁹ Idem.

⁴²⁰ Idem.

*Setenta né.. porque era sete em cada quadro cinco mulheres e dois rapazes... pra carregar então era uma base de setenta pessoas pra essa área de classificação.*⁴²¹

Compreendemos que a empresa trabalhava com muitas pessoas tanto homens quanto mulheres, e ainda em seu relato, as vezes a juta precisava chegar as pressas de acordo com alguma demanda alta, e teriam que estender a juta na cidade, para que ela secasse e assim continuassem os trabalhos fabris com a fibra,

*[...] Ai tinha dias que a gente ia estender a juta na rua pra secar que as vezes vinha muito fardo molhado e a juta tinha que ser bem sequinha.. ai a gente saía estendendo das 7 da manhã até as onze hora tratando assim mana na na no chão né.. pra secar bem a juta pra depois.. ai fazia o rolo e os rapazes carregavam pra dentro da da prensagem... da fábrica.. ai a gente fazia tudo esse essa produção né.. trabalhava de segunda a sábado até meio dia ai a gente almoçava e duas horas a gente voltava pra receber o dinheiro da semana.. ai tinha semana que a gente ganhava até 5 mil..*⁴²²

Sobre a valorização e a questão de ser mulher assalariada dentro desse novo mercado de trabalho, a entrevistada foi questionada “*Naquela época, na economia 5 mil dava pra se manter?*” dona Irenilda Garcia responde “*uhh.. Dava pra se manter e bem porque as coisa era mais barata.. por exemplo a gente ia no supermercado com quinhentos cruzeiros a gente fazia um bom rancho e a comida da semana.*”⁴²³

Ainda falando da COOPJUTA, a mesma era uma empresa de produtos regionais, e outros produtos, porém no auge a fábrica passou a ter a juta como produto carro chefe. A empresa foi fundada por José Medeiros da Gama em 1974. Com objetivo de ter a empresa e seus associados (eram aproximadamente 3 mil associados de diversas frente de trabalho que a empresa abrigava), importante destacar que as reuniões da assembleia⁴²⁴ onde prevaleciam homens, para que pudessem conversar e deliberar novas medidas que eram necessárias na época, sempre relacionada a empresa.⁴²⁵

Dentro da COOPJUTA (Cooperativa Mista de Trabalhadores) teve a criação da chamada ASCOOF (Associação Cooperativa Feminina COOPJUTA) nos períodos de

⁴²¹ GARCIA. Parintins – AM, 2018.

⁴²² Idem.

⁴²³ Idem.

⁴²⁴ A assembleia geral era realizada uma vez por ano, porém as assembleias extraordinárias eram realizadas conforme demanda, e necessidade de decisão dos associados.

⁴²⁵ Não encontramos outros trabalhos que pudessem falar mais sobre essa cooperativa feminina, porém encontramos o trabalho recolhido na visita a UEA/Parintins de MARQUES, Andreza Barbosa; CARVALHO, Mary Tânia Santos. “Emancipação e valorização da mulher” Proposituras da Associação Cooperativa Feminina COOPJUTA ASCOOF/COOPJUTA 1985-1993”. UEA/Parintins p-2.

1985 a 1993.⁴²⁶ Dessa forma, o trabalho das mulheres passou a ter mais visibilidade com essa associação, a mesma iniciou suas atividades em 01 de maio de 1984, com objetivo de fabricação de artesanato a partir das fibras de juta, e seu vínculo era atrelado a COOPJUTA.⁴²⁷

Para a cidade de Parintins e para as mulheres que puderam trabalhar naquela época na ASCOOF representou grande marco, tanto de uma renda a mais, quanto na oportunidade de trabalho e a valorização da mulher na economia. Essa associação teve como financiador o Canadá em 1985, por meio do Fundo Canadá para Iniciativas Locais (FCIL), um programa que apoiava e financiava projeto de ONGs e organizações. Assim, através de um projeto elaborado pela COOPJUTA para a embaixada do Canadá que foi possível a criação da ASCOOF.⁴²⁸

A Cooperativa após receber os subsídios, teve que se desvincular da COOPJUTA, com a criação de uma sede, elegendo presidente, diretorias, todo um suporte administrativo para sua emancipação. Sobre o funcionamento da ASCOOF, ela funcionava por setores e com atividades específicas para as mulheres, e a mesma produzia vários tipos de produtos como sapatos, bolsas, etc.⁴²⁹

Existia uma cooperação entre a COOPJUTA E a ASCOOF, a primeira cedia o material bruto, a fibra de juta, e a segunda fazia diversos produtos que poderiam ser feitos com a fibra, a partir de artesanato ou costura. As mulheres da ASCOOF davam formato a fibra bruta recebida. Assim, essa associação fez parte da vida de muitas mulheres e principalmente de uma visibilidade maior a elas, como parte do mercado e parte do trabalho com a fibra de juta. Agora iremos anexar algumas outras imagens da COOPJUTA de chegadas e saída da fibra de juta.

⁴²⁶ MARQUES, Andreza Barbosa; CARVALHO, Mary Tânia Santos. “Emancipação e valorização da mulher” Proposituras da Associação Cooperativa Feminina COOPJUTA ASCOOF/COOPJUTA 1985-1993”. UEA/Parintins p-2.

⁴²⁷ Não tivemos maiores acesso a informações sobre essa associação feminina, somente a partir deste artigo citado, então não tivemos acessos a fotos e nem documentos. MARQUES, Andreza Barbosa; CARVALHO, Mary Tânia Santos “Emancipação e valorização da mulher” Proposituras da Associação Cooperativa Feminina COOPJUTA ASCOOF/COOPJUTA 1985-1993”. UEA/Parintins p-2.

⁴²⁸ Idem.

⁴²⁹ Idem.

Imagem 23– Trabalhadoras da COOPJUTA



Fonte: Acervo fotográfico da COOPJUTA/Parintins

Imagem 24 – Embarcação de juta



Fonte: Acervo fotográfico da COOPJUTA/Parintins

Essa imagem representa os fardos de juta saindo da cidade de Parintins para irem para outras regiões do Brasil.

Imagem 25 – Os fardos de juta



Fonte: Acervo fotográfico da COOPJUTA/Parintins

Essas imagens apresentadas tiveram o objetivo de mostrar sobre abundância da fibra de juta em Parintins, seu transporte para outros estados do Brasil e a presença de mulheres representando essa presença feminina na fábrica de Parintins-AM.

1.3. A Companhia de Tecelagem de Juta Parintins – Fabril Juta

A Companhia de Tecelagem de Juta Parintins - Fabril Juta, foi uma empresa que surgiu no final da década de 1950 na cidade de Parintins. Mas somente em 1960, que a empresa traz um papel fundamental na compra da produção e do beneficiamento da juta. Por sua vez, o diferencial desta fábrica era o funcionamento anual, a mesma, funcionava o ano inteiro, diferente de algumas empresas que funcionavam somente na temporada de colheita da fibra.⁴³⁰

Essa empresa também trabalhava com o sistema de beneficiamento de juta, com cooperação entre os pequenos produtores que vendiam a juta (bruta) para a fábrica, desta forma incentivada a produção rural, trazia um desenvolvimento tanto para a cidade quanto para o interior. A empresa trabalhava com três turnos e contratava

⁴³⁰ EVANGELISTA, Ronaldo Gama; FERREIRA, Arcângelo. Trabalho Feminino e relações de gênero na Fabril Juta de Parintins-Am (1970-1982). UEA- Parintins, p-7, 2016.

homens e mulheres, dados estatísticos da fábrica mostram que no período de auge empregou cerca de três mil postos de trabalho intercalado nos turnos da empresa.⁴³¹

A Fabril Juta ficava localizada na rodovia Odovaldo Novo, 4015 Parintins – AM, e no período em que a juta estava comandando a economia, a empresa empregou muitos Parintinenses com uma atividade específica, produzir as sacas que eram a exigência internacional para exportação e movimentação do produto que estava em alta, o café, especificamente para exportar para a Argentina.⁴³²

A presença feminina nesta empresa também era de grande importância, as mulheres que estavam ganhando espaço nesse cenário, ainda com questões relacionadas a peso, “leves” e “pesados” para ocuparem cargo de trabalho, mas dentro da empresa existia um lugar de respeito para tal posição, principalmente na relação de trabalho entre homem e mulher.⁴³³

Assim nesta empresa, foram coletados dois relatos, de mulheres tiveram tanto a experiência no campo quanto na Fabril Juta, Dona Marlene Gonçalves e Dona Maria Daízes.

Dona Marlene Gonçalves nos relatou sobre sua jornada quando trabalhou na fábrica, em sua fala “ *Aí eu vim pra cá.. a gente veio de lá, quando terminou lá a gente veio embora.. eu trabalhei na Fabril aí.. primeiro eu trabalhei na Caçapava, Caçapava também era com juta*”.⁴³⁴ A primeira empresa que a narradora trabalhou foi na Caçapava e depois foi para a Fabril Juta.

Quando sua fala faz referência de comparação ela nos revela sobre ser uma Fábrica, com horários, entradas e saídas e atividade setorizada. Ela relatou “[...] *Era uma fábrica igual a Fabril, aí depois da Caçapava, a gente veio pra Fabril, eu trabalhei na Fabril até... (não completou a frase)*”.

No primeiro momento em que a entrevistada trabalhou por poucos anos na empresa Caçapava, sua atividade era estender juta, porém quando ela foi para a Fabril Juta ela designava de outra atividade. “ *Também lá.. mas na Fabril era outra coisa, não era mais estender juta.. eu trabalhava na tecelagem*”.⁴³⁵ A tecelagem é uma das atividades mais comuns da juta, pois é dela que se divide entre as diversas modalidades do produto, como roupa, saco, linhas etc.,

⁴³¹ EVANGELISTA, Ronaldo Gama; FERREIRA, Arcângelo. Trabalho Feminino e relações de gênero na Fabril Juta de Parintins-Am (1970-1982). UEA- Parintins, p.7, 2016.

⁴³² Idem, p.9.

⁴³³ Idem.

⁴³⁴ SILVA. Parintins-AM, 2018.

⁴³⁵ SILVA. Parintins-AM, 2018.

*Numas máquinas que tinha que fazia.. fazia as sacas de juta.. os panos pra fazer a saca.. Não.. daí da Fabril chegava o pessoal eu saía, pessoa me tirava eu vinha pra cá trabalhar nas casas, eu não ficava todo tempo lá na fábrica não, eu não.. o pessoal que vinha de fora pra trabalhar na fabril... eles me tirava pra eu trabalhar nas casas deles.. aí eu trabalhava com eles assim.. quando iam embora eu voltava pra fábrica de novo.*⁴³⁶

Nesse trecho acima, a entrevistada nos afirma o principal produto da fábrica, que eram as sacas. Em sua jornada pessoal, ela traz a informação de não ficar somente trabalhando na fábrica, e também trabalhar em casa de família com serviços domésticos, e principalmente expor sobre a migração do interior para a cidade com o chamativo desses postos de trabalho,

*Tinha turno assim.. tinha o primeiro turno que pegava 7 da manhã largava 11, pegava uma hora e ia ate 7 horas.. aí ate 5 horas.. e tinha o segundo turno que pegava de 9 até 6 horas da manhã.. Tinham 3 turnos aí, o primeiro, segundo e terceiro.. a gente fazia rodízio assim, pra não ficar sozinha.. uma semana era num, na outra semana era noutro.. sabe?*⁴³⁷

No trecho final da sua fala sobre o trabalho com a Fabril Juta, ela falou sobre os turnos de trabalho, a empresa trabalhava 24h com turnos e rodízio de pessoal. Toda semana era uma equipe que trabalhava na empresa para que houvesse descanso dos trabalhadores.

Dona Maria Daízes, seu esposo e seus filhos e filhas moravam no interior, no chamado igarapé do Boto, ao migrar para Parintins, ela começou a trabalhar na Fabril Juta, foi um período onde teve grande contratação de pessoas por conta da demanda alta de atividades. *“quando chegemos aqui.. uns anos eu fui trabalhar na fabril ali.. Fabril Juta..”*⁴³⁸

Em sua fala *“Quando eu vim pra Parintins aí.. nos trabalhava, eu vendia banana, vendia cheiro verde, vendia couve, vendia tudo.. aí depois fui trabalhar na fabril, fabril juta ali olha”*.⁴³⁹ No ato de seu relato, é importante lembrar que estávamos na chamada Baixa do São José, o lado vermelho da cidade, bem na frente da igreja de São Benedito, onde Dona Maria Daízes vendia tacacá. Após esse trecho citado ao dizer “ali” ela apontou para o final desta avenida, onde ficava a empresa.

Foi questionado *“ Sei.. pra lá ne?”* e dona Daízes respondeu *“É.. lá! Agora que já é do Garantido.. (risadas e sorrisos) Era lá que a gente trabalhava..[.] É! Lá era a*

⁴³⁶ SILVA. Parintins-AM, 2018.

⁴³⁷ SILVA. Parintins-AM, 2018.

⁴³⁸ CARNEIRO. Parintins- AM, 2018.

⁴³⁹ Idem.

Fabril Juta.”⁴⁴⁰ foi questionado novamente “*Na Cidade Garantido?*” e dona Maria Daízes responde “*É... Lá eu trabalhei..*”

A chamada hoje de Cidade Garantido⁴⁴¹ era onde ficava a empresa Fabril Juta, o galpão é grande e extenso, alto, e na parte de traz possui um porto, onde antigamente eram recebidas as jutas dos produtores e enviadas para outras regiões do Brasil. Por sua vez, essa particularidade de ter um porto atrás do galpão possui grande benefícios para a facilitar o trâmite do produto, mas causa insegurança durante a cheia, que algumas vezes atrapalhava, pois, a empresa alagava durante estes períodos, causando prejuízos.

Ao falar de sua atividade na empresa, foi questionado “*Qual era sua função lá na Fabril Juta?*” a entrevistada respondeu com detalhes a sua função:

*Eu trabalhava na máquina de butar aquelas rocas , butava as roca lá em cima sabe.. pra enrolar aquelas.. aquelas cordas, era umas cordas, aí a gente colocava lá e a maquina virava .. virava e depois a gente tirava quando tava cheio a gente tirava.. [...] Roca que a gente chama era um .. parece um pau desse tamanho assim.. que tinha um buraco.. a gente pegava e butava no buraco, aí a maquina tava aí e quando tava cheia a gente tirava e colocava.*⁴⁴²

Dona Maria Daízes que trabalhou no campo com o plantio e colheita agora trabalhava com máquinas em um novo sistema setorial e com jornadas de horários. Em seu relato ela explicou também como funcionava a sua jornada de trabalho “*a gente trabalhava de manhã até meio-dia.. aí a gente vinha pra casa.. quando era uma hora a gente pegava até cinco horas,*”⁴⁴³

*É.. É.. gente vinha almoçar.. depois a gente ia.. que tinha uma semana assim.. e tinha uma semana da noite.. tinha uma semana que a gente trabalhava a noite todinha.. das sete horas até as seis horas da manhã.*⁴⁴⁴

Como já foi dito, a empresa empregou muitas pessoas no período que estava a todo vapor e trabalhava com rodízio de turnos, representou grande mudança na vida dos Parintinenses e principalmente relacionado à movimentação que aconteceu na cidade por conta da empresa,

*[...] Era muita gente.. era 5 mil pessoas que trabalhavam nesse dia.. trabalhava rapazinho.. não tavam roubando como agora, que tão roubando.. rapazinho trabalhava.. de menor.. tava tudo trabalhando.
É É! Faziam movimento.. tudo tinha seu dinheiro.. dia de sábado recebia.. quem arrumava a juta, arrumava!.. quem.... quem penteava .. pintiava pra*

⁴⁴⁰ CARNEIRO. Parintins – AM, 2018.

⁴⁴¹ Logo depois que a Fabril Juta fechou a Associação Folclórica Boi Bumbá Garantido comprou o galpão da empresa para transformar em seu curral, para realização de festejos, administração e finanças, local onde guardar seus 32 troféus, galpão de costura, alegorias, etc.

⁴⁴² CARNEIRO. Parintins - AM, 2018.

⁴⁴³ Idem.

⁴⁴⁴ Idem.

*ficar .. porque tinha aquelas casas... tavam trabalhando! garotas.. garotos..
Né como agora.. roubando.. que não tem trabalho.. né.*⁴⁴⁵

Dona Maria Daízes em sua fala, enfatizou bastante sobre essa oportunidade de emprego e principalmente sobre ter emprego para que as pessoas pudessem trabalhar e ter seu próprio dinheiro, era uma oportunidade para todos, e todos que trabalhavam, independentemente de sua atividade, recebiam dinheiro.

Em seu último trecho sobre esse tema, a entrevistada fala sobre sua vida após o período em que a Fabril Juta fechou, causou um índice de desemprego e muitas pessoas começaram a trabalhar com outras atividades diferenciadas,

*Fiquei aqui.. Quando terminou.. quando acabou a Fabril.. eu inventei de botar essa banquinha era bem ali! (apontando para a rua da frente) Dali como “jarigô”⁴⁴⁶ compraram isso aqui fizeram esse prédio, esse coisa.. aí eu vim pra cá! Que até hoje.. eu tô com quarenta e um ano aqui, jaz fez...vendendo tacacá.*⁴⁴⁷

Dona Maria Daízes recordou que trabalhou aproximadamente 15 anos na empresa, após a empresa fechar, ela começou sua venda de tacacá em frente a igreja de São Benedito, trabalhou lá por mais de 40 anos.

As entrevistadas que tiveram suas jornadas atreladas tanto no campo quanto nas empresas e fábricas de juta trabalharam em períodos diferentes, porém compartilham de algumas características iguais em seus relatos. Nenhuma entrevistada relatou de assédio, violência, ou algum tipo de forma de agressão ou relacionado a trabalho escravo ou trabalho cansativo. Todas as entrevistadas em suas falas valorizavam sua participação, emancipação e dependência financeira de suas atividades que realizaram nas empresas.

2 - Mundos do trabalho e o mundo do trabalho feminino na juta, uma discussão

A História Social representa uma vertente do campo da História que está ligada aos estudos da sociedade, suas transformações e evoluções, e uma ferramentas que está ligado a História Social do trabalho, que visa os trabalhadores e trabalhadoras como protagonistas de diversas formas de organizações e movimentos sociais, a partir da historiografia que possibilita autores que escrevem sobre os papéis, perspectivas do trabalho e aqueles que vivem e vivenciam o trabalho.

Edward Palmer Thompson (1924-1993) é historiador, socialista, poeta, ativista,

⁴⁴⁵ CARNEIRO. Parintins - AM, 2018.

⁴⁴⁶ Trecho inaudível desta palavra.

⁴⁴⁷ CARNEIRO. Parintins - AM, 2018.

orador, escritor em seu determinado período e considerado protagonista de polêmicas do século XX⁴⁴⁸, seus trabalhos são lidos e analisados por diversas áreas acadêmicas no mundo todo. Desta forma, o autor compõem a chamada nova esquerda inglesa, que representa os movimentos sociais concretos da classe trabalhadora, ou de movimentos populares de forma ampla,⁴⁴⁹

*Entre os historiadores brasileiros, a presença de Thompson como referência é absolutamente generalizada. É fato que, do grupo de historiadores ingleses cujas obras ganharam o mundo no pós-guerra, Hobsbawm é o que mais possui mais obras traduzidas para o português. Há que se ter em conta, entretanto, que ainda que, com muitos dos seus livros mais importantes sem tradução, Thompson conseguiu se tornar uma fonte de inspiração para um conjunto muito mais amplos de trabalhos de pesquisa em história, sobre os mais diversificados objetos, sendo citado mesmo antes das traduções de suas principais obras. É o que se pode perceber, por exemplo, na coletânea Domínios da história, publicada em 1977, em que Thompson aparece como referencia importante para todos os capítulos mais gerais da obra, dedicados às discussões sobre história econômica, história social, história do poder, história das idéias e história das mentalidades e cultura. Além disso, surge em notas e comentários também em alguns dos artigos que tratam de campos mais específicos de estudo. (Cardoso e Vainfas, 1997 apud MATTOS, 2012, P. 212).*⁴⁵⁰

Desta forma, podemos compreender a importância de Thompson para embasamento teórico nas assertivas de pesquisas de cunho histórico, suas teorias, análises e estudos fazem-se necessários para melhor entendimento, principalmente quando se trata de movimentos sociais, no qual ele fez parte.

Thompson cria o conceito da experiência, dissertando na formação da classe operaria inglesa, a classe acontece quando os homens se identificam quanto classe, e para isso acontecer se dá através do momento em que o indivíduo tem a experiência, a vivencia, a valorização da visão do trabalhador quanto agente, quanto protagonista da sua própria história, dentro de inúmeras análises disto, como modo de vida, consumo, saúde do trabalhador etc., realmente entender como funciona o meio que ele convive, sua vida, saúde, família e convívio social.⁴⁵¹

Thompson disserta sobre os padrões e experiências, dentro do mundo dos trabalhadores, começando com o com o consumo, no que diz respeito ao padrão de vida dos trabalhadores e durante a revolução industrial. “quando se abandonou a tentativa um tanto irreal de determinar o salário do trabalhador hipoteticamente “médio”,

⁴⁴⁸ THOMPSON, E. P. As peculiaridades dos ingleses e outros artigos. Antonio Luigui Negro e Sergio Silva - Campus. Editora da UNICAMP, 2001.

⁴⁴⁹ MATTOS, Marcelo Badaró. E. P. Thompson e a tradição política ativa do materialismo histórico, 2012.

⁴⁵⁰ Idem.

⁴⁵¹ THOMPSON, E. P. A formação da Classe Operária Inglesa II A árvore da liberdade.

dirigindo-se ria a atenção para os artigos de consumo (alimentação, vestuário, habitação) e por, outro lado, a saúde e mortalidade”⁴⁵². Ainda nesse contexto quando se fala da vida do trabalhador, e as diversas questões relativas à saúde, longevidade, as taxas da mortalidade e natalidades, que fazem parte da análise na vida de um trabalhador.

Neste trabalho, tivemos o contato com o termo de experiência a partir da História Oral, cada entrevistada nos relatou sobre sua história de vida, seu momento, tempo, raciocínio, conhecimentos e principalmente propriedade sobre o trabalho que cada uma designou, identificamos grandes detalhes, com Dona Maria Joana quando nos relatou sobre o pó que a juta solta, no momento em que se precisa colocar para secar e isso pode causar doenças ou, em outros momentos, as entrevistadas falando sobre o trabalho na água que apesar de ser descrito como desgastante é também encarado como apenas mais uma função no trabalho do campo.

Por outro lado, temos a ideia de História vista por baixo, aqui analisamos os relatos de pessoas que vivenciaram trajetórias, diariamente com produtos que fizeram parte de uma História econômica, mas também nos trazem o lado do trabalhador. Neste exemplo, podemos citar Dona Irenilda Garcia, que nos contou sobre seu marido ter que apresentar produtividade, e também ter a responsabilidade de produzir outros produtos pois teria que prestar contas com o seu patrão.

Ao falar de mulheres, tecemos a História das Mulheres, conceito que foi criado por Michelle Perrot. Por sua vez, ela é uma historiadora presente nas pautas relacionadas a mulher, gênero, e principalmente criadora do conceito de História das Mulheres. Traz grandes contribuições para a História Social,

História das Mulheres. Seu percurso começou na História Social, realizando pesquisa histórica sob inspiração, inicialmente, marxista e, depois, foucaultiana. Publicou, em 1966, juntamente com Annie Kriegel, Le socialisme français et le pouvoir, pela EDI. Em 1974, pela editora Mouton, Les ouvriers en grève. France 1871-1890. Esse mesmo trabalho foi publicado, de forma condensada, em 1984, sob o título Jeunesse de la grève. France 1871-1890, editado por Seuil, que também editou, em 1980, um trabalho coletivo intitulado L'impossible prison. Ainda em 1984, organizou os volumes 1 e 2 dos Écrits sur le système pénitentiaire en France et à l'étranger de Alexis de Tocqueville, publicados pela Gallimard. Em 1987, organizou o volume 4 da Histoire de la vie privée, coletânea em cinco volumes, sob a direção geral de Philippe Ariès e Georges Duby, publicada na França pela Seuil. No Brasil, essa obra foi publicada pela Companhia das Letras, sendo que o primeiro volume saiu em 1990 e o último em 1992.

453

⁴⁵² THOMPSON, E. P. A formação da Classe Operária Inglesa II A maldição de Adão.

⁴⁵³ PEDRO, Joana Maria. Michelle Perrot: a grande mestra da História das mulheres. Ponto de vida. Ver.

Assim, o conceito abordado pela historiadora o que torna-se mais importante é: sem a presença das mulheres não seria possível a História, tratando de uma forma coletivas e não da singularidade, essa determinada linha de pensamento acompanha a trajetórias das protagonistas, os movimentos, motivos, sentimentos e direções que levaram as suas decisões⁴⁵⁴.

Com os avanços dos estudos, a História das Mulheres mudou, e passou a tomar proporções maiores, saindo da ideia “primitiva”, a mulher sem voz, a história do corpo, a singularidade do papel de suas vidas, os estudos saíram da vida privada para alcançarem âmbito nos espaços públicos, dos movimentos sociais, das guerras, das políticas, da separação entre mulheres tidas como vítimas para a transformações em mulheres ativas⁴⁵⁵.

Um questionamento que surge sobre a história das mulheres é quanto ao silêncio, o que é o silêncio? Seria a ausência de voz? Ou uma zona de confinamento onde todas as mulheres estiveram por longos anos? Perrot (2007) cita em sua obra “ A história é o que acontece, a sequência de fatos, das mudanças, das revoluções, das acumulações que se tecem o devir das sociedades”⁴⁵⁶. Trata-se de um silêncio por notificar que as mulheres estiveram por fora dos holofotes, de um lado oposto na contagem do tempo, como uma obscuridade, ou até mesmo uma invisibilidade,

*Em primeiro lugar, porque as mulheres são menos vistas no espaço público, o único que, por muito tempo, mereça interesse e relato. Elas atuam em família, confinadas em casa, ou no que serve de casa. São invisíveis. Em muitas sociedades, a invisibilidade e o silêncio das mulheres fazem parte da ordem das coisas*⁴⁵⁷.

A primeira justificativa, de acordo com a citação é sobre o questionamento do silêncio: é a aparição das mulheres em locais públicos e a segunda trata-se relatar o fato de serem pouco vistas, pouco faladas, o que sucede num silêncio das fontes. “ São elas mesmas que destroem, apagam esses vestígios porque os julgam sem interesse”⁴⁵⁸, essa citação refere-se ao desafio posto pelas mulheres torna-se na tentativa de conseguir facilidade nas fontes e oralidade, principalmente quando falam de si mesma pois muitas

Est. GEm.11 (2). Dez 2003.

⁴⁵⁴ PERROT, Michelle. Minha história das mulheres/ Michelle Perrot; [tradução Angela M.S. Côrrea]; São Paulo: Contexto, 2007.

⁴⁵⁵ Idem.

⁴⁵⁶ Idem.

⁴⁵⁷ Idem.

⁴⁵⁸ Idem.

delas julgam-se não importantes.

Quando tratamos de mulheres trabalhadoras de juta não temos tantas fontes documentais, relatos oficiais, notificações, trabalhos e teses e entre outras informações sobre o determinado assunto, temos dúvidas e questionamentos. O período da juta marcou a História da Amazônia nas inúmeras movimentações e formas de sobrevivência dos trabalhadores e trabalhadoras, mas o questionamento é onde estão as mulheres que trabalhavam com juta? Podemos considerar que elas fazem o mesmo trabalho que os homens? Existe algumas divisões de trabalho? E qual seria a diferença da mulher trabalhadora do campo e da mulher trabalhadora nas fábricas de fibra.

Para esta pesquisa todas as nossas entrevistadas representaram mulheres tímidas, onde não se consideravam importante, e a outros momentos não compartilharam de dor e sofrimento o que nos guia e nos impõe a outras discussões que podem ser discutidas. Ainda assim, ela mesmo com insegurança ou qualquer outra questão assumem e compõem a história das mulheres no momento em que elas fizeram parte dessa pesquisa.

Joan Scott em seu conceito discorre que a História das Mulheres que representa um crescimento do feminismo para as mulheres, o que faz surgir os estudos especificamente relacionados ao gênero, e uma divisão entre a política, a história, o gênero e a História das Mulheres, proporcionando análises mais críticas⁴⁵⁹. Neste trabalho tentamos dar ênfase a esse conceito, para trazer a academia um assunto ora apresentado por muitos autores, porém com a perspectiva de novas personagens.

Ao falar sobre gênero a autora argumenta sobre os acontecimentos da década de 1980 causam grandes transformações na política no qual abre um espaço para o gênero conquistar seu campo, por sua vez define a corrente de pensamento como um termo que mostra-se neutro “desprovido de propósito ideológico imediato”⁴⁶⁰. A história desse campo propõe uma visão específica das mulheres na história, de uma forma mais diferenciada e singular, tratando de trajetórias, mas também de movimentos e posicionamentos em atos públicos.

As discussões relacionadas a questão do gênero tem-se generalizado como impostas somente para especular sobre as questões da diferença sexual, nos anos 70 as feministas americanas evidenciavam tais distinções exclusivamente fundamentada no

⁴⁵⁹ SCOTT, Joan. IN: BURKER, Peter, A escrita da história: novas perspectivas, tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

⁴⁶⁰ SCOTT, Joan. Capítulo História das mulheres. A escrita da história: novas perspectivas/Peter Burke (org); tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

sexo⁴⁶¹,

*Vale frisar que esse termo foi propósito por historiadoras que acreditavam que a pesquisa sobre as mulheres transformaria fundamentalmente os paradigmas da disciplina; acrescentaria não só novos temas, como também iria impor uma reavaliação crítica das premissas e critérios do trabalho científico existente, implicando não apenas “em uma nova história das mulheres, mas em uma nova história”.*⁴⁶²

Os aprimoramentos e avanços dos estudos sobre gênero começaram a articular-se em três eixos: gênero, classe e raça, o que estaria envolvida nessa construção da nova história, diferenciando o uso do termo gênero somente para divisão sexual entre homem e mulher, logo houve a importância na historicização e “desconstrução”⁴⁶³. Deste modo o gênero passa a tomar uma posição de significar os tipos de relações de poder que existem, “concluir-se que gênero é um meio de compreender as relações complexas entre diversas formas de interação humana”⁴⁶⁴

Quando se trata de juta, podemos observar nas principais obras, dissertações e teses o termo juteiro, o trabalhador de juta sempre está presente. Ao trata-se de mulheres, não existe tanta ênfase como os homens trabalhadores, e não foi criado nenhum termo para as mesmas. Nesta pesquisa colocou-se questionamentos sobre uma identidade e conotação relacionada a caracterização da mulher que trabalhava com juta, não setorializada, principalmente nos campos e interiores, supomos que as mulheres fazem os mesmos trabalhos que os homens.

O debate em torno da divisão sexual do trabalho, traz conclusões significativas no que diz respeito à posição das mulheres no setor produtivo. Por meio das máximas ideológicas patronais, tem-se a ‘proibição’ do emprego feminino em certos ramos, em virtude dos trabalhos perigosos, pesados e insalubres, mas a autorização ante trabalho leves e limpos⁴⁶⁵

Importante também dar foco à cooperativa feminina para trabalhadoras de juta, chamada de COOPJUTA (Cooperativa Feminina), e na também a ASCOOF (Associação Cooperativa Femininas de Juta) como forma de valorização e participação

⁴⁶¹ SAMARA, Eni de Mesquita. Gênero em debate: trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea / Eni de Mesquita Samara, Rachel Soihet, Maria Izalda S. De Matos; São Paulo: EDUC,1997.

⁴⁶² Apud. (Scott,1991,p2). SAMARA, Eni de Mesquita. Gênero em debate: trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea/ Eni de Mesquita Samara, Rachel Soihet, Maria Izalda S. De Matos; São Paulo: EDUC,1997.

⁴⁶³ Idem.

⁴⁶⁴ Idem.

⁴⁶⁵ NUNES, Jordão Horta; FREITAS, Revalino Antonio. Trabalho e Gênero entre a solidariedade e a desigualdade. Ed. PUC. Goiânia, 2011.

das mulheres no processo da juta, entidades estas que quebraram paradigmas, normas e realidades de uma sociedade em que mulheres eram dependentes dos maridos, levando a uma luta por espaço dentro do sistema.

No cultivo e no beneficiamento da juta não foi diferente. Em Parintins nos anos 1970 e 1980, reconhecida como uma região onde havia a maior produção da fibra de juta em todo Amazonas. Neste processo envolvia famílias inteiras, mulheres e criança também participavam do trabalho. Na cidade de Parintins com o advento da juta as mulheres passaram a adentrar nas fábricas e cooperativas de beneficiamento do produto, isso se dava para garantia de renda e melhores condições de vida para toda a família⁴⁶⁶

Quando trata-se de trabalho e da divisão do mesmo entre homens e mulheres, é julgado por diversos motivos, principalmente a força braçal, no processo de cultivo da juta, homens e mulheres trabalham juntos, desde a plantação até separação dos fios da fibra⁴⁶⁷.

Assim nos trazem ao palco sobre discussões travadas referentes as formas de trabalho não-livre no mundo contemporâneo permite-se revisitar, a luz de autores como Marcel Van der Linden, Chitra Joshi e Silvia Petersen o mundo do trabalho de mulheres na região a partir da economia extrativista da juta. Analiticamente, o que está em jogo nas pesquisas realizadas pelos historiadores e historiadoras acima mencionadas é o questionamento das formas clássicas de divisão do Mundo do Trabalho entre trabalho livre e trabalho escravo. Van der Linden, por exemplo, chama atenção para as formas transacionais ou intermediárias do mundo do trabalho, que se configuram como aquelas marcadas pelo trabalho compulsório.

O trabalho compulsório não se configura estritamente como trabalho escravo, pois o trabalhador não é legalmente escravizado, porém, o nível de exploração da força de trabalho é de tão monta que chega a se aproximar das modalidades de trabalho da escravidão.

Lendo sobre a história global do trabalho de Linden, é possível perceber as categorias levantadas pelo autor para pensar os tipos de mercantilização da mão de obra que podem variar entre o trabalhador escravizado, o trabalhador assalariado livre, o trabalhador autônomo e o chamado lumpemproletariado. O autor destacar quatro pontos que podem, metodologicamente orientar as pesquisa: 1) que qualquer análise dessas

⁴⁶⁶ MARQUES, Andreza Barbosa. “Emancipação e valorização da mulher” Proposituras da Associação Cooperativa Feminina COOPJUTA ASCOOF/COOPJUTA 1985-1993. Artigo UEA - Parintins, Universidade do Estado Do Amazonas.

⁴⁶⁷ Idem.

formas intermediárias deve centrar-se nos estudos empíricos precisos, sem a preocupação com grandes teorias; 2) não devemos estudar separadamente os diversos tipos de trabalhadores subalternos, levando-se em conta, sempre que possível, as ligações entre eles; 3) entender os sujeitos dentro de suas redes de sociabilidade (família, parentesco, clubes e irmandades) e 4) atentar para as formas de classificação dos subalternos que emergem do Estado- Nação⁴⁶⁸.

Ainda no campo da discussão conceitual e metodológica, a historiadora de gênero indiana Chitra Joshi chama atenção para as formas de mobilização do trabalho das mulheres dentro e fora do espaço doméstico e de como essa autonomia ou subordinação altera as relações de gênero, como o aumento da violência contra a mulher porque ela trabalha fora de casa e ocupa um lugar (com ganhos financeiros e sustento do lar) que era tido como apenas dos homens.

Para a historiadora do Mundo do Trabalho Silvia Pertersen, faz necessário para os estudos do mundo do trabalho no Brasil cruzar fronteiras analíticas e disciplinares no sentido de dialogar com pesquisas que não estejam apenas no eixo Rio-São Paulo, mas de pensar como se dá a dinâmica do trabalho nas chamadas comunidades amazônicas do interior e suas “populações tradicionais”, a relação entre trabalho, etnicidade e processos de racialização no Brasil e outros temas e problemas mais contemporâneos.

Dessa forma, a proposta deste trabalho foi dá voz a quem tem voz e apresentar as trabalhadoras de juta, com um questionamento feito por Michelle Perrot, pensar sobre os excluídos da história, aqueles que existem mais ainda não foram colocados em análise. Ao andar nesse pensamento pensamos também em operárias das indústrias de juta, pois existiram mulheres operarias nessa categoria. As mulheres ao contar suas histórias colocam-se protagonistas, assumindo posições compartilhando funções que realizaram tantos nos campos de juta quando nas fábricas.

3 - Outros assuntos

3.1 O Boi Bumbá de Parintins-AM e o assunto da juta na Amazônia

A cidade de Parintins é conhecida pelo Boi Bumbá, de um lado temos o Boi Bumbá Garantido com as cores vermelho e branco e de outro lado temos o Boi Bumbá

⁴⁶⁸ LINDEN, Marcel Van der. Trabalhadores do Mundo: ensaios para uma história global do trabalho. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2013.

Caprichoso com as cores azul e branco. A cidade é dividida nas duas cores, o bairro da Francesa representa o boi azul e a baixa do São José representa o boi vermelho.

Todos os anos eles se enfrentam no Bumbodrómo⁴⁶⁹ com apresentação de um tema pré-escolhido por cada boi, a preparação da festa começa um ano antes, desde da escolha do título, das toadas, confecção de roupas, danças, etc, ou seja, todos os anos eles tem um tema para defenderem na arena durante os 3 dias do festival.

Além do tema, eles precisam defender 21 itens do festival, entre eles: levantador de toadas (o cantor); Boi Bumbá (o boi em si); Amo do Boi; Sinhazinha da Fazenda; Lenda Amazônia; Vaqueira; Figura Típica Regional e entre outros.

Para essa dissertação torna-se importante falar desse assunto porque os bois de Parintins tratam a questão da juta e do trabalhador juteiro no item Figura Típica Regional visando mostrar a trajetória, vida, modos de vida, sazonalidade e tudo que envolve este trabalhador no desafio que é a fibra de juta na Amazônia.

Deste modo, a primeira Toada que encontramos foi de 1996 intitulada Ciclos Amazônicos de Ronaldo Barbosa, do Boi Bumbá Caprichoso traz a ideia que foi implantada na cultura do amazônida, a ideia de ciclos econômicos contrapõe a posposta do trabalho ora explicado, porém para este item, é importante compreender como musicalmente os autores de Parintins conseguem expor sobre a vida de um caboclo ribeirinho, valente, trabalhador das temporadas econômicas que a Amazônia passou.

1996 - Ciclos Amazônicos
Composição: Ronaldo Barbosa

A ê a, a ê a, a ê a

Caboclo valente
Da sorva à borracha
Ouro negro das matas
Que na história guardou
Nesse desafio, homem-natureza
O primeiro ciclo caboclo criou

Meu irmão valente
Tua vida é uma luta
A água, a juta
Extraíndo o fio
Nesse desafio, homem-natureza
Agora com certeza você vai voltar

⁴⁶⁹ O chamado Bumbodrómo é uma arena dividida em duas cores, do lado esquerdo é azul e do lado direito é vermelho, representando cada lado um dos dois bois de Parintins.

Veio à Zona Franca
 Às margens do rio
 Trabalho e suor, esperança de um povo
 Mais um desafio

Acreditar na terra
 É semear a vida
 Terra que acolhe a semente
 Terra dos meus ancestrais
 Terra que acolhe em seu ventre
 A semente que o caboclo criou

Já é terceiro ciclo
 Com ele a certeza chegou
 (bis)

Por outro lado, no ano de 2003, o Boi Bumbá Garantido trabalhou a temática “Amazônia Santuário de Esmeralda”, as composições estavam todas agregadas a grandiosidade amazônica, os sabores, cultura, costumes e principalmente os personagens que fazem parte desse universo, entre eles, o peixeiro, o canoeiro, o batuqueiro que brinca de boi na festa do boi e principalmente o juteiro, que na várzea quando em época de cheia, precisa mergulhar destemido dos bichos da água para cortar a juta.

2003 - Caboclo da Amazônia
 Composição: Demetrios Haidos / Geandro Pantoja

A lamparina ilumina o caminho
 Do caboclo da Amazônia
 Terçado e caniço nas mãos
 Não se cansa da lida
 Vai enfrentar sua sina
 Na canoa da esperança
 Pesca a vida nessas águas
 A certeza do amanhã
 Na firmeza das remadas
 Tem peixe na malhadeira
 Farinha e beijú na sua mesa
 Caboclo da Amazônia
 Tem peixe na malhadeira
 Farinha e beijú na sua mesa
 Caboclo da Amazônia

Na várzea um juteiro mergulha sem medo
 Em busca das fibras nas águas
 Ordenha o vaqueiro faz cedo
 E na proa da canoa
 Pescador lança a tarrafa
 Na terra firme
 O seringueiro defuma a borracha
 Piaçaveiro se embrenha nas matas
 Farinheiro escorrendo o seu tipiti

Em junho empunha uma lança
 Quimera é brincar desde a infância
 Na festa do boi Garantido
 Em junho empunha uma lança
 Quimera é brincar desde a infância
 Na festa do boi Garantido

No ano de 2006, mais uma vez o Boi Bumbá Garantido trouxe a temática dos juteiros, dessa vez com a toada chamada “O povo de fibra”, o tema deste ano foi “Terra a Grande Maloca”, e no álbum deste ano falava em específico sobre os trabalhadores da Amazônia como por exemplo o farinheiro e o regatão.

Esta toada tem sido tocada por muitos anos nos festivais no item 15 – Figura típica Regional, onde visa falar sobre a regionalidade, os trabalhadores as atividades e os desafios que a Amazônia traz no seu dia a dia. No ano de 2019, essa toada foi levada novamente ao Festival Folclórico de Parintins em sua primeira noite de Apresentação do Boi Garantido. No ano de 2021, a realização do festival folclórico foi a partir de *live*, e foi tocada novamente essa toada para homenagear tanto o povo do sol nascente, os japoneses quanto ao povo caboclo.

2006 - Povo de Fibra
 Composição: Demetrios Haidos / Geandro Pantoja / Jacinto Rebelo

Um povo de fibra cultiva a sua vida
 Em poesias inundadas de esperança
 Das águas douradas do rio Amazonas
 Beijam várzeas e sementes de bonanças

O povo do Sol nascente deixou um legado
 Ao povo caboclo pra germinar nas manhãs
 Uma nova canção

Na Vila Amazônia a jutecultura resplandeceu
E em Parintins um novo
Ciclo de fartura alvoreceu

Juteiro tem a fibra da coragem
E desafia arraia e poraquê
Em junho é batuqueiro
Da Baixa do São José

É Garantido uôôô
É Garantido

O amor que sustenta
Esse povo de fibra

No ano de 2013 ,foi o centenário do Boi Garantido, essa data é uma marca muito importante para a tradição e regionalidade do Boi, neste ano, teve a toada chamada “O Juteiro da Amazônia”, trazendo em seus versos, a sazonalidade da vida do juteiro, conceitos sobre o saldo, e principalmente a figura de uma mulher ao lado de seu marido nos banzeiros do rio Amazonas.

2013 – O Juteiro da Amazônia
Composição: Paulo Medeiros / Tony Medeiros

Eu sou caboclo ribeirinho
Eu sou juteiro

Agricultor das barrancas desse rio
Cada gota de suor nessa várzea derramada
Vem da fibra planto fibra pra família sustentar
Tenho fé nossa senhora que a safra vai ser boa
Regatão trouxe a notícia que a enchente vai chegar

Sou juteiro da Amazônia
Amazônia é meu lar
Meu compadre planto juta pra família sustentar

Sou caboclo valente
Morador das barrancas desse rio barrento
Razão de vida e sustento das vidas deste lugar
Sou agricultor diferente, só planto quando o rio seca
E vivo da pesca quando o rio enche

Rema Maria, ta forte o banzeiro
Que ta garantido o nosso lugar
De catirina, de índio ou vaqueiro

Que o saldo da juta no boi vou gastar

Rema Maria, ta forte o banzeiro
 Que ta garantido o nosso lugar
 De catirina, de índio ou vaqueiro
 Que o saldo da juta eu quero é gastar

Eu sou caboclo ribeirinho
 Eu sou juteiro

Agricultor das barrancas desse rio
 Cada gota de suor nessa várzea derramada
 Vem da fibra planto fibra pra família sustentar
 Tenho fé nossa senhora que a safra vai ser boa
 Regatão trouxe a notícia que a enchente vai chegar

Sou juteiro da Amazônia
 Amazônia é meu lar
 Meu compadre planto juta pra família sustentar

Rema Maria, ta forte o banzeiro
 Que ta garantido o nosso lugar
 De catirina, de índio ou vaqueiro
 Que o saldo da juta no boi vou gastar

Rema Maria, ta forte o banzeiro
 Que ta garantido o nosso lugar
 De catirina, de índio ou vaqueiro
 Que o saldo da juta eu quero é gastar

Desta forma, este tema relacionado ao modo de vida desses trabalhadores também pode ser identificado a partir das toadas, buscamos o maior número nos dois bois de Parintins para que pudéssemos ter essa imagem e visão que ainda é presente hoje no folclore brasileiro e como esses personagens são vistos e conhecidos pela população a partir dessa forma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Querida ou querido leitor ou leitora, chegamos a parte final de nossa jornada sobre as mulheres trabalhadoras de juta na Amazônia e espero que meus argumentos tenham sido claros para melhor compreensão das modalidades de trabalho e vivência dessas trabalhadoras tanto no campo quanto nas indústrias.

Começamos nossa trajetória e logo transmiti o som das vozes das mulheres, de onde são, suas histórias e seus caminhos, com objetivo de explorar quais foram suas histórias de vida, por onde passaram e por onde foram. Te mostrei a importância do sotaque dentro das narrativas, pois cada região do Brasil, principalmente na Amazônia possui essa importância na fala. Logo depois, abordei sobre uma breve historiografia a partir de periódicos e alguns autores sobre a chegada dessa fibra de juta na Amazônia para assim introduzir a dinâmica “juta: um destino em comum”, com objeto de discorrer sobre o caminho que cada colaboradora teve para chegar ao trabalho com a juta, e assim optei em transcrever fala intacta, da forma exata de cada narradora. Suas falas pausadas que foram descritas com reticências, a repetição de palavra em alguns momentos, e até mesmo palavras cortadas.

Seguindo este pensamento, pude te mostrar sobre a importância do tempo e da memória, como esses dois temas são de suma importância no ato da narração, no momento em que cada pessoa começa a contar suas histórias, além de lembranças ou memórias, adentramos ao mundo dos sentimentos de cada uma. No item História Oral e História Oral das Mulheres, abordei a importância desse uso para a pesquisa e também sobre como é fazer História Oral das Mulheres, pois não é fácil.

As entrevistas realizadas variavam de tempo de relato, tiveram algumas narradoras longas, porém outras foram bem rápidas, as mulheres eram bem diretas, em alguns momentos falavam rápido e respondiam uma pergunta ampla em somente um trecho. Esse fato caracterizou uma dificuldade na pesquisa, o que ocasionou na existência de momentos em que tive que repetir fala, pois precisava explorar algumas análises e a entrevistada trouxe alguns temas em somente um trecho de sua fala. O que certamente não foi fácil à análise das falas é algo complexo, foram poucas informações e muitos assuntos para serem abordadas, uma palavra ou uma frase podia-se abrir uma seção dentro dos capítulos.

O capítulo II intitulado “Tecendo Memórias: o Mundo do trabalho feminino no universo da juta no campo”. Foi quando eu comecei a tecer os relatos, neste capítulo eu apresentei o que é o trabalho da juta, quais as suas modalidades, quais as suas etapas. O capítulo começa com o barulho das águas que apresentam uma relação direta com o trabalho da juta, pois essas trabalhadoras e trabalhadores podem ser prejudicados pelas cheias durante o ano, e a importância de entender o cenário para o plantio da juta (várzea), traz o entendimento da dimensão, da realidade, dos desafios para esses trabalhadores e trabalhadoras enfrentam. Em outras palavras, nesse capítulo apresentamos como plantar juta e o que as entrevistadas realizaram de atividades dentro de cada etapa relatada. Apresentamos o que é o universo feminino do trabalho da juta, algo que já tinha sido discorrido por muitos autores, mas dessa vez, exclusivamente apenas por vozes femininas.

Ainda nesse capítulo, pude trazer outras questões pertinentes dentro desse universo, como agricultura familiar e o trabalho infantil que esteve presente na fala das narradoras, pois algumas tiveram o contato com a fibra quando eram crianças. Dentro desse universo as lutas e resistências nos ajudam a entender as vitórias, motivos, pressões que esses trabalhadores e trabalhadoras vivenciam no campo.

Podemos identificar como a fronteira da Amazônia nos ajuda a analisar como cada região da Amazônia está a todo vapor com algum produto ou várias plantações ao mesmo tempo. Ao falar das etapas e modalidades de trabalho, tornam-se presente os assuntos relacionados a degradação do corpo, houve a necessidade de repetir fala, pois quando fizemos a repetição era sempre para trazer outro sentido aquele trecho e entender como uma fala de relatar “eu carregava juta” nos remete a grandes dimensões entre elas: o peso, força, corpo e degradação do mesmo.

Na seção sobre as novas tipologias e o Mundos do Trabalho, é a parte teórica que apresenta alguns autores e autoras que compõe o Mundos do Trabalho e propõe uma análise a visão do trabalho da juta, pois o mesmo, é um trabalho que depende totalmente dos trabalhadores e trabalhadoras, do plantio até ter a fibra de juta (bruta) não se pode fazer em máquinas. Ao finalizar esse capítulo, é explorado sobre um tema importante para o trabalho no campo, as crenças Amazônicas, onde os trabalhadores e trabalhadoras precisam estar em áreas de matas e águas, nesse cenário nos envolve em analisar as crenças e as relações entre os medos e os respeitos.

No último capítulo da dissertação intitulado “O trabalho feminino nas fábricas de juta na Amazônia”. Foram analisados os relatos das trabalhadoras que tiveram tanto

a experiência do campo quanto fabril. Os detalhes e a adesão a um novo tipo de modalidade de trabalho é que fazem esse capítulo ser importante. A transformação das cidades e as dinâmicas de migração do campo para a cidade estão presentes nesse capítulo, assim como, a apresentação das três fábricas onde as narradoras trabalharam todas localizadas na cidade de Parintins-AM.

Ainda nesse capítulo trouxe outros assuntos que se fizeram presente no decorrer da pesquisa. Por sua vez, tentei cruzar fronteiras com a arte, a criação de uma fonte, a criação de um poema em homenagem as trabalhadoras de juta. Outro assunto pertinente, foi sobre a relação do tema juta na cultura popular, nos Bois Bumbás de Parintins com a musicalidade e a importância que esse assunto possui para a construção do item figura típica regional que faz parte do espetáculo que visa a contextualização da Amazônia para o mundo.

Um diferencial que essa pesquisa propõe para a Universidade é cruzar fronteiras entre a história e a arte, foi quando todas as vozes que escutei transformaram-se em cores e formas para que pudéssemos visualizar esse universo de trabalho feminino da juta. Em outras palavras, estou falando sobre a tela “Ilustrando a História Oral das juticultoras da Amazônia, o ressoar da voz” Pintura feita Arildo Mendes (Parintins-AM) e nomeada por mim. A tela vem sendo apresentada em pedaços e a cada peça que foi colocada e contextualiza de acordo com o assunto, com objetivo de observar melhor aquela modalidade de trabalho, pois podemos visualizar uma imagem de uma mulher na água lavando a juta, porém esta modalidade vai mais além, o sol, a água, as horas do trabalho em pé, o peso do movimento de lavagem, a altura em que água fica no corpo da trabalhadora, a coloração da pele ao ficar exposta ao sol e entre outras características.

Assim, posso afirmar que essa dissertação criou uma fonte própria, uma identidade visual, que nesse momento estará disponível para análise de diversas formas e possibilidades que esse universo pode ser estudado.

Friso aqui, que não existiu nenhuma comunidade que trabalhassem somente mulheres com a fibra, eu trouxe essa perspectiva nessa pesquisa, até mesmo na tela ilustrada. Ainda que tivessem somente mulheres desenhadas, eu solicitei ao pintor para desenhar um homem carregando juta, e outro cortando juta para que pudéssemos visualizar o trabalho comunitário. Assim, espero que você tenha feito uma boa leitura e que essa dissertação tenha sido uma boa contribuição para a Historiografia da Amazônia.

Espero te encontrar na minha próxima jornada, até mais!

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. *Manual da História Oral*. 3.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- ALMEIDA, Juniele Rebêlo de. *História Oral e movimento social: Narrativas públicas*. São Paulo: Letra e Voz, 2016.
- ARAÚJO, Carlos. *Histórico da Imigração Japonesa no Estado do Amazonas*. UA, 1998.
- BECHIMOL, Samuel. *Amazônia Formação Social e Cultural*. Manaus: Editora Valer, 1923.
- BARROS, José D'Assunção. *O projeto de pesquisa em História: Da escolha ao quadro teórico*. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- BRASIL, Wanda Lima. A mulher e o trabalho na Tecejuta. Universidade Federal do Pará. Santarém, Janeiro/1995.
- BATALHA, Claudio. *Os desafios atuais da História Social do Trabalho*. Anos 90, Porto Alegre, v. 13, n.23/24, p.87-104, jan./dez.2006.
- CABRAL, Dinelza Andrade, 48 anos, entrevista realizada no dia 19/10/2018. Parintins-AM.
- CAMPANHOLI, Julie Anne Macedo. *O uso da fotografia na prática docente*. Revista Pandora Brasil, Dezembro 2012.
- CARNEIRO, Maria Daízes Jacaúna, 84 anos, entrevista realizada no dia 16/10/2018 na cidade de Parintins-AM.
- EVANGELISTA, Ronaldo Gama; FERREIRA, Arcângelo. Trabalho Feminino e relações de gênero na Fabril Juta de Parintins-Am (1970-1982). UEA- Parintins, 2016.
- FENELON, Déa Ribeiro; MACIEL, Laura Antunes; ALMEIRDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun. *Muitas memórias, outras histórias*. Editora Olho D'Água. São Paulo, 2000.
- FERREIRA, Aldenor da Silva. *A vida dos trabalhadores da juta da malva no baixo Solimões*. Manaus, 2014.
- FERREIA, Aldenor da Silva. TRABALHADORES DA MALVA: (Re)produção material e simbólica da vida no Baixo rio Solimões. Manaus: UFAM, 2009.
- FOEGER, Andreia; DADALTO, Maria Cristina. *Imigrantes japoneses no Espírito Santo e mídia capixaba*. Espírito Santo: Revista Iniciacom, 2010.
- GALVÃO, Eduardo. Santos e Visagens, um estudo da vida religiosa de Itá; Amazonas. Companhia Editora Nacional: São Paulo. 1955.

- GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2002.
- HOMMA, Alfredo. *Os japoneses na Amazônia e sua contribuição ao desenvolvimento agrícola*. Bélem: Somanlu, 2009. ano 9, n. 1, janeiro/junho.
- JOSHI, Chitra. *Além da Polêmica do Provedor: mulheres trabalho e História do Trabalho*. In: Revista Mundos do Trabalho. n. 10.vol 2, 2010.
- KOUTAKUKAI, Amazon. *A saga dos Koutakuseis no Amazonas*. Manaus: Associação Koutaku do Amazonas, 2011.
- LEAL, Davi Avelino. *Entre barracões, varadouros e tapiris: os seringueiros e as relações de poder nos seringais do rio madeira (1880-1930)*. Manaus- AM, 2009.
- Letras. O Povo de fibra. Disponível em <<https://www.lettras.mus.br/garantido/povo-de-fibra/>> Acesso março de 2021.
- Letras. O juteiro da Amazônia. Disponível em <<https://www.lettras.mus.br/garantido/juteiro-da-amazonia/>> Acesso março de 2021.
- Letras. O caboclo da Amazônia. Disponível em>
<https://www.lettras.mus.br/garantido/caboclo-da-amazonia/>> Acesso março de 2021.
- LIMA, Mayara Viana; SILVA, Sandra Helena. Gênero, trabalho e saúde da mulher: percepção das mavicultoras da Ilha da Valha-me Deus-Juriti/Pa. O social em questão – ano XX nº 38- Mai a Ago /2017.
- LIMA, M.V; SILVA, S.H. Gênero, trabalho e saúde da mulher: percepção das malvicultoras da Ilha do Valha-me Deus – Juruti/PA in: O Social em Questão – Ano XX – N.38 – Mai a Ago/2017.
- LINDEN, Marcel Van der. *Trabalhadores do Mundo: ensaios para uma história global do trabalho*. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2013.
- MARQUES, Andreza Barbosa; CARVALHO, Mary Tânia dos Santos “*Emancipação e valorização da mulher*” *Proposituras da Associação Cooperativa Feminina COOPJUTA ASCOOF/COOPJUTA 1985-1993*. Artigo UEA - Parintins, Universidade do Estado Do Amazonas.
- MATTOS, Marcelo Badaró. *E. P. Thompson, e a tradição política ativa do materialismo histórico*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ. 2012.
- MEDEIROS, Mônica Xavier. *Memórias, Histórias e Reforma Agrária em Vila Amazônia (Parintins/AM)*. Artigo, VII Encontro Nacional Sul de História Oral. 2013.
- NUGGET, Stephen. *Amazonian Society an essay on Invisibility and Peasant Economy*. London. Berg Publishers, 1993.
- NUNES, Jordão Horta; FREITAS, Revalino Antonio. *Trabalho e Gênero entre a solidariedade e a desigualdade*. Ed. PUC. Goiânia, 2011.

OLIVEIRA, Lucia Marisy Souza Ribeiro; FLORES, Fulvio Torres. *Mulheres em perspectiva: Relações de gênero, trabalho e saúde*. Ed. CRV. Curitiba, 2014.

OLIVEIRA, Joao Pacheco. O nascimento do Brasil e outros ensaios: “pacificação”, regime tutelar e formação de alteridades. Contra Capa: Rio de Janeiro, 2016.

PEDRO, Joana Maria. Michelle Perrot: a grande mestra da História das mulheres. Ponto de vida. Ver. Est. GEm.11 (2). Dez 2003.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres/ Michelle Perrot*; [tradução Ângela M.S. Côrrea]; São Paulo: Contexto, 2007.

PESSOA, Alba Barbosa. Infância e Trabalho. Dimensões do trabalho infantil na Cidade de Manaus (1890-1920). Universidade Federal do Amazonas. Manaus, 2010.

PETERSEN, Silvia. *Repensar a História do Trabalho*. In: Espaço Plural. Ano XVII. n34. 1 semestre de 2016.

PIMENTEL, Sávio das Silva; CARVALHO, Mary Tânia dos Santos. Fotos da cooperativa mista dos jaticultores de Parintins: Educação histórica e ensino de história. UEA-Parintins.

PINTO, Ernesto Renan Melo de Freitas. *Os trabalhadores da juta: estudo sobre a constituição da produção mercantil simples no médio Amazonas*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre – RS, 1982.

PRINTES, Maria Vasconcelos Ribeiro, 100 anos, entrevista realizada no dia 11/06/2018 cedida por Franco Lindemberg. Manaus – AM.

PRINTES, Maria Vasconcelos Ribeiro, 100 anos, entrevista realizada no dia 11/06/2018. Manaus – AM.

POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. Rio de Janeiro: Estudos históricos, 1989.

Portal Amazônia. Conheça as diferentes cores de águas em rios da Amazônia e entenda suas diferenças. Disponível em <<https://portalamazonia.com/amazonia/conheca-as-diferentes-cores-de-aguas-em-rios-da-amazonia-e-entenda-suas-mudancas>>. Acesso outubro de 2020.

PORTELLI, Alessandro. *História Oral como arte de escuta*. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

PORTELLI, Alessandro. Storre Orali. *Racconto, immaginazione, dialogo*. Roma: Editore Donzelli, 2007, 2017.

PUPPIN, Andréa Brandão; MURARO, Rose Marie. *Mulher, gênero e sociedade*. Ed. Relume Dumará, 2000.

Revista Cabocla, Revista da atualidades. Edição de Junho-936, Não tem paginação.

- ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. *História Oral e a história das mulheres: rompendo silêncios*. 2017.
- SAMARA, Eni de Mesquita. *Gênero em debate: trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea*/ Eni de Mesquita Samara, Rachel Soihet, Maria Izalda S. De Matos; São Paulo: EDUC,1997.
- SANTARÉM, Maria Joana de Souza, 48 anos, entrevista realizada no dia 17/10/2018. Terra Santa- PA.
- SANTOS, Franco Lindemberg Paiva dos. Povo de Fibra: mundos do trabalho no universo da juta (Baixo Amazonas: 1940...), 2020.
- SASAKI, Elisa Massae; Assis, Gláucia de Oliveira. *Teoria das Migrações internacionais*, 2000.
- SAKURAI, Célia. *Imigração japonesa para o Brasil: Um exemplo de imigração tutelada- 1908-1941*. In: XXII Encontro Nacional da ANPOCS. GT 9 MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS. Caxambu-MG, Outubro, 1998.
- SILVA, Sandra Helena. Mulheres cultivadoras de juta e malva na região do baixo Amazonas. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais eletrônicos), Florianópolis, 2013.
- SILVAN, Denison. Trabalhadores da Juta na Amazônia: trajetórias de luta, suor e sofrimento. Manaus. 2018.
- SILVA, Sandra Helena. Mulheres cultivadoras de juta na região do baixo Amazonas. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013.
- SILVA, Jacira dos Santos; CARVALHO, Mary Tânia dos Santos. Homens, mulheres e crianças, na cooperativa mista de jaticultores de Parintins: dos registros fotográficos nos anos de 1970 a 1980 aos depoimentos dessa relação. UEA-Parintins.
- SILVA, Marlene Gonçalves, 69 anos, entrevista realizada no dia 19/10/2018. Parintins-AM.
- Serviço de Extensão Rural JUTA, instruções e informações técnicas sobre a cultura no Amazonas; Associação de crédito e Assistência rural do Amazonas – ACAR/Amazonas, Manaus, 1972.
- SCOTT, Joan. Capítulo Historia das mulheres. *A escrita da historia: novas perspectivas*/Peter Burke (org); tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- THOMPSON, E. P. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Antonio Luigui Negro e Sergio Silva - Campus. Editora da UNICAMP, 2001.

THOMPSON, E. P. *A formação da Classe Operária Inglesa I. A árvore da liberdade*. Editora: Paz e Terra: Oficinas da História.

THOMPSON, E. P. *A formação da Classe Operária Inglesa II A maldição de Adão*. Editora: Paz e Terra: Oficinas da História.

TRISTAN, Daniela Rebelo Monte. *Trabalhadores da Tecejuta: Experiência Operária e construção de memória numa fábrica têxtil do oeste do Pará (Santarém, 1051-1990)*. Universidade Federal do Amazonas, 2016.

Vitória Regia Nº 4 – Edição Especial de 32 paginas. Página 10.

VASCONCELOS, Francisco. *Regime das Águas*. Manaus. Editora Valer, 2014.

WITKOSKI, Antônio Carlos. *Terras, florestas e águas de trabalho. Os camponeses amazônicos e as formas de uso de seus recursos naturais*. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas. 2007.